

U. PORTO

incipit⁶

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO
2017

GIHM

GRUPO INFORMAL DE
HISTÓRIA MEDIEVAL



U. PORTO

think medieval

COORDENAÇÃO DE
ANDRÉ SILVA, J. CARLOS TEIXEIRA, JOÃO MARTINS FERREIRA,
MARIANA LEITE E LEANDRO FERREIRA

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA DIGITAL, 2018

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal
www.gihmedieval.com

Incipit 6

Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

COORDENADORES

André Silva

CITCEM – Universidade do Porto

CIDEHUS – Universidade de Évora

Carlos Teixeira

CITCEM – Universidade do Porto

João Martins Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Leandro Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Mariana Leite

Instituto de Filosofia – Universidade do Porto

Porto, 2018

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-54104-2-2

Apoio:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

F

Instituto de Filosofia



U. PORTO

**AEFLUP**

Ficha técnica

Título: Incipit 6. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

Coordenadores: André Silva, Carlos Teixeira, João Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Mariana Leite

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2018

ISBN: 978-989-54104-2-2

Capa: Flávio Miranda

Composição e paginação: André Silva

Grupo Informal de História Medieval

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

Sumário

Lista de autores	1
INICIPIT – Apresentação.....	2
André Silva, João Martins Ferreira, José Carlos Teixeira, Leandro Ferreira, Mariana Leite	
Reflexiones acerca de las animalias de la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo	3
Adriana Gallardo Luque	
À procura de um sentido: tradições discursivas no Fundo João Martins Ferreira	21
Fernando Mouta	
Fuentes, estructura, ámbitos y líneas de interpretación en el estudio de las relaciones entre la Iglesia y la realeza castellana (1366-1390)	39
José Antonio Chelle Ortega	
Monstros e seres fantásticos na literatura de viaxes: un imaxinario fundador da imaxe do Oriente.....	49
Lorena Pazos Romero	
A representação e a funcionalização do autocontrole nos Romances em Prosa em Língua Alemã do Século XVI.....	60
Ludmilla Fonseca	
Posibilidades de estudio sobre la mano de obra musulmana en la construcción castellana bajomedieval	68
Luis Araus Ballesteros	
A Capela de São Frutuoso de Montélios: Princípios do seu Desenho.....	77
Nídia Teles	
Representações da aristocracia nas crónicas de Pero López de Ayala e Fernão Lopes: apresentação de um projeto de dissertação de mestrado	91
Pedro Monteiro	
O tabelionato régio portuense quatrocentista: algumas ideias para o seu estudo	99
Ricardo Seabra	
Um Guia de Arquitectura Civil Medieval na Cidade do Porto	107
Silvana Sousa	
Fontes Visuais Medievais em Marfins Luso-Africanos	124
Tiago Rodrigues	
A Cidade e o Trabalho nas Posturas Antigas de Évora: um projeto de dissertação	136
Rodolfo Petronilho Feio	

Lista de autores

Adriana Gallardo Luque

Universidad Complutense de Madrid

Fernando Mouta

Universidade do Porto

José Antonio Chelle Ortega

Universidad Complutense de Madrid

Lorena Pazos Romero

Universidade Nova de Lisboa

Ludmilla Fonseca

Universidade do Porto/Università degli Studi di Palermo

Luis Araus Ballesteros

Universidad de Valladolid

Nídia Teles

Universidade do Porto

Pedro Monteiro

Universidade do Porto

Ricardo Seabra

Universidade do Porto

Silvana Sousa

Universidade de Évora

Tiago Rodrigues

Universidade de Lisboa

Rodolfo Petronilho Feio

Universidade de Coimbra

INCIPT – Apresentação

O 6º número da Incipit reúne doze textos resultantes das apresentações e discussões que tiveram lugar na 9ª edição do Workshop de Estudos Medievais (WEM), evento que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos dias 6 e 7 de abril de 2017. Organizado anualmente pelo Grupo Informal de História Medieval (GIHM), o WEM estabeleceu-se já como uma referência entre os cursos de pós-graduação ligados aos Estudos Medievais. A sua 9ª edição, com cariz fortemente interdisciplinar, contou com treze comunicações. Este 6º volume da Incipit recebeu contribuições das áreas da História, da História da Arte, da Arquitetura e da Literatura, da responsabilidade de autores portugueses, espanhóis e brasileiros, mantendo a periodicidade anual assumida a partir do 4º volume. O sucesso da 9ª edição do WEM não teria sido possível sem a participação empenhada dos estudantes e professores envolvidos, estendendo-se o reconhecimento da organização à assistência numerosa e participativa que se manteve ao longo dos dois dias do workshop. A concretização deste volume foi possível graças ao apoio e à colaboração de diversas pessoas e entidades. Por isso, e nas vésperas da décima edição do WEM, os seus coordenadores agradecem reconhecidamente: ao Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, responsável científico pelo WEM; aos participantes, tanto alunos como professores, na edição de 2017 do workshop; ao Dr. João Emanuel Leite, que uma vez mais viabilizou a sua publicação na Biblioteca Digital da FLUP; à direção do Mestrado em Estudos Medievais e do Doutoramento em História da FLUP; à diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; à Reitoria da Universidade do Porto; ao Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto; à Associação de Estudantes da FLUP. Todos eles têm garantido os apoios indispensáveis à realização destas iniciativas.

Porto, março de 2018

André F. Oliveira da Silva
J. Carlos Teixeira
João Ferreira
Leandro Ferreira
Mariana Leite

Reflexiones acerca de las animalias de la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo

*Adriana Gallardo Luque¹
Universidad Complutense de Madrid*

Resumen

Las obras de la catedral de Toledo se iniciaron a principios del siglo trece, hoy día sabemos que la conocida como Puerta del Reloj fue la primera que se realizó. La iconografía primera de esta entrada se dividió en cuatro fajas horizontales, en las que se muestran escenas de la vida de Cristo; no obstante en los espacios menos llamativos (parteluz, jambas y bóveda exterior) se colocó todo un bestiario cristiano, mitológico y heráldico. Será por tanto nuestra intención la de reflexionar sobre la fuerza simbólica que tuvieron estos animales en un lugar tan importante como fue el de esta puerta en los últimos años del medievo, no creyendo que fuese casual o meramente artístico el hecho de que estas animalias poblaran los diferentes espacios.

Palabras clave:

Catedral de Toledo, Puerta del Reloj, bestiario esculpido, bestiario hispánico

Abstract

The construction of the Toledo Cathedral started at the beginning of the thirteenth century; nowadays we know that the Portal of the Clock was the first to be concluded. The first iconography of this entrance is divided into four horizontal bands, which show scenes of the life of Christ; nevertheless, in the less striking spaces (mullion, jambs and outer vault) was placed a whole bestiary, Christian mythological and heraldic. It is therefore our intention to reflect on the symbolic strength that these animals had in a place as important as the one of this Portal in the last years of the Middle Ages, not discarding the possibility that these animals inhabited the different spaces by chance or mere artistic choice.

Keywords:

Toledo Cathedral, Portal of the Clock, sculpture bestiary, Hispanic bestiary

INTRODUCCIÓN

El tema que nos ocupa en este escrito se centra en el interés por los animales que se esculpieron en las jambas, en el parteluz y en la bóveda de la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo, constituyendo estas imágenes animalísticas un mundo de simbología muy dispar al de los grandes temas iconográficos que se encuentran desarrollados en el tímpano. Según el estudio de la profesora Teresa Pérez Higuera existen dos ciclos narrativos entre las 24 escenas que se desarrollan en el tímpano: *1º Ciclo de la Infancia de Jesús* (la Anunciación, la Natividad, la Adoración de los Reyes Magos, la Degollación de los Inocentes, la Huida a Egipto, la Circuncisión, Jesús entre los doctores, la Presentación de Jesús en el Templo); *2º Ciclo de la Vida pública de Cristo* (el Bautismo y las Bodas de Caná).²

¹ Adriana Gallardo Luque es doctoranda del programa de doctorado de Historia y Arqueología de la Universidad Complutense de Madrid desde octubre de 2014, y se encuentra bajo la dirección de la doctora María Isabel Pérez de Tudela. El artículo presente fue defendido en el IX *Workshop de Estudios Medievales* de la Universidad de Oporto y forma parte de su investigación doctoral centrada en el estudio de la *Simbología cristiana medieval*.

² Teresa Pérez Higuera, *La puerta del Reloj en la catedral de Toledo* (Caja de ahorros de Toledo, 1987), 44-45.

Antes de avanzar consideramos necesario realizar una obligatoria parada en el marco geográfico y temporal que nos ocupa. La ciudad de Toledo se localiza en el centro de la meseta de la península ibérica, se halla situada en el margen derecho del río Tajo, en una colina de cien metros de altura sobre el río, el cual la ciñe por su base, formando un pronunciado meandro conocido como *Torno del Tajo*. Su templo cristiano principal, o catedral primada, se construyó sobre la antigua mezquita aljama. La edificación de este templo cristiano que hoy conservamos fue iniciada en el año 1226 d.C, durante el reinado de Fernando III el Santo y en tiempos del arzobispado de Toledo don Rodrigo Jiménez de Rada, como es bien sabido, años cruciales para para la corona castellanoleonesa por su avance hacia el sur de la península.¹ En lo que se refiere a nuestra protagonista, según la profesora Teresa Pérez Higuera, la Puerta del Reloj fue la primera de las entradas en proyectarse y en construirse, datando la fábrica de ésta aproximadamente entre los años 1280 -1300 d.C.²

Por otro lado se debe tener en cuenta la situación de la ciudad de Toledo en aquellos días, donde sabemos que existía un fuerte intercambio cultural debido a la conocida “Escuela de Traductores”. Por otro lado, no podemos olvidar la importancia psicológica que la ciudad de Toledo ostentó, al ser esta la antigua capital del reino Visigodo y, por lo tanto, punto clave dentro de la simbología político-religiosa.

Sobre los problemas que se nos presentan, el primero de ellos se encuentra directamente relacionado con el propósito de colocar estos animales en un lugar tan importante como fue éste, llevándonos esto directamente a preguntarnos por las simbologías que estas representaciones tuvieron para sus contemporáneos. Otra dificultad con la que nos tropezamos está vinculada con la fecha exacta en la cual se ubicaron estos animales, pero además debemos de tener en cuenta que las sucesivas restauraciones de la fábrica del monumento pudieron afectar a la ubicación de muchas de estas animalias.

Acerca de los objetivos nos gustaría traer a debate la importancia simbólica que el animal tuvo en la mentalidad de la sociedad medieval castellanoleonesa. Otra de las metas que pretendemos conseguir es descifrar el mensaje que estas animalias desprendían, ya que consideramos que la ubicación de éstas, en un lugar tan importante y destacado para el pueblo de Toledo, no debía de quedar a la libre interpretación de los fieles cristianos que se acercaran a las inmediaciones de esta puerta o se introdujeran en el templo. Vistos estos dos puntos, encontramos como última meta el reivindicar el uso de la moralización por medio de un lenguaje zoológico utilizado por los sermoneadores dentro de este contexto.

ENCUADRAMIENTO HISTORIOGRÁFICO

La historiografía que corresponde a la Puerta del Reloj, como es lógico, se encuentra inserta en los estudios que han tratado la catedral de Toledo desde el siglo XIX hasta nuestros días. En primer lugar podemos destacar “Toledo Pintoresca” de Amador

¹ La importancia de este arzobispo toledano en la construcción de la nueva catedral fue reseñada por nuestra directora de tesis María Isabel Pérez de Tudela durante una intervención colectiva en el XXI Congreso Nacional y XIII Iberoamericano de Historia de la Veterinaria (León, 21-23 de octubre de 2016); véase: María Isabel Pérez de Tudela y Velasco, “La puerta del Reloj de la Catedral de Toledo”, en *XXII Congreso Nacional, XIII Congreso Iberoamericano de Historia de la Veterinaria*, Coordinadores José Manuel Martínez Rodríguez, José Gabriel Fernández Álvarez, Francisco Rojo Vázquez (León: Asociación Leonesa de Historia de la Veterinaria, 2016): 593-596; Adriana Gallardo Luque, “La puerta del Reloj de la catedral de Toledo. Animales reales y fantásticos”, en *XXII Congreso Nacional XIII Congreso Iberoamericano de Historia de la Veterinaria*, Coordinadores José Manuel Martínez Rodríguez, José Gabriel Fernández Álvarez, Francisco Rojo Vázquez (León: Asociación Leonesa de Historia de la Veterinaria, 2016): 597-604.

² Pérez Higuera, *La puerta del Reloj*, 34.

de los Ríos,¹ y el libro de Sixto Ramón Parro, “Toledo en la mano”.² En las primeras décadas del siglo XX ya encontramos trabajos monográficos dedicados a esta puerta. En primer lugar por parte de González Simancas,³ y seguido de este cronológicamente nos encontramos con el trabajo de Vázquez de Parga.⁴ Podemos destacar otros estudios como el de Gudiol Ricart⁵ o el de Chueca Goitia,⁶ pero en realidad no tenemos un estudio completo hasta los trabajos de la historiadora del arte Pérez Higuera,⁷ dedicando el primer capítulo de su tesis doctoral y otros estudios monográficos a la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo.⁸

Por otro lado debemos atender a los estudios centrados en el animal. Deben de tenerse presentes trabajos como los de Robert Delort⁹ y Eric Baratay¹⁰, que trataron la importancia del animal a lo largo de diferentes realidades históricas. Igualmente, recordamos los estudios realizados desde una perspectiva semiótica e histórico-artística, siendo pilares en esta materia los trabajos que el profesor Michel Pastoureau¹¹ lleva haciendo desde la década de los setenta. Si nos introducimos en la historiografía de los animales de la Edad Media debemos destacar los trabajos de Ariane Delacampagne¹² o los de Francesco Zambon.¹³ En cuanto a las animalias en piedra, subrayamos trabajos como los de Teresa Pérez Higuera,¹⁴ Abbé Denis Grivot,¹⁵ Ignacio Malaxecheverría

¹ José Amador de los Ríos, *Toledo pintoresco o Descripción de sus más célebres monumentos* (Madrid: Ignacio Boix, 1845), 25-26.

² Sixto Ramón Parro, *Toledo en la mano o descripción historico-artística de la magnífica Catedral y de los demás célebres monumentos* (T. I Reprod. facs. de la ed. de: Toledo: Imprenta y Librería de Severiano Lopez Fando, 1857), 25-26.

³ Manuel González Simancas, “Excursiones por Toledo: Puerta del Reloj de la catedral”, *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*, Vol. 12, N° 132, (1904): 26-33.

⁴ Luis Vázquez de Parga, “La puerta del Reloj en la Catedral de Toledo”, *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*, T. XXXVIII, (1929): 241-65.

⁵ José Gudiol Ricart, *La catedral de Toledo* (Madrid: Plus-Ultra, 1947), 26-27.

⁶ Fernando Chueca Goitia, *La catedral de Toledo* (León, Everest, 1975).

⁷ Teresa Pérez Higuera, “La escultura gótica en la Catedral de Toledo (siglos XIII-XIV)” (Tesis doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, 1976). Publicando este primer capítulo en un libro monográfico: *La puerta del Reloj en la catedral de Toledo* (Caja de ahorro de Toledo, 1987); incluyendo también en su bibliografía otro artículo, “Escenas de la vida, muerte y hallazgo de las reliquias de San Ildefonso en la Puerta del Reloj de la Catedral de Toledo”, *En la España medieval, Ejemplar dedicado a: En memoria de Claudio Sánchez-Albornoz (II)*, N° 9, (1986):797-812.

⁸ Estudios sobre esta catedral también los tenemos de la mano de Ángel Fernández Collado aunque centrados fundamentalmente en el período moderno y contemporáneo. Ángel Fernández Collado, Alfredo Rodríguez González, Isidoro Castañeda Tordera, *Los diseños de la Catedral de Toledo: catálogo de diseños arquitectónicos, artísticos, topográficos y textiles* (Toledo: Instituto Teológico San Ildefonso, 2009).

⁹ Robert Delort, *Les animaux ont une Histoire* (París: Éditions du Seuil, 1984).

¹⁰ Éric Baratay, *Et l'homme créa l'animal. Histoire d'une condition* (París, Odile Jacob, 2003); *La société des animaux de la Révolution à la Libération* (París, La Martinière, 2008).

¹¹ Desde su presentación de sus tesis en 1972 sobre *El bestiario heráldico en la Edad Media*, todo un referente en lo que a los estudios dedicados al animal enmarcado en la Historia Medieval, dándoles a éstos un óptica multidisciplinar; Michel Pastoureau, *El oso. Historia de un rey destronado* (Paidós, 2007).

¹² Ariane Delacampagne, *Animales extraños y fabulosos: un bestiario fantástico en el arte*. (Madrid, Casariego, 2005).

¹³ Francesco Zambon, *El alfabeto simbólico de los animales: los bestiarios de la Edad Media*. Traducción del italiano de Helena Aguilá Ruzola. (Siruela, 2010).

¹⁴ Teresa Pérez Higuera, “El Bestiario en la escultura románica española” (Tesis de licenciatura de la Universidad Complutense de Madrid, 1965).

¹⁵ Abbé Denis Grivot, *Le bestiaire de la cathédrale d'Autun* (Lyon: Ange Michel, 1973).

Rodríguez,¹ María José Domingo Pérez-Ugena,² Debra Hassig,³ Carlos Bernárdez⁴; Jesús Herrero Marcos.⁵

FUENTES

Para poder reflexionar acerca de las animalias con las que se pobló la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo se deben tener en cuenta las posibles fuentes de las que bebieron los contemporáneos a la proyección y obra de estas bestias. En primer lugar y como no puede ser de otro modo, la primera fuente en la que reparamos es la materia bíblica (Biblia Vulgata en particular), continuando con las fuentes cristianas debemos de tener en cuenta al Fisiólogo griego, en sus traducciones latinas y los consiguientes *bestiarios latinos o romances* que se manufacturaron en el occidente Europeo tras el paso del año mil.⁶ Entre estos es bastante relevante el texto conocido como el Bestiario Divino, escrito en un dialecto francés por Guillermo el Normando, o Guillermo el Clérigo, a demanda del Papa y en el calor de los nuevos tiempos que trajeron a la Iglesia las diferentes reformas que se aplicaron tras en el IV Concilio de Letrán, siendo este Bestiario una obra creada con el vaticinio de Roma y con una intención de aplicar con ella diferentes directrices que se consensuaron tras la celebración del concilio (como la obligación de la confesión anual, la comunión durante el tiempo de la pascua, la regulación del matrimonio para legos y laicos, y sobre todo la contaminación de la doctrina predicada por albigenses y valdenses).⁷ La monumental obra de las *Etimologías* de san Isidoro pudo ser una fuente primordial, además de ser ésta también arranque para la elaboración de algunos textos de Bestiario. De herencia grecorromana podemos encontrar de gran ayuda la *Historia Natural* de Plinio el Viejo,⁸ y en último lugar podemos destacar la influencia de la gran enciclopedia de Brunetto Latini, *Li livres dou Tresor*,⁹ obra que tuvo gran acogida en el momento y en particular en la corte del rey Alfonso X el Sabio. Asimismo sería conveniente destacar la posible influencia de sermones o *exempla* del momento que apoyarían el mensaje moralizador que se expresa en estas animalias.¹⁰ De igual forma son de obligatoria parada las fuentes cronísticas del momento, como *Historia de rebus Hispanie* del arzobispo de Toledo don Rodrigo

¹ Ignacio Malaxecheverría Rodríguez, *El bestiario esculpido en Navarra* (Pamplona: Gobierno de Navarra, Departamento de Educación y Cultura, 1997).

² María José Domingo Pérez-Ugena, *Bestiario en la escultura de las iglesias románicas de la provincia de A Coruña*, (A Coruña: Diputación Provincial, imp.1998).

³ Debra Hassig, *Medieval bestiaries: text, image, ideology* (Cambridge: University Press, 1995); *The mark of the beast: the Medieval bestiary in art, life and literatura*. (New York; London: Garland, 1999).

⁴ Carlos Bernárdez, *Bestiario en pedra: animais fabulosos na arte medieval galega* (Vigo, Nigra Trea, 2004).

⁵ Jesús Herrero Marcos, *Bestiario románico en España*, (Palencia: Cálamo, 2012).

⁶ Isidoro de Sevilla. *Etimologías*. Edición Bilingüe por José Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casquero. (Biblioteca de Autores Cristianos, 2009).

⁷ Guillaume le Clerc, *Le bestiaire divin de Guillaume, clerc de Normandie, trouvère du XIIIe siècle publié d'après les manuscrits de la Bibliothèque nationale*. Avec un introduction sur les bestiaires, volucraires et lapidaires du moyen-âge, considérés dans leurs rapports avec la symbolique chrétienne, dans Mémoires de la Société des antiquaires de Normandie, Genève, Slatkine, 19 (2e série, 9), Hippeau, C. 1852: 317-476; *The Bestiary of Guillaume le Clerc*. (ed) Claridge Druce (trad.), Ashford, 1936.

⁸ Plinio Segundo Cayo, *Naturalis historia*. Edición de Josefa Cantó, et al.; traducción de Josefa Cantó. (Madrid: Cátedra, 2002).

⁹ Brunetto Latini, *Li livres dou Tresor. Libro del tesoro: versión castellana de "Li livres dou Tresor"*. Edición y estudio de Spurgeon Baldwin (Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1989).

¹⁰ Randall Lilian M, "Exempla and their Influence on Gothic Marginal Illumination" *Art Bulletin*, 39 (1957): 97-107.

Jiménez de Rada,¹ como también la *General Estoria* y la *Estoria de España*² mandadas compilar por el monarca castellano-leonés Alfonso X el Sabio.

Las corrientes artísticas de la época deben ser tomadas como fuentes influyentes para la elaboración de este bestiario en piedra, destacando la influencia de las portadas francesas del momento, vistas también en la península ibérica.³ Otras fuentes de posible uso, las podemos ver en los manuscritos iluminados de estos años, viéndose en la representación de estos animales el conocimiento de los manuscritos de Bestiario.⁴ En esta línea, es importante recordar que en estos años la catedral de Toledo tenía entre sus tesoros la conocida hoy como Biblia de san Luis de Francia,⁵ conteniendo una gran proliferación de animalias, destacándose en este mismo sentido los manuscritos de las Cantigas de Santa María que Alfonso X el Sabio mando elaborar,⁶ viéndose, en manuscritos como en el conocido como el Códice del Escorial, todo un universo artístico de animales cotidianos y del imaginario medieval del siglo trece.⁷

METODOLOGIA

Para poder estudiar estas imágenes debemos tomar diferentes sendas metodológicas: por un lado es del todo conveniente detenerse en el contexto histórico que contempló la elevación de esta representación, siguiendo por lo tanto para ello el uso de una metodología sociológica; al mismo tiempo, también es apropiado tomar una sistemática psicológica que nos ayude a comprender el porqué de estas imágenes.⁸ Y de este modo llevaremos a cabo nuestra investigación a través del análisis de las imágenes de *animalias* que aparecen en este lugar, comparándolas con otras representaciones que pudieron influir en la misma.

Como ya hemos adelantado, tomaremos fuentes escritas y fuentes histórico-artísticas para poder llegar a realzar un profundo análisis iconográfico que nos lleve a los

¹ Roderici Ximenii de Rada, *Historia de rebus Hispanie, sive, Historia Gothica*. Cura et studio Juan Fernández Valverde (Turnholti : Typographi Brepols, 1987)

² Alfonso X el Sabio, *General Estoria*. coordinador de la edición integra Pedro Sánchez-Prieto Borja (Madrid: Fundación José Antonio de Castro 2009); *Estoria de Espanna que fizo el muy noble rey don Alfonso*, edición de Pedro Sánchez Prieto, (Universidad de Alcalá de Henares, 2002)

³ Esta influencia fue vista por la profesora Teresa Pérez, viendo paralelos entre Notre Dame de París, los tímpanos de Olite y los de la catedral de Toledo, en: Pérez Higuera, *Puerta del Reloj*, 29-30.

⁴ Elizabeth Morrison, *Beasts: Factual & Fantastic* (Los Angeles: The J. Paul Getty Museum; London: The British Library, 2007; Christian Heck, *The grand medieval bestiary: animals in illuminated manuscripts* (New York: Abbeville Press, 2012).

⁵ *Biblia de San Luis: Catedral Primada de Toledo*. al cuidado de Ramón González Ruiz Barcelona: (Moleiro Editor, D.L. 2002).

⁶ Daniel Gregorio, “Simbolismo animal y teratología en las Cantigas de Santa María” *Alcanate V* (2006-2007): 267- 292; Augusto de Carvalho Mendes, “Os Animais nas Cantigas de Santa Maria (I)”, *Eikón / Imago* Vol.4, Nº2 (2015): 47-198; “Os Animais nas Cantigas de Santa Maria (I)”, *Eikón / Imago* Vol.5, Nº1 (2016): 37-95.

⁷ Aunque por razones espacio temporales sabemos que no influyo para la inspiración de este bestiario en piedra, debemos de destacar el manuscrito *Liber de animalibus* MS 10-28 original del siglo XV y custodiado en la Biblioteca Capitular de Toledo desde el siglo XVIII, tratado en: María José Lop Otín, “Un zoológico en la Biblioteca de la Catedral de Toledo”, *Animales simbólicos en la historia desde la Protohistoria hasta el final de la Edad Media*, (Madrid, Síntesis, 2012): 365-380.

⁸ E.H. Gombrich, *Art and Illusion. A Study in the Psychology of Pictorial Representation*, (London: Phaidon 1960; Reedition: *L'art et l'illusion: psychologie de la representation picturale*. (Paris: Éditions Gallimard, 1971). Trabajos de la escuela francesa como los de Jean Cluse Schmitt desde un punto de vista histórico y antropológico, Jean-Claude Schmitt, *Le Corps des images. Essais sur la culture visuelle du Moyen Âge*, (Paris : Gallimard, 2002); *Les Rythmes au Moyen Âge*, (Paris Gallimard, 2016).

tres estadios que fueron definidos por el profesor Panofsky.¹ Por lo tanto, tendremos presente la contextualización de este bestiario en piedra, siendo este crucial para poder entender la simbología que éstas podían transmitir, mensaje que no debía de ser baladí ya que no es lo mismo la representación de estos animales en un manuscrito iluminado destinado al uso de unos pocos privilegiados, que un lugar tan destacado y público como lo fue esta puerta de la catedral primada de Toledo,² así como la influencia cultural y estética que trajo consigo la expansión del “estilo gótico” en el reino castellanoleonés en estos años de cambio y evolución,³ motivo por el que se debe tener igualmente en cuenta la mentalidad político-religiosa de quiénes pudieron imaginar tanto las bestias como otras muchas figuras que se plasmaron este lugar.

DISERTACIÓN

[...] *Temas heráldicos castillos, leones y águila, y de animales, ya interpretado con naturalismo: cabra, gallo, ciervo acosado por perros, lebreles corriendo, ya pertenecientes a la fauna fantástica de los bestiarios, sobre los que volveremos en otro lugar* [...]. Con esta breve pincelada, don Luis Vázquez de Parga hacía mención en el año 1929 a los animales que aquí nos interesan,⁴ siendo nuestra intención aquí la de cavilar sobre la intención y utilidad que pudieron tener estos animales en su momento de proyección, no creyendo por tanto en una simple imposición estética de los mismo en un sitio tan destacado.

Es conveniente acentuar que a lo largo de las jambas, del parteluz y de la bóveda de la conocida como la Puerta del Reloj hemos localizado alrededor de unos catorce animales que se encontraban en la naturaleza cotidiana: *jabalí, perro, ciervo, gallo, cabra, águila, león, serpiente, cigüeña, toro, caballo, elefante, ballena, oso*; y unos once animales que poblaron el imaginario medieval: *grifo, dragón, unicornio, orix unicornio, quimera, hidra, anfisbena, arpía, caballo alado, centauro, basilisco*. Para su mejor exposición, en primer lugar, presentaremos a los animales que se encuentran en las jambas y en el parteluz, continuando y finalizando con los animales que pueblan la bóveda de entrada de esta puerta (Fig. 1. La Puerta del Reloj de la catedral de Toledo).

Las animalias localizadas en las jambas y en el parteluz.

Los animales de las jambas se hallan distribuidos en dos columnas dentro de pequeños rectángulos de unos 20cm de ancho, orlados por una franja doble y una pequeña flor en sus vértices. Estos polígonos nos recuerdan fácilmente a los marcos en los que aparecen muchas de las animalias representadas dentro de los manuscritos de bestiario plenomedievales. En algunos de estos marcos encontramos también representaciones florales, como la flor de ocho puntas tan recurrente en el estilo gótico, y la heráldica de león más castillo (Fig. 2. León heráldico del reino castellanoleonés) de los reyes del reino castellanoleonés utilizada desde la unión de ambas coronas en la persona del rey Fernando III (1201-1252 d.C). Pero en oposición a estas figuras heráldicas supra citadas, se encuentran en estos espacios tanto animales cotidianos, los cuales están plasmados siguiendo un comportamiento habitual y conocido por los

¹ Erwin Panofsky, “Iconography and Iconology: An Introduction to the Study of Renaissance Art”, in *Meaning in the Visual Arts: Papers in and on Art History* (Nueva York: Doubleday Anchor, 1955), 51-67.

² Véase: Enrico Castelnuovo y Giuseppe Sergi (dirs), *Arte e historia en la Edad Media III. Sobre el ver: público, formas y funciones*, traducido por Alicia Martínez Crespo (Akal Arte y estética, 2016).

³ Michael Camille, *El ídolo gótico: ideología y creación de imágenes en el arte medieval*, traducción de Juan José Usabiaga Urkiola, (Tres Cantos, Madrid: Akal, D.L., 2000); *Arte gótico: visiones gloriosas*, traducción, M^a Luz Rodríguez Olivares, (Tres Cantos, Madrid: Akal, D.L., 2005).

⁴ Luis Vázquez de Parga, “La puerta del Reloj en la Catedral de Toledo”, 249.

hombres de la época, como animales exóticos y propios del imaginario cristiano, siguiendo estos últimos un comportamiento según algunas de sus diferentes facetas alegóricas dictadas en los textos de Bestiario y vistas también en las iluminaciones de muchos manuscritos de Bestiario.

El león es el animal más representando en estos cuadros (por supuesto tenemos que aclarar que éste se manifiesta por toda la puerta dentro de la heráldica de león más castillo de los monarcas castellanoleoneses). Aparece en muchas actitudes: dando caza a otros animales, luchando contra seres humanos pero en definitiva recordando su atributo más representativo, el de su fuerza. Además de encontrar al león victorioso y fuerte también, hallamos la representación del león como imagen cristológica y como alegoría de la resurrección, viéndose aquí la representación que nos dio el Fisiólogo griego en el siglo IV d.C, san Isidoro de Sevilla en sus Etimologías y los diferentes Bestiarios plenomedievales. Vemos por tanto como en uno de estos cuadros aparece el león resucitando a sus crías (Fig. 3 Arriba: león resucitando a sus crías; abajo: Jonás expulsado del vientre de la ballena), recreando la lectura alegórica que cuenta que las crías de la leona nacen muertas pero que al tercer día y gracias al aliento del león las crían resucitan, siendo una parábola asimilada a la Resurrección de Cristo al tercer día (*Etimologías*, Libro XI, 2: 3-6).¹

[...] Y esta propiedad muestra el sentido siguiente. Sabed que la leona representa a la Virgen María y el leoncillo a Cristo, que murió por los hombres. Durante tres días yació en la tierra para conquistar nuestras almas, según su naturaleza humana, y no según la divina; de igual forma obró Jonás, que permaneció dentro del pez. Entendemos por el rugido del león la virtud de Dios; merced a ella, resucitó Cristo [...].

*El Bestiario de Philippe de Thaun.*²

Esta hermosa representación no está muy conservada; no obstante se puede observar como el león está levantado sobre sus cuatro patas, lleva su cola baja en alusión a su actividad calmada. Entre sus patas delanteras se encuentra tumbado y sedente uno de sus cachorros, no podemos reconocer si existe más de uno, y el león se abre su enorme boca con la cual expulsa su aliento, con el cual podrá hacer revivir a sus crías. Disputo en el parte inferior a este marco tenemos al pobre Jonás siendo devuelto del cuerpo de ballena, como otra imagen de la Resurrección de Cristo (Fig. 3 Arriba: león resucitando a sus crías; abajo: Jonás expulsado del vientre de la ballena). Hallamos otros animales en alusión a Cristo, como el unicornio, que nos recuerda la virginidad de María y la Encarnación de su hijo en ésta; otros relacionados con la virginidad de María como el elefante; el centauro/sagitario que era imagen de la doble naturaleza de Cristo, divina y humana.

Sobre el elefante el Fisiólogo contó que la hembra debe de esconderse del dragón al dar a luz a sus crías, haciéndolo dentro del agua –como es acostumbrado en el parto de este animal–, de ahí que se identificará a la cría de esta especie con Cristo y al dragón con el demonio, y en consecuencia al elefante hembra con la virgen María, siendo el parto del elefante la representación de la Natividad y la Encarnación de Cristo en hombre para escapar del demonio, como lo hace el elefante en el agua. No obstante, a pesar de que esta iconografía sea de las más acordes con el mensaje cristológico del tímpano, la representación del elefante que aquí nos encontramos concuerda más con la que nos cuenta tanto Plinio el Viejo como san Isidoro sobre los elefantes indios que portan en sus espaldas castillos y fortalezas, viéndose en esta imagen un elefante que lleva sobre su lomo una pequeña construcción militar en donde se encuentran dos guerreros (Fig. 4. Elefante). Con todo, esta representación no descarta la su significado mariano, vista esta representación de elefante existir ya en el periodo prerrománico, en los muros de la ermita de San Baudelio de Berlanga; además, esta visualización del elefante también fue

¹ Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, 900-903.

² Xosé Ramón Mariño Ferro, *Diccionario del simbolismo animal*, (Encuentro, 2004), 36.

difundida por muchos libros de Bestiario. Por descontado, el artista que se ha encargado de realizar esta obra ya contenía un conocimiento más exacto de la morfología del elefante, destacando la perfecta colocación de su larga trompa y de su colmillos, así como también su enorme cuerpo.

Entre las escenas de caza tenemos varios cazadores y cazadoras intentando capturar al ciervo, siendo este también imagen de Cristo y el acto de la caza su Crucifixión (Fig. 5. Caza del ciervo), merece también destaque la cantidad de perros que aparecen en estos espacios: los encontramos representados tanto individualmente (Fig. 6. Perro), como junto al hombre en las escenas de cacería, siendo estos animales la imagen de la fidelidad¹ y la lealtad (Fig. 7. Perro ayudando en la caza).

En oposición a estos animales de íntegro contenido y relacionados con Cristo y con santa María, en estas jambas también lucen animales que recordaban los pecados y la maldad humana. En primer lugar destacamos a las serpientes y dragones. Ambos animales fueron en la Edad Media identificados con el Diablo, Satán o con el pecado en general. No todas las representaciones son similares, existen muchos tipos de bestias draconianas en esta narración iconográfica, tenemos *dragones* alados con cuerpo de reptil y otros que son claramente serpientes que se arrastran por el suelo. Entre estos reconocemos a un áspid que se ha conservado en muy buen estado (Fig. 9. Áspid); este animal fue la imagen de los pecadores que no quieren escuchar las palabras de la Iglesia, y de ese modo con su cola se tapan un oído y la otra la colocan en el suelo para no tener que escuchar. En este espacio aparece así, como un animal híbrido con cuerpo y cola de reptil pero con alas y patas de ave. Esta iconografía nos trae grandes paralelos con la iconografía francesa de la Biblia de san Luis; no obstante esta interpretación tan exacta también tiene grandes influencias de los libros de Bestiarios ingleses del siglo XIII d.C.

En estas jambas también se nos muestra a un perro como símbolo de la envidia y la codicia, según Brunetto Latini: “Cuando el perro lleva carne o cualquier otra cosa en la boca y tiene que cruzar un río, tan pronto como ve la imagen de la carne en el agua, abandona lo que lleva para coger lo que resulta de nada”.² El perro que aparece en esta actitud se encuentra contextualizada en una escena de cacería pero de la cual se ha alejado al sentirse atraído por el agua, encontrando en la iconografía un perro junto a un pequeño curso del agua al cual caerá, recordando esta escena a los fieles que el pecado de la avaricia termina con la pérdida (Fig. 8. Perro cayendo al agua). Las Sagradas Escrituras no mostraban tampoco una lectura positiva en lo que confiere a este animal.³

Por su parte son muy curiosos y representativos los animales que se encuentran en el parteluz, ya que son en su mayoría animales de contenido diabólico (dragones y serpientes) vencidos por leones y águilas, aludiendo este sometimiento al triunfo del bien sobre el mal,⁴ como una victoria de Dios ante el demonio, el triunfo de la virtud frente al vicio (Fig. 10 León aplastando a un dragón alado).

Animalias localizadas en la bóveda.

Los animales y las diversas narraciones que aparecen representadas en esta bóveda son muy dispares, y su mayoría contiene una lectura confusa que ha dado lugar a varias interpretaciones. Si seguimos la clasificación de González de Simancas, estos relieves se disponen en 44 filas contenidas en columnas de 4 (salvo los relieves del extremo principal y el extremo final que cuentan con dos columnas).

¹ Kathleen Walker-Meikle, *Medieval Pets*. (Woodbridge, Suffolk, U.K.: The Boydell Press, 2012), 5-10; Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, libro XII, 2:25-6, 906-907.

² Mariño Ferro, *Diccionario*, 494.

³ El simbolismo del perro en la Biblia fue muy negativo, teniendo que convivir con ello a lo largo de los siglos. David, *Salmos*, XXII, 17; *Libro de los Proverbios*, XXVI, 11; incluso Jesucristo en san Marcos, VII, 27 y en san Mateo, VII, 6 afirma: “No hay quedar el pan de los hijos a los perros”.

⁴ Según Xosé Ramón Mariño Ferro, en el Cristianismo la serpiente es el Diablo, el águila que vence se convierte en símbolo de Cristo. *Ibid*, 45.

Para la doctora Teresa Higuera, la columna de la primera fila contiene la representación de la vida de san Idelfonso; en las columnas de la segunda a la cuarta fila aparece la historia de san Juan Bautista; en las columnas de la quinta fila la leyenda de Galiana; también se ha identificado en las filas 39-40 la parábola del Rico Epulón y el Pobre Lázaro; en las filas 41-43 la leyenda del traslado de los restos de san Idelfonso a Zamora y su descubrimiento y milagros; terminando la fila 44 con temas de la vida de san Idelfonso. En el resto de filas los demás investigadores han encontrado la representación de actividades cotidianas, y en lo que se refiere a nuestro objeto de estudio, encontramos “animales reales”¹ (leones, aves, perros, caballos, ciervos, oso, antílopes) cuya mayoría aparece también en los jambas y por supuesto el león heráldico del reino castellanoleonés (león más castillo). En lo que se refiere a seres del imaginario medieval tenemos algunos que también se repiten (dragones, unicornios, centauros), pero otros (hidras, anfisbena, arpías) son nuevos y en muchos casos difíciles de identificar. Por último, no olvidamos la representación junto a estos algunos motivos vegetales propios del gótico (Fig. 11. Bóveda de la Puerta del Reloj y Fig. 12. Algunos de los animales de la bóveda Fig. 12. Algunos de los animales de la bóveda).

Los animales reales pueden guardar la misma relación que algunos de los que aparecen en las jambas, no obstante no podemos descartar la teoría de que muchos de ellos pueden estar relacionados con la representación de un calendario y de los signos del zodiaco (el cerdo o el cabrito etc;). Sin embargo, si nos detenemos en la representación de la cantidad de animales imaginarios, vemos que pueden estar relacionados con la narración de ciertos relatos mitológicos heredados de la mitología grecorromana. Gracias a la representación de las escenas de la fila número 32 (Fig. 13. Perseo montando a Pegaso dentro del segundo espacio; Hércules vestido con la piel del león dentro del tercer espacio), en donde hemos visto a dos personajes muy importantes dentro de la mitología griega: en primer lugar, y dentro de la segunda columna encontramos al caballo alado conocido como Pegaso. Montando sobre él, probablemente al héroe que venció a la Gorgona, Perseo —hoy día claramente identificado este caballo alado gracias a la fotografía—; y dentro del tercer espacio o columna, vemos manifiestamente la imagen del héroe griego Hércules, representado con su mazo y con la piel del león de Nemea, que lo identificaba². La aparición de estos personajes en una misma secuencia probablemente se debiera a que Hércules descendería del mismo Perseo, mientras que en el primer espacio de esta columna encontramos posiblemente a Hércules junto con su león rendido, y en el último y cuarto espacio podríamos tener a un Hércules recién nacido presentado ante el águila, imagen del dios Zeus, legitimado este héroe por sus dos grandes ancestros, el humano Perseo y el divino Zeus.

Una vez descubierto al héroe tebanos es más fácil entender a muchos de estos animales que aparecen dentro de esta bóveda así como también a diversos hombres y mujeres que afloran realizando danzas y ritos que no se acercan a los ceremoniales de los s. XIII- XIV, ya que están caracterizados “a la manera griega”.³ Según Lorena Jiménez, la literatura medieval enumeró de forma estricta el orden de los doce trabajos de Hércules⁴ 1. el león de Nemea; 2. la Hidra de Lerna; 3. la cierva Cerinia; 4. el jabalí de Erimanto; 5. los establos de Augías; 6. las aves estinfálides; 7. el toro de Creta; 8. las yeguas de Diomedes, 9. el cinturón de Hipólita, 10. los bueyes de Gerión, 11. las manzanas

¹ Tenemos que añadir que el concepto de “animal real” debe de ser tenido en cuenta desde nuestra concepción actual, ya que para el hombre religioso del siglo XIII d.C eran igual de reales el elefante, el león, el dragón y el unicornio, para ellos eran animales que existían en su imaginación de la fauna oriental, en decir tenían cabida en su imaginario.

² María Pandiello Fernández, “Hércules”, *Revista Digital de Iconografía Medieval*, vol. IV, nº 8, (2012): 68.

³ Erwin Panofsky, Fritz Saxl, *Mitología clásica en el arte medieval*, traducción de Isabel Mellén, (Reedición de Vitoria-Gasteiz: Sans Soleil, D.L. 2016).

⁴ Lorena Jiménez Justicia, “Los doce trabajos de Hércules en la literatura medieval española”, en *Homenaje a la Profesora María Luisa Picklesimer. In memoriam. Centro de Estudios Clásicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra*; (2012):167.

de las Hespérides, 12. el can Cerbero. En esta bóveda no todos los trabajos del héroe son localizados, pero sí podríamos reconocer: el combate con el león; la lucha contra la hidra; la caza del jabalí de Erimato; las aves estinfálides; la caza de la cierva; y creemos también localizar el enfrentamiento contra el dragón acaecido dentro del jardín de las Hespérides. Además, también se localizan otras aventuras del héroe griego, como su estancia con los centauros y en particular con Folo y Quiron; o su enfrentamiento con *las Arpias*; e incluso creemos reconocer el rapto de Proserpina, la esposa del rey Orco.

La representación de episodios de Hércules podría ser bastante justificable, ya que los monarcas hispanos vieron en este héroe la imagen del civilizador de la península, y muchos pretendieron legitimarse a través de éste.¹ Pero por otra parte, Hércules también fue utilizado por los catequéticos de la Edad Media, viendo en este héroe la imagen de un pecador redimido, pero sobre todo vieron su paralelismo con Cristo,² al ser mitad divino y mitad humano.

Si continuamos reflexionando sobre las imágenes descubiertas en la fila 32 nos tropezamos con un segundo planteamiento, y por tanto con una lectura diferente, aunque también relacionada con la herencia mitológica clásica, desarrollándose en estos marcos temas afines a la astronomía, reconociéndose en muchos de ellos la imagen de algunas de las constelaciones, no siendo tampoco casual que estas “estrellas” se encuentren situadas en la bóveda, pudiendo ser su intrusión una metáfora que alude a la “bóveda celeste”, o es todo caso un mensaje reservado para mentes más “doctas”, a diferencia del mensaje que se impartía en las jambas y en parteluz, siendo este más sencillo que el de la bóveda, conectando por tanto visiblemente en una clara jerarquía iconográfica.

HIPÓTESIS PROVISIONALES

Como hemos podido exponer a lo largo del discurso elaborado en este texto no estamos de acuerdo con la idea de que estos animales se encontraran allí como meros motivos decorativos,³ ya que en su mayoría narran secuencias vistas en los manuscritos de Bestiario, teniendo estas por lo tanto gran carga alegórica.

En segundo lugar queremos reseñar la influencia estilística del arte francés en estos animales, siendo está del todo incuestionable, sabemos de animales semejantes a estos en las puertas de Notre Dame de París, y por otro lado hemos visto una gran influencia por parte de las animalias que se encuentran en las páginas de la Biblia moralizada de san Luis de Francia, joya que ya se encontraba en la catedral de Toledo en aquellas datas. El gran número de animales que aparece en esta Biblia moralizada no es casual, tienen como los de nuestra puerta una intención “moralizadora” tal y como expresa su apelativo. Además, por otro lado también se encuentran grandes paralelos con la miniatura de Bestiarios ingleses del momento, evidenciando la entrada y circulación de los mismos en el Toledo del siglo XIII d.C, no siendo esto de extrañar debido a que esta ciudad era un punto muy importante de entrada y salida de libros de variado género y de heterogéneas culturas.⁴

¹ Véase la Segunda Parte de la *General Estoria* y Estoria de Alfonso X el Sabio. Ana Domínguez Rodríguez, (1989): “Hércules en la miniatura de Alfonso X El Sabio”, *Anales de Historia del Arte*, nº 1, (1989): 91-103. El interés por Hércules también puede verse en la avanzada Edad Media en la obra de don Enrique de Aragón, marqués de Villena (1384-1434), véase Pedro Cátedra y Paolo Cherchi Usai, *Los doce trabajos de Hércules*. Universidad de Cantabria, Santander, 2007.

² José Luis Senra Gabriel y Galán, “Hércules vs Cristo. Una posible simbiosis iconográfica en el románico hispánico”, *Quintana*, nº 1, (2002): 275-283.

³ Pérez Higuera, *La puerta del reloj*, 112.

⁴ El uso de la sabiduría *Fisiólogo* para la elaboración de esta obra es muy importante debido a que no nos han llegado manuscritos de esta época y de este espacio, demostrando el uso y conocimiento del *Fisiólogo*, ya fuere de manera directa o indirecta, tal y como expresaba la teoría del gran hispanista británico, el profesor A. Deyermond, según el cual la sabiduría del bestiario cristiano discurría en la España medieval a través de los sermones de los predicadores. En

Por consiguiente, abogamos la idea de que estas animalias, las cuales ocupaban un lugar muy importante para la comunidad de fieles cristianos que se adentraban en la catedral, tenían el objetivo de recordar tanto enseñanzas catequéticas de moral cristiana, como el de fusionar estas con el ideario cristiano-político del momento al insertar elementos heráldicos como los del cuartelado heráldico de león más castillo, siendo esta intromisión un ejemplo de la yuxtaposición o solapamiento del Iglesia y Estado en la Toledo del siglo XIII d.C.

En cuanto a la representación del ciclo de Hércules tenemos que añadir que esta fue muy importante ya que en este héroe se vio un ejemplo tanto de erratas humanas como de sus virtudes, siendo un modelo a seguir y transmitido por muchos sermoneadores o, como afirma Lorena Jiménez: “la España medieval, fuertemente dominada por los dogmas de la Iglesia Católica encuentra en el hijo de Zeus un perfecto exponente de la victoria del Bien contra el pecado, que acecha por todas partes”,¹ insertando perfectamente este mensaje con los animales que vencen al mal en el parteluz y con los animales cristológicos que se encuentran en las jambas. Además, no podemos olvidar que éste héroe fue tomado como un antepasado heroico por Alfonso X el Sabio y sus sucesores, teniendo Hércules un gran valor para semiótica político-religiosa que encaja perfectamente con el cuartelado heráldico de leones y castillos que aflora por toda la Puerta del Reloj de la catedral de Toledo.

palabras del propio Deyermond: “Y los bestiarios fueron un recurso importante para los predicadores, sobre los que predicaron en la lengua vernácula ante un público laico”. Alan Deyermond, “La tradición de los bestiarios en la antigua lírica popular hispánica”, en *De la canción de amor medieval a las soleares: profesor Manuel Alvar "in memoriam": Actas del Congreso Internacional "Lyra minima oral III", Sevilla, 26-28 de noviembre de 2001, coord; por Pedro Manuel Piñero Ramírez, (2004): 88.*

¹ Jiménez Justicia, “Los doce trabajos de Hércules”, 163.

ANEXO

ANIMALES REPRESENTADOS EN LAS JAMBAS DE LA PUERTA DEL RELOJ



Fig. 1. La Puerta del Reloj de la catedral de Toledo



Fig. 2. León heráldico del reino castellanoleonés



Fig. 3 Arriba: león resucitando a sus crías; abajo: Jonás expulsado del vientre de la ballena



Fig. 4. Elefante



Fig. 5. Caza del ciervo



Fig. 6. Perro



Fig. 7. Perro ayudando en la caza



Fig. 8. Perro cayendo al agua



Fig. 9. Áspid

ANIMALES REPRESENTADOS EN EL PARTELUZ DE LA PUERTA DEL RELOJ



Fig. 10 León aplastando a un dragón alado

ANIMALES REPRESENTADOS EN LA BÓVEDA DE LA PUERTA DEL RELOJ



Fig. 11. Bóveda de la Puerta del Reloj



Fig. 12. Algunos de los animales de la bóveda



Fig. 13. Perseo montando a Pegaso dentro del segundo espacio; Hércules vestido con la piel del león dentro del tercer espacio

À procura de um sentido: tradições discursivas no Fundo João Martins Ferreira¹

Fernando Jorge Cruz Mouta
Universidade do Porto

Resumo

João Martins Ferreira foi um importante mercador e autarca portuense dos finais dos séculos XV e inícios do século XVI. Atualmente o seu nome designa um importante fundo documental depositado no Arquivo Histórico Municipal do Porto, constituído por pergaminhos provenientes do que se acredita ter sido o seu arquivo pessoal. Mas e se esta não for a história toda? Será que estes pergaminhos não são a expressão de uma mesma oficina de escrita que tinha, para este período, João Martins Ferreira como principal cliente? Com base no método das tradições discursivas procuramos obter um melhor conhecimento sobre este acervo documental e assim conseguir dar um maior sentido à sua organização atual, assim como possíveis respostas às nossas incertezas.

Palavras-chave:

João Martins Ferreira; Porto; tradições discursivas

Abstract

João Martins Ferreira was an important merchant and city councilor in the city of Oporto at the end of the fifteenth century and the beginning of the sixteenth century. Nowadays his name designates an archival fund at the Municipal Historical Archives of that city. This fund is constituted by parchments thought to come from his own private archive. But what about if this is not the complete story? Is it possible that these parchments were made in the same writing workshop and João Martins Ferreira was only their main client? Based in the method of discursive traditions we seek to obtain a better knowledge about this set of documents and its current organization, as well as possible answers to our uncertainties.

Keywords:

João Martins Ferreira; Oporto; discursive traditions

INTRODUÇÃO

É um lugar-comum afirmar-se que um historiador torna o passado presente. No entanto, esta é uma visão redutora e um pouco falaciosa. A função de um historiador é dar aos interessados uma interpretação do passado cientificamente válida, assente numa metodologia clara e perfeitamente compreensível. Neste processo de construção do conhecimento é cada vez mais importante a multidisciplinariedade dos saberes. Não se pretende que cada um de nós saiba tudo sobre todas as coisas, mas que pelo menos tenha consciência sobre outras áreas de saber e que possua espírito aberto para todos os contributos que delas possa receber a sua investigação. Como todo o historiador, partimos de um problema: ao estudar os documentos do Fundo João Martins Ferreira, depositado no Arquivo Histórico Municipal do Porto, surgiu-nos a possibilidade de ele se encontrar erradamente designado, nomeadamente pela discrepância e heterogeneidade da documentação incluída. Será possível estarmos perante uma mesma oficina de escrita e que o mercador portuense era somente o seu cliente principal?

Na senda desta pesquisa, pareceu-nos pertinente utilizar o máximo possível de abordagens. Uma abordagem possível é identificar uma tradição discursiva através do estudo da linguística contida nos documentos para afirmar a existência de uma origem comum. Claro que essa origem comum pode não ter nada a ver com a nossa hipótese de uma mesma oficina de escrita, mas se a tradição discursiva identificada for única e exclusiva ao fundo documental estudado, então essa possibilidade ganha uma força

¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/creators/19116/>

redobrada. Primeiro, escolhemos uma tipologia documental com boa representatividade e com possibilidade de ser testada com documentos provenientes de outras origens. De seguida, lemos todos os documentos e, a partir de uma divisão do seu conteúdo em atos discursivos, procuramos identificar a existência de uma tradição discursiva e confirmar, por comparação com outros documentos, se ela é ou não exclusiva deste fundo documental. Para além disto, fizemos também um pequeno levantamento e estudo de alguns fenómenos linguísticos que se tornaram evidentes na transcrição documental. Assim, identificámos o momento histórico em que se dá a metátese da flexão verbal “saibam”. É com esta pesquisa que a partir de agora se explana com mais detalhe, que esperamos conseguir responder à nossa premissa inicial de investigação, para além de contribuir, da forma mais modesta possível, para um maior conhecimento da nossa língua.

JOÃO MARTINS FERREIRA, MERCADOR-CAVALEIRO¹

João Martins Ferreira nasceu no Porto cerca de 1445. Seguiu as pisadas do pai e embrenhou-se no mundo do comércio de grosso trato. Sabemos com certeza que tinha a ilha da Madeira como destino de negócios, como tal é muito provável que fosse um mercador de açúcar, o ouro branco da altura. Se assim foi, então também é quase certo que visitasse Lisboa para fazer negócios. Afinal, o seu filho primogénito era moço de câmara do rei D. Manuel I. Também é plausível que não se tenha limitado ao território nacional e que tenha ido a Bruges, um dos destinos preferenciais de todos os grandes comerciantes da urbe portuense. As suas relações tinham negócios com esta cidade e a devoção da sua capela fúnebre aparenta mostrar uma ligação com esta cidade da Flandres. Para além do açúcar, este mercador portuense aparenta ter também comerciado ferro ou peças manufaturadas neste metal e ter tido interesses no comércio do vinho da cidade. Sabemos com certeza que teve sucesso no seu mester, já que a dimensão do seu morgadio, instituído em 1491, demonstra uma impressionante pujança patrimonial.

Casado três vezes, embora tenha tentado esconder o seu primeiro casamento, João Martins Ferreira teve 12 filhos, quatro rapazes e oito raparigas, bastante tarde na sua vida e somente da sua última mulher. Os seus casamentos mostram uma estratégia de ascensão social, já que todas as suas mulheres vão sendo cada vez mais relevantes socialmente. Continua essa estratégia na educação do seu primogénito (educado na Corte em Lisboa), nas profissões escolhidas para os restantes filhos (carreiras de armas e clérigos) e nos casamentos de todas as suas filhas (um investimento de vulto devido aos dotes obrigatórios que as acompanhavam). Elas casam com famílias de nobreza regional (forma de alicerçar o prestígio da linhagem) ou com ligações comerciais (reforço do negócio familiar). Era cidadão do Porto e possivelmente fidalgo, já que usufruiu dos privilégios de fidalguia, nomeadamente ter escudo de armas. O seu filho primogénito atingiu esse patamar, já que é sempre designado cavaleiro do rei na documentação. Até o seu perfil de investimento demonstra essa pretensão pois é proprietário de muito imobiliário rural no termo do Porto. A posse da terra tem, por esta altura, uma forte componente de afirmação social e critério indispensável a quem pretendia aceder aos patamares da nobreza. Até a sua morte serve de afirmação desta estratégia de afirmação social, como o demonstra a instituição da sua capela fúnebre.

João Martins Ferreira ficou conhecido para a História como autarca da cidade, tendo desempenhando todos os cargos da administração concelhia na sua longa carreira política (mais de 25 anos). Embora tenha começado de forma reticente, já que só toma posse do seu primeiro cargo (procurador do concelho) sob ameaça de multa e obrigado

¹ Nesta curta nota biográfica seguimos: Fernando Mouta, *João Martins Ferreira, Mercador-Cavaleiro*, [Dissertação de Mestrado], (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017). Acedido em setembro de 2017. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/105938/2/202552.pdf>

pelo seu estatuto de cidadão, tem um começo fulgurante. Queixa-se e pretende mudar o *status quo*. Desde denunciar aqueles que, sendo vizinhos do Porto, apelam ao rei para serem agraciados com cargos concelhios, até à desorganização da governança, quase tudo serve para demonstrar que com ele as coisas nunca mais iriam ficar na mesma. Eventualmente, este fulgor inicial dá lugar ao pragmatismo da vida corrente, já que ele próprio vai faltar a reuniões por causa dos seus negócios. Vai adaptar-se perfeitamente a esta elite do poder, pois vemos que nos anos seguintes percorre todos os lugares da administração concelhia, desde almotacé a vereador, chegando inclusive a juiz do concelho. Este percurso autárquico é mostra do poder e prestígio de João Martins Ferreira na cidade e também uma mostra da sua personalidade. Morre entre março de 1514 e março de 1515, deixando um legado que sobreviveu até aos dias de hoje na cidade, através da existência do palacete e capela da família Ferreira.

Mas porquê nomear este mercador portuense de mercador-cavaleiro? Há já muitos anos o historiador Vitorino Magalhães Godinho definiu um novo tipo social criado pelo processo de expansão ultramarina portuguesa: o cavaleiro-mercador. Estamos a falar de nobres, educados na cultura da guerra e da honra, que, postos em lugares de destaque da administração da Coroa nos novos territórios ultramarinos e graças a uma série de contingências, passam a olhar para os seus palcos de influência sob um prisma económico e mercantil perfeitamente de acordo com as diretrizes do Estado central. Mas João Martins Ferreira não parte como cavaleiro. Ele foi um mercador de açúcar e ferraria que, graças aos lucros do seu negócio, ganha uma projeção patrimonial impressionante. É eleito para a administração concelhia. Se ao início se mostra relutante em assumir este papel, com o tempo vemos a sua gradual adaptação aos meandros da política local e aos benefícios económicos e sociais que este poder traz. E por esta altura, quem tem poder, dinheiro e não é fidalgo só aspira a tornar-se fidalgo. E daí todo um projeto de vida e morte de forma a tornar real esta nobreza para si e para os seus. E assim compreendemos como é que um mercador tenta tornar-se cavaleiro. E o círculo completa-se.

O FUNDO DOCUMENTAL

O Fundo João Martins Ferreira foi constituído a partir de 1995, com a compra de 93 pergaminhos relativos a este mercador pela Câmara Municipal do Porto e depositados no Arquivo Histórico Municipal. Estes pergaminhos, provenientes do espólio familiar dos herdeiros do último visconde de Vilarinho de S. Romão, estavam à venda no mercado livreiro e antiquário pelo menos desde 1994. Não sendo a totalidade do arquivo, já que se conhecem outros pergaminhos em posse de outras entidades, pensamos (e pensam os serviços camarários portuenses responsáveis pela sua compra) ser a grande maioria da documentação em posse da família Ferreira relativa às suas propriedades e morgadio que sobreviveram às vicissitudes dos séculos. São 93 unidades documentais, a maioria relativa a atos de compra, venda e empraçamento de propriedades urbanas e rurais,¹ todas em língua vulgar. Há, no entanto, algumas delas que não têm nenhuma relação com o mercado imobiliário, nomeadamente cartas de quitação, ou que, à primeira vista, nada têm a ver com João Martins Ferreira e sua família. O arco temporal dos documentos vai de 1317 a 1548, com maior incidência no último quartel do século XV e primeira década do século XVI. Todos os pergaminhos passaram por um processo de restauro pelo departamento competente do Arquivo Histórico, tendo sido posteriormente classificados, ordenados e descritos. Para uma maior facilidade de consulta, foram todos digitalizados, estando este fundo disponível através da página web do arquivo, utilizando o projeto informático Gestão Integrada dos Sistemas de Arquivo (GISA).

¹ Manuel Luís Real, “Introdução”, Manuel Luís Real e Maria Helena Gil Braga (coords.), *Um Mercador e Autarca dos Séculos XV-XVI: o Arquivo de João Martins Ferreira* (Porto: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1996), Roteiro de Exposição, 7-11.

Ao procurar responder às perguntas iniciais deste projeto de investigação parece-nos pertinente e relevante tentar estabelecer se existe uma tradição discursiva¹ contida nos vários documentos do fundo, demonstrando-se assim uma constância e estabilização que dotará de uma argumentação mais sólida às nossas conclusões finais. Para efeitos deste estudo, foi escolhida a tipologia documental mais representada no fundo, as escrituras de venda, com 56 unidades documentais. Para além da riqueza da amostragem, a escolha desta tipologia abrange um arco temporal de mais de 200 anos (de 1317 a 1540), o que permite uma análise diacrónica com alguma profundidade.

As escrituras de venda (à época designadas “cartas” ou “estromentos” de venda²), atendendo ao seu tipo jurídico, são contratos de transferência de domínio.³ Nos casos em estudo foram todas feitas por tabeliães do Porto e seu termo. Os tabeliães são pessoas públicas (pois cumprem uma função de utilidade pública) cuja função incluía a redação de documentos por mandado judicial ou a pedido das partes. Estes documentos, pela natureza da função pública do tabelionado e para adquirir validade, deviam obedecer a uma forma regulamentada de produção. Como forma de assegurar a autenticidade material dos documentos, estes tinham de ser redigidos a partir de uma nota⁴ prévia que, após corroboração pelas partes envolvidas e pelo tabelião, conseguiam a sua validade e eficácia plena.⁵

Assim sendo, a lista sumariada das escrituras de venda utilizadas neste estudo é a seguinte (de referir que a numeração agora apresentada será utilizada em todas as tabelas apresentadas como referência aos respetivos documentos):

1. Escritura de venda de uma quinta e de um casal situados na freguesia de Fajozes, julgado da Maia⁶
1317/12/09, Tabelião: Afonso Romães.
2. Escritura de venda de uma herdade situada no lugar de Fonte Boa, termo de Ferreira⁷
1359/11/05, Tabelião: Afonso Vicente.
3. Escritura de venda de casas na Rua dos Mercadores⁸
1396/08/26, Tabelião: Afonso Rodrigues.
4. Escritura de venda de um pardieiro na Rua da Lada⁹
1397/05/29, Tabelião: João Garcia.
5. Escritura de venda de casas na Rua de São Nicolau¹⁰
[1402/09/06], Tabelião: Gonçalo Anes.
6. Escritura de venda de umas leiras e herdades situadas em Fajozes, terra da Maia¹¹

¹ Johannes Kabatek define tradição discursiva como a repetição de um texto, ou de uma forma textual, ou de uma maneira particular de escrever ou falar, que adquire valor simbólico próprio, e que podem ou não perdurar ao longo da história dos géneros textuais (Johannes Kabatek (ed.), *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas* (Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert Iberoamericana, 2008), 7-16).

² O termo carta provém da designação do meio (inicialmente papiro, depois pergaminho) em que se fixava um escrito destinado a produzir efeitos jurídicos e é sinónimo de documento (Marcelo Caetano, *História do Direito Português* (Lisboa: Faculdade de Direito, 1941), 210).

³ Ricardo Seabra, *Publicus tabellio in civitatis portugalensis, estudo sobre o tabelionado no Porto medieval (1242-1383)*, [Dissertação de Mestrado], (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 45-46.

⁴ “A nota é uma redacção negocial abreviada, onde deviam ser incluídas a data, a lista de testemunhas presentes à declaração de vontade negocial expressa pelas partes e o resumo do negócio escriturado” (Bernardo Sá Nogueira, *Tabelionado e instrumento público em Portugal* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008), 111)

⁵ Nogueira, *Tabelionado*, 17-18.

⁶ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457669/?>

⁷ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457571/?>

⁸ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/427138/?>

⁹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/428674/?>

¹⁰ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/426794/?>

¹¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457671/?>

- 1413/04/03, Tabelião: Pedro Afonso.
7. Escritura de venda de casas na Rua da Sapataria¹
1417/03/13, Tabelião: Diogo Alvares.
8. Escritura de venda de um casal situado na freguesia de Fornos²
1419/11/06, Tabelião: Pedro Afonso.
9. Escritura de venda de duas casas situadas em Vila Nova de Gaia³
1430/07/12, Tabelião: Vasco Gil.
10. Escritura de venda de um terreno situado em Massarelos⁴
1444/08/22, Tabelião: Afonso Gil.
11. Escritura de venda de casa na Rua da Lada⁵
1447/10/12, Tabelião: Afonso Gonçalves.
12. Escritura de venda de um pardieiro e de um eixido situados na Rua dos Mercadores⁶
1449/12/11, Tabelião: Fernão Vicente.
13. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua dos Mercadores⁷
1459/09/19, Tabelião: João Barbosa.
14. Escritura de venda de uma quebrada situada em Santiago de Figueiró de Aguiar de Sousa⁸
1470/12/21, Tabelião: Fernão Vicente.
15. Escritura de venda de um casal situado na freguesia de Duas Igrejas, terra de Besteiros⁹
1472/06/09, Tabelião: Rui Gonçalves.
16. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua da Lada¹⁰
1472/09/24, Tabelião: Fernão Vicente.
17. Escritura de venda de uma azenha situada em Calquim, na freguesia de Santa Maria de Avioso, julgado da Maia¹¹
1472/11/27, Tabelião: Lourenço Pires.
18. Escritura de venda de herdades situadas em São Romão de Aguiar de Sousa¹²
1475/07/15, Tabelião: Álvaro Anes de Landim.
19. Escritura de venda de casas situadas na Rua dos Mercadores¹³
1476/12/16, Tabelião: Rodrigo Anes.
20. Escritura de venda de umas casas na Rua das Aldas¹⁴
[1477/04/11], Tabelião: Pedro Luís.
21. Escritura de venda de casas situadas na Rua dos Mercadores, Miragaia e na Praça da Ribeira¹⁵
1477/12/02, Tabelião: Lourenço Pires.

¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/431759/?>

² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458472/?>

³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457522/?>

⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456157/?>

⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/424779/?>

⁶ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456245/?>

⁷ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456258/?>

⁸ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/425404/?>

⁹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457573/?>

¹⁰ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456316/?>

¹¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/426398/?>

¹² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/425087/?>

¹³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456414/?>

¹⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457135/?>

¹⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456490/?>

22. Escritura de venda de parte de umas casas-torres situadas na Rua dos Mercadores¹
1477/12/20, Tabelião: Pedro Álvares de Landim.
23. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua da Fonte Taurina²
1483/08/02, Tabelião: João Barbosa.
24. Escritura de venda de parte de umas casas e de um pardieiro situados na Rua da Lada³
1484/06/19, Tabelião: João Barbosa.
25. Escritura de venda do casal do Pombal, em Massarelos⁴
1484/10/11, Tabelião: Pedro Fernandes.
26. Escritura de venda de uma azenha e dois casais situados em Calquim, terra da Maia⁵
1485/02/11, Tabelião: Pedro Fernandes.
27. Escritura de venda de umas casas na Rua da Bainharia e na Rua da Lada⁶
[1485/03], Tabelião: Pedro Luís.
28. Escritura de venda de casais, uma azenha e uma vinha situados em Calquim e São Romão, terra da Maia⁷
1487/02/12, Tabelião: João Barbosa.
29. Escritura de venda de uma casa na Rua dos Mercadores⁸
1487/04/26, Tabelião: Pedro Fernandes.
30. Escritura de venda de umas casas situadas em Miragaia, junto da Porta Nova⁹
1487/10/01, Tabelião: Rodrigo Anes.
31. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua da Lada¹⁰
1488/09/05, Tabelião: João Barbosa.
32. Escritura de venda de um pardieiro situado na Rua da Lada¹¹
1489/05/22, Tabelião: Pedro Fernandes.
33. Escritura de venda da renda do casal de Paçô, na freguesia de São Pedro de Avioso, terra da Maia¹²
1489/08/26, Tabelião: Pedro Fernandes.
34. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua dos Banhos¹³
1489/08/26, Tabelião: Pedro Fernandes.
35. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua de Belomonte¹⁴
1489/11/21, Tabelião: Pedro Fernandes.
36. Escritura de venda de uma herdade situada em Vila Tinta e Figueiró¹⁵
1489/12/10, Tabelião: Pedro Fernandes.
37. Escritura de venda dos casais de Ferreiros, de Sá e de Vila Verde, na Maia¹⁶
1490/02/01, Tabelião: Pedro Fernandes.
38. Escritura de venda de casas situadas na Rua de Trás da Areia, em Vila Nova de Gaia¹⁷

¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456494/?>

² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456576/?>

³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456608/?>

⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456614/?>

⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457700/?>

⁶ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456637/?>

⁷ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457757/?>

⁸ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456682/?>

⁹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456696/?>

¹⁰ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456175/?>

¹¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456760/?>

¹² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458780/?>

¹³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458782/?>

¹⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456768/?>

¹⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457577/?>

¹⁶ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457766/?>

¹⁷ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457524/?>

- 1490/02/03, Tabelião: Pedro Fernandes.
39. Escritura de venda de umas casas situadas na Rua da Lada¹
1490/04/23, Tabelião: Pedro Fernandes.
40. Escritura de venda de parte da quinta da Portela, situada em São Martinho das Carvalhas, termo de Barcelos²
1490/06/04, Tabelião: Pedro Fernandes.
41. Escritura de venda de um alqueire de pão do casal de Paçô, situado em São Pedro de Avioso, na Maia³
1490/06/10, Tabelião: Pedro Fernandes.
42. Escritura de venda de metade de umas casas na Rua da Lada⁴
1490/10/29, Tabelião: Pedro Fernandes.
43. Escritura de venda de casas situadas na Rua de São Nicolau⁵
1492/07/04, Tabelião: João Barbosa.
44. Escritura de venda de um quinto do casal do Souto, situado em São Romão de Vermoim, na Maia⁶
1496/03/22, Tabelião: Pedro Fernandes.
45. Escritura de venda de um quarto de um casal situado em São Romão, na Maia⁷
1497/01/25, Tabelião: Pedro Fernandes.
46. Escritura de venda do casal de Paradela, em São Miguel de Entre ambas as Aves, termo de Barcelos⁸
1499/03/26, Tabelião: Fernão Gomes.
47. Escritura de venda de parte de umas casas situadas na Bainharia⁹
1502/03/05, Tabelião: Pedro Fernandes.
48. Escritura de venda de um terço de umas casas situadas em Vila Nova de Gaia¹⁰
1502/04/20, Tabelião: João Barbosa.
49. Escritura de venda de uma herdade em Vila Cova, freguesia de Sanfins¹¹
1502/08/05, Tabelião: Pedro Fernandes.
50. Escritura de venda de uma quinta situada em Capela das Medas, julgado de Aguiar de Sousa¹²
1503/11/28, Tabelião: Pedro Fernandes.
51. Escritura de venda de casas situadas na Rua dos Mercadores¹³
1506/12/17, Tabelião: Rui de Coiros.
52. Escritura de venda de umas casas na Rua da Bainharia¹⁴
1510/03/23, Tabelião: Rui de Coiros.
53. Escritura de venda de casa na rua ao pé da Mancebia¹⁵
1510/05/01, Tabelião: Pedro Fernandes.

¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456780/?>

² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458474/?>

³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458050/?>

⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456794/?>

⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/456854/?>

⁶ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458061/?>

⁷ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458081/?>

⁸ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458478/?>

⁹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457062/?>

¹⁰ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457527/?>

¹¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457581/?>

¹² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457591/?>

¹³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457068/?>

¹⁴ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457141/?>

¹⁵ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457371/?>

54. Escritura de venda de um terreno situado no lugar de Vila Tinta, em Santiago de Figueiró, julgado de Aguiar de Sousa¹
1515/03/22, Tabelião: Rui de Coiros.
55. Escritura de venda de uma bouça situada no couto do mosteiro de Leça²
152?, Tabelião: João Lourenço.
56. Escritura de venda de metade de umas casas na Rua da Bainharia³
1540/01/21, Tabelião: João Veloso.

ANÁLISE E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Perfeitamente identificado e caracterizado o nosso universo da amostra, segue-se o estudo interno de cada um dos documentos. No processo de identificação (ou não) de uma tradição discursiva nas escrituras de venda contidas no Fundo João Martins Ferreira dividimos os textos em vários atos discursivos, seguindo a lógica seguinte:

Ato Discursivo 1 – Invocação à divindade;

Ato Discursivo 2 – Tipologia do documento;

Ato Discursivo 3 – Data e local;

Ato Discursivo 4 – Identificação do(s) vendedor(es) e expressão da vontade de venda;

Ato Discursivo 5 – Identificação do(s) comprador(es);

Ato Discursivo 6 – Identificação do objecto de venda e confrontações;

Ato Discursivo 7 – Direitos adquiridos pela compra do objecto;

Ato Discursivo 8 – Preço de venda;

Ato Discursivo 9 – Admissão do recebimento do valor do preço (não importa de que forma) e transferência da autoridade sobre o objecto vendido;

Ato Discursivo 10 – Obrigação dos vendedores não contestarem a venda e defenderem o comprador de possíveis embargos no futuro;

Ato Discursivo 11 – Assunção pelo comprador das obrigações presentes e pedido de expedição da(s) escritura(s) de venda como garante legal;

Ato Discursivo 12 – Rol de testemunhas presentes;

Ato Discursivo 13 – Assunção pelo tabelião da feitura do documento e validação legal através do seu selo.

A tabela que se segue dá-nos exemplos de excertos relevantes para a identificação de cada ato discursivo anteriormente discriminado:

Ato Discursivo	Excertos
D1	. “Em nome de Deus amem”
D2	. “... carta de venda virem...” . “...carta de pura e firme venda pera todo sempre antre os vivos valledoira virem...”
D3	. “... que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jhesus Cristo... na cidade do Porto nas cassas da morada de... “ . “... que no anno do nacimiento de Nosso Senhor Jhesu Cristo... em a cidade do Porto no Paaço dos Tabeliães...”
D4	. “... parecerom presentes... venderom e fezerom vender...” . “... ambos pressentes estamos do noso propyo moto e livre vontade e cerpta sabedorrya... fazemos e outorgamos carta de pura vemda deste dia pera todo sempre amtre vivos valedoira...”

¹ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/457667/?>

² <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458665/?>

³ <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/458646/?>

D5	. “... a... pera ele e por seus herdeiros soceores e pera quem lhes aprouver...” . “... a vos... pera todos vossos erdeiros e pera quem vos aprouguer...”
D6	. “... nas casas feitas na dita cidade... que partem... e diamte rua puprica...” . “...o nosso casal de... na freguesia de... terra de... termo da dicta cidade...”
D7	. “... e lhe venderom asi... com entradas saidas pertemças...” . “... fazia venda con todas suas pertenças emtradas saidas novas antigas...”
D8	. “... e lhe fezerom asy esta venda por preeço...” . “... melhor poderem aver por certo preço com sua revora...”
D9	. “... que logo receberom peramte mim tabeliam e testemunhas... e loguo se desemvestirom de toda pose temça propiedade senhorio que atee ora em as ditas casas tinham...” . “...toda nosa vontade sem mingoa algua porque todo loguo recibi... E renunciamos de nos todo direito rezam auçam de senhorryo propadade tença que nos avemos...”
D10	. “... se obrigaram teerem comprirem esta venda contra ela nom irem amte lha fazerem boa e de paz de quasquer pesoas que lhe em ela algum embargo poserem...” . “... prometia... numqua em algum tempo viram contra esta carta de venda em parte nem em todo em juizo nem fora delle...”
D11	. “... E ficou o aluger do presente anno com... e mandarom asi seer fectas hũa e mais cartas de venda.” . “E de todo esto o dicto conprador pidio as cartas que lhe conpryrem e os dictos vendedores lhas mandaram dar...”
D12	. “Testemunhas que a esto foram presentes...” . “Testemunhas que pressemtes foram...”
D13	. “E eu tabaliam sobredicto que a esto em minha presente pessoa fui o fiz esprever asy esprevi asinei do meu puprico sinall que tal he.” . “Eu... puprico tabeliam por el Rey nosso senhor em a dicta cidade e termos que a todo pressemte fuy, esto per outorgua dos dictos vendedores esto esprevy e aqui meu synall fiz que tall he.”

Identificados os atos discursivos nas cartas de venda, construímos a tabela:

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
1.	1317/12/09	Afonso Romães	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
2.	1359/11/05	Afonso Vicente	✓	x	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	x	✓	✓	D3 após D10.
3.	1396/08/26	Afonso Rodrigues	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
4.	1397/05/29	João Garcia	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Posse após D13.

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
5.	[1402/09/06]	Gonçalo Anes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D3.
6.	1413/04/03	Pedro Afonso	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
7.	1417/03/13	Diogo Álvares	✓	[...]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Posse após D13.
8.	1419/11/06	Pedro Afonso	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
9.	1430/07/12	Vasco Gil	✓	✓	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	x	✓	✓	✓	Nota de dívida após D4; D5 após D8; posse após D13.
10.	1444/08/22	Afonso Gil	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
11.	1447/10/12	Afonso Gonçalves	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
12.	1449/12/11	Fernão Vicente	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D10.
13.	1459/09/19	João Barbosa	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
14.	1470/12/21	Fernão Vicente	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11; posse após D13.
15.	1472/06/09	Rui Gonçalves	✓	✓	o	✓	✓	✓	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D10.
16.	1472/09/24	Fernão Vicente	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4; posse após D13.
17.	1472/11/27	Lourenço Pires	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
18.	1475/07/15	Álvaro Anes de Landim	[...]	[...]	[...]	[...]	[...]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
19.	1476/12/16	Rodrigo Anes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	o	✓	✓	D3 após D10; D11 após D9.
20.	[1477/04/11]	Pedro Luís	[...]	✓	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D5 após D6; posse após D13.
21.	1477/12/02	Lourenço Pires	✓	✓	✓	✓	o	✓	✓	[...]	[...]	[...]	[...]	[...]	[...]	D6 após D4; venda por pregão.
22.	1477/12/20	Pedro Álvares de Landim	✓	✓	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D6 após D4.
23.	1483/08/02	João Barbosa	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11; posse após D13.

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
24.	1484/06/19	João Barbosa	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11; posse após D13.
25.	1484/10/11	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
26.	1485/02/11	Pedro Fernandes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4.
27.	[1485/03]	Pedro Luís	×	✓	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração antes D4.
28.	1487/02/12	João Barbosa	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
29.	1487/04/26	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
30.	1487/10/01	Rodrigo Anes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4; posse após D13.
31.	1488/09/05	João Barbosa	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	Posse antes D12
32.	1489/05/22	Pedro Fernandes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	[...]	✓	[...]	Procuração após D4.
33.	1489/08/26	Pedro Fernandes	[...]	[...]	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
34.	1489/08/26	Pedro Fernandes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
35.	1489/11/21	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	[...]	[...]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11; posse após D13.
36.	1489/12/10	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
37.	1490/02/01	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
38.	1490/02/03	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
39.	1490/04/23	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11; posse após D13.
40.	1490/06/04	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
41.	1490/06/10	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
42.	1490/10/29	Pedro Fernandes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; posse após D13.
43.	1492/07/04	João Barbosa	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4.
44.	1496/03/22	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
45.	1497/01/25	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
46.	1499/03/26	Fernão Gomes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
47.	1502/03/05	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
48.	1502/04/20	João Barbosa	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
49.	1502/08/05	Pedro Fernandes	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4; Transferência da autoridade após D10.
50.	1503/11/28	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
51.	1506/12/17	Rui de Coiros	✓	✓	✓	✓	✓	✓	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
52.	1510/03/23	Rui de Coiros	✓	✓	✓	✓	✓	✓	x	✓	✓	✓	[...]	✓	[...]	

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
53.	1510/05/01	Pedro Fernandes	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Transferência da autoridade após D10; D3 após D11.
54.	1515/03/22	Rui de Coiros	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	*	✓	✓	Procuração após D4.
55.	152?	João Lourenço	[...]	[...]	[...]	✓	✓	✓	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
56.	1540/01/21	João Veloso	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D4.

Legenda: ✓ – “Ocorrência”; * – “Não ocorrência”; o – Ver Observações; [...] – Documento truncado

Analisando a tabela e a distribuição dos atos discursivos verificamos que existe uma constância assinalável para todos os documentos em estudo, independentemente da data da sua produção. O único ato discursivo que mais foge à norma estrutural por nós definida é o D3 (data e local), que tanto pode aparecer no início como no final do documento, mesmo antes das testemunhas presentes (D12), e à nomeação do tabelião e validação pelo seu selo (D13). Observado o corpo documental que se estende por um período de mais de 200 anos, e pela enorme semelhança estrutural entre todos eles, podemos afirmar que é inegável referir que estamos perante a existência de uma tradição discursiva bem identificada. Sem dúvida que o texto destas escrituras de venda está bem definido e estabilizado.

A partir da análise do conteúdo textual podemos afirmar que o discurso presente nestes documentos tem um teor prescritivo (com ordens formais, como por exemplo a obrigatoriedade dos vendedores não poderem contestar posteriormente a venda) e não prescritivo. É também rico em heterogeneidade discursiva, com claras intenções comunicativas (o tabelião, a mando dos vendedores, produz uma carta de venda para entregar aos compradores, para que estes possam ter um comprovativo do negócio efetuado). Estas práticas discursivas remetem-nos para uma situação de interação específica entre o tabelião, vendedores e compradores. Pela sua omnipresença na documentação coeva, a fixação de uma ação diária (a compra e venda de propriedades) em palavra escrita mostra-nos um elevado índice de vinculação dos meios de comunicação ao contexto histórico. É por isso que podemos afirmar a íntima ligação entre a produção linguística e a sociedade medieval portuguesa, sendo esta a fundamentação essencial das tradições discursivas, um meio caminho entre a língua e o contexto histórico. À tradição discursiva atribui-se o sentido de relacionar um texto (neste caso a venda de propriedades expressa na ocorrência do verbo “vender”) com uma realidade, sendo que, por mais que essa realidade fosse evoluindo ao longo dos séculos do nosso estudo, sempre se manteve ancorada numa tradição textual muito estabilizada, embora com algumas atualizações da norma.

De seguida, verificamos se esta tradição discursiva é exclusiva (ou não) do fundo documental estudado. Para isso utilizamos um conjunto de escrituras de venda provenientes de outros fundos documentais. A escolha e organização destes outros documentos está expressa na lista que se segue:

57. Escritura de venda de dois herdamentos, um em Safara e outro na várzea de Ardila¹
1290.03.06, Tabelaio: Juan Dominguez.
58. Escritura de venda de uma casa nos arrabaldes de Setúbal²
1321/06/24, Tabelaio: Estevão Anes.
59. Escritura de venda de três peças de vinha e almoínha na Romeira, termo de Almada³
1328/12/16, Tabelaio: Domingos Martins.
60. Escritura de venda de uma casa em Setúbal⁴
1336/07/17, Tabelaio: João Peres.
61. Escritura de venda de uma vinha no Lavradio, Ribatejo⁵
1382/01/28, Tabelaio: Gil Gonçalves.
62. Escritura de venda de uma casa na cerca do castelo de Alcácer⁶
1387/04/25, Tabelaio: Martim Anes.
63. Escritura de venda de umas casas em Faro⁷
1399/10/03, Tabelaio: Fernando Esteves.
64. Escritura de venda de um pardieiro em Alcácer⁸
1407/12/11, Tabelaio: Afonso Lourenço.
65. Escritura de venda do couto de Guardão, na comarca da Beira⁹
1408/10/21, Tabelaio: Martim Vasques.
66. Escritura de venda de umas casas na freguesia de S. Nicolau, em Lisboa¹⁰
1428/04/18, Tabelaio: Pero Álvares.
67. Escritura de venda de umas casas na freguesia de S. Tomé, em Lisboa¹¹
1431/10/12, Tabelaio: Afonso Guterres.
68. Escritura de venda de herança na Chamusca e Cançadas, termo de Santarém, e em Orgens, termo de Viseu¹²
1443/08/17, Tabelaio: Estácio Lourenço.
69. Escritura de venda de umas casas no Bairro dos Escolares em Lisboa¹³
1443/10/01, Tabelaio: Fernão Gonçalves.
70. Escritura de venda de umas casas na freguesia de S. Salvador, em Santarém¹⁴
1444/10/20, Tabelaio: Diogo Coelho.

¹ Transcrição em Luís Adão da Fonseca *et al*, “A comenda de Noudar. Corpus Documental (1248-1554)”, *Militarium Ordinum Analecta*, n^o14 (2013): 88-91.

² Transcrição em Paula Pinto Costa (coord.), “Livro dos copos”, Volume I, *Militarium Ordinum Analecta*, n^o7 (2006): 418.

³ Transcrição em *Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, 1960), Volume I, 160-162.

⁴ Transcrição em Costa, “Livro”, 432.

⁵ Transcrição em *Monumenta*, Vol. I, 259-260.

⁶ Transcrição em *Ibid.*, 256-257.

⁷ Transcrição em *Ibid.*, 358-361.

⁸ Transcrição em *Ibid.*, 264-266.

⁹ Transcrição em *Monumenta*, Vol. I, 320-322.

¹⁰ Transcrição em “*Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, 1961), Volume III, 200-202.

¹¹ Transcrição em *Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, 1962), Volume IV, 2-4.

¹² Transcrição em *Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, 1967), Volume VIII, 91-95.

¹³ Transcrição em *Monumenta*, Vol.VIII, 99-100.

¹⁴ Transcrição em *Ibid.*, 224-226.

Aplicando ao texto de cada uma das escrituras de venda desta lista a mesma divisão em atos discursivos, construímos a tabela seguinte:

Nº	Data	Tabelião	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	Observações
57.	1290/03/06	Juan Dominguez	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	Texto em castelhano; D3 após D10.
58.	1321/06/24	Estevão Anes	✓	×	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	D3 após D13.
59.	1328/12/16	Domingos Martins	✓	o	o	✓	✓	✓	✓	✓	o	✓	×	✓	✓	D2 após D6; D3 após D10; posse e autoridade após D10.
60.	1336/07/17	João Peres	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	D3 após D10.
61.	1382/01/28	Gil Gonçalves	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
62.	1387/04/25	Martim Anes	×	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	D3 após D10.
63.	1399/10/03	Fernando Esteves	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procurações após D4.
64.	1407/03/01	Afonso Lourenço	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	Aforamento após D3;
65.	1408/10/21	Martim Vasques	×	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
66.	1428/04/18	Pero Álvares	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
67.	1431/10/12	Afonso Guterres	✓	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
68.	1443/08/17	Est ácio Lourenço	×	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Procuração após D12.
69.	1443/10/01	Fernão Gonçalves	×	✓	o	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	D3 após D11.
70.	1444/10/20	Diogo Coelho	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	×	✓	✓	Procuração após D4.

Legenda: ✓ – “Ocorrência”; × – “Não ocorrência”; o – Ver Observações; [...] – Documento truncado

Como podemos ver, na sua generalidade, a estrutura desta tradição discursiva mantém-se, mesmo quando analisados documentos provenientes de fundos e autores diversos. Verificamos, no entanto, uma menor ocorrência do ato discursivo D1 (invocação à divindade) e uma maior prevalência do ato discursivo D3 (data e local) mesmo antes da nomeação das testemunhas presentes (D12). No entanto, pensamos que estas observações não invalidam a conclusão de que, na generalidade, a estrutura se mantém e, com isso, confirma-se a presença da mesma tradição discursiva. Isto confirma

o afirmado anteriormente pelos estudos consultados, pois as escrituras de venda, pela natureza da função pública do tabelionato e para adquirir validade, deviam obedecer a uma forma regulamentada de produção.¹

Para a confirmação ou não da hipótese de investigação, esta última tabela demonstra claramente que não é possível encontrar uma estrutura própria à tradição discursiva das escrituras de venda contidas no Fundo João Martins Ferreira. Assim sendo, a resposta à nossa pergunta inicial de pesquisa é parcialmente respondida afirmativamente: existe uma tradição discursiva nas escrituras de venda do Fundo João Martins Ferreira mas ela não é exclusiva aos documentos deste fundo. Como tal, teremos de formular outros caminhos de investigação para demonstrar possíveis ligações profissionais entre os tabeliães autores de documentos partes deste Fundo.

Formas Linguísticas

Analisada a estrutura das escrituras de venda, passamos agora à análise das formas linguísticas e de alguns fenómenos que se tornaram evidentes à medida que os documentos foram lidos e transcritos. Todas as conclusões relativas às formas linguísticas são retiradas da análise da tabela que se segue:

Nº	Data	Tabelião	Sabham	Saibham
1.	1317/12/09	Afonso Romães	✘	✘
2.	1359/11/05	Afonso Vicente	✓	
3.	1396/08/26	Afonso Rodrigues	✓	
4.	1397/05/29	João Garcia	✓	
5.	[1402/09/06]	Gonçalo Anes	✓	
6.	1413/04/03	Pedro Afonso	✓	
7.	1417/03/13	Diogo Álvares	[...]	[...]
8.	1419/11/06	Pedro Afonso	✓	
9.	1430/07/12	Vasco Gil		✓
10.	1444/08/22	Afonso Gil	✓	
11.	1447/10/12	Afonso Gonçalves	✓	
12.	1449/12/11	Fernão Vicente		✓
13.	1459/09/19	João Barbosa		✓
14.	1470/12/21	Fernão Vicente		✓
15.	1472/06/09	Rui Gonçalves		✓
16.	1472/09/24	Fernão Vicente		✓
17.	1472/11/27	Lourenço Pires		✓
18.	1475/07/15	Álvaro Anes de Landim	[...]	[...]
19.	1476/12/16	Rodrigo Anes		✓
20.	[1477/04/11]	Pedro Luís		✓
21.	1477/12/02	Lourenço Pires		✓
22.	1477/12/20	Pedro Álvares de Landim		✓
23.	1483/08/02	João Barbosa		✓

¹ Nogueira, *Tabelionato*, 17-18.

24.	1484/06/19	João Barbosa		✓
25.	1484/10/11	Pedro Fernandes		✓
26.	1485/02/11	Pedro Fernandes		✓
27.	[1485/03]	Pedro Luís		✓
28.	1487/02/12	João Barbosa		✓
29.	1487/04/26	Pedro Fernandes		✓
30.	1487/10/01	Rodrigo Anes		✓
31.	1488/09/05	João Barbosa		✓
32.	1489/05/22	Pedro Fernandes		✓
33.	1489/08/26	Pedro Fernandes	[...]	[...]
34.	1489/08/26	Pedro Fernandes		✓
35.	1489/11/21	Pedro Fernandes		✓
36.	1489/12/10	Pedro Fernandes		✓
37.	1490/02/01	Pedro Fernandes		✓
38.	1490/02/03	Pedro Fernandes		✓
39.	1490/04/23	Pedro Fernandes		✓
40.	1490/06/04	Pedro Fernandes		✓
41.	1490/06/10	Pedro Fernandes		✓
42.	1490/10/29	Pedro Fernandes		✓
43.	1492/07/04	João Barbosa		✓
44.	1496/03/22	Pedro Fernandes		✓
45.	1497/01/25	Pedro Fernandes		✓
46.	1499/03/26	Fernão Gomes		✓
47.	1502/03/05	Pedro Fernandes		✓
48.	1502/04/20	João Barbosa		✓
49.	1502/08/05	Pedro Fernandes		✓
50.	1503/11/28	Pedro Fernandes		✓
51.	1506/12/17	Rui de Coiros		✓
52.	1510/03/23	Rui de Coiros		✓
53.	1510/05/01	Pedro Fernandes		✓
54.	1515/03/22	Rui de Coiros		
55.	152?	João Lourenço	[...]	[...]
56.	1540/01/21	João Veloso		✓

Legenda: ✓ – “Ocorrência”; ✗ – “Não ocorrência”; [...] – Documento truncado

Claramente expressa na tabela, foi detetada uma evolução na flexão do verbo saber, “sabham” (deve ler-se “sábiam”), que, com o passar dos anos, se transforma em “saibham” (deve ler-se “saibam”). A partir de uma análise pragmática diacrónica, verificamos a existência de uma metátese por atração da tónica, ou seja, há uma transposição da vogal de uma sílaba (neste caso, o “i” em “bh”) para a sílaba anterior que é a sílaba tónica. Esta evolução está claramente documentada no nosso universo de amostra entre os anos 1430 e 1449. A partir deste último ano, a conjunção “saibham” implanta-se definitivamente na documentação produzida pelos variados tabeliães e o seu

uso permanece constante até ao documento mais recente em estudo, com datação de 1540. O termo atual “saibam” é claramente o resultado de uma evolução linguística diacrónica e o fenómeno agora descrito é a identificação num momento sincrónico de uma dessas transições, algo muito raro de se conseguir identificar.¹

CONCLUSÃO

Aqui chegados, resta-nos recompilar as informações conseguidas através deste processo de investigação. Relembramos que a premissa inicial que guiou este percurso prendia-se com a tentativa de arranjar forma de demonstrar uma certa unidade no corpo documental escolhido. Esta unidade, definida pelo Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto com base na ligação direta ou indireta de cada documento com o mercador portuense João Martins Ferreira não satisfazia a nossa avaliação pessoal após contacto com cada um dos documentos do fundo documental. Em vez disso aventamos a possibilidade destes documentos terem sido produzidos por tabeliães com uma ligação profissional entre eles.

Escolhida a tipologia documental mais representativa do fundo, as escrituras de venda, procedemos à identificação dos atos discursivos relevantes em cada um dos documentos de forma a conseguirmos determinar a tradição discursiva neles contida. Depois de identificada essa tradição discursiva, procedemos à mesma análise para outras escrituras de venda provenientes de outros fundos documentais para sabermos se a tradição discursiva identificada é ou não exclusiva do fundo. Pelos dados coligidos, verificamos que é uma tradição discursiva comum a todas as escrituras de venda por nós consultadas. Assim sendo, a resposta à nossa hipótese inicial não pode ser respondida através do processo de identificação de uma tradição discursiva nas escrituras de venda do Fundo João Martins Ferreira. Esta conclusão não faz com que a dúvida se tenha dissipado, mas esta terá de ser clarificada através de outros caminhos de investigação.

¹ Queremos agradecer à Professora Doutora Clara Barros (FLUP) a validação desta descoberta.

Fuentes, estructura, ámbitos y líneas de interpretación en el estudio de las relaciones entre la Iglesia y la realeza castellana (1366-1390)

José Antonio Chelle Ortega
Universidad Complutense de Madrid

Resumen:

Entre 1366 y 1369, Castilla se vio envuelta en una guerra civil que enfrentó al que era por entonces rey de Castilla, Pedro I, con su hermanastro Enrique de Trastámara. La victoria de este último se debió, en buena medida, a la intervención en el conflicto de un sector importante del clero castellano; bien financiando las campañas de Enrique; bien luchando por su legitimidad en el campo de batalla. Una vez derrotado Pedro I, asesinado por su hermanastro en los campos de Montiel, Enrique se convirtió en rey de Castilla. Apoyándose en la Iglesia Castellana, buscó a lo largo de su reinado la legitimidad de su nueva posición a través de la articulación de unos mecanismos de relación basados en la reciprocidad. Mismas políticas se llevaron a cabo durante el reinado de su hijo Juan I, con el objetivo de consolidar la dinastía.

Palabras clave:

Castilla, Iglesia, relaciones, poder

Abstract:

In 1366 commenced a civil war originated by the conflict between Peter I of Castile and his stepbrother Henry of Trastámara, not coming to an end until 1369. To a large extent, the victory of Henry was due to the intervention on the conflict of an important sector of the Castilian Church either financing Henry's campaigns or fighting for his legitimacy on the battlefield. Once Peter was defeated and assassinated by his stepbrother in Campo de Montiel, Henry became the king of Castile. He sought during his reign the legitimacy of his new role leaning on the Castilian Church through mechanisms based on a reciprocal relationship. Henry's son, John I, carried on the same strategy as his father. He continued working for the consolidation of the new dynasty, the House of Trastámara.

Keywords:

Castile, Church, relationships, power.

1. INTRODUCCIÓN

El 17 de mayo de 1366, Enrique II concedía inmunidad de posadas a los canónigos y compañeros de la Iglesia de Toledo, mandando a los alcaldes, alguaciles y caballeros de la ciudad que la guardasen en adelante. Es la primera noticia de la intervención del primer Trastámara en la Iglesia Castellana, punto de partida de unas relaciones que se iban a consolidar durante los años siguientes.

El primer Trastámara, sabiendo de lo importante que era mantener el apoyo, empezó a llevar a cabo una política encaminada a favorecer los intereses del clero castellano. En el ámbito político-institucional, el clero castellano, especialmente las altas dignidades, ocuparon cargos relevantes en las instituciones políticas del reino, participaron en la actividad bélica y diplomática y contribuyeron a la legitimidad del nuevo monarca mediante la propaganda y la ceremonialización. Desde el plano jurisdiccional y económico, Enrique II optó por dar y confirmar privilegios y donaciones, que permitieron tanto a la Iglesia, como a algunos de sus miembros, aumentar su patrimonio. Por último, el rey dejó sentir su influencia dentro de la propia institución mediante su intervención en las elecciones episcopales, favoreciendo los intereses de aquellos que actuaban a favor de su causa.

Las mismas políticas se llevaron a cabo durante el reinado de su hijo Juan I, especialmente durante los primeros años. El objetivo del segundo Trastámara siguió siendo el de consolidar una nueva dinastía, la Trastámara, cuya posición quedaba en “entredicho” por algunos sectores, como consecuencia de la bastardía del linaje. La colaboración entre la monarquía y la jerarquía eclesiástica a lo largo de este periodo iba a resultar en una renovación tanto en el plano institucional como en el religioso. Así pues, en principio, podemos defender el planteamiento de que las relaciones entre ambas instituciones tuvieron un carácter simétrico para ambos reinados.

Por otro lado, no hay que olvidar que, durante este periodo, Castilla se vio involucrada en la conflictividad acaecida en el Occidente Medieval. El Cisma de Occidente y la guerra con Portugal fueron dos de los acontecimientos de mayor relevancia. Las líneas trazadas por Castilla en ambos conflictos se encuadran dentro de estas relaciones, pues el papel del clero castellano fue especialmente relevante.

En conclusión, para entender la dinámica política, social y económica de la época, hay que atender a un análisis completo de las relaciones entre las dos instituciones de mayor poder del Occidente Medieval. Unas relaciones que, para el caso castellano, se intensificaron durante este periodo.

2. ENCUADRAMIENTO Y OBJETIVOS

Los monarcas castellanos estuvieron interesados en convertir al episcopado en una de las bases de sostenimiento político de la Monarquía. Para conseguirlo, era necesario vincularlo a través de algunos de sus representantes a los intereses políticos regios de cada momento. Así, los monarcas incluyeron a algunos prelados en las estructuras político-administrativas del reino, a la vez que, incluso con carácter institucional, hicieron que se comprometieran en empresas políticas regias. De este modo, a través de un compromiso personal de algunos obispos y de un compromiso institucional de todo el episcopado, éste fue quedando progresivamente inmerso en la política regia¹.

Generalmente, la vinculación de un prelado a una actividad política asidua junto al rey tuvo su origen en el mantenimiento de estrechas y frecuentes relaciones por parte del obispo con el monarca, de carácter personal, integrándose paulatinamente en la Corte regia. El origen de tal relación personal podía ser muy diverso. En unas ocasiones, se trataba de prelados o de clérigos que ejercían funciones religiosas junto al monarca. Este era el caso de los confesores reales, los capellanes regios o los clérigos del Rey. Otras veces, se trataba de eclesiásticos pertenecientes a familias tradicionalmente vinculadas a los medios cortesanos y dedicados al servicio del Rey. Finalmente, hubo clérigos, rápidamente ascendidos a la condición episcopal, que gracias a su buena preparación para asuntos administrativos y burocráticos consiguieron acceder al círculo político regio².

Las actividades políticas en que los monarcas emplearon al episcopado fueron muy diversas, afectando a casi la totalidad de los ámbitos de la vida política del reino. En la administración central, hubo puestos clave tradicionalmente ejercidos por prelados, como el de notario o el de canciller. Asimismo, actuaron como consejeros habituales del rey. Su participación en la política exterior fue igualmente relevante (una buena parte de las misiones diplomáticas ante cortes extranjeras fueron encomendadas a prelados³), la guerra

¹Para profundizar en el marco de las relaciones monarquía-episcopado véase José Manuel Nieto Soria, "Las realidades cotidianas de las relaciones Monarquía-Episcopado en Castilla. Siglos XIII-XIV", in *Etat et eglise dans la genese de l'etat moderne: Actes du colloque organisé par le Centre National de la Recherche Scientifique et la Casa de Velazquez*, coords. Jean-Philippe Genet y Bernard Vicent (Madrid: Casa de Velázquez, 1986), 285-294.

²Ibid., 219.

³Un buen estudio sobre la actividad diplomática de los eclesiásticos castellanos es el de Óscar Villarroel González, "Eclesiásticos en la diplomacia castellana", *Anuario de Estudios Medievales* 40 (2010): 791-819

y la repoblación también conocieron la casi ininterrumpida intervención episcopal, secundando las iniciativas regias¹.

Desde épocas anteriores, los clérigos habían copado los puestos de las Cancillerías y Notarías. Muchos formaron parte del Consejo Real, fueron privados del rey o ejercieron cargos específicos, como el de capellán o confesor del rey². Para el periodo de tiempo que estamos estudiando, el cual abarca el último cuarto del siglo XIV, la nómina de eclesiásticos que participaron dentro del sistema político castellano fue muy abundante. Dentro del clero secular encontramos personajes de la talla de Pedro Fernández Laguardia, don Pedro Tenorio o Gutierre Álvarez de Toledo.

Dicha participación eclesiástica en la política del reino fue recompensada por los monarcas, quienes, dentro del marco jurisdiccional y económico, otorgaron donaciones e hicieron concesiones a la Iglesia Castellana, no sólo a nivel institucional, también a nivel personal, siendo una de las principales consecuencias el incremento de su patrimonio.

El objetivo de la tesis es el estudio de las relaciones entre la realeza y el episcopado castellano en sus múltiples ámbitos. Analizar el carácter de reciprocidad de estas relaciones, atendiendo al contexto en el que se desenvuelven, así como las posibles causas y consecuencias de estas. Además, se intentará profundizar en las similitudes y diferencias en las políticas regias de Enrique II y su hijo Juan I con respecto a la Iglesia, con el fin de confirmar distintas hipótesis sobre los espacios de actuación vinculadas con el poder de ambas instituciones.

3. FUENTES

Las principales fuentes para el estudio de las relaciones entre la Monarquía y la Iglesia Castellana son cronísticas, documentales y bibliográficas.

Dentro de las fuentes cronísticas destacamos las *Crónicas de Enrique II y Juan I* elaboradas por el Canciller López de Ayala³, personaje de la época que tuvo especial significación política, formando parte del círculo de confianza de ambos monarcas, aspecto que permite catalogar ambas dentro de una cierta veracidad.

Por otro lado, la documentación de los archivos catedralicios permite realizar un estudio profundo sobre las relaciones entre ambas instituciones. Algunos de los fondos de mayor riqueza documental son los del Archivo de la Catedral de Toledo (A.C.T.), los del Archivo Catedral de Sevilla (A.C. Sevilla.) y los del Archivo Catedral de Salamanca (A.C. Salamanca). También los Archivos Provinciales y los Archivos Municipales cuentan con abundante documentación, especialmente, en lo tocante al ámbito jurisdiccional y la conflictividad entre la jerarquía eclesiástica y otras instituciones como los concejos. Dos de los archivos de mayor relevancia son el Archivo Municipal de Murcia (A.M.M) y el Archivo Municipal de Burgos (A.M. Burgos), cuyos fondos, para beneficio del investigador, están digitalizados. Por último, señalar también la importancia de los archivos estatales, como el Archivo Histórico Nacional (A.H.N.) o la Biblioteca Nacional (B.N.), que también cuentan con importantes fondos documentales.

¹José Manuel Nieto Soria, *Las realidades cotidianas de las relaciones Monarquía-Episcopado...*, 219-220.

²Para conocer el papel eclesiástico entre mediados del siglo XIII y mediados del siglo XIV véase José Manuel Nieto Soria, *Iglesia y poder real en Castilla: el episcopado (1250-1350)* (Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1988). Trabajos más específicos como el de David Nogales Rincón, "Las capillas y capellanías reales castellano-leonesas en la Baja Edad media (siglos XIII-XV): algunas precisiones institucionales", *Anuario de Estudios Medievales* 16 (2016): 737-736, o Guillermo Arquero, "El confesor real en la Castilla de los Trastámara", *Anuario de historia de la Iglesia* 25 (2016): 530-537.

³"Crónica de Enrique II, Juan I y Enrique III" in *Crónica de los Reyes de Castilla. Desde don Alfonso el Sabio hasta los Católicos don Fernando y doña Isabel*, Vol. II, C. Rossel, ed., (Editorial M. Rivadeneyra, 1877).

Dentro de las fuentes bibliográficas para este periodo, podemos destacar entre otros, los estudios de Luis Suárez Fernández¹ y Julio Valdeón², que permiten contextualizar el marco de las relaciones entre la realeza y el episcopado castellano. Existen estudios que permiten tener una visión general sobre las relaciones Monarquía-Iglesia en Castilla, destacando los realizados por José Manuel Nieto Soria³. Por último, existen estudios parciales sobre algunos miembros del episcopado castellano de la época, como los centrados en la figura de los primados Gómez Manrique⁴ o don Pedro Tenorio⁵.

No obstante, podemos hablar de una falta de estudios sobre este ámbito, y los que existen, podrían ser objeto de revisión, pues han quedado algo obsoletos en el tiempo. Esto último se debe, en buena medida, a que la historiografía actual centra sus investigaciones sobre este ámbito en el siglo XV, quedando algo olvidado el siglo XIV.

4. METODOLOGÍA

Para la elaboración del presente trabajo se está siguiendo una metodología basada en la utilización de las fuentes. En primer lugar, es imprescindible realizar un vacío bibliográfico con el fin de obtener la máxima información posible. Es aquí donde nos encontramos con los primeros problemas, pues como bien se ha señalado en el apartado anterior, la historiografía sobre este ámbito se ha centrado especialmente en el siglo XV. Si bien, los estudios centrados en la segunda mitad del siglo XIV, nos permite poder ofrecer una visión general y organizar los planteamientos que se quieren desarrollar en la tesis a modo de estado de la cuestión.

Una vez elaborado un primer índice y haber marcado los objetivos, es preciso acudir a las fuentes documentales, con el fin de contrarrestar la falta de información bibliográfica en algunos de los ámbitos que se quieren tratar en la tesis. La visita a los archivos es una parte fundamental y el trabajo en ellos es clave para su realización. La documentación está siendo organizada en una base de datos, con el fin de facilitar, mediante la elaboración de un informe, la labor de investigación. Se está atendiendo principalmente a privilegios y donaciones reales, bulas papales, nombramientos eclesiásticos, documentos de compra-venta, y pleitos y sentencias relacionadas con cualquier tipo de intervención regia o papal. El rastreo documental está siendo de gran utilidad a la hora de elaborar un índice prosopográfico de los prelados de aquella época, atendiendo a su carrera eclesiástica y política.

Por último, las fuentes cronísticas y otras obras contemporáneas de la época nos ayudan a precisar la actividad política de algunos prelados, especialmente, en lo tocante a la actividad bélica y diplomática.

¹Luis Suárez Fernández, *Historia del reinado de Juan I de Castilla, vol. I: Estudio* (Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1977). Del mismo autor: *Castilla, el Cisma y la Crisis Conciliar (1378-1440)* (Madrid: CSIC, 1960).

²Julio Valdeón Baroque, *Enrique II de Castilla: la Guerra Civil y la consolidación del régimen (1366-1371)*, (Valladolid: Universidad de Valladolid, 1966). Del mismo autor: *Enrique II (1369-1379)* (Palencia: La Olmeda, 1996).

³Entre ellos destacar José Manuel Nieto Soria, *Iglesia y Génesis del Estado Moderno en Castilla (1369-1480)*, (Madrid: Editorial Complutense, 1993).

⁴Ana Arranz Guzmán, "Un personaje y un episodio de la guerra civil castellana: el arzobispo D. Gómez Manrique y el Ordenamiento de Toledo de 1366", *Anuario de Estudios Medievales*, no. 18 (1988): 309-322.

⁵Entre otros: Rafael Sánchez Sesa, "Don Pedro Tenorio, (c. 1328-1399). Aproximación a la vinculación eclesiástica, familiar y política de un arzobispo de Toledo al reino de Portugal" in *As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas*, (Porto: Universidad do Porto, 1998), 1479-1492.

5. ALGUNOS DATOS SOBRE LAS RELACIONES ENTRE LA MONARQUÍA Y EL CLERO CASTELLANO EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIV

La evolución que experimentaron las relaciones entre la Monarquía y la Iglesia Castellana a lo largo de la segunda mitad del siglo XIV se aprecia en los distintos ámbitos de intervención de ambas instituciones. Desde el punto de vista del investigador, se hace necesario profundizar en el análisis de las dimensiones políticas, sociales, económicas y culturales, así como en los mecanismos utilizados, con el objetivo de lograr un trabajo completo. Veamos algunos ejemplos.

5.1. EL PAPEL DEL CLERO CASTELLANO EN LA POLÍTICA CASTELLANA

A lo largo de Edad Media, la presencia de eclesiásticos en las instituciones de gobierno fue habitual. En Castilla, el ascenso de la dinastía Trastámara vino a acentuar esta práctica. Pero no sólo su intervención en el ámbito político se concentró en el ámbito institucional, el clero castellano también participó activamente en los distintos conflictos, tanto internos como externos, en los que se vio envuelto el reino. Así pues, podemos asegurar una presencia sistemática de eclesiásticos en la vida política del reino.

La carrera eclesiástica y política de algunos personajes se desarrolló paralelamente, consiguiendo un ascenso meteórico que los llevaría a ocupar puestos importantes dentro de ambas jerarquías. Buena parte de las dignidades eclesiásticas que comenzaron su trayectoria en los inicios del reinado de Enrique II, consolidaron su posición con Juan I. Esta misma tendencia se observa para este último reinado, algunos miembros que iniciaron su andadura con el segundo Trastámara, jugaron un papel muy importante en el reinado de Enrique III. Analizamos algunos casos.

Como bien se ha señalado anteriormente, la victoria de Enrique de Trastámara sobre su hermanastro Pedro I se debió, en buena medida, a la intervención del clero castellano. Dicha intervención se puede localizar tanto desde el punto de vista militar, como desde el punto de vista propagandístico y legitimador. Una de las altas dignidades eclesiásticas que apoyó la causa Trastámara fue el arzobispo de Toledo don Gómez Manrique. Desde 1361, fecha muy temprana, Enrique II otorgó y confirmó numerosos privilegios al arzobispado y al cabildo Toledano. Pero es a partir de 1369 cuando la documentación refleja que esta intervención regia se dio como agradecimiento a los servicios prestados por el arzobispo al rey por recobrar sus reinos¹. El propio primado, quien la crónica de Ayala sitúa junto a Enrique en plena guerra, ocupó puestos de relevancia en el marco institucional, siendo oidor de la Audiencia Real y Canciller Mayor del primer Trastámara. Otra participación destacada fue la de Gutierre Gómez de Toledo. Su intervención en favor de Enrique le llevó a ocupar, entre otros, los cargos de Notario Mayor de Andalucía y Canciller de la reina Juana Manuel. Además, fue designado en 1375 como comisionado para la firma del tratado de Almazán con Aragón. Ya en el reinado de Juan I, la correspondencia que se conserva entre Gutierre, obispo de Oviedo por entonces, y el propio monarca, permite asegurar que desde 1379 era oidor de la Audiencia Real². Otro ejemplo es el de Juan García Manrique, quien, en 1367, era Notario Mayor de los Privilegios Rodados de Enrique II. Fue Notario Mayor del reino de León, oidor de la Audiencia Real, consejero y Canciller Mayor del primer Trastámara. Su ascenso político coincidió con su avance en la carrera eclesiástica, primero como obispo de Ourense y después ocupando la mitra de Sigüenza. En el reinado de Juan I, siguió ostentando el cargo de Canciller Mayor del rey y fue miembro del Consejo Real. Pasó a ser obispo de Burgos en 1381, siendo designado un año después como arzobispo de Santiago. Mismos cargos mantendría con Enrique III, hasta que en 1398, tuvo que exiliarse a Portugal

¹A.C.T. 0.7.A.3.4.

²El 18 de abril de 1385, en una carta plomada, el rey Juan I concedía a don Gutierre, obispo de Oviedo y oidor de la Audiencia Real, 12.000 mrs anuales en las alcabalas de Valencia de Don Juan para toda su vida. A.C.T. O 3. C. 1. 28.

por diferencias con el rey¹. Por último, entre esta nómina de personajes que apoyaron la causa Trastámara, se encuentra don Pedro Tenorio. En 1369 le localizamos como procurador de Enrique ante el Papa. No obstante, a pesar de convertirse en arzobispo de Toledo en 1377, no gozó de la confianza del rey. Ya en el reinado de Juan I, el primado se convirtió en uno de los personajes de mayor relevancia en la vida política del reino. Siendo tutor del infante Enrique², consejero y privado del rey, miembro del Consejo Real y Canciller Mayor de Castilla³. Dicha actividad institucional se mantuvo durante el reinado de Enrique III⁴.

5.2. CEREMONIALIZACIÓN DE LA VIDA POLÍTICA

La ritualización de la vida política fue uno de los mecanismos utilizados por la realeza Trastámara en Castilla con el objetivo de reforzar la autoridad monárquica. Este formato de origen litúrgico-religioso, pero con claros fines político-seculares, necesitó la presencia de eclesiásticos para su desarrollo. En el análisis de buena parte de las ceremonias políticas llevadas a cabo en los inicios de la dinastía Trastámara, se puede constatar una participación significativa del clero castellano, ejerciendo funciones específicas en ceremonias de acceso al trono, bautizos y bodas reales, juramentos políticos, exequias regias, etc. Esta tendencia se acentúa en el siglo XV, alcanzando su punto más álgido en el reinado de los Reyes Católicos. Junto a esto, no hay que olvidar que muchas de estas ceremonias se celebraron en espacios religiosos, dando una mayor proyección a este ideal.

Entre 1366 y 1390, marco temporal de este estudio, son varios los ejemplos documentados que ponen de manifiesto esta dualidad político-religiosa. Significativa es la ceremonialización de la vida política en el reinado de Juan I. El propio monarca fue entronizado en el Monasterio de las Huelgas de Burgos el día de Santiago de 1379. Aunque de la ceremonia tenemos pocos datos, si sabemos que contó con la presencia de numerosos eclesiásticos, entre ellos, el arzobispo de Toledo don Pedro Tenorio. Curioso fue el incidente que protagonizó el primado, quien acudió a la ciudad con un gran séquito, con el cabildo burgalés. Tenorio ordenó alzar su cruz como metropolitano por la ciudad, pero el cabildo protestó ante esta situación. Finalmente, para evitar un conflicto mayor, Juan I ordenó al arzobispo a renunciar a su propósito⁵. Casi cuatro años más tarde, a mediados de mayo de 1383, se concretó el matrimonio entre Juan I y Beatriz de Portugal. En los actos ceremoniales, tuvieron un papel significativo el obispo de Badajoz, el legado Pedro de Luna, y el arzobispo de Santiago, Juan García Manrique. El primero, procedió a la lectura de los capítulos matrimoniales, sobre los que el rey y su Corte juraron; el segundo, fue el encargado de otorgar la dispensa necesaria para el casamiento y procedió a la toma de mano de los contrayentes en una lujosa tienda preparada en la Ribera de Chinchas; y Juan García Manrique, revestido de pontifical, fue el encargado de officiar la misa de velaciones⁶. Ya en 1390, tras la muerte de Juan I, don Pedro Tenorio celebró en Alcalá de Henares unas exequias mínimas, como imponía la tradición, a la espera de que el cuerpo del monarca fuese trasladado a Toledo. Presidió las exequias en presencia de todos los frailes y religiosos de la ciudad. El primado mandó que todos los clérigos de las parroquias de la ciudad officiasen misa y vigiliass en honor del difunto rey, así como el mantenimiento de todas las

¹José Manuel Nieto Soria, *Iglesia y Génesis*, p. 438.

²El 12 de julio de 1390, Enrique III escribía al primado saludándole como “uno delos mis tutores e rregidores de mis rregnos”. A.C.T., A.H.8.2.1.

³En una carta fechada en 1390 al cabildo de Sevilla, el primado se intitulaba “Chancellor Mayor de Castiella”. A.C.S.

⁴En la escritura de fundación de la Capilla de San Blas, fechada el 9 de noviembre de 1397, el arzobispo de Toledo se sigue intitulando “Chançeller Mayor de Castiella”. A.C.T. E.6.A.1.1.

⁵A.C.T.X.8.B.1.2.A.

⁶Luis Suárez Fernández, *Historia del reinado de Juan I de Castilla, Vol. I: Estudio...*, 135-136.

actividades luctuosas durante nueve días, el periodo que solían durar con motivo de las muertes reales¹.

5.3. RELACIONES JURISDICCIONALES Y ECONÓMICAS

Los privilegios otorgados por Enrique II a la Iglesia Castellana, buena parte de ellos confirmados por su sucesor Juan I, tuvieron un marcado componente jurisdiccional. En este sentido, son relevantes algunos ejemplos documentados, como la donación por parte de Enrique II de algunas villas como Illescas² o Talavera³ al arzobispo Gómez Manrique y al cabildo toledano, como recompensa por los servicios prestados en favor del Trastámara en el conflicto que enfrentó a este con su hermanastro Pedro I.

En lo tocante a las relaciones económicas entre la Monarquía y el clero castellano, la documentación conservada en los archivos catedralicios nos permite abordar y poder analizar este ámbito. Rentas a la Corona, peticiones en las Cortes, concesión de privilegios económicos, etc., son algunos de los ejemplos de intervención. En este sentido, sabemos que en 1376 se hizo una estimación de las rentas anuales del obispado de Astorga. Del total de 195.405 maravedíes, la Corona debía percibir 19.540 maravedíes⁴. En 1388, el rey Juan I concedía a la catedral de Oviedo el llamado privilegio de los excusados, por el cual la iglesia podía disponer de diez canteros libres de todo pago o servicio, excepto los tocantes a las alcabalas, mientras durasen las obras de construcción de la nueva catedral⁵.

Además, hay que tener en cuenta que dentro de la conflictividad del periodo, destacan algunos ejemplos de concesiones y gastos relacionados con el conflicto castellano-portugués y el Cisma de Occidente. En diciembre de 1384, el rey castellano había decidido convocar al ejército para abril del año siguiente. La preparación de la flota se hizo de manera minuciosa. Por un lado, desde Sevilla, el arzobispo de Toledo, don Pedro Tenorio, se encargó del armamento de quince galeras; por otro, el Consejo de Regencia, con don Gutierre como protagonista, se encargó de que los puertos del cantábrico proporcionasen naos a la contienda⁶. Debíó de hacer buena labor el obispo ovetense, pues a mediados de abril de 1385, el rey castellano le concedía 12.000 maravedíes anuales en las alcabalas de Valencia de don Juan, otorgamiento que tenía carácter vitalicio⁷. Ese mismo año, Juan I apremiaba al cabildo de Salamanca a pagar la parte que le correspondía de las 20.000 doblas que el Papa le debía como gasto de las ocho galeras castellanas que se habían mandado al Mediterráneo en favor del pontífice⁸. Un año después, el rey de Castilla daba al arzobispo don Pedro Tenorio recibo y libramiento en cuenta detallada de las cantidades que de él recibió en pago de la armada y gastos hechos a favor de este⁹.

La misma práctica se observa por parte del Pontificado. En el verano de 1373, Don Ponce de Campelles, arcediano de Triacastela, en la iglesia de León, recaudador de todos los bienes que pertenecían a la cámara del Papa en el obispado de León, y Sancho González, canónigo de la iglesia de León, recibían de Juan Ramírez de Guzmán, procurador del obispo de León, 635 florines del subsidio que el obispo y su iglesia hubieron de dar al papa¹⁰. En 1383, Pascual Soriano, familiar de don Pedro de Luna, cardenal de Aragón y legado de Clemente VII en los reinos peninsulares, recibía 7.393 maravedíes de Diego Fernández de Villamizar, compañero de la iglesia de León, fruto del beneficio otorgado por el Papa al

¹Ibid., 121.

²A.C.T, A.8.G.1.2

³A.C.T, Z.3.C.1.1

⁴A.C.Astorga, ms. 4/16. F. 12v. núm 8.

⁵A.C.O. Cuadernillos, carp. 3, N° 7, fols. 8v. a 10v.

⁶Ibid., 210.

⁷A.C.T. O.3.C.1.28.

⁸A.C.Salamanca, Caj. 34, leg. 1, n°31.

⁹A.C.T, S. A. 8. H. 1. 3.

¹⁰A.C.L, N° 7042.

legado¹. Dicho benefició causó un conflicto importante, ya que algunas dignidades eclesiásticas, entre ellas don Pedro Tenorio, se negaban a pagar todo lo que le correspondía al legado².

5.4. INTERVENCIONISMO PAPAL Y REGIO EN LA ESTRUCTURA ECLESIAÍSTICA

Una de las prácticas habituales tanto de la Monarquía castellana como del Pontificado fue la de intervenir en la estructura eclesiástica. Es más, entre 1369 y 1390, periodo donde la monarquía buscaba el reforzamiento de su autoridad monárquica en Castilla, y donde la cristiandad se encuentra dividida por la doble elección papal, cada una de las instituciones buscaba ejercer la mayor influencia posible. Gracias a los fondos catedralicios, podemos documentar algunos ejemplos de estos procesos de elección de dignidades eclesiásticas, principalmente arzobispos y obispos, aunque también con miembros de escalafón más bajo de la jerarquía.

Un buen ejemplo de la influencia tanto regia como pontificia fue la promoción de don Pedro Tenorio como arzobispo de Toledo. En diciembre de 1375, la mitra toledana dejó de tener dueño tras la muerte de Gómez Manrique, abriéndose un proceso de elección bastante convulso en el que el juego de influencias imperó por encima de cualquier acción. El difunto arzobispo había recomendado como su sucesor a don Pedro Fernández Cabeza de Vaca, deán de Toledo. Algunos miembros del cabildo apoyaron su recomendación, pero otros se inclinaron por su sobrino y recién elegido obispo de Sigüenza Juan García Manrique, quien también recibió el apoyo del rey castellano. Así lo describe la crónica de Ayala:

“Murió don Gómez Manrique, Arzobispo de Toledo é ovo grand contienda en la Iglesia de Toledo por aver arzobispo; la unos querian á Don Juan Garcia Manrique, Obispo de Siguenza, é sobrino del arzobispo Don Gomez Manrique, é otros á Don Juan Fernandez Cabeza de Vaca, Dean de la dicha Iglesia, é el Rey queria mas que lo fuese el obispo de Siguenza”.³

Ante esta disyuntiva, el cabildo toledano se reunió para proceder a la nueva elección. Aunque no se han conservado las actas de las deliberaciones, si se sabe que se produjo una doble elección, por lo que el resultado tuvo que ser enviado a Roma para que fuese deliberado por la Santa Sede que⁴, como en otras ocasiones, se declinó por una tercera persona. En esta ocasión el Papa Gregorio XI nombró a don Pedro Tenorio arzobispo de Toledo el 13 de enero de 1377⁵.

Años antes, en 1370, una Bula de Gregorio XI, dirigida al arcediano de Sevilla y sacristán de Aviñón, y a Gutierre González, canónigo de Burgos, concedía el deanato de Salamanca a don Raimundo Bodín, que había quedado vacante por promoción al obispado Auriense de Don Juan de Segovia⁶. En noviembre de 1382, Clemente VII nombraba deán de Astorga a Pedro Martínez de Teza, canónigo y escolástico de Ciudad Rodrigo⁷. Ese mismo año, Pascual García era nombrado obispo de Orense a petición de Juan I ante Urbano VI. El rey escribió al pontífice señalando los servicios de este al rey como embajador en Navarra

¹A.C.L, N° 11328

²Esta negativa se confirma en una carta del arzobispo de Toledo al obispo, cabildo y clerecía de Cartagena en la que el primado da a conocer todos los detalles del pleito que sostenía el y otras iglesias contra el Cardenal Pedro de Luna. Les informa de la avenida hecha por el rey Juan I para que paguen la mitad, comunicando a la iglesia de Cartagena que les corresponde pagar un total de 2.777 mrs, diez dineros, 55 florines y medio cuño de Aragón, ACT, o.8.C.3.1.

³“Crónica de Enrique II”, en *Crónica de los Reyes de Castilla. Desde don Alfonso el Sabio hasta los Católicos don Fernando y doña Isabel...*, p. 29.

⁴“é este ovo de ir al Papa Gregorio. Ibid., 29.

⁵VV. AA., *Los primados de Toledo* (Toledo: Diputación Provincial de Toledo, 1993), 83.

⁶A.C.Salamanca, Caj. 15, leg. 1, núm. 72.

⁷A.H.V, Reg. Av. 232, ff. 170v-171v.

para tratar la cuestión cismática¹. También en el mismo año, el Papa Clemente VII comunicaba al cabildo de Burgos que había elegido arzobispo de Santiago al que era su obispo, Juan García Manrique; al mismo tiempo les notificaba la elección de Gonzalo de Mena, obispo de Calahorra, para la sede burgense². A lo largo de su reinado, Juan I intervino en numerosas ocasiones en la elección de miembros del cabildo cordobés.

A pesar de los numerosos ejemplos de intervencionismo, en ocasiones, el rey y el pontificado se limitaron a confirmar la elección realizada por los cabildos. El 29 de octubre de 1382, Clemente VII confirmaba la elección hecha por el cabildo asturicense de su nuevo obispo, Juan Alfonso, a pesar de que el pontífice tenía reservado el nombramiento de esta dignidad. Dicha intervención venía a asegurar la posición del nuevo prelado, pues sin la confirmación del Papa, la elección hubiera sido nula canónicamente³.

5.5. DIMENSIÓN SOCIAL

Buena parte del clero castellano, especialmente el secular, procedía del estamento nobiliario. De esta manera, la nobleza castellana sacia sus aspiraciones económicas, pues los cargos eclesiásticos reportaban, por lo habitual, numerosos beneficios. La abundante documentación que se conserva ha permitido que, en los últimos quince años, salgan a la luz importantes trabajos sobre este ámbito⁴.

Importantes son los ejemplos documentados sobre las prácticas de algunas dignidades eclesiásticas en favor de sus propios linajes, promoviendo a algunos miembros de su familia dentro del estamento eclesiástico. Esta misma práctica se observa en el caso de la promoción por parte de Benedicto XIII de su sobrino Pedro de Luna al arzobispado de Toledo, proceso que duró desde la muerte de don Pedro Tenorio en 1399 hasta 1407⁵.

Además de la práctica anterior, también se observa a través de contratos de compraventa, de cesión o de intercambio la interacción económica y jurisdiccional entre el clero y la nobleza castellana. Como ejemplo, a mediados de 1378, doña Inés de Ayala vendía a don Pedro Tenorio, arzobispo de Toledo, todos los heredamientos y señorío de Camarena por 12.000 mrs de diez dineros⁶.

5.6. LA ACTIVIDAD RELIGIOSA

La documentación referente a la fundación de capillas, así como los testamentos que se conservan, permiten conocer, dentro de la realeza y la jerarquía eclesiástica, algunos de los comportamientos y actitudes de la sociedad bajomedieval.

La fundación de capillas era una práctica común en las altas esferas de la sociedad medieval. En 1380, Juan I confirmaba la capellanía llamada de los Reyes, hecha por el obispo Domingo de Arroyuelo y el cabildo de Burgos. En el documento que se conserva, se detalla el número de capellanes, la dotación de la capilla y las fiestas que se debían celebrar en ella⁷. A finales de 1397, el arzobispo de Toledo, don Pedro Tenorio, elaboró la escritura

¹Juan Muñoz de la Cueva, *Noticias históricas de la Iglesia Catedral de Ourense* (Galicia: Catedral de Ourense, 1727), 261.

²A.C.B, V-46, 588.

³A.H.V, Reg. Av. 228, ff. 64-65.

⁴Destacar entre otros a Jorge Díaz Ibáñez, *Iglesia, Sociedad y Poder en Castilla. El Obispado de Cuenca en la Edad Media (siglos XII-XV)* (Cuenca: Alfonsópolis, 2003).

⁵En 1404, el rey Enrique III mandaba una carta al deán al Cabildo, y Vicarios de Toledo que entregasen a sus recaudadores y tesorero todos los bienes pertenecientes a la Dignidad Arzobispal que hasta ahora se han resistido a entregar. A.C.T, A.8.I.1.4.

⁶A.C.T, A. 11. 6. 1. 7

⁷A.C.B, LIB, 39-2, 834-836.

de fundación de la Capilla de San Blas en presencia del cabildo y de los notarios Yenegro López y Pedro Rodríguez de Toledo. El *Statutum Capelle Sancti Blasii* se puede dividir en tres partes principales: fundación de la capilla, dotación de la misma y constituciones dadas por el fundador.

Uno de los documentos de mayor importancia y mejor conservados de la época es el testamento del arzobispo de Toledo don Pedro Tenorio. Fiel reflejo de la mentalidad cristiana de la época, aporta información precisa sobre la visión del mundo terrenal y la actitud hacia la muerte:

“mandamos nuestra ánima a Dios que la formó e la crió contra el cual nos fezimos muchos errores e pecados por muchas, e infinitas gracias que del resçibimos pero auiendo fiuza en la su inmensa clemencia le supplicamos e rogamos que nos quiera perdonar e que non quiera parar mientes a los muchos nuestos pecados e errores muy grandes mas a la su grand clemencia e acostumbrada piedat en la qual siempre ouimos grand fuiza e el día de oy mas et con grand gemido auremos esperança en el e en la su inmensa clemencia fasta que el alma nos salga de la carne ca çiertos somos de lo que el prometió a todo pecador quanto dixo en qualquier hora que el pecador gemiere e se conuertiere: vita viueta e non morietur. Por ende con lagrimas e gemidos nos arrepentimos de lo que fezimos et nos tornamos a el e a la su acostumbrada clemencia e piedat supplicando que nos quiera perdonar”.¹

6. CONCLUSIONES

A lo largo del presente trabajo se ha analizado los distintos ámbitos de interacción entre la Monarquía y el clero castellano. A ello, se le añade el intervencionismo llevado a cabo por el Pontificado. Con todo ello podemos decir que para el periodo de 1366 a 1390 se constatan dos hechos: la consolidación del poder monárquico, por un lado, y el reforzamiento de la posición privilegiada del clero, por otro. Los ejemplos que se han expuesto, aunque atienden únicamente al clero secular, vienen a confirmar la intervención entre ambas instituciones de poder. Bajo unos intereses concretos, ambas partes configuraron una serie de mecanismos que en el siglo XV alcanzaron su máxima expresión. La investigación sobre las relaciones entre la Monarquía y la Iglesia es clave para entender la evolución desde el punto de vista político que desemboca en el llamado Estado Moderno. Estos primeros pasos dados en los inicios de la dinastía Trastámara, son sólo el germen, de este proceso.

¹A.C.T. E. 6. A. 1. 3. Texto desarrollado y acentuado.

Monstros e seres fantásticos na literatura de viaxes: un imaxinario fundador da imaxe do Oriente

*Lorena Pazos Romero
Universidade Nova de Lisboa*

Resumo

A tese que introduce este artigo pretende recrear a imaxe marabillosa do Oriente que se difunde na Península Ibérica nos séculos finais da Idade Media. Para cumprir tal cometido, estúdanse os monstros e seres fantásticos que aparecían nos libros de viaxes que exploraban o continente asiático. Os relatos de viaxes escollidos son aqueles que chegaron a circular na Península desde finais do século XIII a principios do XVI. Seguindo as diferentes rexións de Asia, estudaranse os monstros que se atopan nos libros de viaxes medievais seleccionados, coas súas características e os lugares nos que se sitúan. En cada un destes territorios, farase unha pequena introdución de posibles mitos anteriores e despois agruparanse os monstros segundo o seu emprazamento concreto, que pode ser real ou imaxinario. Desta maneira podemos ver que panorama monstruoso se crea para cada lugar, e ter así unha imaxe completa do continente, ao mesmo tempo que de cada rexión. Por último, o obxectivo final será analizar os datos que nos aporta esta imaxe monstruosa dos libros de viaxes sobre o Oriente, que é o que define este panorama marabillosa: as diferencias entre os relatos, patróns que seguen ou datos únicos e excepcionais. Desta forma, indícarase cales destes datos nos aportan información sobre o Oriente, tanto sensacións que se poida transmitir sobre o territorio (medo, fascinación...) como pistas que nos poidan dar sobre as xentes dese lugar.

Palabras chave:

monstros; marabillosa; libros de viaxe; Oriente; Península Ibérica

Abstract

The thesis that this article introduces tries to recreate the marvelous image of the Orient that spread throughout the Iberian Peninsula during the last centuries of the Middle Ages. In order to do this, we will study the monsters and fantastic creatures that appeared in travel literature that explored Asia. We will focus our attention on travel texts that circulated in the Iberian Peninsula from the fourteenth to the sixteenth centuries. Thus, we will study the characteristics of monsters found in the selected travel texts in different regions of Asia and the places in which they are mentioned. In each region, there will first be an introduction to some possible older myths and then the monsters will be grouped according to their specific location in space, which could be real or imaginary. This way, we can see the topography of monsters created for each region, which will allow us to have a complete picture of the continent as well as each region within. Lastly, the ultimate objective is to analyze what kind of information about the East does this landscape of monsters derived from travel literature give us, and what defines this marvelous landscape: the differences between tales, tropes or the unique and exceptional details. In this manner, we will see how these devices give us information about the East, both about the feelings that are communicated about a territory (fear, fascination...) and clues that they can give us about the peoples of these places.

Keywords:

monsters; marvelous; travel literature; Orient; Iberian Peninsula

INTRODUCCIÓN

A tese de mestrado que presento ten como tema os monstros e marabillas de Oriente¹, aqueles que aparecen nos libros de viaxes medievais desde finais do século XIII ata principios do XVI. O marabilloso ocupa un lugar privilexiado neste tipo de textos e valorándoos en conxunto podemos ver que importancia tiñan na imaxe que os lectores se forman deste novo territorio, e cales son as características deste espazo marabilloso. Para chegar a resolver esta cuestión final, o meu traballo debe cumprir cunha serie de obxectivos.

En primeiro lugar, facer un estudo do papel dalgúns libros de viaxes medievais na construción da imaxe de Oriente, en concreto no ámbito dos monstros, sendo importante con este fin ter en conta a difusión destas fontes, así coma o recorrido das viaxes que recollen. Non se pretende facer un estudo literario completo destas obras, máis ben recoller aqueles datos que poidan ser de utilidade.

Nestas fontes, atopar os monstros e analizar as orixes de cada un, o seu significado no mundo medieval, características principais e lugar onde se lles sitúa en cada relato, xunto con outros datos que poidan ser pertinentes.

Con estes datos, elaborar un texto histórico coa estrutura dunha ruta imaxinaria por Asia, que siga os lugares onde se atopan os monstros nas diferentes fontes, e desta maneira tentar levar ao lector polo recorrido marabilloso de Oriente que os viaxeiros crearon cos seus relatos.

E recollendo os obxectivos anteriores, estudar como o Oriente se revela neste momento no lugar marabilloso por excelencia. Destacar a concentración de episodios e seres fantásticos, moitos agrupados en reinos tamén marabillosos e que se representan nos mapas occidentais, sendo o caso máis representativo o do reino do Preste Xoán. Así mesmo, tentar dilucidar que papel xogou todo este imaxinario na construción da imaxe do Oriente que tiñan os occidentais que accederon a esta información, máis concretamente na Península Ibérica.

ENCADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Para lograr revisar a bibliografía pertinente dunha maneira o máis completa posible, decidín clasificala en catro temáticas que se complementan e entrelazan ao longo de todo o estudo: as marabillas e os monstros medievais, os libros de viaxes, a expansión medieval respecto a Oriente e o papel do monstruoso e do marabilloso na construción da imaxe do Oriente.

Os Monstros

No século pasado podemos atoparnos con obras que tratan de facer unha clasificación destes seres seguindo diferentes criterios, como “Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media”² (1980) de Claude Kappler, que reivindica o monstro coma un ser esencialmente visual cuxo terreo natural é o dos viaxeiros e establece unha tipoloxía moi minuciosa do ser monstruoso nos libros de viaxe segundo as súas características físicas. Así mesmo, na obra “Les monstres dans la pensée medievale

¹ Os mapas medievais tiñan certas características comúns, entre elas que o Nilo era o que marcaba a fronteira con Asia, e polo tanto o leste de África era entendido como parte do Oriente. P.D.A. Harvey, *Medieval Maps of the Holy Land* (London: The British Library, 2012), 14.

² Claude Kappler, *Monstruos, Demonios Y Maravillas a Fines de La Edad Media* (Madrid: Akal, 2004).

européene”¹ (1993) de Claude Lecouteux, o autor fai unha análise dos monstros segundo as posibles orixes e divídeos entre homes e animais monstruosos, analizando en cada categoría só os principais. Pero, sen dúbida, unha obra esencial e moi importante para comprender a noción de marabilla no mundo medieval, e polo tanto, aos monstros, é a obra de Jacques Le Goff “Lo maravilloso y lo cotidiano en el Occidente Medieval”(1985).² A diferenza das obras anteriores, máis descritivas, nesta obra propónse unha nova interpretación. Para este autor, a definición do maravilloso non é a mesma para nós que para os homes da Idade Media. O que corresponde ao noso “maravilloso” é a palabra en plural “mirabilia”. Actualmente enténdese por unha categoría do espírito ou da literatura, pero para eles era un universo de obxectos, un conxunto de cousas antes que unha categoría.³

Máis recentemente Joaquín Rubio Tovar, especialista en literatura medieval e filoloxía románica, achéganos aos monstros desde un punto de vista cultural no seu artigo “Monstruos y seres fantásticos en la literatura y el pensamiento medieval”(2006).⁴ Estuda a presenza do monstro na Idade Media, o imaxinario, o maravilloso, as reflexións do momento acerca deles, a “alteridade” e conclúe dicindo que a súa existencia é un fenómeno que se move nun terreo que non é a irrealidade nin a materialidade propiamente dita.⁵ Posteriormente, aparecen outras obras sobre os monstros, pero que non aportan ningunha idea nova máis alá de aquelas que asenta Le Goff sobre o maravilloso.

Os Libros de Viaxe

Nos anos 80 e 90 aparecen unha serie de estudos que pretenden analizar os libros de viaxe desde unha perspectiva literaria. Non son estudos especificamente históricos, pero seguen sendo necesarios para recoñecer as súas características formais e comprender mellor os relatos e o que se plasma neles. Quizais a máis importante é a obra de Jean Richard, “Les récits de voyages et des pèlerinages” (1981)⁶ na que establece o que son os libros de viaxe e a súa tipoloxía, e que desde ese momento será a obra de referencia obrigada para todos os que analicen este tipo de fontes. Para este autor, a dificultade de estudar este tipo de libros reside en que tenden a ser moi variados. É un xénero multiforme, que vai desde as guías destinadas aos viaxeiros, sobre todo aos peregrinos e mercadores, pasando polas cartas e relacións de embaixadores e misioneiros, as historias de expedicións afastadas, de aventureiros, e algúns de carácter netamente xeográfico. O obxecto non está identificado, os lectores non son os mesmos e as características da redacción varían en función dos requisitos.⁷

Seguidamente, nos anos 80 e 90 aparecen unha serie de estudos principalmente literarios que pretenden abordar os libros de viaxe desde este paradigma. Pérez Priego no seu artigo “Estudio literario de los libros de viajes medievales” (1984)⁸ céntrase propiamente en definir as características literarias que definen os libros de viaxes medievais. Para el, neste tipo de literatura séguese un itinerario, un cadro cronolóxico e

¹ Claude Lecouteux, *Les Monstres Dans La Pensée Médiévale Européene* (Paris: Presses de l’ Université de Paris-Sorbonne, 1993).

² Jacques Le Goff, *Lo Maravilloso Y Lo Cotidiano En El Occidente Medieval* (Barcelona: Gedisa, 2008). Primeira edición: 1985.

³ *Ibid.*, 10.

⁴ Joaquín Rubio Tovar, “Monstruos Y Seres Fantásticos En La Literatura Y Pensamiento Medieval,” in *Poder Y Seducción de La Imagen Románica*, ed. Joaquín Rubio Tovar (Aguilar de Campoo: Universidad de Alcalá de Henares, 2006).

⁵ *Ibid.*, 150.

⁶ Jean Richard, “Les Récits de Voyages et de Pèlerinages,” in *Typologie Des Sources de Moyen Age Occidental* (Turnhout: Brépols, 1981).

⁷ *Ibid.*, 8.

⁸ Miguel Ángel Pérez Priego, “Estudio Literario de Los Libros de Viajes Medievales,” *Revista de Filología* 1 (1984): 217–39.

unha orde espacial. As “mirabilia” son unha parte moi especial dos libros e a narración é lineal e continuada con un protagonista que case sempre é o narrador. Rubio Tovar no seu libro “Libros españoles de viajes medievales”(1986)¹ fai un estudo tamén centrado nas características dos textos pero máis prolongado e sobre libros peninsulares.

Co cambio de século, aparece unha nova corrente historiográfica chamada o “postcolonialismo”, que se propón reivindicar a Idade Media como unha época coas súas propias normas e características, que non está illada, se non que se entrelaza cos outros períodos temporais. Tamén reivindica unha Europa heteroxénea e con distintas categorías mentais que as actuais, que se poden manifestar á hora de referirse a xente doutras razas; e invita a pensar fóra do cristianismo. Estas premisas semellan poñer en valor os libros de viaxes por ser a proba das interconexións de Europa co resto do mundo e con outras razas e culturas.²

Neste contexto, obras máis recentes foron reflexionando sobre esta descrición dos libros de viaxe e actualizándoa ou engadindo novas reflexións. No 2000, o traballo de Rubiés, “Travel Writing as a Genre: Facts, Fictions and the Invention of a Scientific Discourse in Early Medieval Europe”³ afirma que a categoría de “literatura de viaxes” é máis xeral que a de “literatura do descubrimento e da expansión” e pode ser definida como un corpo variado de escritura na que, sexa real ou ficticia, toma a viaxe como a condición indispensable da súa produción. Tamén se debe ter en conta o artigo de Kim Phillips “Travel, Writing and the Global Middle Ages” (2016),⁴ que describe a literatura de viaxes medieval como unha narración razoablemente extensa ou informe que intenta describir viaxes e/ou rexións a certa distancia, longa ou curta, desde o fogar do viaxeiro. Propón tamén a categoría de “escritor-viaxeiro”. Este é un home ou muller que escribe un texto como consecuencia de ter viaxado, ou directamente fai que se escriba a través dun colaborador, que pode poñer ao viaxeiro ou a el mesmo no centro da historia.

Por outro lado e paralelamente a estes traballos, outros estudos deixan máis de lado os aspectos formais para centrarse nas informacións que nos aportan os textos, tentando velos coma as únicas testemuñas daqueles viaxeiros que chegaban a terras descoñecidas e do proceso de descuberta do mundo medieval destes novos pobos, das súas costumes. Dentro desta nova corrente destacan traballos recentes coma o de Shirin A. Khanmohamadi “In Light of Another’s Word. European Ethnography in the Middle Ages”⁽²⁰¹⁴⁾⁵ ou o de Kim M. Phillips “Before Orientalism. Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245-1510” (2014),⁶ que establecen novas aproximacións a este tipo de literatura.⁷

Khanmohamadi identifica aos libros de viaxe como etnografías, só que no lugar de chamarse así utilízanse os termos itinerario, viaxes ou descrición. Desta maneira crearíase un conxunto de tratados etnográficos tardomedievais marcados por un distintivo panorama: unha profunda franqueza cara perspectivas e voces alternativas; especial atención aos límites e perigos de adoptar un punto de vista únicamente europeo ou da cristiandade latina na interacción coa diversidade cultural que se atopan; e as queixas continuas polas experiencias incómodas que teñen que vivir os europeos ao

¹ Joaquín Rubio Tovar, *Libros Españoles de Viajes Medievales*, Madrid: Taurus, 1986.

² Jeffrey Jerome Cohen, ed., *The Postcolonial Middle Ages*, New York: St. Martin’s Press, 2000, 4–6.

³ J.-P. Rubiés, “Travel Writing as a Genre: Facts, Fictions and the Invention of a Scientific Discourse in Early Modern Europe,” *Journeys* 1, 2000.

⁴ Kim M. Phillips, “Travel, Writing and the Global Middle Ages,” *History Compass* 14/3 (2016): 81-92.

⁵ Shirin A. Khanmohamadi, *In Light of Another’s Word. European Ethnography in the Middle Ages* (Philadelphia: Pennsylvania Press, 2014).

⁶ Kim M. Phillips, *Before Orientalism. Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245-1510* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014).

⁷ Dentro dos estudos postcoloniais aplicados á literatura medieval é importante tamén a obra de Lisa Lampert-Weissig, *Medieval Literature and Postcolonial Studies* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010).

atoparse palabras e visións do mundo extrañas.¹ Phillips, pola súa parte, analiza os libros de viaxes para falar dos diferentes aspectos das culturas asiáticas segundo as informacións que estes aportan, reivindicando a importancia destes textos e desde unha perspectiva de “antes do Orientalismo”, pois para a autora, neste xénero non se asume a superioridade de quen os escribe, excepto en temáticas de relixión, nin intenta xustificar a conquista, polo que a Idade Media non entraría dentro do Orientalismo de Edward Said.²

A Expansión Medieval

No ano 1970, Verlinden na súa obra “The Beginnings of Modern Colonization” establece unha continuidade nos procesos de colonización desde a Antigüidade ata á Época Moderna, sen apenas diferenzas entre a Idade Media e a Moderna. As Cruzadas serían o perfecto exemplo dunha Idade Media que se expande, que coloniza, fronte a outras visións clásicas dunha Idade Media pechada e estática, e o autor compara este caso co que será a colonización de América.³

Nos anos noventa, aparecen unha serie de traballos que comezan a pensar no mundo medieval coma unha época de expansión. Primeiro dentro da propia Europa, e despois cara o leste, Asia, e que acabará coa expansión cara o Oeste, a chegada a América. Michel Mollat é o iniciador desta idea coa súa obra “Los exploradores del siglo XIII al XVI. Primeras miradas sobre nuevos mundos” (1990).⁴ Agrupados segundo as rutas que seguen, vai describindo que exploradores foron os que transitaron por cada unha delas (Catay, África, América...) e tamén recolle as reaccións destes ante o que se van atopando.

No 1994, J.R.S. Phillips titula á súa obra “La expansión medieval de Europa”.⁵ Comeza a analizar desde os inicios da Idade Media cales puideron ser os factores que levaran á exploración medieval doutros lugares e conclúe afirmando que a expansión cara o que será o continente americano, que tivo lugar a principios da época moderna, foi só unha continuación da que xa se tiña iniciado en dirección a Asia na Idade Media, ou, polo menos, ambos períodos estaban relacionados, xa que na época moderna o obxectivo seguía sendo establecer unha nova rota con Asia.⁶

Como vemos, o conxunto destas obras desbota a idea dunha Idade Media inmóbil e con fronteiras pechadas para falarnos dun tempo de exploracións e de intercambios con outras culturas que é tan válido e digno de estudo coma o que o continuará despois na Modernidade. A Europa Medieval semella, segundo estas visións, disposta a coñecer outros territorios e a manter contacto coas xentes que alí habitan, a observar e aprender do diferente.

O papel do Monstruoso e do Marabilloso na construción da Imaxe do Oriente

Esta influencia do fantástico no imaxinario do Oriente reflíctese en diferentes obras que teñen como obxecto de estudo os monstros nos relatos de viaxes a este continente.

¹ Khanmohamadi, *In Light of Another's Word. European Ethnography in the Middle Ages*, 2-3.

² Kim M. Phillips, *Before Orientalism. Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245-1510* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014), 200.

³ Charles Verlinden, *The Beginnings of Modern Colonization*. New York: Cornell University, 1970, IX-XIII.

⁴ Michel Mollat, *Los Exploradores Del Siglo XIII Al XVI: Primeras Miradas Sobre Nuevos Mundos* (México: Fondo de Cultura Económica, 1990).

⁵ J. R. S. Phillips, *La Expansión Medieval de Europa* (Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994).

⁶ J. R. S. Phillips, *La Expansión Medieval de Europa* (Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994), 265.

Unha das primeiras obras escritas sobre os monstros no leste é a do historiador da arte R. Wittkower, “Marvels of the East. A Study in the History of Monsters” (1942).¹ Para el, as marabillas condicionan a visión da India durante dous mil anos.² Os relatos de viaxes fan que esta imaxe sexa a da terra das marabillas e as razas fabulosas ata os séculos XV e XVI, que é cando comezan a cambiar, aínda que dunha maneira moi lenta. Segundo Wittkower, estas informacións de viaxes reais ou imaxinarias influenciaron a ciencia e a literatura en Europa e ata o século XIV aínda se cría na existencia de razas fabulosas en Asia. Cando se comeza a repudiar esta historia, simplemente trasládanse estes monstros a lugares inexplorados do planeta.³

Outra aproximación máis recente, que segue o modelo da de Wittkower, atopámola na obra de Maria Adelina Amorim, “Viagem e “mirabilia”: monstros, espantos e prodígios”⁴ (2002). Para a autora, habería dúas posibles influencias das marabillas na imaxe do Oriente. Por un lado, un sistema de representacións do “diferente”⁵ que axudaría a construír unha imaxe por veces negativa, xa que os viaxeiros foron tamén divulgadores de preconceitos, coma a do home salvaxe, con características físicas horrendas, propias da monstruosidade. Por outro lado, parece que este deslumbramento se reaviva nun sentimento de compensación polos tempos difíciles que o Occidente atravesara, xa que a viaxe representa o espello para un mundo diferente cheo de novidades e hipotéticos paraísos terreaus.⁶

Por último, Jana Valtrová publica no 2010 o artigo “Beyond the Horizons of Legends: Traditional Imagery and Direct Experience in Medieval Accounts of Asia”.⁷ En canto á imaxe de Oriente, tamén resalta a importancia do “Outro” e da diferenza: os autores describen un mundo completamente novo e con sucesos fabulosos antes descoñecidos. Por outro lado, reivindica o papel das narracións que os habitantes de Asia lles contaban aos viaxeiros, xa que estas axudaron a formar o imaxinario de Oriente e non só as visións occidentais foron plasmadas nestes relatos.⁸

En conclusión, é nestas dúas últimas obras onde se destaca o papel do marabilloso na imaxe do Oriente: arredor das marabillas constrúese outro mundo cheo de sucesos fabulosos no que os seus habitantes caracterízanse por ser diferentes e sobre os que se transmiten determinados preconceitos que logo permanecerán no imaxinario dos occidentais.

FONTES

As fontes nas que se basea esta tese de mestrado son os libros de viaxes medievais. Aínda que existen diferentes maneiras de clasificalos e describilos, escollín a definición de Phillips no seu último artigo sobre o tema para definir o meu obxecto de estudo por ser a máis completa e precisa ao mesmo tempo. Polo tanto, a literatura de viaxes é unha narración razoablemente extensa ou informe que intenta describir viaxes e/ou rexións a certa distancia, longa ou curta, desde o fogar do viaxeiro. O relato representa unha experiencia de primeira man ou de “segunda”, é dicir, aínda que o rexistro da viaxe e lugar non sexan escritos pola propia man do viaxeiro, o autor falou con el ou leu as súas notas da viaxe.⁹

¹ Rudolf Wittkower, “Marvels of the East: A Study in the History of Monsters,” *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* V, 1942: 159-97.

² Ibid., 159.

³ Ibid., 194-97.

⁴ Maria Adelina Amorim, “Viagem E Mirabilia: Monstros, Espantos E Prodígios,” in *Condicionantes Culturais Da Literatura de Viagens - Estudos E Bibliografias*, ed. Fernando Cristóvão (coord.) (Coimbra: Almedina, 2002), 126-81.

⁵ Ibid., 132.

⁶ Ibid., 138.

⁷ Jana Valtrová, “Beyond the Horizons of Legends: Traditional Imagery and Direct Experience in Medieval Accounts of Asia,” *Numen* 57/2 (2010): 154-85.

⁸ Ibid., 177-79.

⁹ Phillips, “Travel, Writing and the Global Middle Ages,” 82.

Querendo indagar sobre o impacto da literatura de viaxes na Península, escollín entre as miñas fontes aqueles libros de viaxes producidos neste espazo así como aqueles europeos dos que teño constancia que foron difundidos neste territorio. Probablemente outros manuscritos teñan chegado dos que non se teñen copias, pero ao non contar con ningún testemuño que o confirme foron descartados. En canto ás edicións dos textos cos que vou traballar, tentei por un lado escoller aquelas máis fiables e con máis información sobre o texto, e por outro, escollín aquelas ás que podía acceder cunha certa facilidade. Ordenados de forma cronolóxica, os textos son os seguintes:

O libro das marabillas do mundo de Marco Polo (1295):¹ Este famoso comerciante veneciano viaxou por Asia durante vinte e cinco anos, ata que retornou á súa terra e lle ditou as súas peripecias a Rusticiano de Pisa. A súa obra, na que aparecen tanto pobos como cidades e tamén unha descrición da corte mongol, foi amplamente difundida polo Occidente Medieval e chegan as primeiras versións da obra xa traducidas ao territorio ibérico a mediados do século XIV.²

Relación de viaxe de Odorico de Pordenone (1330):³ Este misioneiro franciscano inicia a súa viaxe cara a China no 1322 para unirse ao arcebispo Giovanni de Montecorvino. Pasando polo sur de Persia, norte de Arabia, actual Iraq e a India, visita ao bispo Andrés de Perusa en Zaitón e chega á capital mongol Daidu no 1325.⁴ A súa *Relación de viaxe* foi traducida ao francés por Jean le Long no 1351,⁵ e chega á Península Ibérica entre os anos 1374 e 1378 por petición de Don Joan, Infante de Aragón.⁶

As Viaxes de Jean de Mandeville (1356):⁷ Trátase dunha viaxe imaxinaria que reúne moitos territorios coñecidos da Antigüidade dos que o autor escribe a partir doutras obras que coñece, e as marabillas son especialmente abundantes. Este texto foi amplamente famoso, e no caso do territorio ibérico puido ter chegado xa no 1380 unha tradución francesa ás mans de Don Xoán de Aragón (futuro Xoán I), aínda que hoxe en día a primeira versión en español que se conserva é do século XV.⁸

Libro del conocimiento de todos los reinos (1350/ finais do s. XIV):⁹ De autor descoñecido pero producido na Península, trátase dunha viaxe imaxinaria no que o autor describe sucintamente as principais cidades, montañas, ríos ou illas e sinais dos reinos sen seguir un itinerario real, simplemente é unha acumulación de datos.

¹ Valentim Fernandes, ed., *O Livro de Marco Paulo, O Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Fac-símile (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1922).

² Christiane Deluz, "Marco Polo (1254-1324)," *Encyclopedia of the Middle Ages*. (James Clarke & Co, 2000), 905.

³ Fray Odorico de Pordenone, "Viaje," in *La India Y El Catay. Textos de La Antigüedad Clásica Y Del Medioevo Occidental*, ed. Juan Gil. Madrid: Alianza Universidad, 1995, 433-510.

⁴ Fray Odorico de Pordenone, "Viaje," in *La India Y El Catay. Textos de La Antigüedad Clásica Y Del Medioevo Occidental*, ed. Juan Gil (Madrid: Alianza Universidad, 1995), 433-35.

⁵ Hugh D. Walker, "Odoric of Pordenone," *Trade, Travel and Exploration in the Middle Ages. An Encyclopedia* (Garland Publishing, 2000), 457.

⁶ Outro historiador suxire que puido circular xa pola Península no ano 1360, pero non está comprobado. Eugenia Popeanga, "El Relato de Viajes de Odorico de Pordenone," *Revista de Filología Románica* 9 (1992): 41.

⁷ Jean Mandeville, *Libro de Las Maravillas Del Mundo*, ed. Pilar Liria Montañés. (Zaragoza: Caja de Ahorros de Zaragoza, Aragón y Rioja), 1979.

⁸ Ana Pinto, ed., *Los Viajes de Sir John Mandeville* (Madrid: Catedra, 2001), 30-35.

⁹ María Jesús Lacarra, María del Carmen Lacarra Ducay, and Alberto Montaner, eds., *Libro Del Conocimiento de Todos Los Rregnos et Tierras et Señorios Que Son Por El Mundo, et de Las Señales et Armas Que Han*. (Zaragoza: Diputación de Zaragoza, CSIC, 1999).

Embajada a Tamorlán de Ruy González de Clavijo (1406):¹ O embaixador Ruy González de Clavijo relata na súa obra *Embajada a Tamorlán* a viaxe da embaixada de Enrique III desde Castela ata o Oriente asiático no 1406. O relato configúrase basicamente como un diario de viaxe no que se vai contando o que sucede cada día, os viaxeiros contan as súas anécdotas, dificultades, etc.

Andanças e Viajes de Pero Tafur (1454-1457):² As *Andanças e Viajes* de Pero Tafur, pola súa parte, conteñen o relato dunha viaxe por Europa e o Próximo Oriente de tres anos de duración – entre 1436 e 1439 – narrado en primeira persoa por un fidalgo andaluz. Descríbense na obra varias viaxes distintas, sendo o que corresponde a Oriente aquel que ten lugar entre maio de 1438 e o mesmo mes do ano seguinte.³ Nesta viaxe, Tafur só chega ata Caffa, que estaba neste momento en mans de comerciantes europeos, e aquí decide, vendo o “salvaxismo” das xentes, non continuar a súa viaxe máis cara o leste.⁴

O libro de Nicolao Veneto (1502):⁵ O *libro de Nicolao Veneto* é a primeira tradución a lingua vulgar do cuarto libro da *Historia de varietate fortunae*, levada a cabo por Valentim Fernandes⁶ en 1502.⁷ Este cuarto libro publicouse baixo o título *India recognita* pola iniciativa de Christoforo de Bollate, senador do duque de Milán, en 1492, e esta obra é a que probablemente teña seguido Fernandes.⁸

O libro do Infante don Pedro de Portugal de Gómez de Santiesteban (1515):⁹ O que podemos denominar coma o último libro de viaxes medievais ten como protagonista do relato a unha personaxe histórica: o Infante don Pedro, fillo de João I e Felipa de Lancaster que nace no 1392 e morre no 1449. Aínda así, as viaxes que se relatan por todo o mundo parece que foron totalmente inventadas¹⁰ e o carácter marabilloso da viaxe refléxase en todo momento.

¹ Ruy González de Clavijo, *Embajada a Tamorlán*, ed. Francisco López Estrada. (Madrid: Castalia, 1999).

² Pero Tafur, *Andanças E Viajes*, ed. Miguel Ángel Pérez Priego (Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2009).

³ Francisco Javier Villalba Ruiz de Toledo, “El Viaje de Don Pero Tafur (1436-1439)”, *Arbor* CLXXX, 2005: 537–38.

⁴ Pero Tafur, *Andanças E Viajes*, ed. Miguel Ángel Pérez Priego (Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2009), 146.

⁵ *O Livro de Marco Paulo, O Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Fac-símile. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1502 .

⁶ É o propio Fernandes o que introduce dúas novidades respecto ao texto de Poggio. En primeiro lugar, aínda que traduce integralmente o libro cuarto de *De varietate fortunae* – que inclúe os datos conseguidos mediante tres informadores: Nicolo dei Conti, un mensaxeiro nestoriano e a delegación de Etiopía – só ten en conta o relato que ocupa a parte máis extensa do texto, ignorando ao propio autor, Poggio. En segundo lugar, é o editor o que introduce a idea de que o papa Euxenio IV lle impuxera ao veneciano, como penitencia pola súa abxuración do cristianismo, ditar ao seu secretario a súa relación de viaxes. Recollido en Anca Crivat-Vasile, “El Viaje de Nicolo Dei Conti En Los Relatos de Pero Tafur Y Poggio Bracciolini,” *Revista de Filología Románica* 13 (1997): 241.

⁷ Anca Crivat-Vasile, “El Viaje de Nicolo Dei Conti En Los Relatos de Pero Tafur Y Poggio Bracciolini,” *Revista de Filología Románica* 13, 1997: 238-239.

⁸ *Ibid.*, 235.

⁹ Elena Sánchez Lasmarías, “Edición Del Libro Del Infante Don Pedro de Portugal, de Gómez de Santiesteban,” *Memorabilia* 11 (2008): 1-30.

¹⁰ Carmen Mejía, “El Libro Del Infante Don Pedro de Portugal: Estudio Crítico Y Problemas de Transmisión,” *Revista de Filología Románica* 15 (1998): 215-32. p. 221-223

METODOLOXÍA

En primeiro lugar, para poder ter tódolos datos ordenados dunha maneira lóxica procédese á creación dunha base de datos de tódolos monstros que se atopan nas diferentes fontes. Estarían incluídos os seguintes campos: nome do monstro, descrición, casilla de verificación que indica se é unha raza monstruosa ou non, localización e fonte na que se atopa.

En canto á análise dos meus textos, pretendo aplicar as novidades metodolóxicas que introduce o chamado “novo medievalismo”: a corrente postmodernista aplicada aos estudos medievais. O postmodernismo agrupa un conxunto de epistemoloxías e metodoloxías que postulan a necesidade de acercarse aos documentos como textos, non como simples fontes neutras, pois ponse en dúbida a crenza anterior de que o achegamento ao pasado debe ser racional e obxectivo. Segundo estas novas tendencias, o medievalista xa non recupera estritamente o pasado, se non as imaxes de si mesmo que o pasado produce, as súas improntas. Preténdese agora aplicar un tratamento poliédrico das crónicas medievais, nas que interesa tanto o real coma o imaxinario, o verídico coma o ficcional, o expresado e o silenciado, e polo tanto a opacidade e a inestabilidade do coñecemento histórico aumentan notablemente. O novo medievalismo convértese nunha ciencia non dos feitos se non dos discursos ou, como moito, da codificación dos feitos.¹

Despois do tratamento dos textos, e tendo presente os datos que nos aportan tanto fontes como bibliografía, comézase a elaborar un texto histórico no que se sitúa aos monstros en cada espazo do Oriente. Este texto organízase en torno a unha viaxe imaxinaria composta polas que realizan os diferentes autores a Asia e na que se recorren exclusivamente os lugares nos que habitan monstros ou marabillas. As características de cada rexión que se recorre deben ser lidas como un conxunto, que despois se integrará no espazo final que é o Oriente.

CONTEXTO E ANTECEDENTES: OS MONSTROS E A REDESCUBERTA DO ORIENTE

Entendendo o maravilloso como todo aquilo que asombra ante a mirada (a *mirabilia* latina),² a realidade medieval está composta polo mundo cotián, o das *realidades*, e o outro mundo, o *alter mundus*, para eles sempre presente, aínda que poida ter aparencia de irrealidade.³ Dentro deste mundo oculto, os monstros e seres fantásticos aparecen reiteradamente en diferentes formas: desde animais míticos coma a ave fénix, pasando por razas monstruosas ou diferentes seres deformes, entre outros casos. Todos eles quedan plasmados na literatura medieval, pero de forma especial nos libros de viaxes medievais. Neste tipo de literatura na que se “explora o descoñecido” é onde o monstro se amosa con maior frecuencia, variedade e detalle, pois o lugar do monstro é sempre o exterior, as rexións máis alá do coñecido, coma os fins da terra, os desertos, as montañas ou as illas.⁴

O maior florecemento destes relatos de viaxes dáse no mundo medieval a partir do século XII, e principalmente no XIII, coas Cruzadas, que puxeron a Europa en contacto con outras culturas; e tamén de forma paralela co impulso do comercio no Mediterráneo, que nunca se paralizara de todo. Finalmente, o acontecemento que abre as portas de Asia á curiosidade europea foi a expansión e conquista protagonizada polos

¹ Jaume Aurell, “El Nuevo Medievalismo Y La Interpretación de Los Textos Históricos,” *Hispania* LXVI, nº 2 (2006): 811–14.

² Con raíz “mir” (miror, mirari) implica algo visual. Todo un mundo imaxinario pode ordenarse arredor deste sentido, o da vista, e arredor dunha serie de imaxes e metáforas. Le Goff, *Lo Maravilloso Y Lo Cotidiano En El Occidente Medieval*, 10.

³ Rubio Tovar, “Monstruos Y Seres Fantásticos En La Literatura Y Pensamiento Medieval,” 20.

⁴ Jean Verdon, *Travel in the Middle Ages* (Notre Dame: University of Nothe Dame, 2003), 22.

mongois baixo o mando de Gengis Khan e os seus inmediatos sucesores, o que fai que se establezan unha serie de condicións de seguridade suficientes para viaxar desde as costas orientais do Mediterráneo ata China.¹

Oriente só se coñecía a través de informacións providas da Antigüidade Clásica, que describían un mundo oposto ao europeo, onde se situaban todas as marabillas. Isto fai que os viaxeiros partan en busca dun mundo novo, descoñecido, no que todo lles fascinaba: as sedas, o ouro, as pedras preciosas, e, por suposto, os monstros.²

A ANÁLISE DOS DATOS E A ESTRUCTURA: ORIENTE COMO ESPAZO MARABILLOSO

En canto á estrutura, dedicaríanse tres capítulos a este contexto que se acaba de presentar: un para o monstro na Idade Media (I) e outro para o Oriente e o Medieval (II). No primeiro capítulo, describiríase o panorama xeral dos monstros, a súa relación co marabilloso e o pensamento que se desenvolve sobre eles na Idade Media. O segundo capítulo centraríase en describir o movemento e as circunstancias que levan aos viaxeiros a dirixirse cara o Oriente, e tamén a visión que se tiña do continente asiático no Occidente Medieval.

O seguinte capítulo sería a presentación dos monstros agrupados nun percorrido espacial e cuxo título será “Oriente, terra de monstros: a imaxinación dun espazo, un espazo de imaxinación” (III). Este capítulo subdivídese en diferentes apartados, un para cada unha destas rexións, xa que cada unha delas consta dunhas características especiais que convén recoller e analizar posteriormente en conxunto.³ A estrutura deste capítulo configuraríase entón desta maneira:

- África
- Próximo Oriente
- India
- O Océano Índico e o espazo insular
- Asia Central
- China
- A Tartaria

E un último capítulo dedicarase á análise destes datos para establecer cales son as características desta imaxe marabillosa do Oriente. O seu título será “Monstros e marabillas: o papel dos libros de viaxe na imaxe do Oriente” (IV). Aínda que actualmente este capítulo é o menos avanzado de todo o texto, xa se poden destacar algunhas características deste marabilloso oriental que se establecen ou reforzan no imaxinario europeo neste momento.

Unha delas é a alteridade, pois un sistema de representacións do “diferente” comezou a marcarse no referencial dos occidentais, nun proceso que non é novo, pois esas categorías xa se atopaban no seu universo mítico.⁴ Esta alteridade vai da man da exterioridade: fóra dos límites coñecidos é onde atopamos o diferente, o contrario a nós, e as terras descoñecidas acostuman ser lugares privilexiados cunha densidade elevada de

¹ Miguel Ángel Ladero Quesada, “Mundo Real Y Mundos Imaginarios. John Mandeville,” in *Viajes Y Viajeros En La Europa Medieval*, ed. Feliciano Novoa Portela and F. Javier Villalba Ruiz de Toledo (Madrid: Lunwerg Editores y CSIC, 2007), 55-76.

² Amorim, “Viagem E Mirabilia: Monstros, Espantos E Prodigios,” 139.

³ Na tese tamén se incluírán unha serie de mapas que axuden a conformar este Oriente marabilloso, distinguindo as características das diferentes rexións e indicando as ubicacións dos monstros.

⁴ Maria Adelina Amorim, “Viagem E Mirabilia: Monstros, Espantos E Prodigios,” in *Condicionantes Culturais Da Literatura de Viagens - Estudos E Bibliografias*, ed. Fernando Cristóvão (coord.) (Coímbra: Almedina, 2002), 139.

fenómenos extraordinarios, sempre situados en rexións de acceso difícil a causa do afastados que están, do seu illamento ou da súa dureza.

Por outro lado, as razas monstruosas, en concreto aquelas razas denominadas como “salvaxes” tamén se volverían características destes territorios. Aínda que estes bárbaros xa aparecerían nos escritos de viaxes desde a Antigüidade, sería neste momento cando se compón unha “etnografía do home salvaxe”: vive no bosque antes que na cidade, en tamaño pode ser xigante ou de tamaño anano coma o pigmeo, peludo, dedícase á caza e recolección e come a carne crúa dos animais, non coñece a agricultura ou a metalurxia, ten gran forza física, amante da guerra, dado á sexualidade carnal, de escasa intelixencia, falto de fala humana, incapaz de coñecer a Deus porque é irracional e ligado ao semidivino ou ó semisatánico.¹

E por último, no caso dalgúns monstros e razas monstruosas, os autores afirman ou dan a entender que estes son malvados e perigosos e fomentan así certa imaxe de rexeitamento. Pero Tafur escribe que non quere ir a Oriente porque viu unhas xentes de grande “bestialidad y deformidad”², dragóns e serpes gardan a Torre de Babel para Mandeville, os salvaxes antropófagos comen aos viaxeiros que chegan ás súas illas e serpes de sete cabezas e cocodrilos son outros perigos máis. Comparando as descricións, semella que os autores describen paralelamente un mundo marabilloso con xentes con boas cualidades – que aparecen en descricións de Marco Polo ou Pordenone, por exemplo – e, ao mesmo tempo, este mundo perigoso que escandalizaría a calquera persoa que se mergullara nel.

Para concluír, semella que este mundo que é o Oriente, e que se articula en gran parte en torno ao marabilloso, ten un gran peso do mundo antigo e medieval, pero ao mesmo tempo quere saírse das normas que o Occidente europeo segue neste momento. O perigo, a deformidade e pecados coma a antropofaxia son o que se atopan continuamente os viaxeiros, e aínda que estas circunstancias son totalmente condenadas no mundo medieval, en Oriente parecen non supoñer un problema: a atracción por estes fenómenos extraordinarios e o territorio que os acolle segue estando presente, e as diferencias que contrastan co mundo destes exploradores fan que aumente aínda máis o seu interese por estes descubrimentos.

¹ Shirin A. Khanmohamadi, *In Light of Another´s Word. European Ethnography in the Middle Ages* (Philadelphia: Pennsylvania Press, 2014), 22-23.

² Tafur, *Andanças E Viajes*, 146.

A representação e a funcionalização do autocontrole nos Romances em Prosa em Língua Alemã do Século XVI

Ludmila Fonseca
Universidade do Porto/Università degli Studi di Palermo

Resumo:

A discussão sobre o limite temporal entre Idade Média e Idade Moderna ainda hoje é, em certa medida, questão aberta. Os pesquisadores da literatura alemã optam, nesse sentido, por admitir um período de transição (*Frühe Neuzeit*) entre as duas épocas, em que se dão processos de profundas transformações das estruturas de poder e econômicas e da organização espacial e social. Nesse contexto, surgem, como grande novidade, os romances em prosa em língua alemã (*Prosaroman*), obras que se difundem rapidamente entre as esferas urbanas e que transportam em si muitos elementos do período de crise em que se inserem. A partir da análise de quatro obras literárias desse momento, o objetivo do meu trabalho de doutorado é discutir a apresentação e a funcionalização do autocontrole, elemento reconhecido como central para o entendimento da Modernidade. O autocontrole passa a ter um papel fulcral no sucesso ou insucesso dos personagens; ele não se apresenta mais simplesmente ligado à moderação de impulsos moralmente indesejáveis, mas principalmente a uma nova racionalidade, consciente da necessidade de adequar os meios aos objetivos almejados.

Palavras-chave:

Romances em Prosa (*Prosaroman*), autocontrole, século XVI, literatura alemã

Abstract:

The discussion of the temporal limit between the Middle Ages and the Modern Age is still, to an extent, open to question. In this sense, German researchers acknowledge a transition period (*Frühe Neuzeit*) between the two eras, in which profound transformations of power and economic structures, along with spatial and social organization, take place. Within this context, the prose novels (*Prosaroman*), that were common knowledge in urban spheres and carried elements of this crisis period, appear as a great novelty. Through the analysis of four specific novels written during that period, the objective of my doctoral work is to discuss the presentation and functionalization of self-control, an element well-known amongst experts as fundamental when it comes to the understanding of Modernity. Self-control plays a pivotal role in the successes or failures of the characters; it is no longer related to the moderation of morally undesirable impulses, but instead, to a new rationality, a consciousness regarding the need to adapt the means to achieve the desired objectives.

Keywords:

Prose novel (*Prosaroman*), self-control, 16th century, German literature

Os romances populares em prosa em língua alemã – ou *Prosaromane* – foram um sucesso literário no contexto germanófono do século XVI. As obras bem vendidas eram, nesse período, publicadas diversas vezes e por diferentes tipógrafos e editores em um curto período de tempo, já que o público – ávido por informação e por entretenimento – e o mercado editorial estavam em crescimento. Isso significa, especialmente, que os romances desempenhavam importante papel dentro de seu contexto. Como textos ficcionais, eles não espelham a realidade da época, mas eles a interpretam, revelam os humores e a mentalidade, registram as variações com que as ideias, os costumes e as convicções se formaram, se difundiram e se modificaram com o passar do tempo, sob o impulso da novidade e dos conflitos sociais e religiosos. E, além

de revelarem sobre o período, eles também o influenciaram pois, como obras extensamente difundidas, divulgavam ideias e valores, criavam desejos e medos¹.

Exatamente por esse caráter, além de pela variedade de temas que abordam, quatro romances em prosa², escolhidos pelo seu notável sucesso no século XVI, são o objeto de estudo do presente projeto, que pretende analisar a partir deles a representação e a funcionalização do autocontrole.

As questões suscitadas por esse tema de pesquisa são de ordens diversas, e são elas que pretendemos desenvolver no presente texto. Em um primeiro momento, é necessário esclarecer que o estudo se insere em uma discussão sobre a localização temporal da Modernidade e do Medievo. Além disso, há também a questão da emocionalidade ligada ao autocontrole, e nesse sentido nos interessam diferenças e semelhanças entre as emoções apresentadas em romances da Idade Média e nesta nova literatura do século XVI. E, por fim, elucidaremos algumas das possíveis funções exercidas pelo autocontrole nos textos literários em questão. Serão apresentadas aqui as hipóteses do projeto, que se propõe, então, à sua verificação e à sua expansão, a partir de uma análise aprofundada da apresentação do autocontrole nas obras ficcionais.

1. LOCALIZAÇÃO TEMPORAL DO OBJETO

A discussão em relação à fixação de um início da Modernidade, em que já tomaram parte importantes pensadores, é ponto de partida do presente trabalho, pois entendemos o autocontrole como um dos aspectos fundamentais ao sujeito moderno. Em *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault³ localiza a configuração epistêmica da Modernidade no final do século XVIII, quando há a retirada do saber do espaço da representação. Reinhart Koselleck⁴, por sua vez, está em conformidade com a datação proposta por Foucault. O historiador também localiza o marco temporal da Modernidade por volta de 1800 e entende o nascimento desse período como um momento em que se coloca no presente a invenção de um futuro que pode ser reconhecido no passado. A Modernidade não teria a ver, então, com uma concepção temporal linear, mas com estratos de tempo diferentes que se apresentam simultaneamente e se sobrepõem – e, especialmente por isso, com um sujeito que se propõe a projetar um futuro, que dessa forma passa a ter rastros no presente.

Outros teóricos, no entanto, como Helmut Neuhaus⁵, consideram que o marco histórico da Modernidade deve se localizar no início do século XIV, quando a primeira onda de formação das cidades já estava dada. Entretanto, em meados do século XV, outros acontecimentos deixariam ver ainda mais claramente o início dos processos responsáveis pelo nascimento da Idade Moderna, entre eles a queda de Constantinopla (que traz ao Ocidente uma forte renovação intelectual), as novas organizações sociais e religiosas, as bases iniciais do sistema capitalista e a prensa de Gutenberg.

Este trabalho localiza-se exatamente nesse momento caótico, nesse entre-lugar entre Medievo e Idade Moderna que abre discussões férteis sobre periodização histórica – já que os elementos que fariam surgir o sujeito moderno já se fazem sentir, mas ainda de forma desorganizada e fragmentária. Ele é chamado na medievística alemã de Início da Idade Moderna (*Frühe Neuzeit*). Ao nos ocuparmos com tal momento, tratamos então

¹ Sobre os romances em prosa e seu contexto: Jan-Dirk Müller, „Romane des 15. und 16. Jahrhunderts“, in *Melusine, Fortunatus, Faustus. Romane des 15. und 16. Jahrhunderts*, ed. Jan-Dirk Müller (Frankfurt: Klassiker Verlag, 1990), 987-1458.

² (1) *Florio und Biancaffora* (1499); (2) *Fortunatus* (1509); (3) *Goldfaden* (1557); (4) *Historia von D. Johann Fausten* (1587).

³ Michel Foucault, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

⁴ Reinhart Koselleck, *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos modernos* (Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006).

⁵ Helmut Neuhaus, *Die Frühe Neuzeit als Epoche* (Munique: R. Oldenbourg Verlag, 2009).

de um período de transição de mentalidades, daquilo que Henry Kamen¹ chama de Século de Ferro, por acreditar que, entre 1550 e 1660, a crise – que deve ser entendida como o conflito entre a estagnação e as mudanças, entre as tradições e os novos caminhos sociais – tem seu ápice. Tal ênfase à transição traz à luz um fator bastante significativo: estudar a formação daquilo a que se chama Modernidade relaciona-se com o conhecimento sobre uma cultura e uma estrutura medievais que não foram superadas, mas transformadas². Por isso, entender os romances do século XVI é compreender como os elementos medievais e os novos elementos se reorganizaram e se dispuseram de maneira a possibilitar novas arquiteturas – as quais, por sua vez, reverberaram na literatura.

Se ao homem medieval não era dado o espaço para o questionamento, o sujeito deste período deve começar a decidir sobre as suas próprias certezas. Muitas delas, é sabido, serão provisórias, causando novamente incertezas e instabilidades diversas. A questão religiosa, que é apenas um dos aspectos centrais para as mudanças ocorridas no Início da Idade Moderna, elucida bem esse ponto. Depois de um longo período em que a Igreja Católica detinha toda a influência religiosa na Europa, os seus dogmas e as suas práticas começam a ser discutidos e questionados com cada vez mais intensidade. Diferentes formas de entender o Cristianismo apresentam-se e lutam por espaço – com armas e palavras. A Bíblia, que um dia pareceu inequívoca, passa a ser passível de interpretação, de maneira que novas vias religiosas são abertas: decidir qual delas tomar mostra-se especialmente problemático ao se considerar que, entre todos os caminhos, apenas um leva à salvação – enquanto todos os outros significam a eterna condenação da alma.

Em tal momento de instabilidade, parece-nos começar a crescer a importância do controle social e do autocontrole. Tal questão foi extensamente pesquisada por teóricos da Modernidade, em estudos filosóficos, sociológicos e históricos. Entre aqueles com maior recepção estão os de Norbert Elias³, que defende que no Processo Civilizador correm paralelos o desenvolvimento do Estado (ou de um controle central) e o desenvolvimento da sociedade, de maneira que a administração individual dos afetos condiz com a constituição – muitas vezes institucionalizada – de aparatos de violência e de controle⁴; Michel Foucault⁵, que desenvolve uma teoria sobre os dispositivos de poder e a partir dela explica como são ativados os mecanismos da autodisciplina; Max Weber⁶, que coloca em relação o nascimento do capitalismo e os preceitos comportamentais de algumas confissões religiosas, principalmente o Pietismo e o Calvinismo; e Wolfgang Reinhard⁷ e Heinz Schilling⁸, que veem uma estreita relação entre as confissões e o desenvolvimento de formas individuais de autocontrole.

¹ Henry Kamen, *The Iron Century: Social Change in Europe. 1550-1660* (London: Weidenfeld and Nicolson, 1971).

² Ferdinand Tönnies, “Geist der Neuzeit“ in *Ferdinand Tönnies Gesamtausgabe*, ed. Rolf Fehner (Berlin/Nova Iorque: De Gruyter, 1935).

³ Norbert Elias, *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*, Vol. II. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993).

—, *O processo civilizador: Uma história dos costumes*, Vol. I. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994).

⁴ Afastamo-nos, neste trabalho, de linhas de pensamento como a de Elias, por não entendermos o Medievo como um momento de descontrole e de impulsos incontrolados; pretendemos estudá-lo tendo em vista sua maneira, simplesmente diversa da vindoura, de codificar emoções e de funcionalizá-las.

⁵ Michel Foucault, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 20 (Petrópolis: Editora Vozes, 1999).

⁶ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

⁷ Wolfgang Reinhard, “Sozialdisziplinierung - Konfessionalisierung – Modernisierung: Ein historiographischer Diskurs“ in *Die Frühe Neuzeit in der Geschichtswissenschaft. Forschungstendenzen und Forschungserträge*, ed. Nada Boškovska-Leimgruber (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1997), 39-56.

⁸ Heinz Schilling, “Die Konfessionalisierung im Reich: Religiöser und gesellschaftlicher Wandel in Deutschland zwischen 1555 und 1620“ in *Historische Zeitschrift* (Fevereiro 1988), 1-45.

Ainda há, entretanto, uma carência de pesquisas sobre esse tema que se ocupem da literatura. É nossa intenção, dessa forma, dar uma contribuição a esse campo de pesquisa. Em nossa análise, interessa-nos, em primeiro lugar, a comparação da codificação de emoções na literatura da Idade Média e do Início da Idade Moderna. Os resultados desse estudo servirão, então, de base para a posterior análise das obras do século XVI. Tendo sempre em vista – mas não em foco – a questão social, usamos principalmente aparatos teóricos concernentes à Teoria da Emoção, a qual tem sido extensamente trabalhada pelas pesquisas na área da medievística alemã¹.

2. TRATAMENTO DAS EMOÇÕES EM ROMANCES MEDIEVAIS E PRÉ-MODERNOS

Ao pesquisar a codificação literária das emoções, levaremos em conta a época de produção, sem nos debruçar, entretanto, sobre emoções “reais”, já que, mesmo que acreditássemos que o homem medieval experimentava, por exemplo, o mesmo medo que o homem moderno ou antigo, isso não significaria uma mesma codificação de tal emoção nas obras literárias destas épocas. Pretendemos nos ocupar, portanto, da ligação entre expressão emocional e código cultural e entender as variações nessa relação.

A nossa hipótese central é que, na passagem temática e formal – e nas transformações relacionadas ao público-alvo – dos romances medievais para os romances prosaicos do século XVI, dá-se também uma mudança fulcral em relação à maneira de lidar com as emoções e de as validar: se nos romances de cavalaria existia como uma das possibilidades de controle das emoções o ideal universal da Medida (*mâze*), nos romances populares trata-se de autocontrole – aqui com foco não em uma virtude universal, que serve em todos os casos, mas muito mais em uma capacidade de agir e reagir de modo particular a cada situação, usando tanto a expressão das emoções para alcançar objetivos racionais quanto a razão para alcançar objetivos emocionais.

A Medida é um dos elementos constitutivos da doutrina de virtudes (*Tugendlehre*) dos cavaleiros medievais e se refere diretamente à forma de lidar com as emoções. Nos romances em língua alemã, ela aparece de modo recorrente como valor máximo, como virtude básica para que todas as outras virtudes possam se apresentar², e serve inclusive como terapia para emoções prejudiciais, transformando-as de maneira positiva. Isso se liga à difusão dos escritos aristotélicos, que tiveram grande alcance nesse período, influenciando não só a literatura, mas também doutrinas filosóficas e religiosas. Para Aristóteles, caráter e emoções estão necessariamente interligados, e controle do caráter significa, por conseguinte, controle emocional – que se daria, por sua vez, por meio da Medida³.

Podemos entender melhor como essa questão se apresenta nos romances medievais tomando como exemplo *Parzival*, romance escrito por Wolfram von Eschenbach⁴, em que uma das grandes dificuldades do protagonista é encontrar a justa Medida. Parzival, ainda uma criança, foi afastado da sociedade cortês por sua mãe e, dessa forma, desconhece a doutrina de virtudes dos cavaleiros. Quando se decide a buscar o seu espaço dentro da sociedade, depara-se com dificuldades várias que se referem sempre à codificação de suas emoções. Tratemos aqui, no entanto, apenas do problema central da obra.

¹ Rüdiger Schnell, “Historische Emotionsforschung: Eine mediävistische Standortbestimmung“ in *Frühmittelalterliche Studien: Jahrbuch des Instituts für Frühmittelalterforschung*, eds. Gerd Althoff, Hagen Keller e Christel Meier (Berlin - New York: Walter de Gruyter, 2004), 173-276.

² Joachim Bumke, *Höfische Kultur: Literatur und Gesellschaft im hohen Mittelalter* (München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co, 1986), 416.

³ Christof Rapp, “Aristoteles: Bausteine für eine Theorie der Emotionen“ in *Klassische Emotionstheorien: Von Platon bis Wittgenstein*, eds. Hilge Landweer e Ursula Renz, 45-68 (Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2008), 60.

⁴ Wolfram von Eschenbach, *Parzival*. *Mittelhochdeutscher Text nach der sechsten Ausgabe von Karl Lachmann* (Berlin: de Gruyter, 2003).

No livro II, seu tio Gurnemanz figura como mentor e transmite a Parzival normas e valores cortesias, dando ênfase à Medida. De acordo com Gurnemanz, fazer perguntas demais poderia causar problemas. O protagonista comete o seu maior erro, todavia, exatamente por não entender o ensinamento do tio e, indo ao outro extremo, perguntar menos do que deveria. Quando, após o seu diálogo com Gurnemanz, Parzival se encontra com o Rei do Graal, toda a sociedade espera dele uma pergunta que demonstre a sua compaixão em relação ao sofrimento físico do monarca: era esperado que, ao se encontrar com Anfortas, Parzival demonstrasse a sua compaixão por meio de um questionamento. Porém, ele se cala. É essa conduta errônea que tentará corrigir durante toda a narrativa, por meio da Medida¹.

Dessa forma, é possível perceber que, nos romances medievais, o autocontrole (como o estamos entendendo no presente trabalho) não se coloca normalmente como questão². As emoções se apresentam tendo em vista os papéis que devem ser representados pelas figuras, as quais, portanto, não têm espaço de manobra em relação aos seus afetos: ou elas codificam os afetos previstos pelo sistema de valores ou o conflito está dado. Personagens que desempenhem seus papéis perfeitamente devem, então, codificar as emoções corretas de maneira correta no momento correto³.

Isso se transforma, por sua vez, nos romances em prosa do século XVI. Não se trata mais de romances cortesias que pretendem construir um ideal cavaleiresco ou amoroso. O ambiente mudou, os romances populares ocupam-se, em grande parte, da vida nas cidades ou do conflito entre a corte e os novos estratos sociais. O lugar dos papéis idealizados e das emoções codificadas de maneira coreografada diminui. Agora, outros elementos entram em evidência e a um aspecto que não tinha espaço é dada uma nova importância: o autocontrole não tem uma forma pré-estabelecida e não está sempre ligado a valores morais. Controlar-se é ler corretamente o ambiente e os interlocutores e dar respostas adequadas a cada situação especificamente. O autocontrole se liga com a prudência, a arte de se esconder e se mostrar nos momentos adequados e de conformar perfeitamente os meios aos objetivos perseguidos. Para ilustrar essa questão, apresentemos o romance *Fortunatus* (1509)⁴.

Na obra, a importância da sabedoria é constantemente destacada, já que, em um encontro com a personificação da Fortuna, que lhe oferece um dom à sua livre escolha, o protagonista opta por ser rico, quando poderia ter escolhido ser sábio. Se *Fortunatus* pensava que riqueza ilimitada resolveria todas as suas questões no mundo conflituoso de comerciantes e nobres, descobre que, na verdade, o dinheiro cria novos perigos. Apesar de não ter optado pelo dom da sabedoria, *Fortunatus* tem que aprender por meio da experiência. A obra parece, então, apresentar a sabedoria em dois níveis: no mais profundo, ela significa o entendimento da finitude da vida, de aceitação do tempo e da morte⁵ – esta consciência não será jamais alcançada pelo protagonista –; no nível da vida prática, e este aspecto é o que mais nos interessa, ela tem ligação principalmente com a esperteza, a inteligência, a capacidade de analisar rapidamente situações e escolher os melhores meios, não só para atingir posições sociais de destaque, mas também para sobreviver em um mundo em fase de transição, de desafios ainda desconhecidos. Sábio parece ser, acima de tudo, aquele capaz de se controlar para alcançar determinado

¹ No final da obra, Parzival finalmente se redime ao perguntar: “Tio, o que está doendo?” (“oeheim, waz wirret dir”). (Wolfram, 2003, 795,29).

² Há, entretanto, exceções. Em *Tristan*, de Gottfried von Straßburg, por exemplo, o protagonista deve controlar a expressão de suas emoções constantemente para viver um amor proibido com a esposa de seu tio e rei Marc.

³ Jutta Eming, et al. “Zur Performativität von Emotionalität in erzählenden Texten des Mittelalters” in *Encomia-Deutsch. Sonderheft der Deutschen Sektion der ICLS* (2000), 42-60.

⁴ *Fortunatus* (Stuttgart: Reclam, 2011).

⁵ Laura Auteri, “(Un-)Verfügbarkeit der Zeit und des Ichs in Prosaromanen des 15. und 16. Jahrhunderts” in *Paragrana, UnVerfügbarkeit*, ed. Ingrid Kasten (Berlin: Akademie, 2012), 148-158.

objetivo – enriquecer, manter a riqueza ou se proteger. Fortunatus alcança, dessa forma, sucesso social e pessoal porque aprende a se autocontrolar¹.

Isso nos leva a propor uma análise mais aprofundada do autocontrole. Não basta identificar a presença dessa nova questão nas obras literárias do século XVI, mas é essencial perceber as funções que ela exerce. Interessa-nos saber de que maneira o autocontrole é funcionalizado nas narrativas, quais estratégias são usadas para isso e quais são suas consequências. Além disso, interessa-nos entender que tipo de julgamentos e valorações acompanham o aparecimento do autocontrole em tais obras.

3. FUNCIONALIZAÇÃO DO AUTOCONTROLE

Uma breve reflexão sobre a *Historia von D. Johann Fausten* (1587)², a primeira versão impressa da famosa história do acadêmico que faz um pacto com o demônio, demonstra bem quanto podem ser frutíferas as análises dos romances da época tendo em vista a funcionalização do autocontrole. Pode-se relacionar à *Historia* a questão da Confessionalização, ou seja, a internalização das normas religiosas surgidas com as novas confissões. As três grandes confissões – católica, luterana e calvinista –, para tornar claros seus contornos teológicos, veem como necessário disciplinar os seus membros de acordo com suas regras específicas. Como consequência, surge então um maior controle e um maior autocontrole dos fiéis, já que as normas religiosas passam a ter uma área de influência para muito além da Igreja e atingem em diferentes frentes o desenvolvimento social. As estratégias para alcançar maior disseminação de ideias eram diversas, e entre elas figuram os escritos propagandistas. A *Historia* relaciona-se intimamente com esse movimento: a crítica é unânime ao defender que a obra tem por objetivo transmitir valores luteranos. O que até agora nunca foi apontado, contudo, são as funções que o autocontrole exerce para que a mensagem religiosa seja transmitida.

A falta de autocontrole de Fausto é, primeiramente, funcionalizada intratextualmente: apesar de o protagonista desejar a salvação de sua alma e demonstrar várias vezes ter se arrependido do pacto com o demônio, a ele não é dada nenhuma possibilidade de evitar a danação. A um certo ponto da narrativa, Deus o abandona e, sem a graça divina, Fausto é incapaz de se controlar a fim de se livrar da influência do demônio. Pelo contrário, o medo dos castigos físicos, ameaça constante do diabo, impossibilita que o mago administre as próprias emoções e se posicione contrariamente ao Mal para salvar sua alma.

Para melhor esclarecer essa questão, podemos comparar o desfecho da *Historia* (em que Fausto é morto violentamente por Mephostophiles e condenado à eterna danação) com o desfecho de outra narrativa religiosa, agora católica, em que a protagonista também faz um pacto com o Diabo, *Mariken van Nimwegen* (1518)³. Tal comparação evidencia a centralidade do papel do autocontrole na relação homem-diabo, uma vez que Mariken, em comportamento quase completamente oposto ao de Fausto, não teme o demônio. Quando se arrepende do pacto, ela sofre castigos físicos severos, mas nada abala a sua vontade de ser de novo tomada pela graça de Deus. A consequência disso é, então, a salvação da sua alma.

A *Historia* inaugura, dessa forma, uma nova possibilidade dentro do universo de romances que tinham basicamente o objetivo de divertir e ensinar: ao usar a imagem de um anti-herói luterano, ela coreografa o caminho daquele que não se controla em direção à danação. Pela primeira vez, um protagonista arrependido não encontra a salvação.

¹ Raitz aborda a questão: “Sabedoria significa comportamento individual, refletindo assim os comportamentos sociais vigentes que objetivam evitar ou resolver conflitos. Ela se expressa como uma negociação pragmática, ou como esperteza e argúcia” (tradução nossa). Walter Raitz, *Zur Sociogenese des bürgerlichen Romans: eine literatursoziologische Analyse der "Fortunatus"* (Düsseldorf: Bertelsmann, 1973).

² *Historia von D. Johann Fausten* (Stuttgart: Reclam, 2012).

³ *Mariken van Nimwegen* (Hilversum: Veloren, 1996).

Além disso, a falta de autocontrole é funcionalizada também extratextualmente, uma vez que a obra tem em vista o seu papel no processo de Confessionalização. O narrador, que é sempre o mediador entre Fausto e o público, julga constantemente as atitudes do protagonista e avisa aos leitores que o mago é um exemplo de tudo aquilo que não deve ser feito e teve, assim, seu merecido final trágico. Para os leitores que desejam a vida eterna no Paraíso, é aberta apenas a possibilidade de manter-se dentro das regras luteranas, o que, nesse caso, significa controlar os próprios impulsos, já que certos desejos mundanos podem levar ao desvio do caminho de Deus.

4. O AUTOCONTROLE E O DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO

A construção da identidade dos personagens principais, outra novidade dos romances estudados, parece ser mais um efeito da representação do autocontrole: as figuras definem não só o seu destino, mas também a si mesmas, a partir da sua capacidade de reflexão sobre as próprias emoções e sobre as emoções dos outros. Tomemos novamente como exemplo *Fortunatus*.

Depois das primeiras adversidades enfrentadas após seu encontro com Fortuna, Fortunatus percebe que, para garantir a própria segurança, ele precisa estar preparado para se adequar a extratos sociais a que não pertence. A sua identidade vai, então, se formando a partir de suas ponderações sobre decisões já tomadas e decisões por tomar, sobre seus objetivos e suas emoções. A necessidade de entender seus interlocutores e de controlar os próprios impulsos para que uma comunicação proveitosa seja possível leva o personagem a estar sempre em um entre-lugar. E é essa identidade híbrida que traz às suas ações um caráter de imprevisibilidade e, exatamente por isso, determina o seu sucesso.

Andolosia e Ampedo, como o pai – porque a narrativa não termina com a morte de Fortunatus, mas acha continuidade na história dos herdeiros –, também não têm um lugar pré-estabelecido no mundo. Especialmente Andolosia joga – ainda que de uma maneira muitas vezes limitada – com as próprias possibilidades e tenta caminhar por diversos contextos, mas ele parece jamais entender a exigência de constante reflexão sobre si mesmo e de leitura do outro. Andolosia acaba por morrer em uma violenta sessão de tortura, como consequência da sua inabilidade de controlar as próprias vontades e de estabelecer para si uma posição social segura.

Não há, nem na história de Fortunatus nem naquela dos filhos, um modelo pré-determinado a ser seguido para alcançar o sucesso. O destino forma-se a partir das respostas individuais às questões relacionadas ao autocontrole, estas que surgem constantemente, mas sempre com formatos diversos.

O autocontrole, dessa forma, além de produzir plausibilidade para as narrativas, uma vez que, por meio dele, se justificam o sucesso e o insucesso dos protagonistas, parece desempenhar uma função ainda mais profunda: a partir dele, se constroem identidades. Autocontrolar-se pressupõe a capacidade de interpretação de si mesmo, de reflexão sobre os próprios sentimentos e sobre os próprios objetivos, assim como exige uma aguçada percepção do outro, de suas intenções para além das palavras.

ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO

1. Introdução
 - Estado da arte
 - Formulação da tese
 - Discussão dos conceitos-base dentro da Teoria da Emocionalidade
 - Desenvolvimento de um aparato descritivo

2. O autocontrole na Idade Média e na Pré-Modernidade a partir dos romances *Flore und Biancelfora* e *Flore und Blancheflur*

- A versão medieval e seu original francês
- A versão pré-moderna e seu original italiano
- Comparação de cenas escolhidas

3. O autocontrole nos romances do século XVI

- *Fortunatus* e a Autoconservação
- *Goldfaden* e a Prudência
- *Faustbuch* e o Luteranismo

4. Considerações Finais

Posibilidades de estudio sobre la mano de obra musulmana en la construcción castellana bajomedieval

Luis Araus Ballesteros
Universidad de Valladolid

Resumen:

La presencia de una minoría islámica en los reinos cristianos de la Península Ibérica es un fenómeno que ha interesado mucho a la historiografía, pero que todavía estamos lejos de conocer en toda su complejidad. Desde el punto de vista social y económico, los mudéjares estuvieron muy presentes en algunos sectores de la economía de las ciudades castellanas, como es el caso de la construcción. El propósito de esta tesis doctoral es conocer la participación de la mano de obra musulmana en la arquitectura castellana del siglo XV a partir del estudio de diversas comunidades de la cuenca del río Duero.

Palabras clave:

Mudéjar, Arquitectura, Reino de Castilla, Historia de la Construcción

Abstract:

Scholars had studied Muslim minority in Iberian Christian kingdoms since the 19th century. Nevertheless, this phenomenon is far away of been understood in all its complexity. Mudejars played a significant role in many sectors of Castilian cities economy, like building. The aim of this PhD dissertation is to better know Muslim craftsmen in architecture from the study of some communities in the river Duero basin, during the 15th century.

Keywords:

Mudejar, Architecture, Kingdom of Castile, History of Construction

1. PRESENTACIÓN Y OBJETO DE ESTUDIO

La finalidad de este proyecto de tesis doctoral es profundizar en la dedicación de los musulmanes castellanos a los oficios de la arquitectura. Para la historiografía, especialmente la Historia del Arte, la existencia de una relación estrecha entre los mudéjares y la construcción ha constituido casi un lugar común. La presencia de una minoría islámica en los reinos cristianos durante los siglos bajomedievales y los elementos de origen islámico presentes en los edificios construidos en este periodo parecen reclamar un vínculo entre ambos. Ya en el siglo XIX la historiografía liberal se interesó por la presencia de tres religiones en la Edad Media peninsular, y su reflejo en el llamado estilo mudéjar, definido entonces como la mezcla de elementos islámicos y cristianos y al que se consideró como un elemento de identidad nacional.¹ El nombre de este estilo se tomó del que se venía empleando para referirse a los musulmanes sometidos al dominio cristiano. Ambas circunstancias, la denominación y la mezcla de elementos artísticos de distinto origen, hicieron se vinculasen mudéjares y estilo mudéjar de manera casi inmediata e inconsciente. La realidad no parece que fuera así, y muchos historiadores han advertido que no puede establecerse una relación directa entre los mudéjares y los edificios de estilo mudéjar.² Esto no obsta a que en algunos territorios

¹ Antonio Urquizar Herrera, “La caracterización política del concepto mudéjar en España durante el siglo XIX”. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie VII, H.ª del Arte* t. 22-23 (2009-2010): 210-211.

² Ya desde finales del siglo XIX lo señaló uno de los defensores iniciales del término mudéjar: Pedro de Madrazo y Kuntz, “Bellas Artes I. Penitencias. Errores Biográficos”. *La Ilustración Española y Americana* (1898-VII): 111. Y unos años después lo reafirmaba Vicente Lampérez y

de la Península muchos musulmanes trabajaron en menesteres relacionados con la arquitectura, como en el Reino de Aragón o en los de Castilla y Toledo, aunque sin circunscribir su actividad al llamado estilo mudéjar. En otros reinos, como Valencia o Portugal,¹ parece que apenas ejercieron esta ocupación y prefirieron dedicarse a la agricultura o a otros oficios artesanales.

Por ejemplo en Aragón estas actividades son mejor conocidas,² pero en el caso castellano y especialmente al Norte del Sistema Central, no es mucho lo que sabemos. La dispersión de las fuentes y la escasez de estudios sobre los mudéjares castellanos sobre los que plantear aspectos como los oficios de esta minoría, no habían facilitado que se investigase en profundidad. Además por otra parte, los temas relacionados con la construcción y la arquitectura se han tratado poco desde la Historia Medieval y mucho más desde la Historia del Arte, fijándose fundamentalmente en las obras construidas y dejando un tanto de lado a los artífices y a los promotores. Por ello, la intención de esta tesis doctoral es analizar estos aspectos desde el punto de vista social y económico, dejando en un segundo plano el componente artístico.

2. BREVE REPASO HISTORIOGRÁFICO

Como decimos, la mayor parte de las obras sobre la edificación en este periodo se ha dedicado al análisis formal y estético, especialmente del llamado estilo “mudéjar”, a menudo estableciendo detalladas tipologías pero sin atender apenas a sus autores.³ Con cierta frecuencia se han atribuido estas obras a la minoría mudéjar, cuando la relación este grupo con el estilo artístico homónimo está por determinar.⁴

Si nos fijamos en la historiografía para el caso castellano escasean los estudios de cierta amplitud que aborden el papel de los musulmanes en la construcción, pero de manera recurrente se han recogido noticias de moros carpinteros, yeseros, tejeros, tapiadores, etc., en diversos estudios dedicados a las comunidades mudéjares. Así, ya a mediados del siglo XX Torres Balbás y López Mata dedicaron diversos estudios a los mudéjares de Burgos y Ávila en los que aparecen bastantes noticias sobre su actividad edificatoria.⁵ De la misma forma Cooper, en su obra sobre los castillos castellanos,

Romea. *Historia de la arquitectura cristiana española en la Edad Media según el estudio de los elementos y los monumentos* (Madrid: Blass y Cía., 1908): 535-538.

¹ Sobre las actividades artesanales de los mudéjares portugueses vid. Maria Filomena Lopes de Barros, “Constructores e artesãos muçulmanos: do serviço colectivo do rei ao desempenho individual (séculos XIII-XV)”, en *História da Construção. Os constructores*, coords. Arnaldo Sousa Melo y Maria do Carmo Ribeiro (Braga: CITCEM, 2011).

² La bibliografía sobre los mudéjares aragoneses es muy abundante y cuenta con una larga tradición historiográfica. Entre los investigadores que se han dedicado a ellos pueden señalarse, entre otros, a Esteban Sarasa Sánchez, José Ramón Hinojosa Montalvo, Brian A. Catlos, Manuel Ruzafa García, José María Lacarra de Miguel, María Luisa Ledesma Rubio, Miguel Ángel Sesma Muñoz, Gonzalo Borrás Gualis, Germán Navarro Espinach, etc.

³ Sería arduo recoger todos los trabajos sobre el arte mudéjar castellano, abordado desde presupuestos metodológicos y conceptuales muy variados, pero raramente desde el punto de vista de la mano de obra. Algunas obras generales que se pueden citar: Basilio Pavón Maldonado, *Arte mudéjar en Castilla la Vieja y León*. (Burgos: Aldecoa, 1968); Manuel Valdés Fernández, *Arquitectura mudéjar en León y Castilla*. (León: Universidad de León, 1984); M.^a Teresa Pérez Higuera, *Arquitectura mudéjar en Castilla y León*. (Valladolid: Junta de Castilla y León, 1993); Manuel Valdés Fernández, M.^a Teresa Pérez Higuera y Pedro J. Lavado Paradinas, *Historia del Arte en Castilla y León IV. Arte Mudéjar*. (Valladolid: Ámbito, 1996).

⁴ Sobre la complejidad del ambiente artístico castellano en la baja Edad Media resulta interesante: Juan Carlos Ruiz Souza, “Castilla y al-Andalus. Arquitecturas aljamiadas y otros grados de asimilación”. *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte XVI* (2004): 17-43.

⁵ Leopoldo Torres Balbás, “Actividades de los moros burgaleses en las artes y oficios de la construcción”. *Al-Andalus: Re vista de las escuelas de estudios árabes de Madrid y Granada* vol. 19, nº 1 (1954): 197-202; ID. *Algunos aspectos del mudejarismo urbano medieval*. Madrid:

recogió diversas intervenciones de moros en algunas fortalezas.¹ En esta línea diversos autores como Juan Agapito y Revilla,² el Marqués de Lozoya,³ Martín González⁴ o Lavado Paradinas⁵ han ido añadiendo datos sobre los diversos oficios ejercidos por musulmanes en relación al sector de la construcción. Son fundamentalmente datos dispersos, pero sirven para dar una idea del alcance de la mano de obra mudéjar.

A comienzos de los años noventa, en su *La comunidad morisca de Ávila*,⁶ Serafín de Tapia dedicó un espacio a la dedicación profesional de la población morisca abulense, contextualizando el papel de estos constructores. Este mismo historiador también dedicó un trabajo a la participación de los mudéjares en la construcción.⁷ Tras Ávila, la comunidad que más investigaciones ha ocupado ha sido Valladolid, para la que hay que mencionar los trabajos de Gómez Renau,⁸ Rucquoi⁹ y los de Moratinos García y Villanueva Zubizarreta.¹⁰

Otros trabajos han ampliado la visión sobre el fenómeno incluyendo estudios sobre artesanos¹¹ u obras concretas,¹² o la labor de oficiales moros y judíos al servicio de determinadas instituciones.¹³ A pesar de todas estas aportaciones, las investigaciones en este campo han versado fundamentalmente sobre comunidades y ejemplos concretos,

Real Academia de la Historia, 1954; Teófilo López Mata, “Morería y judería”. *Boletín de la Real Academia de la Historia* 129 (1951): 335-384; y también Luciano Huidobro Serna, “Los moros de Burgos y su influencia en el arte”. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos y de la Institución Fernán González* 27 (1948): 222-225.

¹ Castillos como los de la Mota de Medina del Campo, Arévalo, San Felices de los Gallegos, Coria y por supuesto Coca, contaron con una notable participación mudéjar. Edward Cooper, *Castillos señoriales de la Corona de Castilla* (Salamanca,: Junta de Castilla y León, 1991): *passim*.

² Juan Agapito y Revilla, *Los abastecimientos de aguas de Valladolid* (Valladolid: La Nueva Pincia, 1907).

³ Juan de Contreras y López de Ayala, “La morería de Segovia”. *Estudios segovianos* 56-57 (1967): 303-319.

⁴ Juan José Martín González, “Sobre carpinteros moros”. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* XV (1948-1949): 257-258.

⁵ Pedro J. Lavado Paradinas, “Braymi. Un yesero mudéjar en los monasterios de Clarisas de Astudillo y Calabazanos”. *Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses* 37 (1976): 19-33.

⁶ Serafín de Tapia Sánchez, *La comunidad morisca de Ávila*. (Salamanca: Universidad de Salamanca, 1991).

⁷ Serafín de Tapia Sánchez, “Alí Caro, alarife”, en *Historia de Ávila IV. Edad Media*, coord. Gregorio del Ser Quijano (Madrid: Institución Gran Duque de Alba, 2009): 733-736. ID, “Personalidad étnica y trabajo artístico. Los mudéjares abulenses y su relación con las actividades de la construcción en el siglo XV”, en *Medievalismo y neomedievalismo en la arquitectura española. Aspectos generales*, eds. Pedro Navascués Palacio y José L. Gutiérrez Robledo (Salamanca: Universidad de Salamanca, 1990): 245-252.

⁸ Mar Gómez Renau, *Comunidades marginadas en Valladolid: Mudéjares y moriscos (s. XV-XVI)* (Valladolid: Diputación Provincial, 1993); ID, “Alarifes musulmanes en Valladolid”. *Al-Andalus Magreb. Estudios árabes e islámicos* 4 (1996): 223-238.

⁹ Adeline Rucquoi, “Le secteur privé du bâtiment en Castille septentrionale au XV^e siècle”. *Razo. Cahiers du Centre d'Études Médiévales de Nice* 14 (1993): 67-84.

¹⁰ Manuel Moratinos García y Olatz Villanueva Zubizarreta, “Consecuencias del decreto de conversión al cristianismo de 1502 en la aljama mora de Valladolid”. *Sharq al-Andalus* 16-17 (1999-2000): 117-139.

¹¹ Así no podemos dejar de mencionar la tesis doctoral de Domínguez Casas que dedica algunas páginas al carpintero Mahoma de Palacios. Rafael Domínguez Casas, *Arte y etiqueta de los Reyes Católicos. Artistas, residencias, jardines y bosques*. (Madrid: Alpuerto, 1993): 75-81.

¹² Es el caso del Castillo de Coca, concebido y levantado por mudéjares abulenses, cuyo proceso constructivo se describe pormenorizadamente en Luis Vasallo Toranzo, “El castillo de Coca y los Fonseca. Nuevas aportaciones y consideraciones sobre su arquitectura”. *Anales de historia del arte* 24 (2014): 61-85.

¹³ María López Díez, “Judíos y mudéjares en la Catedral de Segovia (1458-1502)”. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie III, Historia Medieval* 18 (2005): 169-184.

pero no se acometido un estudio de cierta amplitud que ponga en relación a los maestros de distinta procedencia.

3. DELIMITACIÓN ESPACIAL Y CRONOLÓGICA

No resulta fácil establecer los límites de una investigación, pues por una parte se trata de que la aportación que se va a hacer posea un cierto interés y por otra que sea abarcable dentro de las posibilidades de una tesis doctoral. Inicialmente, nuestro interés se dirigió hacia el conjunto de la cuenca del río Duero. El interés por este espacio se justifica por su relevancia demográfica, política y económica durante la Baja Edad Media. La Meseta Norte representaba el territorio más densamente poblado de la Corona de Castilla, caracterizado por un gran dinamismo social y económico, especialmente en su zona central.¹ Lugares como Valladolid, Medina del Campo, Segovia, Ávila, Burgos o Palencia articulaban una tupida red de núcleos urbanos que mantuvo prácticamente atrapada a la Corte al menos durante tres cuartos del siglo.² La gran aristocracia también mostró predilección por esta área y otro tanto se puede decir de muchas de las figuras eminentes de la Corona. Todo ello tuvo como resultado el patrocinio de una intensa actividad constructiva que se fue intensificando con el paso del tiempo, para llegar a su culmen ya entrado el siglo XVI.

Por otro lado, la elección se explica por la falta de un conocimiento profundo del trabajo de los mudéjares en este territorio. Hasta ahora, los estudiosos de los mudéjares castellanos se han ocupado de su distribución,³ su organización social e institucional,⁴ o su identidad islámica.⁵ Estos trabajos constituyen la base sobre la que partir para indagar en su dedicación profesional.

Sin embargo, al ir profundizando en el tema, resultaba más operativo partir de las comunidades mudéjares en lugar de abarcar un gran espacio en su totalidad. Hasta ahora la investigación apunta a que los mudéjares castellanos se agruparon formando comunidades en los principales núcleos urbanos, y a que su presencia en zonas rurales era menor. Comunidades que en el siglo XV se agrupaban especialmente en el Reino de Castilla.⁶ Por ello, finalmente, escogimos cuatro de estas comunidades que pudieran ser representativas del conjunto y que se conocen en mayor profundidad por lo que podía

¹ Miguel Á. Ladero Quesada, *La España de los Reyes Católicos*. (Madrid: Alianza, 2014): 32.

² La predilección de la Corte castellana por este territorio se puede comprobar siguiendo los itinerarios reales: Vid. Antonio Romeu de Armas, *Itinerario de los Reyes Católicos, 1474-1516* (Madrid: Instituto Jerónimo Zurita, 1974); Juan Torres Fontes. *Itinerario de Enrique IV de Castilla* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950); y Francisco de Paula Cañas Gálvez. *El itinerario de la corte de Juan II de Castilla (1418-1454)* (Madrid: Sílex, 2007).

³ Miguel Á. Ladero Quesada. *Los mudéjares de Castilla en tiempos de Isabel I*. (Valladolid: Instituto Isabel la Católica de Historia eclesiástica, 1969): 17-20; Gonzalo Viñuales Ferreiro. “El repartimiento del «servicio y medio servicio» de los mudéjares de Castilla en el último cuarto del siglo XV”. *Al-Qantara. Revista de estudios árabes* 24-1 (2003): 184-187.

⁴ Mercedes García-Arenal. “El hundimiento del conllevare: la Castilla de las tres culturas”, en *Historia de una cultura. Las Castillas que no fueron*, ed. Agustín García Simón (Valladolid: Junta de Castilla y León, 1995): 9-53; Ana Echevarría Arsuaga. “Los mudéjares: ¿minoría, marginados o “grupos sociales privilegiados”?”. *Medievalismo: Boletín de la Sociedad Española de Estudios Medievales* 18 (2008): 45-66.

⁵ Javier Jiménez Gadea. “Espacios y manifestaciones materiales de los musulmanes castellanos: presencias y ausencias de una minoría medieval”. *Edad Media. Revista de Historia* 17 (2016): 67-95; Olatz Villanueva Zubizarreta y Luis Araus Ballesteros. “La identidad musulmana de los mudéjares de la Cuenca del Duero a finales de la Edad Media. Aportaciones desde la aljama de Burgos”. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie III, H.ª Medieval* 27 (2014): 525-546.

⁶ En el territorio leonés de la cuenca del Duero apenas hay comunidades mudéjares en la segunda mitad del siglo XV, aunque sabemos que existieron con anterioridad. Pablo Ortego Rico. “La imagen de la minoría islámica castellana a través de las fuentes fiscales a fines de la Edad Media”. *Edad Media. Revista de Historia* 17 (2016): 38.

plantearse investigar un aspecto más concreto como es el trabajo en determinados oficios. Estas comunidades son las de Ávila, Valladolid, Burgos y Segovia. Las dos primeras (Ávila y Valladolid), eran las de mayor tamaño a juzgar por su aportación al fisco real a fines del siglo XV y también las mejor conocidas desde el punto de vista historiográfico. Las otras dos, Burgos y Segovia, serían de mediana entidad, por lo que podrían ilustrar la realidad de las aljamas de tamaño intermedio.

En cuanto al espacio temporal, coincidiría aproximadamente con el siglo XV, del que se conserva mayor documentación escrita que de siglos anteriores. Sin las fuentes escritas se hace muy difícil rastrear la presencia de los mudéjares en los oficios ligados a la arquitectura, porque el análisis de las construcciones conservadas desde el punto de vista técnico no permite determinar la adscripción religiosa de sus autores. La fecha elegida para el comienzo es el Ordenamiento de Valladolid de 1412, en el cual la reina Catalina impuso un conjunto de medidas verdaderamente represivas a los mudéjares en el territorio gobernado por ella. Aunque fueron revocadas en 1418 su impacto dejó una huella en las comunidades musulmanas y judías hasta su expulsión. En cuanto a una fecha final, en lugar de terminar el estudio con la conversión de 1502, hemos preferido alargarlo hasta aproximadamente 1520 para incluir a la primera generación de moriscos. En este sentido, entendemos que el bautismo no influyó de manera decisiva en el desempeño profesional de los musulmanes, a diferencia de otros muchos aspectos de sus vidas.

4. FUENTES

La investigación que se está llevando a cabo, como ya se ha señalado, se basa fundamentalmente en fuentes documentales. La escasez de documentación medieval en Castilla durante la Edad Media se mitiga un poco en el siglo XV, y los escritos aumentan progresivamente conforme se avanza en el tiempo. Así, las últimas décadas de dicho siglo cuentan con fondos de notable entidad, y mucho más las primeras del siglo XVI. Sin embargo, como es bien sabido, los documentos producidos por los grupos mudéjares son verdaderamente escasos, y hemos de recurrir a las fuentes cristianas que hablan sobre ellos por lo que dependemos de la visión que ellas nos transmiten. Por supuesto, por lo común los moros no son el principal asunto de los documentos, sus apariciones son circunstanciales y a menudo poco explícitas.

Por otro lado, a pesar de que para el siglo XV contamos con más documentos que para épocas anteriores, estos siguen siendo muy dispersos y raramente se han conservado series con cierta continuidad. Debido a ello se hace difícil relacionar la información de distintas fuentes, y raramente hallamos a un mismo individuo en diversos fondos documentales. El último inconveniente que se presenta en cuanto a las fuentes es que apenas reflejan una importantísima porción de la actividad edilicia, como es la obra privada y de pequeña envergadura. Por el contrario, la documentación que mejor se ha conservado es la producida por grandes instituciones, mientras que apenas disponemos de datos de lo promovido por particulares.

Las fuentes que estamos empleando son muy variadas debido a que la dispersión de la información impide limitarse a unas determinadas tipologías documentales. El gran esfuerzo que requieren se ve recompensado con una visión más amplia sobre la relación entre mudéjares y construcción. Vamos a pasar a referir algunas de las principales tipologías documentales que están resultado útiles como fuentes de información;

- Fuentes fiscales. Las contribuciones al *servicio*, al *medio servicio*, y a la *cabeza de pecho*, han sido estudiadas por Ladero Quesada, Viñuales Ferreiro y Ortego Rico.¹ Sus

¹ Ladero Quesada. *Los mudéjares de Castilla*: 17-20; Viñuales Ferreiro. “El repartimiento del «servicio y medio servicio»”: 184-187; y Ortego Rico. “La imagen de la minoría islámica”: 33-66.

trabajos resultan útiles para esta investigación a la hora de trazar un panorama de las comunidades mudéjares existentes y de su tamaño relativo. Sin embargo, los datos conservados son discontinuos y no aportan información sobre la actividad constructiva.

- Fuentes legislativas. La legislación sobre mudéjares y judíos estableció ciertas limitaciones al ejercicio de determinados oficios, especialmente aquellos que suponían algún tipo de autoridad sobre los cristianos.¹ Diversas instancias legislaron sobre ello, tanto las eclesiásticas (concilios y sínodos), las Cortes, los monarcas y los concejos dictando ordenanzas para sus municipios.²

- Fuentes judiciales. Los procesos judiciales proporcionan una gran cantidad de información, pero solamente sobre casos muy puntuales en que se produjo algún tipo de conflicto o desacuerdo. Fundamentalmente se trata de pleitos conservados en el Archivo de la Real Chancillería de Valladolid.³

- Fuentes concejiles. Dentro de este grupo, el tipo de documentación de mayor interés son las actas municipales que recogen las reuniones de los regimientos. Los asuntos tratados en los ayuntamientos son de enorme variedad, los más interesantes para esta investigación serían los relacionados con la construcción y el urbanismo, la creación de morerías, sin olvidar que algunos moros ejercieron de alarifes o veedores de las obras de algunas ciudades o villas.⁴

- Fuentes contables. Su complejidad y precisión dependen de las circunstancias en que se han generado. Así, instituciones importantes como cabildos catedralicios o grandes hospitales cuentan con series bastante completas de libros de cuentas, mientras que son muy escasos los de particulares o pequeñas parroquias.⁵

- Censos y contratos de arrendamiento. Estos documentos reflejan contratos de alquiler de casas o suelos, establecidos en ocasiones con mudéjares. Existían diversas modalidades, y en ocasiones se establece que se han de llevar a cabo reparaciones en los edificios. Sin embargo, suelen ser poco explícitos y raramente dan detalles sobre el aspecto de las viviendas.

- Protocolos notariales. Este tipo de documentación es muy variada y resulta útil cuando se conserva; en Castilla es rara antes del siglo XVI. En ellos se recoge todo tipo de contratos y documentos hechos ante un escribano público.

¹ Un repaso de la legislación relativa a mudéjares y moriscos desde el siglo XIII se puede encontrar en Ana Isabel Carrasco Manchado. *De la convivencia a la exclusión. Imágenes legislativas de mudéjares y moriscos. Siglos XIII-XVII*. (Madrid: Sílex, 2012).

² Por ejemplo las de Haro de 1453, vid. Enrique Cantera Montenegro. "La comunidad mudéjar de Haro (La Rioja) en el siglo XV". *En la España medieval* 4 (1984): 162-164.

³ María Antonia Varona García. "Judíos y moros ante la justicia de los Reyes Católicos. Cartas ejecutorias de la Real Chancillería de Valladolid (1476-1495)", en *Proyección histórica de España en sus tres culturas*, coord. Eufemio Lorenzo Sanz. (Valladolid: Junta de Castilla y León, 1993): vol. I, 337-368.

⁴ Por ejemplo la familia de los Perejil en Ávila o los Andado en Valladolid. Tapia Sánchez. *La comunidad morisca de Ávila*: 190; Gómez Renau. "Alarifes musulmanes en Valladolid": 234-235.

⁵ Se han estudiado algunas de estas instituciones como el cabildo catedralicio de Segovia, o la cofradía de Todos los Santos de Valladolid, en trabajos ya citados de López Díez y Rucquoi, respectivamente. También parcialmente el capítulo burgalés por López Mata. "Morería y Judería"; Hilario Casado Alonso. "La construction à Burgos a la fin du Moyen Age, prix et salaires". *Cahiers de la Méditerranée* 31 (1985): 303-319; y Angus MacKay, *Moneda, precios y política en la Castilla del siglo XV* (Granada: Universidad de Sevilla, 2006).

5. PRINCIPALES ASPECTOS A TRATAR

El sector de la construcción poseía implicaciones sociales y económicas muy amplias que atañen tanto al cliente que encarga la construcción, al artesano que la ejecuta, los productores y arrieros que suministran los materiales, la autoridad que supervisa la obra o el destinatario final del edificio, si es distinto de quien la encarga. Además, en muchos casos los edificios han de cumplir una función más amplia (defensiva, representativa, simbólica, industrial, etc.), por lo que se podrían añadir más variables.

En primer lugar, nuestra intención es trazar un panorama de la dedicación laboral de los mudéjares en el conjunto peninsular con especial atención a los oficios de la construcción. Dependiendo de las circunstancias de la conquista cristiana se mantuvieron las actividades practicadas en época andalusí, o fue necesario adaptarse a nuevas circunstancias, además de las transformaciones inevitables por las variaciones económicas o legislativas a lo largo del tiempo. Los mudéjares asentados en zonas rurales se dedicarían de manera predominante a diversos oficios agrícolas y ganaderos,¹ mientras que en los núcleos urbanos abundaban los menestrales, aunque en muchos lugares tampoco faltasen labradores. Entre los oficios artesanales destaca la industria textil,² la alfarería, presente en casi todos los reinos peninsulares, y por supuesto la construcción, especialmente apreciable en Aragón y Castilla la Vieja.

A la hora de tratar el ejercicio de cualquier actividad es necesario tener en cuenta la legislación que lo regula, que en el caso de la construcción tiene un notable desarrollo. En primer lugar están las limitaciones impuestas al ejercicio de ciertas profesiones, al menos desde el IV Concilio de Letrán, que buscaban evitar que musulmanes o judíos ostentasen algún tipo de autoridad sobre los cristianos y limitar el contacto entre los fieles de distintas creencias.³ Las actividades artesanales, implicaban inevitablemente relaciones, al menos de índole económica con los cristianos,⁴ por lo que la regulación va a referirse a menudo a aspectos como la contratación de cristianos al servicio de maestros mudéjares o que tomen aprendices del oficio.⁵ Es muy importante también la reglamentación de índole municipal, que regulaba el urbanismo, el abastecimiento de materiales constructivos, o la ubicación de los talleres dentro del núcleo urbano.

Otro de los asuntos relevantes a tener en cuenta en el campo de la construcción es la organización y la forma de contratación de la mano de obra. Con mucha frecuencia en las fuentes contables únicamente aparece la persona que percibe los pagos de la obra, sin que se aclare ni siquiera si llegó a participar en la misma. Salvo en obras decorativas o de muy pequeño alcance, no es frecuente que un oficial trabajase solo, y parece que fue habitual que lo hiciera en grupos familiares. Es el caso, por ejemplo, de los hermanos Homad y Çarçano para la cofradía de Todos los Santos de Valladolid,⁶ o el del morisco Francisco Andado, que trabajaba con su hijo Melchor y otro morisco llamado Miguel Xadel.⁷ Además de estos pequeños grupos, en construcciones de gran envergadura como el castillo de Coca, la labor la realizaban cuadrillas algo más amplias de obreros

¹ Ana Echevarría Arsuaga, *La minoría islámica de los reinos cristianos medievales* (Málaga: Editorial Sarriá, 2004): 101.

² Destaca por ejemplo en Ávila y Segovia en Castilla y en Épila en Aragón. *Ibid*: 104. También la fabricación de alfombras, a lo que se dedicaban destacados miembros de la comunidad lisboeta. Maria Filomena Lopes de Barros, *Tempos e espaços de mouros. A minoria muçulmana no reino português (séculos XII a XV)* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007): 518.

³ Vid. Carrasco Manchado, *De la convivencia a la exclusión*: 91-240.

⁴ Lopes de Barros, *Tempos e espaços de mouros*: 513.

⁵ López Mata, “Morería y judería”: 354.

⁶ Rucquoi, “Le secteur privé du bâtiment”: 73-76.

⁷ Luis Araus Ballesteros, “Un alemán y un morisco. Alejo de Vahía y Francisco Andado en el convento de San Francisco de Valladolid”. *Minorías ebooks 2* (2016): 138.

cualificados.¹ Al parecer, tampoco fue extraño que obreros cristianos y musulmanes colaborasen en las mismas obras, o se llamase a maestros de distinta religión para tasar un edificio.

Independientemente de como se organicen los trabajadores, se encuentran diversas modalidades de contratación, fundamentalmente tres: a sueldo fijo, a jornal o a destajo. La primera de ellas la practican instituciones o aristócratas que mantienen construcciones permanentemente y requieren un personal constante y disponible.² Otro medio sería el jornal, por el cual se percibe un salario en función del tiempo trabajado, que en ocasiones se complementaba con una quitación fija.³ Por último estaría el destajo por el cual se contrataría una obra, ya sea un edificio, una parte o una reparación, por una cantidad convenida y a ejecutar en un tiempo determinado.⁴ Sin embargo, abundan las fórmulas mixtas e intermedias, que se ajustan en función de las características de la obra y del interés de clientes y artesanos.

Frente al papel de los artesanos, los clientes parecen haber sido más protagonistas en determinar el tipo de obra que se realiza desde el punto de vista formal. Se puede documentar a prácticamente todos los grupos sociales encargando obras a los mudéjares, aunque las fuentes privilegian a ciertos estamentos, mientras que otros apenas están representados. La monarquía,⁵ la aristocracia,⁶ cabildos, concejos,⁷ las oligarquías locales,⁸ conventos,⁹ etc., encargan construcciones a los mudéjares. Dentro de los clientes no podemos obviar a los propios mudéjares, tanto individualmente, como las aljamas, en cuyas viviendas y edificios comunitarios debieron de trabajar sus propios correligionarios. En este sentido, la documentación que hemos consultado hasta el momento no permite afirmar que los mudéjares ejerciesen estos oficios en exclusiva, ya que aunque su presencia es notable, raramente superan a los menestrales cristianos.

Por último, entre nuestros objetivos está el tratar de reconstruir la trayectoria profesional de algunos artesanos destacados, o de sagas familiares dedicadas a estos oficios. La tarea no es sencilla, las referencias que tenemos de ellos son habitualmente muy sucintas y dispersas. Son pocos los artesanos conocidos, entre los que sobresalen el

¹ En Coca trabajaba una cuadrilla compuesta por once o doce mudéjares. Vasallo Toranzo. “El castillo de Coca”: 71. Otro tanto se puede decir de los castillos de Coria y San Felices de los Gallegos, donde trabajaron un grupo de moros del Barco de Ávila, entre ellos Yuçafe Montero, Alí de Piedrahíta y Çulema Blanco. Cooper, *Castillos señoriales*: vol. I.1, 158 y 168.

² Sobre todo los grandes cabildos que los destinan al mantenimiento de sus grandes propiedades inmuebles. También los alarifes o veedores de los concejos poseen acostamientos fijos.

³ Es el caso de Mahomad el Roxo quien tenía asignados 600 mrs. anuales a los que se añadían otros 27 diarios. López Díez, “Judíos y mudéjares”: 79.

⁴ Por ejemplo el moro Beltrán levantó con estas condiciones varias casas para la Cofradía de Todos los Santos de Valladolid en 1444. Rucquoi, “Le secteur privé du bâtiment”: 77.

⁵ Además de algún ejemplo ya citado, se puede nombrar a Xadel Alcalde, que dirigió la decoración de diversas salas del Alcázar de Segovia o Maestre Abadallah y Mahomad de Lerma que trabajaron en el castillo de la Mota de Medina del Campo hacia 1480. Cooper, *Castillos señoriales*: vol. I.1, 202-203.

⁶ Por ejemplo la familia Enríquez. Ramón Pérez de Castro, “La herencia del tiempo: Arte y patrimonio en Aguilar de Campos”, en *Aguilar de Campos. Tres mil años de historia*, coord. Pascual Martínez Sopena (Valladolid: Diputación provincial, 2002): 80.

⁷ Se les contrata, además de para alarifes, para la construcción de murallas y como encargados de apagar los fuegos. Olatz Villanueva Zubizarreta, “Los moros obligados a fuego o el primer cuerpo de bomberos de Valladolid”, en *Matafuegos. 500 años de bomberos de Valladolid*. coord. Eduardo Pedruelo Martín (Valladolid: Ayuntamiento, 2015): 39-45.

⁸ Apenas se puede documentar la actividad de los mudéjares al servicio de personajes de las oligarquías locales. Por ejemplo el palacio del regidor abulense Francisco de Valderrábanos lo construyeron Mofarrax de Móstoles y Brayme de la Rúa. Tapia Sánchez, “Personalidad étnica y trabajo artístico”: 245-252. O el rico cambiador Antonio de Paredes que encargó a un morisco el altar par su enterramiento. Araus Ballesteros. “Un alemán y un morisco”: 129-144.

⁹ Luis Vasallo Toranzo, “Bartolomé de Solórzano. Nuevos datos y obras”. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 66 (2000): 163-180.

carpintero Mahoma de Palacios, que se bautizó con el nombre de Jerónimo¹ y Alí Caro, llamado después Alonso de Fonseca.²

6. CONCLUSIONES

En el estado en que se encuentra nuestra investigación todavía no es posible aventurar unas conclusiones definitivas, pero sí avanzar algunas tendencias que podemos extraer del análisis parcial de los datos que se van recabando. En primer lugar, en cuanto al marco legal del sector constructivo, podemos señalar que los ordenamientos contrarios a las minorías religiosas que se fueron promulgando a lo largo del siglo XV parece que no tuvieron un efecto profundo en este campo. De hecho, estas medidas trataron de reducir la presencia social de los musulmanes recluyéndolos en barrios separados y obligándoles a portar señales en el vestido, o incrementaron la presión tributaria, pero, en general, no tuvieron gran impacto sobre los oficios considerados viles, más allá de evitar que los musulmanes ejercieran algún tipo de autoridad sobre los cristianos.

Por otro lado, en las fuentes que hemos tenido ocasión de manejar hasta ahora la presencia de cristianos ejerciendo los mismos oficios que los musulmanes es muy notable. Así, y de modo provisional, se puede decir que los sarracenos no monopolizaron oficios como la carpintería o la yesería en las ciudades castellanas. Del mismo modo, tampoco se advierte una discriminación salarial, pues los jornales son similares entre los fieles de ambas religiones, y su variación parece depender más de su grado de especialización que de sus creencias. Hemos señalado ya la variedad de los comitentes que recurren a la mano de obra mudéjar, pero todavía no sabemos en qué grado.

En cuanto a las formas de trabajo, los materiales y las técnicas empleadas por los constructores moros, no parece que se hallasen muy alejadas de las del resto de trabajadores de esos oficios. Únicamente se encuentran algunos artesanos o cuadrillas especializadas en determinados tipos de construcciones, al igual que existían de cristianos. Tanto es así, que puede decirse que en el siglo XV los musulmanes se hallaban plenamente integrados dentro del artesanado castellano.

¹ Domínguez Casas, *Arte y etiqueta de los Reyes Católicos*: 76.

² Vasallo Toranzo, “El castillo de Coca”: 68.

A Capela de São Frutuoso de Montélios: Princípios do seu Desenho

Nídia Pereira Teles
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Resumo:

O presente artigo expõe os pontos fulcrais que conduziram a proposta de dissertação para o Mestrado Integrado em Arquitectura¹, e os principais aspectos e conclusões da sua realização. O estudo desenvolve-se no âmbito da arquitectura altimedieval presente em território nacional, e tem como objecto de estudo a Capela de São Frutuoso de Montélios. Pretende uma nova leitura da capela, através de uma abordagem que visa o uso das ferramentas de trabalho e da perspectiva do arquitecto, como modo de “ver” pelo desenho. Na prática, desenvolve-se em torno dos princípios de desenho presentes no objecto de estudo, como a medida, o módulo-base e relações de proporção. A investigação tem ainda por base o estudo comparativo de relações de desenho e proporção através da sobreposição e manipulação de escala de desenhos. As comparações-chave são: A Basílica de Dume, que certamente terá servido de referência de desenho; e a Capela do Bom Jesus de Valverde, construída após uma visita a Montélios.

Palavras chave:

Arquitectura, Desenho, Metrologia, Proporção

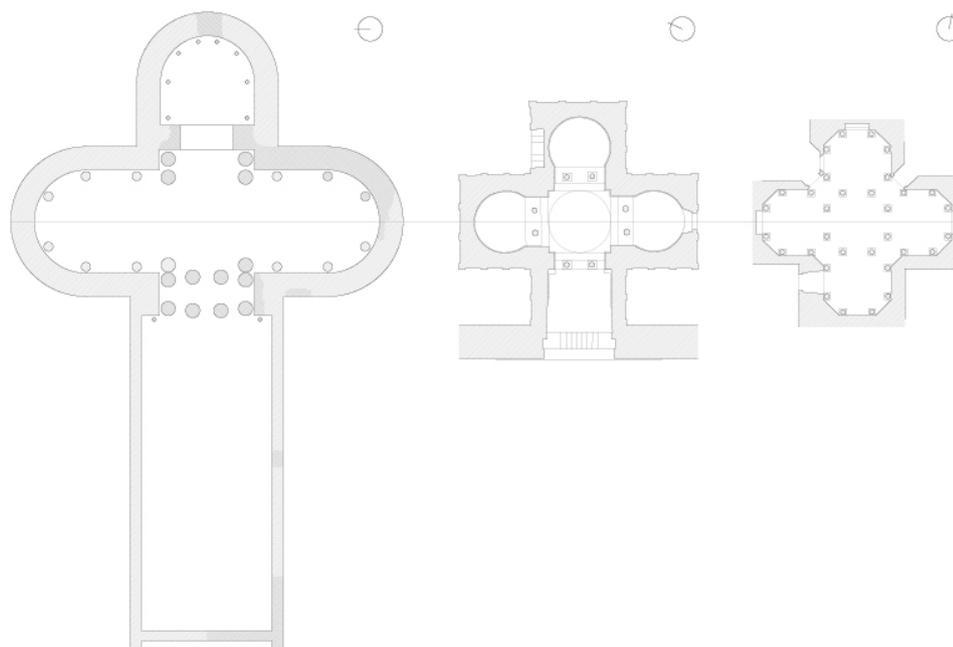
Abstract:

This article presents the leading aspects for the execution of the Master dissertation in Architecture, and the main conclusions of its completion. The dissertation develops within the Early Middle Ages architecture present in the Portuguese territory, and its study focus in the Chapel of São Frutuoso de Montélios. Its intention is to bring forward a new reading and approach to the Chapel of São Frutuoso de Montélios, closely linked to the architect’s perception and working tools – through drawing analysis. In practice, the main focus is the principles of the chapel’s design, such as, a measure, module and proportional relations. This investigation also makes a thorough comparative study of the principals of design and the proportional relations between buildings, through the overlay and scale reduction/enlargement of drawings. The key comparisons are: the Basilica of Dumio, near Montélios, which certainly served as a design model; and the Chapel of Bom Jesus de Valverde in Évora, building inspired by a visit to Montélios.

Keywords:

Architecture, Design, Metrology, Proportion

¹ A investigação que decorria durante o IX Workshop de Estudo Medievais 2017 resultou na dissertação de mestrado *A capela de São Frutuoso de Montélios*, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Marta Oliveira, e apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto a 13 de Novembro de 2017. O conteúdo do presente texto corresponde à proposta da comunicação apresentada no WEM 2017, porém ficam também registadas as principais reformulações realizadas no decurso da investigação, assim como as sugestões da Professora Doutora Lúcia Rosas (Universidade do Porto) e da Adriana Gallardo Luque (U. Complutense de Madrid).



Basílica de Dume, Capela de S. Frutuoso e Capela do Bom Jesus de Valverde
 (Dume: adaptação de desenhos de Luís Fontes; S. Frutuoso: desenho da autora; Valverde: adaptação de desenho de Marta Oliveira)

1. TEMA, OBJECTIVOS E PROBLEMÁTICA

1.1. TEMA

A dissertação tem como propósito desenvolver um estudo em torno dos princípios de desenho presentes na arquitectura altomedieval em território nacional, partindo de um objecto de estudo. O tema central desenvolve-se no âmbito da arquitectura de planta centralizada, de referência de cruz grega, que se encontrava difundida na Península Ibérica durante a Alta Idade Média,¹ e é designada para estudo a Capela de S. Frutuoso de Montélios (séc.VII – IX/X).

Partindo do objecto – a Capela de S. Frutuoso – esta investigação procura explorar as suas relações de desenho com duas obras chave: a Basílica de Dume² (Braga, séc. VI), obra que difunde a tipologia cruciforme na Península Ibérica e que se implanta na proximidade de Montélios, razão pela qual se questiona em que medida lhe serviu de

¹ Justino Maciel refere que a planta cruciforme se desenvolve durante o séc. VII. Aponta como primeiros exemplos em território português Dume (Braga) e Montinho das Laranjeiras (Algarve). Refere ainda que neste período se desenvolve a dinâmica centrada de que são exemplos: S. Frutuoso de Montélios (Braga), S. Pedro de la Mata (Toledo), Sta. Maria de Melque (Toledo), Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Nave (Zamora). Justino Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, em *História da Arte Portuguesa*, dir. de Paulo Pereira, 103-149 (Lisboa: Temas e Debates, 1995), vol.1, 133-136.

² “A Basílica de Dume introduziu, um novo modelo arquitectónico na Hispania, (...) sendo exemplo mais acabado desta dinâmica a Igreja/Mausoléu de S. Frutuoso de Montélios, vizinha de Dume, cuja primeira fase data, na nossa maneira de ver, do tempo de S. Frutuoso, nos meados do século VII.” Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, 130.

referência e como ambas se relacionam; e a Capela do Bom Jesus de Valverde¹ (Évora, séc. XVI), inserida na mesma tipologia de planta centralizada e erguida após uma visita do Cardeal Infante D. Henrique à Capela de S. Frutuoso.

O estudo comparativo prende-se nas relações de desenho e proporção, estabelecidas através da sobreposição e da ampliação e redução de desenhos. Além das comparações acima mencionadas, destaca-se o estudo comparativo com um conjunto de obras com que a Capela de S. Frutuoso apresenta maior afinidade: Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Mata (Toledo) e Sta. Maria de Melque (Toledo). No decorrer da investigação são ainda estudados outros edifícios de referência, os quais se inserem num panorama de obras peninsulares, enquadradas, também temporalmente, no âmbito deste estudo.

1.2. OBJECTIVOS

Em primeiro lugar, investigar que medida está na base do projecto da Capela de S. Frutuoso. Para além disso, se é possível determinar um módulo-padrão que explique algumas medidas principais da capela, ou seja, estabelecer que modulação serve de base ao seu desenho.

Em segundo, inquirir e explorar se porventura existirão relações de desenho, métrica e proporção possíveis de se estabelecer entre a Basílica de Dume e a Capela de S. Frutuoso, e de que forma o desenho de Dume poderá ter servido de modelo para o projecto da Capela de S. Frutuoso.

E, em terceiro, procurar afinidades de desenho e entender de que modo o conhecimento da Capela de S. Frutuoso terá participado no imaginário e ter-se-á reflectido nas formas de Bom Jesus de Valverde, e, num diálogo inverso, olhar o que de Bom Jesus de Valverde, na sua forma e constituição, é possível retroverter para uma compreensão da própria espacialidade da Capela de S. Frutuoso.

1.3 CONTEXTO E PROBLEMÁTICA

A Capela de S. Frutuoso de Montélios é um Monumento Nacional² localizado na área periurbana de Braga,³ na freguesia de Real, situada a Sul do rio Cávado e atravessada por um curso de água de pouca expressão. É possível que a capela se tenha implantado

¹ Foi “o Bom Jesus de Valverde, junto à Cidade de Evora, que o Cardeal Dom Henrique mandou fazer quasi pelo mesmo modo, depois que em Braga tinha visto esta.” Frei Manoel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade* (Lisboa: Na officina de Miguel Manescal da Costa, 1751), 232. O Infante D. Henrique é nomeado administrador do Arcebispado de Braga em 1533, mas “só em 1537 entrou pela primeira vez em Braga”. Em 1539 é nomeado Arcebispo de Évora. Cf. Fortunato de Almeida, *História da igreja em Portugal* (Porto: Portucalense, 1967-1971), 597-598.

Vaseu, que esteve em Évora entre 1541 e 1550, dedicou a obra “*Chronici*” ao Cardeal Infante D. Henrique, com estudos desenvolvidos em matérias da Idade Média. Assim, como afirma Marta Oliveira: “Especula-se se o conhecimento sobre a capela de S. Frutuoso seria certamente mais aprofundado do que aquele que terá obtido no âmbito de uma visita pastoral” Marta Maria Cabral, *Bom Jesus de Valverde: um estudo da igreja e do claustro do convento* (Porto: Edição da autora, 1988), 29-30, 78.

² MN - Monumento Nacional, Decreto n.º 33 587, DG, I Série, n.º 63 de 27 março 1944 / ZEP, Portaria n.º 624/2014, DR, 2.ª série, n.º 143 de 28 julho 2014.

³ Braga era a capital provincial da *Gallaecia* e sede episcopal desde início do séc. IV, e nos séc. V e VI serve de capital ao Reino Suevo, vindo continuamente a afirmar a sua importância como centro difusor do cristianismo no Noroeste Peninsular. Em 585, este reino foi anexado ao Reino Visigodo.

sobre as preexistências de uma *villa* romana,¹ e estaria associada à via romana XIX,² que estabelecia ligação entre Braga e Lugo, a mesma que servia a Basílica de Dume.

A sua origem tem datação atribuída à segunda metade do séc. VII, por fundação de São Frutuoso³ (fal. 665). São Frutuoso foi um monge godo fundador de mosteiros que, enquanto bispo de Dume (653-665) e de Braga (656-665),⁴ funda, em Montélios, um mosteiro que consagra a São Salvador, e em cuja capela pretendia ser sepultado. É ainda consensual que a obra tenha passado por uma reconstrução algures nos séc. IX-XI, dada a presença de elementos moçárabes, que, segundo alguns autores,⁵ se inserem no contexto da Reconquista e da renovação do culto cristão.

No séc. XVI o conjunto de S. Salvador é convertido pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa⁶ num mosteiro da Ordem dos Capuchos da Piedade. As obras terão sido realizadas por volta de 1523, e, tanto quanto se sabe, a Capela de São Frutuoso não terá sofrido alterações de maior. Desta intervenção terá sido ainda construída uma igreja. Já no séc. XVIII, sob o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles,⁷ são efectuadas alterações que comprometem o aspecto da capela. É construída a nova Igreja de S. Francisco, que integra a Capela de S. Frutuoso como capela secundária. São destruídas partes das fachadas e do interior, e o novo conjunto deixa-a completamente ocultada.⁸

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas em Portugal, o conjunto conventual ao qual estava associada a Capela de S. Frutuoso, é encerrado e vendido a particulares. Só em finais do séc. XIX o interesse por este templo é renovado pelos estudos de Ernesto Korrodi,⁹ o que culmina numa intervenção a cargo da DGEMN¹⁰ nos

¹ Apesar de incerta a existência de uma *villa* romana, a Capela de S. Frutuoso faz aproveitamento de material romano: “embora no seu edifício [Capela S. Frutuoso] se reutilizem materiais arquitectónicos romanos, fustes e capitéis.” C. A. F. de Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, em *História da Arte em Portugal*, dir. de Jorge Alarcão, 94-164 (Lisboa: Publicações Alfa, 1986), 97.

² Estão ainda presentes troços reminiscentes da via XIX nas imediações de Montélios e de Dume.

³ São Frutuoso foi um monge visigodo e bispo de Dume e Braga, nascido em Astorga no séc. VII.

⁴ Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 54.

⁵ Alguns autores que tratam o assunto são C.A. F. de Almeida, Manuel Real e Luís Fontes.

Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, 122-123; Manuel Real, “Inovação e Resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no Ocidente peninsular”, em *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992), 17-68 (Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1995), 66.

Em *Vita Fructuosi*, obra dos finais do séc. VII, encontramos referência de que o Mosteiro de S. Salvador foi fundado por São Frutuoso. E, após as invasões árabes, a presúria de Montélios data do séc. IX, tomando sua posse o presbítero Cristóvão que a doa à Sede de Santiago, o que é confirmado por Afonso III das Astúrias em 883. É neste contexto, inserido na Reconquista e na valorização dos bispos da época suevo-visigótica que a capela de S. Salvador surgiria agora dedicada a São Frutuoso. Cf. C. A. F. de Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, 123.

É ainda de referir que em 1102 dá-se o episódio que fica conhecido como *pío latrocínio*, quando Diego Gelmírez, leva as relíquias de São Frutuoso para o seu bispado em Sant’Iago de Compostela. Cf. Emma Falque Rey, *História Compostelana* (Madrid: AKAL, 1994), 94.

⁶ D. Diogo de Sousa foi Arcebispo de Braga de 1505 a 1532. Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 598.

⁷ D. Rodrigo de Moura Teles foi Arcebispo de Braga de 1704 a 1728. Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 604.

⁸ Assim “os franciscanos promoveram a sua demolição [convento], edificando um novo convento e nova igreja. Estas novas construções traduziram-se na mutilação parcial do templo primitivo, que ficou literalmente ocultado no meio das paredes conventuais.” Luís Fontes, *S. Frutuoso de Montélios* (Braga: Comissão Regional de Turismo do Verde Minho, 1989), 6.

⁹ Ernesto Korrodi esteve em Braga entre 1889 e 1894 como professor, e, entre 1895 e 1898, torna-se membro da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos e da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. Em 1898, publica o artigo “Um Monumento Byzantino-Latino em Portugal”. Cf. Lucília Verdelho da Costa, *Ernesto Korrodi 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 149-154, 311.

¹⁰ O projecto de restauro foi desenvolvido por João de Moura Coutinho. E, era Baltazar de Castro o Director dos Monumentos durante o restauro de S. Frutuoso de Montélios. Estava também na

anos 30 a 40 do séc. XX. O actual aspecto da capela é, significativamente, o resultado desta exaustiva intervenção de restauro. Porém, é no decurso destes trabalhos que são descobertas partes da forma dos seus muros.

A Capela de São Frutuoso de Montélios apresenta a planta centralizada em cruz grega, aproximadamente inserida num quadrado. Distingue-se na sua configuração pelos braços rectos no exterior e em três deles, pela planta de curvatura ultrapassada no interior. A sua cobertura não foi resolvida durante o restauro, em parte, por falta de coerência na solução apresentada e por falta de unanimidade entre responsáveis e entendidos. É composta por uma quadra central, considerada o corpo mais antigo e não intervencionado. Esta quadra central estabelece ligação com os quatro braços através de uma tripla arcada, e é encimada por uma cúpula semiesférica.

Tenhamos presente que a Capela de S. Frutuoso se apresenta como uma obra complexa, de um tempo bastante recuado e que vem, repetidamente, a ser alvo de transformações ao longo do tempo. Resta realizar uma abordagem cuidadosa e atenta ao seu contexto e à identificação das suas formas e elementos originais. E, com apoio num levantamento métrico e por meio comparativo, analisar que princípios estão na base do seu desenho. Como já indicado este estudo comparativo tem duas obras de referência: a Basílica de Dume, e a Capela do Bom Jesus de Valverde.

A Basílica de Dume encontra-se nas proximidades da Capela de S. Frutuoso, e foi construída por volta de 550, por ordem do rei suevo Cararico. A construção da basílica é marcada pela chegada de São Martinho, que irá elevá-la a sede episcopal e fundar ali um mosteiro. Os restos da basílica primitiva de Dume, indiciam uma planta de tipologia cruciforme de referência latina, com a presença de uma cabeceira trilobada que se desenvolve ao redor de uma quadra central. Esta cabeceira articula três absides de planta semicircular, que apresentam restos de colunas encostadas às suas paredes, embora independentes.

A proximidade geográfica e temporal com o nosso objecto de estudo faz da Basílica de Dume uma obra fundamental, admitindo que poderá ter servido de modelo directo a S. Frutuoso, e ainda como referência a obras do reino de Toledo. De forma que poderá servir a compreensão destes edifícios num contexto suevo-visigótico.

Por sua vez, a Capela do Bom Jesus de Valverde, localizada na cidade de Évora, distingue-se deste grupo de obras ao ser um exemplar do séc. XVI. A capela está inserida no conjunto conventual de Valverde, e tem datação atribuída a cerca de 1542, sendo ainda discutível o seu arquitecto.¹ Segundo a tradição, foi mandada erguer pelo Cardeal D. Henrique após este ter visitado a Capela de S. Frutuoso de Montélios, o que indica que poderá ter servido de inspiração ao seu projecto. A sua planta é centrada e segue uma lógica de cruz grega, na qual se articulam cinco octógonos. O octógono central eleva-se por meio de um tambor e é coberto por uma cúpula semiesférica, assente em colunas. Este articula-se com os quatro braços, também octogonais, que apresentam, tal como em Dume, colunas encostadas às paredes, mas independentes.

Como já referido, S. Frutuoso de Montélios não tem o interior das suas absides resolvidas, e embora o projecto de restauro e alguns estudos apontem uma solução tipo “baldaquino”, a sua relação com Dume e Bom Jesus de Valverde leva a especular se poderia ter, na sua origem, o mesmo tipo de solução.

altura envolvido no restauro de S. Pedro de Lourosa e S. Pedro de Balsemão. Cf. Maria João Neto, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960* (Porto: FAUP, 2001), 222-223.

¹ A sua autoria é divulgada, segundo Serrão, como sendo do arquitecto régio Miguel de Arruda. Cf. Vitor Serrão, *O Renascimento e o Maneirismo* (Lisboa: Presença, 2002), 74.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Como em qualquer investigação foi necessário elaborar uma pesquisa inicial e leitura exaustiva. São vários os estudos dedicados com referências à Capela de São Frutuoso de Montélios. Este processo, não só permitiu recolher bibliografia de referência, como possibilitou aproximar as questões discutidas em História, História da Arte e Arqueologia. O material consultado é melhor entendido quando dividido em dois grupos: os primeiros estudos dos séc. XIX e XX, prévios à intervenção da DGEMN, e os estudos que foram desenvolvidos durante e após o restauro.

A Capela de São Frutuoso chega ao séc. XIX possivelmente muito alterada na sua origem e ocultada pelas paredes do convento de S. Francisco. No séc. XIX, Ernesto Korrodi lança os primeiros passos para a valorização da capela. O autor procura reestabelecer a sua planta original, o que resulta, em 1898, em “Conjecturas sobre a sua forma primitiva” e “Um Monumento Latino-Bizantino em Portugal”,¹ pensando-a “segundo o plano das basílicas bysantino-latinas”.² Na sua reconstituição ensaia uma igreja de planta basilical de três naves, onde o corpo central da capela correspondia ao cruzeiro.

Levantada a questão, seguem-se alguns estudos. Temos D. José de Pessanha com “A Architectura Bysantina: dissertação de concurso” (1907), que a define como “*uma igreja de caracter byzantino*” relacionando-a com o baptistério de S. Miguel de Tarrasa, S. Miguel de Linio e Igreja de St. Germiny-le-Prés.³ Em 1916, com “Um Monumento Bizantino em Portugal”, altera a sua tese para o “*typo latino*”.⁴ Gómez-Moreno, que ainda nos inícios do séc. XX, em “Iglesias Mozarabes” enquadra-a como um “*exemplar del tipo bizantino cuadrado y com crucero central (...)*” aproximando-a de Cristo de la Luz em Toledo, e San Martin em Segóvia. Refere-se ainda à capela como uma “*simplificación de San Vital, en Ravena*”.⁵ É ainda de referir Aguiar Barreiros, que publica em 1919 a obra “A Capella de S. Frutuoso em S. Jeronymo de Real de Braga” e em 1927, “Braga Monumental: a Catedral, a Capela dos Coimbras e a Capela de S. Frutuoso”, onde defende o traçado bizantino de planta centralizada em cruz grega.⁶

Nos anos 30 a 40 do séc. XX a Capela de S. Frutuoso de Montélios é então alvo de uma intervenção de restauro sob as opções adoptadas à data pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.⁷ A primeira fase de restauros decorre entre 1931 e

¹ “A designação «bizantino-latino» era então recorrente nos manuais de arqueologia da época, definindo o período da arte ocidental pré-românica” Costa, *Ernesto Korrodi 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património*, 149.

² *apud* José Pessanha, *A architectura byzantina: dissertação de concurso* (Lisboa: Escola Typhographica das oficinas de S. José, 1907), 97.

³ Pessanha, *A architectura byzantina: dissertação de concurso*, 98.

⁴ O autor estava agora convencido que esta seria: “o vão resultante da nave média e do transepto de uma igreja visigothica de typo latino.” José Pessanha, “Um Monumento Bizantino em Portugal”, *Ocidente* 9 (Lisboa, 1919), 39-43.

⁵ O autor ainda se refere aos arcos como “de tipo godo.” M. Gómez-Moreno, *Iglesias Mozárabes Arte Espanõl de los Siglos IX a XI* (Madrid: Centro de Estudios Históricas, 1919), 97.

⁶ O “corpo mais antigo da capella, envolve, em si o systema constructivo do typo bysantino, cujo elemento dominante é a cupula central mais saliente, em volta da qual gira todo o edificio, não deixa de impôr-se o plano da cruz grega da primitiva igreja (...)” Manuel de Aguiar Barreiros, *A Capella de S. Frutuoso em S. Jeronymo de Real Braga: restos da antiquissima Igreja de S. Salvador de Montelios séc. VII* (Porto: Marques Abreu, 1919), 9.

⁷ Sobre os restauros dos Monumentos Nacionais: Maria João Neto, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960* (Porto: FAUP, 2001).

1938, segundo projecto de João de Moura Coutinho,¹ que direccionou a intervenção no sentido de recuperar a forma originária da Capela de São Frutuoso de Montélios.²

A intervenção resulta num aprofundado trabalho de intervenção que previa o isolamento da capela, permanecendo a ligação à Igreja de S. Francisco. A obra é alvo de um significativo desmonte do seu aparelho, o qual põe a descoberto as formas da sua traça primitiva, nomeadamente as absides de curva ultra semicircular. Os trabalhos de restauro são provisoriamente suspensos em 1938, data que marca o afastamento de João de Moura Coutinho, assumindo Baltazar de Castro a direcção total da obra e tendo como Chefe de Secção o Arquitecto Rogério de Azevedo. Rogério de Azevedo avança com um novo projecto, aprovado em 1939. No entanto, por divergências com Baltazar de Castro, é, no mesmo ano, afastado das obras.³

Importa referir esta breve síntese do que foi o restauro, pois centrou-se na época de construção da capela, admitindo a sua ordenação por São Frutuoso. E, durante e após a intervenção, desenvolveu-se uma polémica em torno do entendimento deste edifício, numa discussão que se baseia na sua atribuição à arquitectura visigótica ou moçárabe.

Encontram-se entre os principais defensores da tese moçárabe Manuel Monteiro,⁴ Alberto Feio e Sérgio Pinto.⁵ E, em torno desta discussão, em 1966, António de Azevedo discute o restauro levado a cabo por João de Moura Coutinho e as teses defendidas por Manuel Monteiro e Alberto Feio, concluindo que: “São as duas épocas do monumento – a pobre do séc. VII, bizantina, e a rica do séc. XI, mais clássica e com reflexos de moçarabismo”.⁶

Posteriormente, Carlos Alberto Ferreira de Almeida vem em muito apoiar a hipótese de uma reconstrução durante o período conhecido como da Reconquista, pelo

¹ “As reintegrações de Monumentos fazem-se pelas deduções indicadas pelo estudo dos elementos integrantes da sua reconstituição estrutural, ou quando estes faltem, pelo estudo comparativo com outros monumentos em que haja o mesmo carácter predominante, o mesmo estilo e afinidades na sua contextura e no seu revestimento plástico. Também se fazem por palpite a olho, como algumas há em terras que nós sabemos, mas se isso pode dar uma interessante peça de scenografia, nunca pode traduzir a verdadeira forma expressiva que animou esse monumento.” João de Moura Coutinho, *Capela de S. Frutuoso. A sua restauração* (1931), 1.

² Sobre o restauro da Capela de S. Frutuoso de Montélios consultar: João de Moura Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal: São Frutuoso de Montélios* (Braga: ASPA, 1978); Maria Mónica Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios. A fragilidade da reintegração nacionalista face à evolução historiográfica”, *Museu 10* (Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2001), IV Série, 223-277.

³ Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios...”, 248.

Rogério de Azevedo apresenta uma nova solução para o posicionamento das colunas no interior das absides:

“A quantidade de materiais primitivos, entre os quais algumas aduelas de arco que, medidas no seu maior comprimento indicam que os arcos estavam encostados às paredes e não longe delas, a própria estrutura e o traçado das abóbadas acusando nitidamente a meia esfera, levaram-nos a este resultado, isto é, a adoçar às paredes as colunas, não as isolando no centro conforme a norma que se estava a adoptar no restauro.” *apud* Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios...”, 254.

⁴ Assim “a Igreja de S. Frutuoso (...) foi reconstruída na época subsequente à morte de El-Mansour (1001 ou 1002) em que se deu a libertação definitiva do Entre Douro e Minho por Afonso V” Manuel Monteiro, *S. Frutuoso: uma igreja moçárabe* (Braga, 1939), 19. O autor atribui a planta em círculo ultrapassado à arquitectura moçárabe: “o círculo quasi fechado como em S. Frutuoso, são uma característica inconfundível da arquitectura moçárabe.” Monteiro, *S. Frutuoso: uma igreja moçárabe*, 31.

⁵ Alberto Feio, *A Arte da Alta Idade média no Distrito de Braga* (Braga: E. Bracara Augusta, 1954).

Sérgio Pinto, “São Frutuoso de Montélios a igreja mais bizantina da Península”, *Bracara Augusta* (Braga: 1960), vols. 9-10.

⁶ António Azevedo, *O mausoléu de S. Frutuoso de Braga* (Braga: Livraria Cruz, 1965), 46.

séc. IX, que explora em “Arte da Alta Idade Média” (1986) no âmbito da arquitectura “moçárabe e da Reconquista”.¹

Por outro lado, autores que a interpretam no contexto da arquitectura visigótica são: D. Fernando de Almeida,² Helmut Schlunk,³ Pedro Palol,⁴ Theodor Hauschild,⁵ Jacques Fontaine⁶ e João de Moura Coutinho.⁷ Outros autores que também a estudam neste contexto são Aarão de Lacerda⁸ e Justino Maciel.⁹

Dos estudos mais recentes, resta referir Manuel Real, que elabora, em 1995, o estudo “Inovação e Resistência” onde defende uma reconstrução no séc. X, a apoiar a intervenção moçárabe, associando-a às obras cordovesas do séc. IX-X.¹⁰ Outro autor de referência é Luís Fontes, que refere a reconstrução associada à renovação do culto a São Frutuoso.¹¹

Actualmente, está a ser realizada uma intervenção nas ruínas do Convento de S. Francisco e em torno da Capela de São Frutuoso.¹²

¹ Almeida, “Arte da Alta Idade Média, 120.

² Assim “não podemos deixar de incluir a capela de S. Frutuoso de Montélios no ciclo visigótico, embora com alguns, poucos, reflexos do período moçárabe.” D. Fernando de Almeida, *Arte Visigótica em Portugal* (Lisboa: Edição do autor, 1962), 154.

³ O autor destaca a vertente bizantina: “No hay duda de que la iglesia de San Fructuoso se deriva de uno de estos modelos y que su trazado repite con bastante fidelidade el de los mausoleos bizantinos de la época de Justiniano. (...) Nuestra iglesia recuerda bastante el mausoleo de Gala Placidia, de Rávena” Helmut Schlunk, “Arte Visigodo”, em *Ars Hispaniae*, 227-323 (Madrid: Plus Ultra, 1948-1963), vol. 2, 283.

⁴ “San Fructuoso de Montelius está entre las obras de este siglo VII y posiblemente hacia su segunda mitad.” Pedro de Palol, *Arte Hispanico de la epoca visigoda* (Barcelona: Polígrafa, 1968), 134.

⁵ Theodor Hauschild, “Arte Visigótica”, em *História da Arte em Portugal*, dir. de Jorge de Alarcão, 149-169 (Lisboa: Alfa, 1993), vol. 1.

⁶ Jacques Fontaine, *El Prerrománico* (Madrid: Encuentro, 1978).

⁷ *São Frutuoso de Montélios* de 1978 é uma obra póstuma de João de Moura Coutinho. O autor defende a planta das absides como visigóticas: “O plano das três absides inscritas em muros rectangulares, surgira com surpresa. [E] que esta forma construtiva teve grande expansão na Península, comprova-o o facto de não só muitas das igrejas moçárabes aproveitarem as fundações das visigóticas derruinadas, como, ainda, o de esse dispositivo, na mesma época, em paralelismos de formas, largamente se desenvolver na Gália merovíngia e na Itália ostrogoda.” Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal...*, 179.

⁸ Aarão de Lacerda, *História da Arte em Portugal* (Porto: Portucalense Editora, 1942).

⁹ Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, 103-149.

¹⁰ “Embora a igreja de Montelius tenha sido doada a Santiago de Compostela, do ponto de vista construtivo, ela tem naturais afinidades portucalenses, mais do que galegas. Um conjunto de dados, leva-nos à conclusão que o mausoléu terá sofrido profunda reconstrução na primeira metade do século X. (...)” Real, “Inovação e Resistência...”, 66.

¹¹ Luís Fontes, *S. Frutuoso de Montélios* (Braga: Comissão Regional de Turismo do Verde Minho, 1989); Luís Fontes, “S. Frutuoso Revisitado ou a Recente Revitalização do Monumento”, *Forum 6* (Braga: Conselho Cultural UM, 1989), 41-56.

¹² A intervenção segue sob direcção da Universidade do Minho. Em 2015, o Convento de S. Francisco é cedido à Universidade do Minho, com vista à recuperação e reconversão do edifício com a instalação de um espaço museológico. A sua conclusão está prevista para 2018. Neste contexto, estão a ser realizadas escavações arqueológicas por parte da Unidade de Arqueologia da U. Minho, na envolvente próxima de S. Frutuoso. Cf. SIPA, “Convento de São Francisco/Igreja de Real/Igreja de São Jerónimo”, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6974, (consultado em Janeiro e Agosto de 2017).

3. FONTES

Sendo a principal questão em torno desta dissertação o desenho da Capela de S. Frutuoso, interessa recorrer a fontes históricas que proporcionem uma aproximação desta realidade – oferecendo descrições e pistas sobre a obra em estudo. Inserem-se, nas fontes consultadas, o manuscrito de João de Barros, “*Libro das Antiguidades e cousas notáveis de entre Douro e Minho*” de 1549,¹ e a sua reedição revista, “*Geographia de Entre Douro e Minho*”, editada em 1919. Este documento é um importante testemunho e a mais antiga descrição conhecida do interior da capela de S. Frutuoso. O autor contabiliza 22 colunas, as quais são recuperadas no projecto de restauro apresentado por João de Moura Coutinho.

Destaca-se igualmente Frei Manoel de Monforte, com “*Chronica da Provincia da Piedade*” (1696), com edição impressa em 1751. O cronista disponibiliza uma descrição mais exacta da capela e esclarece a organização do seu espaço interior, contabilizando 24 colunas no seu interior. Reflete ainda sobre a sensação de espacialidade em S. Frutuoso de Montélios, ao fazer referência a uma multiplicidade de colunas, e ao apontar a relação entre esta e a Capela do Bom Jesus de Valverde. Merece ainda referência o facto de o autor indicar medidas em palmos,² o que permite pensar questões de medida.

Outro documento estudado é o manuscrito de António Machado Villas Boas, “*Antiguidade de Lethes*” (1712), anexado na obra póstuma de João de Moura Coutinho. O seu conteúdo pouco acrescenta às anteriores descrições, embora se destaquem as referências feitas às alterações realizadas pelos franciscanos, no arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles, e que permitem enumerar alguns passos desta intervenção.³

Inclui-se ainda a obra “*Chrónica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*” (1762), de Frei Francisco de Sant’Iago. Em parte, as suas descrições parecem basear-se em autores anteriores, acrescentando por sua vez algumas particularidades curiosas, bem como uma reflexão sobre as dimensões da capela de S. Frutuoso, propondo ter existido um templo de maior dimensão mais adequado ao culto litúrgico.⁴ Tal leva a ponderar a hipótese da existência de uma igreja, a par da capela, entre o Mosteiro de S. Salvador.⁵

Faz ainda parte deste grupo de obras a transcrição [1532-1565] *Memorial das Obras que D. Diogo de Sousa mandou fazer*, presente na obra *O Mecenato de D. Diogo*

¹ A obra encontra-se disponível na página Biblioteca Nacional Portuguesa: <http://www.bnportugal.pt/>.

² As absides teriam “cada huma só dezeseite palmos, e meio de largo, neste tão pequeno espaço tem a Igreja vinte e quatro columnas (...) as quaes por ficarem tão espessas, e com tão estreitos intercolumnios, que alguns não passam de três palmos.” Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade*, 233.

Não se sabe qual a correspondência em centímetros ao palmo indicado por Monforte, porém, a partir da sua descrição é possível deduzir esta medida como sendo entre os 19 e os 20 centímetros.

³ “Os padres com menos acordo do que devião desfizerão apoucos annos a Cappella Mor, por não poder fazer nella os actos da Comunidade com columnas que estão pello meyo e as tirarão que servem hoje no alpendre da portaria, e fiserão a cappella mais larga.” Villas Boas, 1712, apud Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal...*, 141.

⁴ “Não parece ser própria do dito Mosteiro, por ser muito pequena, e pouco accommodada para o culto Divino, pelo que he de crer seria sómente para sepultura do Santo, e para o concurso de gente, e exercicio do culto Divino haveria alli outro Templo.” Frei Francisco de Sant’Iago, *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade* (Lisboa, 1762), 485.

⁵ A mesma hipótese foi também apontada por Monforte no séc. XVII. A presença da Igreja de S. Francisco/S. Jerónimo de Real do séc. XVIII, construída durante o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles, e a anterior do séc. XVI, erguida na intervenção de D. Diogo de Sousa, vem assinalar um historial neste sentido. Destaca-se ainda que em consulta da obra de Rui Maurício, *O mecenato de D. Diogo de Sousa arcebispo de Braga: 1505-1532* (Leiria: Magno, 2000), 301-303, uma transcrição aponta que D. Diogo de Sousa “fez a igreja de Sam Hieronimo de novo”, o que leva a especular uma preexistência ainda anterior à igreja que D. Diogo de Sousa manda erguer.

de Sousa Arcebispo de Braga (1505-1532): Urbanismo e Arquitectura, de Rui Maurício.¹ Esta transcrição dá conta das obras realizadas por D. Diogo de Sousa em Braga, com pormenores interessantes para compreender as intervenções na envolvente da Capela de S. Frutuoso de Montélios.

4. METODOLOGIA

4.1 PESQUISA

Numa primeira fase, a investigação centra-se em apreender o conhecimento sobre a obra em estudo, seguindo-se o ver e abordar o edifício através de uma nova perspectiva – o desenho –, segundo as ferramentas de trabalho do arquitecto.

É elaborada uma pesquisa inicial que permita compreender a obra – o que se sabe sobre a Capela de S. Frutuoso, quais as suas questões centrais, como foi descrita e percebida ao longo do tempo, que estudos foram feitos e como é entendida actualmente. A mesma aproximação, quando necessária, é realizada para as obras que aqui são designadas a tratar: a Basílica de Dume e a Capela do Bom Jesus de Valverde.

No quadro desta pesquisa, foi também iniciada uma recolha de material gráfico. Alguns autores tratados no enquadramento historiográfico produziram desenhos a propor reconstituições para a capela de S. Frutuoso, plantas que dão conta das suas preexistências, desenhos livres e de observação do seu aspecto, que, no âmbito do restauro, incidiram na disposição das suas colunas e na solução do abobadamento.

Assim, este material gráfico encontrado em estudos prévios, e do qual se destacam plantas, conjecturas e fotografias, foram recolhidos, assim como a compilação de desenhos e fotografias da DGMEN disponíveis através do SIPA. Este material permite entender o pensamento da obra através do desenho, identificar elementos originais e as principais dificuldades em torno da sua reconstituição, e levam, também, a suscitar novas questões.

4.2 TRATAMENTO DE MATERIAL GRÁFICO E LEVANTAMENTO MÉTRICO

Parte do trabalho dedica-se a definir uma escala exacta e a produzir novos desenhos, pois, para o processo de compreender a comparar através do desenho, é necessário tê-los formalizados à mesma escala.

Após a recolha anteriormente anunciada, é seleccionada a planta com a representação mais fidedigna da Capela de S. Frutuoso de Montélios – a conjectura apresentada por João de Moura Coutinho. A presença de escala gráfica permitiu estabelecer uma escala o mais exacta possível, e, desta forma, as restantes plantas que representam S. Frutuoso são uniformizadas segundo esta referência.

Mas, uma vez que os elementos gráficos por vezes apresentam imprecisões, e para um maior rigor no decorrer da investigação, é necessário trabalhar com medidas exactas. Assim, foi necessário um trabalho de campo com visitas ao local do qual se elaborou um levantamento métrico. Este levantamento permite confrontar medidas, clarificar dúvidas, completar elementos em falta, e, principalmente, possibilita um estudo rigoroso do estado actual da Capela de São Frutuoso, com meio de medidas exactas, e que levou à produção de novos desenhos digitais: uma nova planta e um corte inédito.

De um modo geral, todas as obras que surgem ao longo da investigação, se estudadas e usadas em termos comparativos, necessitam também de ser redesenhadas e de ver redefinida a sua escala. No caso particular da Capela do Bom Jesus de Valverde e

¹ A consulta a esta obra foi sugerida na análise da Professora Doutora Lúcia Rosas, durante a nona edição do Workshop de Estudos Medievais.

de Santa Comba de Bande, foi possível medir no local, e sobre uma planta base, comparar e acertar algumas medições, e assim estabelecer uma escala o mais exacta possível.

Na impossibilidade de medir, adopta-se o seguinte método: obter representações presentes em estudos mais recentes e/ou rigorosos, e ter atenção à presença de uma escala gráfica. E, tanto quanto possível, comparar duas representações e/ou seguir as pistas de medidas anunciadas nos seus estudos. No caso de Dume foram tidas em conta as plantas produzidas por Luís Fontes, e as medidas apontadas nos seus estudos.

4.3 ANÁLISE DE MATERIAL GRÁFICO, FOTOGRÁFICO E TEXTUAL

Esta análise desenvolve-se em dois sentidos: identificar as partes originais da Capela de S. Frutuoso, e a partir disso elaborar um estudo cuidado.

É observado todo o material recolhido, desde gravuras e fotografias prévias ao restauro, que nos ajudem a perceber o seu estado, plantas dos elementos descobertos durante a intervenção de restauro, como a planta de José Vilaça,¹ e a de Helmut Schlunk e Theodor Hauschild,² ainda, a obra de João de Moura Coutinho, documentação e imagens da DGEMN e o estudo de Maria Brito sobre as fases de restauro. Após sistematização do material, segue-se a análise do mesmo, que embora não se preveja exaustiva, permite seleccionar os elementos mais seguros de serem estudados e, principalmente, quais poderão induzir em erro.

Uma segunda abordagem desenvolve-se com a observação das fotografias da DGMEN durante o restauro, que, embora existam poucas, dão conta de alguns aspectos da sua obra. Serviu de referência a metodologia presente na tese de doutoramento de Pedro Alarcão, em “Construir na ruína. A propósito da cidade romanizada de Conímbriga” (2009). Comparando-as com levantamento fotográfico efectuado, este processo permite uma nova perspectiva sobre o objecto de estudo, e a sua observação indica-nos questões, quanto às decisões tomadas, no quadro das intervenções de restauro.

4.4 ANÁLISE DA OBRA E ESTUDO COMPARATIVO: DESENHO, MEDIDA E PROPORÇÃO

Partindo das medidas obtidas no levantamento métrico, tanto em planta como em corte e alçado, procura-se determinar que unidade de medida está na base do desenho da Capela S. Frutuoso. Para tal, é procurado o menor quociente aproximado entre as medições obtidas, quando divididas por números naturais, e que medidas isoladas se repetiram com maior frequência. Por fim, é realizada a sua média aritmética. Para este estudo, foram tidas como referência a obra de Caballero Zoreda, “La iglesia Mozárabe de Santa Lucía del Trampal Alcuéscar (Cáceres) : arqueología y arquitectura” (1999) e a de Arias Páramo, “Geometría, metrología y proporción en la arquitectura altomedieval de la Meseta del Duero” (2012).³

¹ Manuel Torres López, “Tomo III España Visigoda: 414-711 de J.C.”, em *Historia de España*, dir. de Ramón Menéndez Pidal (Madrid: Espasa Calpe, 1960-1967), 660.

² José Manuel Pérez-Prendes, “Tomo III España Visigoda. La monarquía, la cultura, las artes”, em *Historia de España*, dir. de Ramón Menéndez Pidal (Madrid: Espasa Calpe, 1991), vol.2, 371.

³ Numa fase inicial do estudo procurou-se directamente a presença de duas medidas de referência, o pé romano e o palmo de 22 centímetros. Seguiram-se estas duas medidas de referência pelas seguintes razões: de uma perspectiva de continuidade do período tardioromano, foi tido em consideração o pé romano com cerca de 29,6 centímetros. Por sua vez o palmo de 22 centímetros surge como uma medida medieval portuguesa, difundida desde o séc. XIII, segundo estudos de Barroca e Lopes: Mário Jorge Barroca, “Medidas-Padrão Medievais Portuguesas”, *Revista da*

Após a análise isolada ao nosso objecto de estudo, onde se procura estabelecer a sua medida e módulo padrão, comprometemo-nos a tratar o objecto por meio comparativo, num método de experimentação que busca relações entre desenhos.

Como apoio deste método, temos como referência duas teses de doutoramento: “Arquitectura Portuguesa do tempo dos Descobrimentos” (2004) de Marta Arriscado Oliveira e “Arquitectura Portuguesa no Tempo Longo. Princípios de desenho e forma em igrejas de três naves” (2014) de Ricardo dos Santos. Esta comparação define-se pela sobreposição de planos, e procura estabelecer se existem relações de desenho, proporção e módulo-padrão e como estes se traduzem matematicamente. Visa igualmente o isolamento e tratamento de elementos concretos, sobrepostos ou dispostos a dimensões aproximadas, que permitam comparar hipóteses de desenho para as suas soluções. As questões fulcrais prendem-se com a procura de um módulo de referência e de proporções de escala, fazendo uso da ampliação ou da redução de desenhos, e dos mesmos princípios de desenho, como um meio, ou até ferramenta, para a elaboração de novos projectos arquitectónicos. Deste exercício traduz-se o conceito de pensar através do desenho – uma ferramenta de análise e estudo – que nos permite ponderar e testar soluções.

Outra componente relevante é o surgimento de hipóteses, como motor de novos estudos, que auxiliam a estabelecer um pensamento encadeado que faz parte da prática do arquitecto. Desta forma foram consultadas as “Actes du XIe congrès international d’archéologie chrétienne” (1989), que dispõem de um manancial de informação documental e gráfica bastante rica. O seu conteúdo serve de apoio para gerar ideias que, embora não se tratam de certezas, são uma forma de pensar e de manter presente várias possibilidades.¹

5. ESTRUTURA DO TRABALHO FINAL

A estrutura do trabalho final está organizada num total de seis capítulos que retratam diferentes fases da investigação. O primeiro capítulo trata a proposta da dissertação e o segundo é dedicado à problematização da temática, com levantamento de questões fulcrais para investigação. O terceiro capítulo dedica-se à evolução morfológica de Braga até à Alta Idade Média, de modo a contextualizar a edificação do Mosteiro de São Salvador. O quarto capítulo apresenta-se como uma breve abordagem a São Frutuoso, estabelecendo a relação temporal entre a fundação do Mosteiro de São Salvador e do mausoléu por São Frutuoso, e a reconstrução da capela por volta dos séc. IX-XI, com a renovação do culto ao santo. No quinto capítulo centram-se a questões principais que caracterizam a obra, desde a análise das descrições presentes em fontes históricas e das principais questões em estudos prévios, às intervenções e aspectos do restauro da DGEMN. A finalizar o capítulo é realizada a análise formal e o estudo aprofundado da sua métrica, integra ainda este capítulo uma reflexão quanto à sua função. O último capítulo contém o estudo comparativo, dividindo-se em três partes. A

Faculdade de Letras. História. vol. 9 (1992), 2ª Série, 53-85; Luís Seabra Lopes, “A cultura da medição em Portugal ao longo da história”, *Educação e Matemática 84* (Setembro-Outubro de 2005), 42-48. No entanto, sabe-se que existem variações na medida do palmo, e é improvável que fosse uma medida corrente no séc. VII.

A determinada altura da investigação mostrou-se essencial reformular esta abordagem, sendo a determinação da medida-base, presente em S. Frutuoso, resultado da observação das medições obtidas em levantamento e da realização de cálculos aritméticos.

¹ O apoio do estudo nas “Actes du XIe Congrès International D’Archéologie Chrétienne” esteve, de início, previsto como parte da metodologia desta investigação, porém, à data da sessão do IX Workshop de Estudos Medievais, e devido ao tempo determinado para a entrega da dissertação, não tinha sido desenvolvido o estudo nesse sentido e estava previsto não o fazer. No entanto, ficou entendido, durante a sessão e posterior discussão de orientação, a sua relevância, de modo que se retomou o seu o estudo.

primeira estabelece relações com a arquitectura paleocristã hispânica, hispanovisigoda e, pontualmente, referências moçárabes e asturianas. A segunda e terceira partes tratam, respectivamente, a relação com a Basílica de Dume e com a Capela do Bom Jesus de Valverde.

Índice proposto:

1. Introdução
 - 1.1 Objecto
 - 1.2 Objectivo
 - 1.3 Fontes
 - 1.4 Metodologia
2. A problemática
 - 2.1 Os princípios de desenho e os casos de estudo
3. O território: Braga na Alta Idade Média
4. O fundador: São Frutuoso de Braga
5. Objecto de estudo: Capela de São Frutuoso de Montélios
 - 5.1 Contextualização
 - 5.2 Fontes e enquadramento historiográfico
 - 5.3 Transformações ao longo do tempo
 - 5.4 Análise Formal, medida e considerações sobre a função
6. Estudo Comparativo: Desenho e proporção
 - 6.1 Antiguidade Tardia e o Hispanovisigodo
 - 6.2 Basílica de Dume
 - 6.3. Capela do Bom Jesus de Valverde

6. HIPÓTESES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início este revelou-se um tema complexo de tratar, não só quanto à obra central, como aos exemplos comparativos no âmbito da arquitectura hispanovisigoda. Estas obras apresentam dificuldades na atribuição de uma cronologia segura, ao passarem por reconstruções, intervenções e restauros profundos. Foi então necessário olhá-las com algum cuidado, apontando dúvidas e possíveis erros, e focar o estudo nos elementos considerados mais seguros e rigorosos, de modo a comprometê-lo ao rigor e seriedade.

Só após a assimilação de toda a sua problemática, foi possível olhá-la do ponto de vista do desenho, sem receio de lacunas ou incompreensões. A capela de S. Frutuoso foi assim entendida como um exemplar da arquitectura de transição entre a antiguidade tardia e o pré-românico, de traça que tem por base a cruz grega e a referência centralizada, e que se melhor entende no quadro de um conjunto de obras, como Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Mata (Toledo) e Sta. Maria de Melque (Toledo), com as quais mostra maior afinidade.

As principais hipóteses e conclusões são:

– A capela de São Frutuoso revelou uma métrica que tem por base uma unidade de medida com cerca de 0,33 m. Esta medida teve por base a análise dos valores obtidos no levantamento, e mostrou-se repetidamente e com coerência.

– Quando cruzados os dados obtidos com os estudos de Arias Páramo e Caballero Zoreda, já aqui citados, estes mostram-se em concordância com o conjunto de obras de arquitectura pré-românica estudado pelos autores. Caballero Zoreda afirma que esta métrica pertence a *“esquema que es propio de nuestra arquitectura altomedieval”*,¹ ou seja, dentro de uma tradição hispânica – uma medida peninsular.

¹ Luis Caballero Zoreda, *La iglesia mozárabe de Santa Lucía del Trampal Alcuéscar (Cáceres): arqueología y arquitectura* (Mérida: Junta de Extremadura, 1999), 110.

– Confirma-se a credibilidade desta medida, ao ter sido possível uma modulação com base em módulos de $0,33 \times 0,33$ m, que correspondem, de forma bastante clara, ao desenho da Capela de São Frutuoso de Montélios, tanto em planta como em corte.

– Foi elaborado um estudo do desenho da curva ultrapassada da abside Sul de S. Frutuoso. A curva é ultra semicircular ou ultrapassada (e não em ferradura como por vezes descrita), e define-se por ultrapassar o ser diâmetro em $3/5$ do raio.

– O mesmo estudo foi posteriormente realizado para os arcos da tripla arcada da abside Sul, os quais revelaram, essencialmente, uma distinta diferença entre os pequenos arcos da arcada tripla, e o arco de maior dimensão que os emoldura. Ainda, apesar destes pequenos arcos serem considerados ultrapassados, o desenho do seu intradorso leva a questionar se não deverão, antes, ser entendidos como peraltados.

Os estudos comparativos revelaram:

– Afinidades de desenho entre a Capela de São Frutuoso e Sta. Comba de Bande. As suas plantas apresentam uma escala bastante aproximada, com relações de desenho e traçados coincidentes. Pensa-se que possam ter uma base de modulação comum.

– No estudo comparativo de São Frutuoso de Montélios e São Miguel de Terrassa, ficou em evidência o mesmo princípio de desenho nas cabeceiras ultra semicirculares, ambas as curvas ultrapassam o diâmetro em $3/5$ do raio. Sobrepostas as plantas, S. Miguel é, como é evidente, de maior dimensão. No entanto, proporcionalmente, revelaram uma razão de $8/5$, muito aproximada da proporção de ouro, porém, esta hipótese carece de uma validação através de medidas exactas e seguras de S. Miguel.

– As relações de desenho estabelecidas entre a Basílica de Dume e a Capela de S. Frutuoso apontam uma relação de proporção. Foi com surpresa que as plantas apresentaram uma relação de proporção que leva a crer ser S. Frutuoso de Montélios, resultado de uma redução em cerca de $3/5$ do plano de Dume. Apoia-o ainda as relações de desenho presentes e o facto do plano de S. Frutuoso ocupar, justamente, o espaço interior desta basílica. Pensa-se ainda a possibilidade de terem uma mesma modulação, embora com uma unidade de medida diferente. É necessário um estudo rigoroso da métrica exacta de Dume para determiná-lo. Fica a questão se terá uma métrica mais próxima da tradição romana, numa continuidade da antiguidade tardia, ou, por sua vez, já contaminada pela referência de obras de outras regiões.

– Quando sobrepostas, as plantas de S. Frutuoso de Montélios e de Bom Jesus de Valverde, apresentam dimensões muito aproximadas, o que evidencia a mesma lógica de concepção que articula quatro braços ao redor do corpo central. Ambas apresentam relações de desenho, e aponta-se a possibilidade de terem um diâmetro aproximado nas cúpulas.

– O estudo comparativo focou-se na análise isolada das capelas de Valverde, e das absides de S. Frutuoso, orientando-se, em parte, em inquirir a solução e a dinâmica das absides de S. Frutuoso de Montélios.

Uma solução tipo “baldaquino” foi proposta por João de Moura Coutinho para as absides de S. Frutuoso, porém, ao olhar para a solução de Bom Jesus de Valverde e de Dume, questionou-se: porque não uma solução deste género, como foi proposto por Rogério de Azevedo, ao invés das colunas posicionadas ao centro, criando uma espécie de deambulatório, poderem também elas serem encostadas à parede?

Apesar da solução tipo “baldaquino” parecer pouco clara (na proposta de João de Moura Coutinho), poderá ser a mais certa de ali ter existido. E, apesar de tanto Dume como Valverde apresentarem as colunas encostadas às paredes, a dificuldade de desenhar este tipo de solução em S. Frutuoso (também pouco clara na proposta de Rogério de Azevedo), e a análise cuidada das crónicas, leva a descreditar agora essa opção. Ainda, o percurso circular através de zonas de transição ao redor do corpo central, que está presente em Bom Jesus de Valverde, remete para a solução de tipo “baldaquino”, que poderia, então, ser a das absides de S. Frutuoso de Montélios.

Representações da aristocracia nas crônicas de Pero López de Ayala e Fernão Lopes: apresentação de um projeto de dissertação de mestrado

Pedro Monteiro
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

Apresentamos, com este artigo, o nosso projeto de dissertação de mestrado. Abordando especialmente questões metodológicas, esperamos explicitar como pretendemos analisar as representações da aristocracia na *Crónica de Don Juan I* e na *Crónica de Don Enrique III*, do cronista castelhano Pero López de Ayala, comparativamente às duas partes da *Crónica de Dom João I*, de Fernão Lopes. Assim, focando-nos, num primeiro momento, em questões ligadas ao léxico, esperamos enquadrar as figuras aristocráticas no seu grupo social e na função que desempenham nas narrativas, para, num segundo momento, passarmos a um estudo das relações que se estabelecem entre essas figuras, dentro das obras, sobretudo tendo em vista as divisões sociais e de oposição ao poder régio.

Palavras-chave:

Historiografia medieval; Aristocracia; Fernão Lopes; Pero López de Ayala

Abstract

The present article presents our master's degree thesis project. Essentially based on methodological questions, it is proposed to analyze the representations of the aristocracy in three chronicles of two different chroniclers: Don Juan I and Don Enrique III chronicles, written by Pero López de Ayala; and the two parts of Dom João I chronicle, by Fernão Lopes. In order to do that, I have started by analyzing some lexical subjects, so that the aristocratic figures could be framed not only in their social group, but also inside the narrative. Also, it is important to focus on the relations between those figures, especially in what concerns the resistance to the royal power and the internal social divisions.

Keywords:

Medieval historiography; Aristocracy; Fernão Lopes; Pero López de Ayala

INTRODUÇÃO

O projeto de dissertação de mestrado que aqui apresentamos tem como objetivo uma análise comparada de parte da crónica de Pero López de Ayala e Fernão Lopes, no que às representações da aristocracia diz respeito.¹ Deste modo, partiremos de algumas aceções feitas pela historiografia que se debruçou sobre a aristocracia ibérica tardo-medieval e sobre a crónica destes dois autores, de forma a questionar parte das ideias veiculadas, propondo novas leituras e interpretações. Nesse sentido, esta dissertação funciona sobretudo como um *case study* teórico-analítico. De forma a apresentarmos uma sequência lógica do que nos propomos a fazer, começamos por abordar as questões ligadas à escolha das fontes e enquadramento historiográfico sobre ambos os cronistas, para, no fim, salientarmos as questões orientadoras desta dissertação, traçando os principais objetivos que pretendemos ver esclarecidos.

¹ Devemos realçar que este artigo resulta de uma dissertação que, à data da escrita e apresentação deste texto (6 de abril de 2017), estava ainda em fase de desenvolvimento. Assim, abordaremos, sobretudo, questões metodológicas e de desenvoltura do próprio projeto, não abordando tão detalhadamente conclusões finais da dissertação.

FONTES E ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Quanto às fontes que selecionamos para o nosso estudo, são apenas uma parte da obra cronística tanto de Ayala como de Fernão Lopes. Optamos por nos cingir ao que é historiografado para os anos finais do século XIV, ou seja as crónicas de D. Juan I e de Enrique III¹ do cronista castelhano e as duas partes da *Crónica de D. João I*,² do cronista português. Esta opção estratégica explica-se tanto pela impossibilidade de numa dissertação de mestrado tratarmos toda a obra cronística de ambos, como também pela necessidade de procurarmos campos novos de estudo, dentro de um tema global já tão estudado pelos especialistas quer do âmbito filológico-literário, quer do histórico. Assim, relativamente a Pero López de Ayala, a *Crónica de Dom Pedro I e Don Enrique II*, bem como a *Crónica de Don Juan I* são aquelas sobre as quais mais estudos se têm realizado, deixando a incompleta *Crónica de Don Enrique III* como um terreno onde mais se deixa sentir a urgência de desbravamento. Por comparação, também no que diz respeito aos trabalhos sobre Fernão Lopes, parece-nos que englobar a segunda parte da *Crónica de Dom João I* pode ser uma mais valia, na medida em que é certamente a parte menos tratada do conjunto da sua obra historiográfica.

A opção por estes textos que narram o que acontece em Portugal e Castela entre sensivelmente 1382-1410 prende-se também com a própria conjuntura histórica que se viveu por esses anos na Península Ibérica, sendo que no caso do cronista português há ainda que ter em mente a conjuntura que envolve a sua redação, isto é, 1420-1445, aproximadamente. A análise da forma como Pero López de Ayala e Fernão Lopes representaram a aristocracia durante este conturbado período da história das relações entre Portugal e Castela, bem como o que lhe sucedeu e as diversas tentativas de paz entre os dois reinos, parecem-nos então a melhor cronologia para aferirmos acerca das representações aristocráticas na obra daqueles dois cronistas.

Passemos com isto a um breve enquadramento historiográfico no que diz respeito aos estudos sobre os dois cronistas que são a base deste estudo. Tanto os estudos que se debruçam sobre Pero López de Ayala como os que têm como objeto a cronística de Fernão Lopes são vastíssimos e abrangem os mais variados enfoques de análise, facto que decorre do interesse generalizado tanto pelos estudiosos da literatura, pela riqueza da criação narrativa de ambos os cronistas, como pelos estudiosos da história, visto que Ayala e Fernão Lopes são as principais fontes para um estudo sobre os finais do século XIV em Portugal e Castela. Este enquadramento será feito tendo em conta alguns estudos que nos parecem ser os mais significativos e aprofundados em torno dos dois cronistas, ao mesmo tempo que será uma análise intencionalmente parcial, focada no que nessas obras é apresentado sobre a aristocracia e a nobreza. Faremos esta análise de duas formas distintas: enquanto para Ayala apresentaremos uma visão mais temática, dividida em blocos, para Fernão Lopes tentaremos realizar uma análise cronológica da evolução dos estudos sobre a sua cronística.

¹ Pero López de Ayala, *Crónicas de los Reyes de Castilla: Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, Don Enrique III*, ed. Eugenio Llaguno (Madrid: Imprenta de D. Antonio de Sancha, 1779-1780), vol. 2. Devemos referir que usaremos esta edição preparada no século XVI por Jerónimo Zurita, mas só publicada dois séculos depois, com acrescentos e notas de Llaguno, por ser a base de todas as edições que se fizeram desde então, com exceção de uma edição crítica da *Crónica de Don Juan I*, feita por Jorge Norberto Ferro, de difícil acesso, e que poderia, eventualmente, constituir um obstáculo à compreensão do leitor. A edição de Zurita baseia-se na versão vulgar das crónicas, ainda que, muitas vezes, surjam comentários em rodapé, de Llaguno, que remetem para pequenas diferenças entre esta versão e a versão abreviada. Uma edição crítica da *Crónica de Don Enrique III* está também a ser preparada. Cf. Jose Luis Moure, “A cuatrocientos años de un frustrado proyecto de Jerónimo Zurita: la edición de las crónicas del Canciller Ayala”, *Cuadernos de Historia de España* LXIII-LXIV (1980), 256-292.

² Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno (Porto: Livraria Civilização, 1983), 2 vols.

Ao contrário do que veremos para Fernão Lopes, os estudos que se foram desenvolvendo sobre a figura de Ayala e sobre a sua escrita não parecem tão contaminados por propósitos ideológicos afincados, o que se explica em parte pela própria temática desenvolvida por esse cronista. Ayala é um nobre que apresenta uma visão da história baseada no seu conhecimento empírico da realidade sobre a qual escreve. É, em simultâneo, autor e personagem das suas crónicas, não descrevendo uma “revolução popular” que possa ser entendida de acordo com as afeições partidárias dos estudiosos da segunda metade do século XX. Assim, há um ponto que é amplamente aceite pela bibliografia sobre Ayala que aqui apresentamos: este cronista é um homem de uma casta social privilegiada, que apresenta a sua visão da história tendo, precisamente, em conta os desígnios do seu grupo – afeto à dinastia Trastâmara que, à custa deste apoio, cresceu exponencialmente.¹

Igualmente de forma oposta ao que vemos para o cronista português, os autores que se debruçaram sobre a escrita de Ayala procuraram enquadrá-lo no seu tempo e, a partir daí, perceber os propósitos da sua escrita e dos seus mecanismos. É certo que, como dissemos já, são moldes distintos: Ayala escreve sobre o que vivenciou; Fernão Lopes não. Ayala pertence à nobreza, estando, portanto, bem documentado nas fontes da época; Fernão Lopes seria certamente originário de uma classe popular e grande parte da sua vida permanece envolta em sombras. Ainda assim, afigura-se mais evidente a tentativa de compreensão da crónica ayalina como um produto do seu tempo e da sua formação erudita, do que comparando com os trabalhos sobre o cronista português. Neste sentido, devemos salientar a obra de Franco Meregalli, que pretende exatamente posicionar a atuação política de Ayala como fermento da sua escrita da história.² A mesma lógica vê-se também nas obras de Luis Suárez Fernández – ainda que de cunho mais histórico. Este autor procura perceber o percurso pessoal de Ayala, para daí tirar ilações sobre a sua produção artística.³ Devemos ainda salientar os vários trabalhos de Michel Garcia, que também olham para a escrita de Ayala através desta perspetiva, refletindo primeiro acerca da biografia e da cultura envolvente do sujeito cronista, para daí partir para a sua escrita.⁴ Enfim, também na principal obra de síntese de Germán Orduna sobre este cronista, encontramos um capítulo sobre a cultura literária de Ayala,

¹ Fernando Gómez Redondo, “Las crónicas reales: siglos XIV-XV”, em *La prosa y el teatro en la Edad Media*, ed. Carlos Alvar, Ángel Gómez Moreno e Fernando Gómez Redondo (Madrid: Taurus, 1991), 46.

² Na introdução, o autor diz mesmo que “Se ha escrito mucho, demasiado, a propósito del problema de la veracidad o no del Canciller como historiador; poco, casi nada sobre sus ideas y su actuación política. Se «juzgó» a Pero López; mas poco se intentó «comprenderle»; y un juicio sin comprensión no puede ser sino superficial, y por ende injusto.” Franco Meregalli, *La vida política del Canciller Ayala* (Milano: Instituto Editoriale Cisalpino, 1955), 5-6.

³ Luis Suárez Fernández, *El Canciller Pedro López de Ayala y su tiempo (1332-1407)* (Vitoria: Imp. Montepio Diocesano, 1962); Luis Suárez Fernández, “Castilla (1350-1406)”, em *España Cristiana crisis de la reconquista luchas civiles*, 5ª ed. (Madrid: Espasa-Calpe, 1991), 1-378.

⁴ “Nos inducen a considerarla (la exclusiva personalidad de Pero López) como fruto de una elaboración colectiva y expresión de un grupo social homogéneo. Ese grupo, desde luego, no ha sustituido al cronista para escribir la obra, y éste ha tenido entera libertad para adornar su relato como le parecía. Sin embargo, el marco en el que vive y trabaja Pero López es bastante apremiante: despotismo de la tradición, del contexto ideológico, de la interpretación oficial de la historia reciente.” Michel Luis García, *Obra y personalidad del Canciller Ayala* (Madrid: Alhambra, 1983), 203. Ou ainda: “Toda la vida de Pero López de Ayala está colocada bajo el signo de la cultura.” Michel Luis García, “Biografía del Canciller Ayala”, em *La figura del Canciller Ayala*, ed. Michel Luis García et al. (Vitoria: Diputación Foral de Álava, 2007), 10. E também: “Todo lo que le ocurría personalmente le inspiraba alguna reflexión útil para la comunidad, como si su propio destino no tuviera sentido fuera del espacio común.” Michel Luis García, Introducción a la obra del canceller Pero López de Ayala y a la cultura de su tiempo, em *La figura del Canciller Ayala*, ed. Michel Luis García et al. (Vitoria: Diputación Foral de Álava, 2007), 172.

isto é, uma revisão crítica desde a sua formação intelectual, passando também pelas várias obras que traduziu e que influenciaram a sua historiografia.¹

Dos títulos que apresentámos já, há que retirar uma conclusão – todos se debruçam especialmente ou sobre a totalidade das obras de Pero López de Ayala ou, quando tratando apenas a cronística, é essencialmente a *Crónica de Don Pedro e de Don Enrique II* alvo de consideração. Com efeito, Germán Orduna dedicou parte dos seus trabalhos a este texto, tendo sido mesmo pioneiro na teoria de que os dois textos independentes se tratariam antes de uma única crónica.² Mais recentemente, Covadonga Valdaliso Casanova desenvolveu também um estudo sobre esta crónica e o seu cunho legitimador de uma perspetiva propagandística e retórica.³ Por fim, salientamos a importância dos estudos de Jorge Norberto Ferro, discípulo direto de Germán Orduna, por ser o nome que atualmente mais trabalha sobre a *Crónica de Don Juan I* e a *Crónica de Don Enrique III*.⁴ O seu enfoque nestas crónicas permite, em certa medida, verificar que no conjunto da obra do Chanceler, mesmo que a historiografia seja o género mais estudado, a discrepância na quantidade de trabalhos sobre as diferentes crónicas de Ayala é notória.⁵

Olhando agora para a bibliografia sobre Fernão Lopes, devem ressaltar-se essencialmente dois aspetos: por um lado, estuda-se a sua cronística como forma de explorar a crise dinástica de 1383-85, assim como a ascensão ao trono do Mestre de Avis; por outro, desenvolvem-se trabalhos com o objetivo de compreender as fontes utilizadas pelo cronista, assim como a forma como fez o seu aproveitamento. Nos estudos que dedicou a Fernão Lopes, António José Saraiva defendeu sobretudo que a escrita lopeana tinha por base propósitos políticos de uma quase luta de classes entre o povo/“burguesia” e a nobreza, confronto esse que significava igualmente uma oposição entre o nacionalismo, defendido pela arraia-miúda que apoiava o Mestre, e os grandes, que suportavam a causa castelhana.⁶ Assim, Saraiva veicula pela primeira vez a ideia de uma possível relação entre o tempo da escrita e o tempo da narração, isto é, um paralelismo entre 1383 e 1439. Nesta composição histórica, Lopes tomava então o partido dos dominados,⁷ ao mesmo tempo que deixava de lado todo e qualquer fulgor cavaleiresco, criticando mesmo esses valores como forma de ataque à classe nobre.⁸ Além destas

¹ Germán Orduna, *El arte narrativo y poético del Canciller Ayala* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998).

² German Orduna, “El cotejo de las versiones vulgata y primitiva como recurso para la fijación del texto cronístico del Canciller Ayala”, *Incipit VIII* (1988), 1-17.

³ Covadonga Valdaliso Casanova, *Historiografía y legitimación dinástica: análisis de la Crónica de Pedro I de Castilla* (Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2010). Ainda desta autora são também de referir os seguintes artigos: Covadonga Valdaliso Casanova, “La dimensión política de la obra cronística de Pedro López de Ayala”, em *Autour de Pedro López de Ayala*, coord. Rica Amran (Paris: Indigo & côté-femmes éditions, 2009), 189-202; Covadonga Valdaliso Casanova, “La obra cronística de Pedro López de Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castilla”, *Edad Media: revista de historia* 12 (2011), 193-211.

⁴ Jorge Norberto Ferro, “Ayala y Aljubarrota: actitud didáctica y locus doctrinal”, *Studia Hispanica Medievalia II. III Jornadas de Literatura Española Medieval* (Buenos Aires: U.C.A., Facultad de Filosofía y Letras, 1990), 58-64; Jorge Norberto Ferro, “Ayala y la aventura portuguesa de Juan I”, *Incipit* 22 (2002), 133-143; Jorge Norberto Ferro, “Observaciones sobre la intencionalidad del narrador en la Crónica de Enrique III”, *Incipit* 30 (2010); Jorge Norberto Ferro, “El cronista en su relato: Ayala presente en su Crónica de Juan I”, *Romance Philology* 64 (2010), 39-52.

⁵ Valdaliso Casanova, “La obra cronística de Pedro López de Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castilla”, 194-195.

⁶ António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal* (Lisboa: Jornal do Fôro, 1950-1962), 2: 500.

⁷ António José Saraiva, *Fernão Lopes* (Lisboa: Europa-América, 1960), 31-34.

⁸ “A «honra» cavaleiresca – que aqui não se distingue do «proveito» – aparece maltratada a esta luz; nenhuma outra classe se revela nas páginas do cronista tão gananciosa e oportunista, tão desprovida de ideias – ressaltando sempre a personalidade de Nun’Álvares, cujas virtudes, aliás,

questões, Saraiva disseminou ainda a ideia de que há três grandes planos na *Crónica de D. João I*, que, como referiremos de seguida, anos mais tarde seriam amplificados por Luís Sousa Rebelo.

Numa linha ainda mais radical surge a posição de António Borges Coelho, que interpreta a revolução de 1383 como um movimento da burguesia e não do povo,¹ posição igualmente sustentada pelo próprio cronista, devido à realidade social com a qual se identifica – ainda que isso não seja sinónimo de que o momento de crise de 1439 sirva de modelo para a descrição lopeana da crise de 1383.² Borges Coelho continua assim a ideia de que Fernão Lopes apresenta uma luta de classes, criticando fortemente a classe nobre, mesmo através da figura de Nuno Álvares Pereira, que deve ser olhada não como um herói da *Crónica de D. João I*, mas como uma figura de proa que, através das suas falhas, mostra a decadência do seu grupo e, enfim, de todo o sistema feudal.³

As duas décadas finais do século passado ficaram marcadas por um crescimento da crítica em torno de Fernão Lopes. Em 1983, Luís Sousa Rebelo desenvolve a acima referida ideia de António José Saraiva, analisando a primeira parte da *Crónica de Dom João I* tendo em conta três grandes planos – ético-político, jurídico e providencial.⁴ No ano seguinte, é publicado o volume de Ângela Beirante,⁵ abordagem que mais se aproxima do tipo de estudo que pretendemos realizar, ainda que apresente algumas lacunas que hoje, passados mais de trinta anos, poderemos tentar rever e preencher. Neste estudo, a autora desenvolve um processo argumentativo de forma a colocar-se nos antípodas do que é apresentado por António José Saraiva, defendendo, portanto, que o povo não é o sujeito de nenhuma das crónicas de Fernão Lopes e que, em última instância, o cronista não faz mais do que uma apologia do grupo aristocrático.⁶ Na mesma linha, encontra-se João Gouveia Monteiro, quando explica que Fernão Lopes não pretendia demonstrar uma subversão da ordem estabelecida, pois tinha presente os ideais cavaleirescos como fundo imagético do seu plano de escrita, o que faz com que a figura de Nuno Álvares Pereira seja então apresentada como um modelo a seguir pelo restante grupo nobiliárquico.⁷ Já no início da década seguinte, Margarida Garcez Ventura desenvolveu um estudo em torno da figura do Mestre de Avis e da sua ascensão ao longo da primeira parte da *Crónica de D. João I*. Ainda que defenda que a figura do Mestre só surja como verdadeira alternativa ao trono português nessa mesma crónica – ideia que, como de seguida veremos, está já ultrapassada –, este estudo é relevante para a nossa análise, uma vez que também chama a atenção para a preponderância das personagens nobres, assim como para o entendimento global da criação que Fernão Lopes faz do próprio Mestre de Avis.⁸

De forma a terminarmos este breve enquadramento historiográfico, devemos ainda salientar dois nomes – Teresa Amado e Filipe Alves Moreira. Num momento em

evidenciam, pelo contraste, os defeitos gerais dos seus pares.” António José Saraiva, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, 5^a ed. (Lisboa: Gradiva, 1998), 196.

¹ “O povo é a carne e o sangue de todas as revoluções. Em 1383 a direção no cume não esteve nas suas mãos.” António Borges Coelho, *A Revolução de 1383*, 5^a ed. (Lisboa: Editorial Caminho, 1984), 122.

² Coelho, *A Revolução de 1383*, 52-54.

³ Coelho, *A Revolução de 1383*, 137-141.

⁴ Luís de Sousa Rebelo, *A conceção de poder em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1983).

⁵ Maria Ângela Beirante, *As estruturas sociais em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984).

⁶ “Os agentes históricos em F. Lopes são fundamentalmente os nobres. Os não nobres apenas entram nas crónicas quando servem os objetivos daqueles. (...) Por tudo isto, não podemos aceitar a afirmação de que F. Lopes tenha sido um cronista do povo. Ele foi sim o grande cronista de uma revolta em que tomou parte o povo, mas cujo objetivo era impor um rei que ele concebe de acordo com um esquema tradicional e conservador.” Beirante, *As estruturas sociais em Fernão Lopes*, 98-99.

⁷ João Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto* (Coimbra: Livraria Minerva, 1988), 127-128.

⁸ Margarida Garcez Ventura, *O Messias de Lisboa: Um estudo de mitologia política (1383-1415)* (Lisboa: Edições Cosmos, 1992), 18-25.

que os estudos em torno de Fernão Lopes pareciam extremar-se em partidos, Teresa Amado desenvolveu os seus inúmeros trabalhos acerca da sua cronística, analisando sobretudo a intertextualidade das suas obras com os textos de Ayala e com a *Crónica do Condestável*.¹ Além disto, esta autora vem novamente colocar Fernão Lopes na sua época, equacionando a hipótese da descrição da crise de 1383-1385 ter sido feita à luz da própria crise social que se vivia nas vésperas de Alfarrobeira, equilibrando ainda as tendências que pretendiam salientar uma visão muito populista ou, por oposição, muito cavaleiresca das narrativas lopeanas.²

Depois de vários anos em que o estudo de Fernão Lopes fora intenso e da desenvoltura dos trabalhos de Teresa Amado, hoje em dia, a discussão em torno de temáticas lopeanas parece ter abrandado, ao mesmo tempo que há uma grande dispersão e redundância nos trabalhos realizados, tanto em Portugal como no Brasil, apesar da existência de alguns interessantes estudos. Ainda assim, os estudos de Filipe Alves Moreira são uma das exceções: tentando primeiro comprovar que a *Crónica de 1419* faz também parte de um projeto historiográfico encomendado a Fernão Lopes,³ demonstrou que a trilogia lopeana – *Crónica de D. Pedro*, *Crónica de D. Fernando* e *Crónica de D. João I* – funciona como um caminho justificatório para a eleição do Mestre de Avis nas cortes de Coimbra e, portanto, para a iniciação de uma nova dinastia em Portugal.⁴

OBJETIVOS, METODOLOGIA E UMA POSSÍVEL ESTRUTURA DO TRABALHO

Apresentamos de seguida os principais objetivos desta dissertação e as questões base que hão de nortear a nossa análise. Deste modo, propomo-nos a tentar perceber como é apresentada a aristocracia nestas duas crónicas régias, analisando, para isso, as figuras aristocráticas mais destacadas. Assim, tentaremos compreender as razões para as possíveis distinções dentro da narrativa (mérito militar, proximidade aos monarcas, serviço ao rei, entre outros aspetos). É importante, portanto, compreendermos de que forma os cronistas apresentam a distinção social dentro da aristocracia e qual o valor e a importância da aplicação de determinados termos associados a algumas figuras. Interessa-nos, ao mesmo tempo, estudar o tipo de ligação apresentada entre a aristocracia e a realeza: neste caso específico, as figuras de Don Juan I e Don Enrique III nas crónicas ayalinas, assim como Dom João I, no segundo volume da *Crónica de Dom João I*, de Fernão Lopes, analisando as estratégias de aproximação da aristocracia perante a realeza e de que forma agem os monarcas perante aquele grupo.

De forma a tratarmos estas problemáticas, seguiremos, portanto, uma metodologia interdisciplinar que combina as vertentes literária e histórica. De facto, estudar um texto historiográfico é precisamente colocarmo-nos na senda destes dois campos. Vejamos: uma crónica merece a atenção da vertente literária na medida em que não deixa de ser texto narrativo, ainda que se assuma como factual e verdadeiro, pretendendo ser uma representação do real; e, porque as crónicas têm como objeto a

¹ Teresa Amado, *Fernão Lopes contador de História: sobre a Crónica de D. João I* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997).

² Cf. nota anterior, mas ainda: Teresa Amado, “Fernão Lopes”, em *História da Literatura Portuguesa*, ed. Francisco Lyon de Castro (Lisboa: Publicações Alfa, 2001), vol I, 437-477; Teresa Amado, “Os pensamentos do cronista Fernão Lopes”, *eHumanista* (2007), vol. 8, 133-142; Teresa Amado, *O Passado e o Presente – Ler Fernão Lopes* (Lisboa: Editorial Presença, 2007); Teresa Amado, “Fernão Lopes”, em *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*, ed. Graeme Dunphy (Leiden: Brill, 2010), vol. 2, 1044-1045.

³ Filipe Alves Moreira, *A Crónica de 1419: fontes, estratégias e posteridade* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013).

⁴ Filipe Alves Moreira, “Fernão Lopes: escatologia e ironia”, em *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, org. Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Loia (Lisboa: Nota de Rodapé Edições, 2015), Tomo 1, vol. 2, 158-170.

representação da história, sentido faz que se atentem às condições extratextuais, como a formação do seu autor, o contexto que o envolve, ou ainda, os seus objetivos.¹

Iniciámos este projeto com uma ampla pesquisa bibliográfica circunscrita a quatro grandes temas: estudos sobre a obra de Pero López de Ayala; o mesmo para Fernão Lopes; a aristocracia tardo-medieval castelhana; e a aristocracia de finais da Idade Média em Portugal. Depois de reunida uma sólida base de bibliografia secundária, iniciámos a análise detalhada das fontes primárias, análise para a qual decidimos realizar uma base de dados que nos auxiliaria a fazer o levantamento das figuras aristocráticas intervenientes em cada uma das obras em estudo, assim como a perceber a sua possível evolução ao longo da narrativa. Entre os campos destas bases de dados, contam-se o nome, a família, o(s) título(s), o(s) cargo(s), as fidelidades, a caracterização – isto é, onde inserimos todas as passagens que caracterizem o caráter ou o físico dessas figuras, assim como um campo amplo, no qual apontámos as suas principais ações ao longo das crónicas. Esta base de dados teve ainda como objetivo auxiliar-nos na perceção da representação das relações dentro deste grupo social e dele com os monarcas que optámos por tratar – Dom João I, Don Juan I e Don Enrique III.

Assim, de modo a respondermos aos objetivos que enunciámos já e tendo em conta a metodologia que descrevemos acima, apresentamos, seguidamente, uma possível divisão da dissertação, formada por três grandes partes. Um primeiro capítulo será dedicado à contextualização das obras e dos cronistas no seu tempo de escrita. Ainda que as crónicas que pretendemos analisar se reportem aos finais do século XIV e, tendo em conta o que referimos a nível metodológico, não nos parece despropositado apresentar uma análise geral das principais conjunturas que marcaram esse século e também a primeira metade do século seguinte, de modo a melhor entendermos de que forma esses acontecimentos têm importância para a construção destes textos historiográficos.

Depois deste capítulo inicial, a segunda parte será dedicada ao léxico, e estará dividida em duas subpartes. Num primeiro momento analisaremos a forma como é apresentada a hierarquia social dentro do grupo aristocrático dentro de cada uma das narrativas. De uma forma geral, tentaremos perceber quem são afinal estas figuras, qual o seu peso e como é que os cronistas a eles se referem, para daí tirar conclusões acerca das representações deste grupo. Dentro do mesmo capítulo, mas num segundo momento, analisaremos a adjetivação utilizada para caracterizar estas figuras – surgem muitas e variadas descrições? São elementos tipificados? Qual a importância destas características para a própria construção das figuras?

O terceiro e último capítulo da dissertação debruçar-se-á sobre as relações estabelecidas a partir do grupo aristocrático, olhando, neste caso específico, para as divisões entre grupos de apoio, como um elemento constante e estruturante das narrativas, tendo em conta os objetivos de ambos os cronistas. Assim, focar-nos-emos nas relações entre o grupo aristocrático e o poder régio, dividindo o capítulo em duas partes: num primeiro momento, analisaremos as questões em torno do conselho de Don Juan I e a representação de duas figuras na *Crónica de Don Enrique III*; e, num segundo momento, voltaremos a nossa atenção sobretudo para a segunda parte da *Crónica de Dom João I* de Fernão Lopes. Neste último capítulo, cingir-nos-emos, dentro do grupo aristocrático, apenas a algumas figuras que escolhemos tratar, por nos parecerem os melhores exemplos a referir, tendo em conta os objetivos que definimos já.

¹ “My emphasis on the text’s social site stems from my belief that the power and the meaning of any given set of representations derive in large part from their social context and their relation to the social and political networks in which they are elaborated.” Gabrielle M. Spiegel, *The Past as Text. The theory and practice of Medieval Historiography* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997).

REPRESENTAÇÃO DA ARISTOCRACIA NAS CRÔNICAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Tendo em conta o desenvolvimento atual da nossa investigação, podemos avançar que a representação de determinadas figuras nas crônicas de Ayala e Fernão Lopes diverge tendo em conta não só o seu estatuto social, como também a importância que têm dentro das narrativas; todavia, por outro lado, o destaque dado a determinadas figuras não depende em nada da sua posição hierárquica. É certo que nas narrativas ayalinas são as figuras de topo aristocrático as que mais se destacam, juntamente com uma nobreza de segundo estrato, que ocupa claramente o seu papel no desenrolar das narrativas, de forma a transmitir os objetivos do cronista. É este grupo que está em constante oposição tanto com a parentela régia, que procura afirmar o seu poder nos momentos em que realza se enfraquece, como também com os maiores magnates, pouco moderados na forma de aconselhar os monarcas, que representam o melhor exemplo de uma aristocracia absorvida nos seus próprios desígnios e vontades, desejosa de aumentar a sua honra através de qualquer meio.

Fernão Lopes individualiza mais as figuras, dando-lhes características físicas e morais. Ainda assim, a tipificação é também um lugar comum. Enquanto em Ayala surgem muito mais grupos que se movimentam em bloco um pouco ao longo das duas narrativas e que, conseqüentemente, representam uma mundivisão de valores que o cronista pretende realçar ou condenar, tendo em conta a sua própria visão política e o conhecimento da realidade social que vivenciou, em Fernão Lopes, apesar da divisão em grupos e facções ser também um importante motor da narrativa, conseguimos, com mais facilidade, atentar nas figuras como unidade desses mesmo grupos. Contudo, isto não impede que esta individualização seja apenas aparente, na medida em que a caracterização das figuras é feita tendo em conta *topoi*, de acordo com os propósitos do cronista. Ao longo da *Crónica de Dom João I*, Fernão Lopes destaca e caracteriza diversas figuras, quer tenham apoiado o Mestre de Avis, quer se tenham posto do lado de Don Juan de Castela, um destaque essencialmente sócio-militar. No caso de figuras que estiveram do lado castelhano, estas caracterizações multiplicam-se em momentos prévios a enfrentamentos militares, vencidos pelas tropas portuguesas, enaltecidas assim pelas vitórias contra os melhores dos castelhanos. Do mesmo modo, vemos também como nos textos de Ayala os mesmos modelos se vão repetindo: nomeadamente através do facto de surgirem positivamente caracterizados apenas os homens castelhanos e portugueses que se colocaram do lado do rei de Castela, durante a crise de 1383-1385.

Enfim, um considerável número de figuras aristocráticas é então destacado nos textos de ambos os cronistas, através da caracterização, sendo que apenas a partir deste aspeto se podem tentar retirar ilações relativas às representações da aristocracia e à importância destas questões no contexto global das narrativas ayalinas e lopeanas. São estas figuras que, colocadas no tabuleiro de xadrez político peninsular de finais do século XIV, se movem de campo de apoio em campo de apoio, procurando, na grande maioria das vezes, o engrandecimento pessoal através da afirmação da sua influência perante os monarcas. Uma aristocracia dividida, plástica no que aos apoios dizem respeito, e ambiciosa, quer face à figura do rei, quer face a outros poderosos. As representações deste falso grupo em Ayala servem, assim, para reavivar o papel de uma das partes em confronto perante a realza, tendo em conta uma outra facção, que deveria ser afastada do poder de decisão. Na segunda parte do texto de Fernão Lopes, pelo contrário, atesta-se o poderio da realza face à aristocracia, mesmo aquela que tinha apoiado a elevação do Mestre a Rei. Dois cronistas, dois tempos, duas coroas: objetivos diferentes, manifestados através de distintos modelos, que, contudo, acabam por se tocar nas representações das aristocracias.

O tabelionato régio portuense quatrocentista: algumas ideias para o seu estudo

Ricardo Seabra¹
Universidade do Porto

Resumo:

Esta investigação em desenvolvimento aborda o notariado público da cidade e termo do Porto no século XV. A sua base consiste principalmente em fontes primárias inéditas e publicadas depositadas em vários arquivos e bibliotecas nacionais, e tem como escopo o estudo dos actos jurídicos escritos por esses oficiais num ponto de vista diplomático e tipológico. O nosso propósito é conhecer os tabeliães públicos portuenses, a sua actividade profissional, o seu estatuto socioeconómico, a extensão do seu património, identificar as suas redes clientelares e determinar as suas ligações com o poder municipal e régio, assim como o seu papel na hierarquia urbana.

Palavras-chave:

Notariado público, Diplomática Notarial, Porto, Século XV

Abstract:

This ongoing research takes an approach on the activity of the notaries public in Porto, in the 15th century. The basis of this research consists mainly in the consultation of primary sources both unedited and published deposited in several national archives and libraries. Our purpose is to know who were the notaries public in Porto and what was their socio-economic status, their kinship, the extension of their assets, to identify their clientele networks and connections to the royal and city council powers, as well as to determine their role in the urban hierarchy.

Keywords:

Notary public, Notarial Diplomats, Porto, 15th century

No ano lectivo 2008/09 tivemos a oportunidade de beneficiar de uma bolsa de Iniciação à Investigação, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que visava a transcrição de alguma documentação notarial depositada no Cartório do Cabido da Sé do Porto, no Arquivo Distrital desta mesma cidade. Nessa altura, entrámos em contacto pela primeira vez com o mundo notarial, tanto no que diz respeito aos actos como aos seus agentes produtores. O nosso interesse sobre este tema, o tabelionato régio na cidade do Porto, resultou numa tese de mestrado que se debruçou cronologicamente nos séculos XIII e XIV. Neste processo, fomos progressivamente confirmando a inexistência de estudos tanto de carácter parcelar como monográfico, e consequente falta de levantamento de tabeliães régios, que pudessem dar a conhecer este grupo social, cuja importância não deixou de aumentar ao longo de todo o medievo português.

Continuando o trabalho encetado há alguns anos, neste momento estamos a realizar um projecto de doutoramento intitulado: “Tabelionato régio na cidade do Porto e no seu termo no século XV”. Contudo, o foco da pesquisa é numa cronologia posterior e num espaço mais alargado, relativamente à dissertação de mestrado.

De forma a considerarmos o progresso evolutivo do objecto em estudo, concretamente, procuraremos entender se durante este século de importantes transformações políticas, culturais e mentais, houve uma modificação dos padrões de actuação do notariado público, e se em caso afirmativo, quais as possíveis repercussões da complexificação das estruturas da coroa no tabelionato. Teremos também em conta

¹ Bolseiro de doutoramento FCT (SFRH/BD/101542/2014) FLUP/CITCEM.

o crescimento significativo da cidade do Porto nesse período, sobretudo com o comércio internacional. No fundo, um século que necessitava cada vez mais de recurso à escrita e aos tabeliães, que não poderiam estar desligados da vida socioeconómica.

No que diz respeito ao alargamento do espaço, está directamente relacionado com o aumento do termo subordinado à urbe portuense no início do reinado de D. João I, de Norte a Sul, entre o Rio Ave e Santa Maria da Feira, e de Oeste a Este, entre a costa litoral e Penafiel¹. Não poderíamos conhecer o notariado público portuense tardomedieval, se não o acompanhássemos geograficamente.

Não pretendendo ser exaustivos, em parte pela grande quantidade de estudos sobre o notariado público pela historiografia internacional, ressalvamos alguns autores que se dedicaram a este tema.

Em Itália, historiadores como Giorgio Costamagna, Mario Amelotti e Vito Piergiovanni foram os primeiros a abordar a instituição notarial como objecto de estudo, e não apenas como uma ferramenta de análise para extracção de informação. Estudaram a origem e a evolução das práticas notariais sendo que a pluralidade de perspectivas de análise se centrou no aspecto diplomático, e no perfil social e económico do notário. Génova e Bolonha ocupam lugares de destaque, com relevo para a evolução das práticas notariais² os formulários estudados por Gianfranco Orlandelli³, e para os actos notariais por Giorgio Tamba⁴. Salientamos uma obra monográfica exclusivamente sobre novas metodologias no domínio de autografias medievais notariais, que veio à estampa em Fevereiro deste ano⁵.

Nos últimos trinta anos, a historiografia francesa incidiu sobretudo na autenticação dos actos privados, na quantificação de oficiais em diversas localidades, e, particularmente, no valor dos notários na sociedade. Pierre Chaunu, Jean Paul Poisson e Jean Luc Laffont foram alguns dos historiadores que mais se dedicaram a essas perspectivas de estudo.

Em Espanha, a Universidade de Sevilha ocupa a vanguarda da historiografia notarial. Os vários trabalhos monográficos e parcelares de María Luísa Pardo e Pilar Ostos Salcedo, que completam as grandes abordagens feitas por José Bono, assim como mais recentemente dos seus orientandos, não se debruçaram somente sobre a análise da urbe andaluza mas também sobressa mesma Província. Para Castela e Leão, existem estudos de carácter monográfico que se ocupam sobre temáticas relativas à actividade notarial para cada reinado do século XV. As vertentes de estudo são direccionadas não só para a instituição notarial e para as nomeações de tabeliães, mas também para o aspecto legislativo, produção documental e diplomática. Na Catalunha, a publicação, edição e catalogação dos documentos da actividade notarial é, desde a década de 1970, uma das grandes preocupações dos diplomatas, proliferando catálogos, crónicas e manuais.

Em Portugal, João Pedro Ribeiro (1758-1839) foi o primeiro a debruçar-se sobre o tema do notariado público medieval⁶, tendo sido seguido apenas muito mais tarde por

¹ José Manuel Garcia e Francisco Ribeiro da Silva, *Forais manuelinos do Porto e seu termo*. (Lisboa: Inapa, 2001), 8.

² Giovanna Nicolaj, “Documento privato, le origini”, *Notariado Publico y Documento Privado: de los orígenes al siglo XIV – Actas del VII Congreso Internacional de Diplomática*, (Valencia, 1986), 973-990; e Silio Scalfati, *Un formulario notariale fiorentino della mettá del Dugento* (Firenze: Edifir, 1997).

³ Gianfranco Orlandelli, “Documento e formulari bolognese da Irnerio alla “Colectio Contractuum” di Rolandino”, *Notariado Publico y Documento Privado: de los orígenes al siglo XIV – Actas del VII Congreso Internacional de Diplomática*, (Valencia, 1986), 1009-1036

⁴ Giorgio Tamba, *Una corporazione per il potere: il notariato a Bologna in età comunale*. (Bologna: Cooperativa libreria universitaria editrice Bologna, 1998)

⁵ *Autographa I.2 Giuristi, giudici e notai (sec. XII-XV)* A cura di Giovanna Murano Introduzione di Andrea Padovani (Imola: Editrice La Mandragora, 2016)

⁶ João Pedro Ribeiro, *Dissertações Chronologicas e Críticas sobre a história e jurisprudência eclesiástica e civil de Portugal*. (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1860-1896)

Henrique da Gama Barros (1833-1925)¹, José Leite Vasconcelos (1858-1941)², e Jorge Alarcão³.

A partir da década de 1980 assistimos a uma nova fase de crescimento científico⁴. No entanto, foi Bernardo Sá Nogueira o responsável pelo estudo de maior fôlego sobre o tabelionado nacional, dedicando-se à sua génese e implantação⁵. Este mesmo autor é o responsável pela realização⁶ e orientação⁷ de vários trabalhos sobre o notariado público medieval. Referência ainda para diversas perspectivas de estudo baseadas na legislação

¹ Henrique da Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XIII-XV*. 2ª edição. (Lisboa: Sá e Costa, imp. 1945)

² José Leite de Vasconcelos, “Sinais medievais de tabelião: séculos XI-XIII”, *Archeologo Português*, 24, (1920): 12-23.

³ Jorge de Alarcão, “Emolumentos do tabelionado medieval português: uma tabela inédita”, *Revista Portuguesa de História*, VII, (1959): 299-305.

⁴ Sobre temáticas variadas veja-se Eduardo Borges Nunes, “Martim Martins, primeiro tabelião de Guimarães”, *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. IV, (Guimarães, 1981); Isaiás da Rosa Pereira “O tabelionado em Portugal, *Notariado Público y Documento Privado: de los orígenes al siglo XIV – Actas del VII Congreso Internacional de Diplomática, Valencia, 1986*.” (Valência, 1989): 615-690; Maria Cristina de Almeida e Cunha, “Alguns tabeliões do Algarve durante a Idade Média” *Revista de História*, vol.7. (Porto: Universidade do Porto. Centro de História, 1987): 151-58; Maria José Azevedo dos Santos, “Alguns aspectos do tabelionado em Coimbra (séculos XIV-XV). *Separata do «Arquivo Coimbrão»*, 34-35, (1993):5-29; Maria Helena da Cruz Coelho, “Os tabeliões em Portugal, perfil profissional e sócio-económico”, *Estudos de Diplomática Portuguesa*. (2001): 93-137. (Lisboa: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); Maria do Rosário Barbosa Morujão, *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010); Saul António Gomes, “O Notariado Medieval Português. Algumas notas de investigação”, *Hvmanitas*, Vol. LII (2000): 241-286, e do mesmo autor, “Percepções em torno da história do tabelionado medieval português”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 5, (2005):81-100.

⁵ Bernardo Sá Nogueira, *Tabelionado e instrumento público em Portugal: génese e implantação: (1212-1279)*. (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008).

⁶ Entre os quais, o estudo da implantação do tabelionado nos centros urbanos de jurisdição das ordens militares (“Primeiros tabeliões nas vilas do reino de Portugal sob jurisdição das ordens Militares (1212-1279)”, *Guerra, Religião, Poder e Cultura. III Encontro sobre Ordens Militares. Actas*, 2, (1998):175-85; a chancelaria da Ordem de Avis e o notariado público (“A chancelaria da ordem de Avis nos séculos XIII. Notas de Diplomática e Sigilografia”, *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental. Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares*. (2005):169-180; um tipo diplomático específico escriturado por tabeliões lisboetas (“Intervenção da corte régia no enquadramento do comércio lisboeta (1276-1279), documentada por instrumentos notariais de composição”, *II Colóquio Nova Lisboa Medieval: Os Rostos da Cidade (9-11 de Dezembro de 2004)*. *Actas*, (Lisboa: Livros Horizonte, 2007); a articulação entre notariado e elites urbanas (“Tabelionado e elites urbanas no Portugal ducentista (1212-1279)”, in *Elites e redes clientelares na Idade Média: Problemas Metodológicos*, ed. de Filipe Themudo Barata, (Lisboa: Edições Colibri/Centro Interdisciplinar da História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, 2000): 211-20, e a questão do exercício do ofício tabeliônico por membros do clero (“Exercício do ofício tabeliônico por clérigos no Portugal ducentista – problemas de acumulação e incompatibilidade”, *Lusitania Sacra*, nova série, t.13-14 (2001-2002):467-476.

⁷ João Paulo Oliveira Fresco “O tabelião lisboeta Afonso Guterres: reconstituição e análise diplomatística da sua actividade de escrituração (1400-1441)”. (Diss. Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006). Mais recentemente Maria Leonor Dias Antunes Barata Garcia “O tabelionado escalabitano na transição do século XIV para o século XV: estudo diplomatístico” (Diss. Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011), e também João Maia Romão, “Tabelionado e tabeliões nos livros de chancelaria de D. Afonso V” (Diss. Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014).

disponível sobre o notariado, nomeadamente as Ordenações¹, como também centradas no campo heráldico² ou até no âmbito epistemológico³.

Para os séculos XIV e XV, o tabelionato foi tema de análise para os casos de Bragança⁴, Braga⁵, Lamego⁶, Arouca⁷, e Santarém⁸, entre outros⁹, em estudos de carácter monográfico.

Maria João Oliveira e Silva, ao apresentar um estudo sobre a chancelaria episcopal do Porto¹⁰, e Adelaide Pereira Millan Costa, na dissertação sobre relações de Poder no burgo portuense¹¹, fornecem alguns elementos com interesse para o estudo do notariado régio¹², sem, no entanto, se lhe referirem de um modo sistemático. Sobre os tabeliões públicos do Porto há apenas um artigo¹³, o que justificou uma abordagem mais alargada sobre os tabeliões públicos do rei na cidade no século XIV¹⁴. Continuam ainda por conhecer a importância do tabelionato e suas relações com a sociedade portuense do final da Idade Média, bem como com a região em que exercia a sua actividade.

A investigação iniciar-se-á com um enquadramento teórico, que inclui uma abordagem à legislação medieval sobre o ofício do tabelionato, partindo das Ordenações Afonsinas, mas não esquecendo outros diplomas régios sobre o assunto promulgados por vários monarcas. Neste enquadramento serão também referidas perspectivas actuais de análise sobre o estatuto económico, social e profissional dos notários públicos em vários espaços. No seguimento destas perspectivas será tida em conta a evolução da instituição

¹ José Bono y Huerta, “La ordenación notarial en las Ordenações Afonsinas”, in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época: actas, vol. I, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses*, (1989): 145-170, e Duarte Gonçalves “O Tabelionato no Portugal Moderno: uma Perspectiva sobre o Tabelionato através das Ordenações Filipinas e outras Considerações”. *Sapiens: Património, História e Arqueologia*, 3/4 (2010): 27-39.

² Leonor Calvão Borges, “Símbolos heráldicos em sinais de tabelião: elementos de estudo”, *Armas e Troféus: Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte*, 9, (2013): 269-81.

³ Stephen Parkinson “Os tabeliões, o seu título e os seus documentos”, *Boletim de Filologia*, 25, (1976-1979): 185-212

⁴ Maria Cristina de Almeida e Cunha, “Tabeliões de Bragança no século XIV”, *Estudos em Homenagem ao Professor José Marques*, 3, (2006): 313-24.

⁵ Maria Cristina de Almeida e Cunha, “Tabeliões bracarense no século XIII”, in *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Congresso Internacional Comemorativo – Actas*. Braga:(1990) :249-65. Da mesma autora vejam-se os trabalhos dedicados à Ordem de Avis, Maria Cristina Almeida e Cunha e Maria Cristina Pimenta, “A Comenda de Albufeira da Ordem de Avis nos inícios do século XV: breve abordagem” in *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, (Loulé, 1, 1987) : .305-47, e também Maria Cristina Almeida e Cunha, “A Comenda de Oriz da Ordem de Avis”, *Bracara Augusta*, 40, (1989) :5-77.

⁶ Anísio Miguel de Sousa Saraiva, “Tabeliões e notários de Lamego na primeira metade do séc. XIV”. *Humanitas*, 50, (1998): 588-624.

⁷ Luís Miguel M.J. Rêpas, “O Mosteiro de Arouca. Os documentos escritos como fonte de conhecimento (1286-1299)”. *Humanitas*, 50, (1998).

⁸ Luís António Mata, “Alguns profissionais da escrita na Santarém de quatrocentos”, *Revista Portuguesa de História*, 32, (1997-1998):149-182.

⁹ Veja-se alguma bibliografia já citada na nota 10.

¹⁰ Maria João Oliveira e Silva, *A escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média (Estudo Diplomático e Paleográfico)*. (Lisboa : CEHR - Centro de Estudos de História Religiosa, 2013).

¹¹ Adelaide Pereira Millán Costa, “Projeção espacial de domínios das relações de poder ao burgo portuense (1385-1502)”. (Diss. Doutoramento, Universidade Aberta de Lisboa, 1999).

¹² Sobre o notariado apostólico nesta cidade veja-se Dora Farinha, “Os notários apostólicos na documentação do Cabido da Sé do Porto 1425-1543”.(Dissertação de Mestrado Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.)

¹³ Joaquim Lopes e Ricardo Seabra, “Documentação Notarial e Tabeliões Públicos no Porto na centúria de Trezentos”. *CEM/cultura, espaço & memória*, 3, (2012):209-226.

¹⁴ Ricardo Seabra, “Publicus tabellio in civitatis portugalensis: estudo sobre o tabelionato no Porto medieval (1242-1383)”(Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2012).

notarial portuense, definindo as raízes anteriores e os possíveis progressos da actividade. O enfoque ultrapassará os actos escriturados por estes oficiais, incidindo também na formação, linguagem, ambiente social, clientela, oficinas, técnicas jurídicas e jurisdição.

Portanto, a nossa proposta de investigação concebe o estudo notarial em duas perspectivas diferentes: a prática notarial e a actividade notarial. O estudo da prática notarial, como parte envolvida da História do Notariado, tem por objecto compreender o notário no trabalho, ou seja, de se debruçar sobre as múltiplas e diversas modalidades da sua profissão. O estudo da actividade notarial não reflectirá tanto sobre o notário, mas sobre o produto resultante da sua actividade notarial: os actos notariais, considerados na sua globalidade enquanto fontes históricas. Consiste, portanto, no estudo da representatividade do *corpus* sobre o qual se apoia o nosso estudo, em medir a ocorrência, medir o volume, ritmo ou fluxo (diário, semanal, mensal, sazonal, anual) e a composição (em função dos diferentes tipos de actos e contratos) dos actos escriturados por estes agentes¹. Desta maneira, dividiremos o trabalho em duas partes.

A primeira será sobre “Os Homens” e visará o conhecimento dos tabeliães públicos régios no Porto, começando naturalmente pela identificação dos indivíduos, mas não se limitando a ela, dado que se pretende dar a conhecer as ligações familiares e profissionais destes oficiais às elites municipais e aos principais grupos sociais da cidade. Sendo detentores de “*fides publica*” conferida pelo rei, não poderemos descurar a sua ligação ao exercício de cargos relacionados com a representação régia na cidade e arredores. De facto, a partir do século XIV, as matérias de governo ganham progressivamente uma complexidade acrescida que exigia a presença de “especialistas” na gestão do quotidiano do reino. O processo de acentuada burocratização e departamentalização de cargos e funções com competências específicas, especialmente no âmbito da escrita, reforçou ainda mais o papel do tabelião como oficial público, com poder significativo no plano interno². A centúria de 1400 é um período de acentuada modernização do aparelho governativo português, a qual vinha sendo lançada já desde finais do século XIV para se aprofundar ao longo da primeira metade do século XV. O ordenamento da administração pública exigia uma burocracia mais extensa de vários pontos de vista, o que afectou directamente o tabelionado, que é, também ele, objecto de especializações (das audiências, do paço, do crime, do cível...).

Igualmente importante será analisar a sua presença nas sessões camarárias, e o seu papel nas diversas situações aí discutidas. O facto de exercerem uma profissão que só estava ao alcance de um número muito reduzido de homens, acarretou-lhes importância social, a que não era alheio o património que iam acumulando e gerindo da melhor forma. Procurar-se-á saber até que ponto os tabeliães estiveram relacionados com o tráfego marítimo que tinha na cidade do Porto quatrocentista um ponto nevrálgico. Particularmente pertinente será o conhecimento da organização profissional dos tabeliães públicos do rei, detectando possíveis oficinas de escrita, e determinando a sua articulação com escrivães jurados e com outros agentes de escrita, como sejam os notários episcopais. Estaremos particularmente atentos ao modo como estes oficiais adquiriam a sua formação, até porque, por um lado, para além da escrita de actos de natureza extrajudicial (v.g. negócios e actos administrativos), era da sua responsabilidade alguma escrituração “*in iudicio*”, pelo que a ligação ao mundo do Direito seria fundamental. Por outro, os tabeliães do Porto, instituídos unicamente pelo Rei e de presença obrigatória em todas as escrituras públicas, são tidos também como a

¹ Jean Luc Laffont, “Problèmes et enjeux d’analyse historique de l’activité notariale”, *Problèmes et méthodes d’analyse historique de l’activité notariale XV-XIXe : actes / Colloque de Toulouse tenu dans le cadre de la Chambre départementale des Notaires de la Haute-Garonne ; sous la direction de Jean L. Laffont*. (Paris : Presses Universitaires du Mirail, 1991.): 17-29.

² Armando Luís de Carvalho Homem e Maria Isabel N. Miguéns de Carvalho Homem, “Lei e poder concelhio: as posturas. O exemplo de Lisboa (sécs. XIV-XV) (primeira abordagem)” *Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA Porto*, III Série, vol. 7(2006): 35-50.

garantia da lei e da temporalidade proclamadas pelo poder régio¹, possuindo dessa forma uma verdadeira posição de *guardiães da lei*.

A segunda parte será sobre “Os documentos”. Segundo José Bono o notário é uma *persona publica* pois desempenha um ofício de utilidade pública que é o de escrever instrumentos públicos (documentos notariais, judiciais ou com selo autêntico). Essa função inclui a outorga de documentação de natureza judicial (a mando do juiz) e/ou extrajudicial (a pedido das partes). Portanto, o documento notarial é aquele cuja criação se realiza pela pessoa que o ordenamento jurídico estabelece para tal tarefa, pois este é entendido como uma função pública de autenticação documental.

A Diplomática Notarial e a História do Direito Notarial são duas disciplinas independentes que tratam o documento notarial. Na concepção diplomática, o documento notarial é um escrito declarativo, e na jurídica é um escrito vinculante. Ambas as disciplinas pretendem dar uma explicação crítica do documento na sua evolução histórica. A diplomática notarial é a explicação crítico-formal do documento na sua evolução histórica, ou seja, a crítica da composição do texto documental formalizado pelo notário; e a História do Direito Notarial é a explicação crítico-material (do conteúdo) do documento na sua evolução histórica, ou seja, a explicação da formulação do negócio, tal como resulta da sua expressão escrita².

A nossa intenção é a de elaborar uma análise crítica e diplomática aos dados do conjunto dos documentos que constituem o acervo documental do nosso estudo. A informação que esses mesmos textos fornecem para o tratamento do tema do tabelionato na cidade do Porto permitem conhecer não só o trabalho da escrita, mas também a identificação dos homens, a(s) forma(s) do seu ofício, a sua inserção na sociedade medieval portuense, e as ligações que possam existir entre eles. Portanto, analisaremos a documentação produzida pelos tabeliães públicos, procurando conhecer os formulários que lhes serviram de base. Tomaremos nota de todas as referências que possam surgir relativas a Livros de Notas³, ou de simples registo dos actos lavrados. O estudo da tipologia documental e das fórmulas notariais também será alvo de estudo, não esquecendo a evolução desses mesmos formulários e as suas consequências práticas no exercício da actividade notarial. Não nos iremos debruçar sobre o ponto de vista paleográfico, já que a evolução gráfica por parte dos tabeliães públicos do Porto já foi desenvolvida por Maria João Silva⁴.

Dos 1075 instrumentos públicos que constituem o *corpus* documental em análise, procedemos à sua classificação e análise tipológica mediante um critério específico, que recai sobre a distinção de fórmulas contratuais, mediante o tipo jurídico de cada documento⁵. Optamos por nos referir a “actos” ao invés de “documentos”, para efeitos de contagem, visto cada documento poder comportar vários actos, como é o caso, por exemplo, das públicas-formas, traslados de vários documentos, sentenças, etc.

A nossa investigação tem como objectivo identificar os agentes da escrita e a sua organização, articulação, hierarquia e sucessão, bem como o desenvolvimento das práticas notariais. A partir de documentação inédita e publicada, procuraremos analisar o papel dos tabeliães no mundo urbano, relacionar a sua actividade e respectivo impacto nas estruturas administrativas, económicas e sociais da cidade e do reino. Desta maneira,

¹ Margarida Garcez Ventura, *Igreja e poder no século XV. Dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1385-1450)*, (Lisboa: Colibri, 1997): 558.

² José Bono Huerta, "Diplomática Notarial e Historia del Derecho Notarial", *Cuadernos de Historia del Derecho*, 3, (1996): 177-190.

³ De facto, existem poucas referências a Livros de Notas de tabeliães no século XV. Veja-se *Livro de Notas de Lopo Vasques, Tabelião do Julgado de Refojos de Riba de Ave (1458-1459, 1469)*, org. João José Alves Dias e Pedro Pinto (Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 2014).

⁴ Silva, *A escrita na Catedral*, 259-72. Segundo esta autora até ao século XV, no Porto, assistimos à transição da escrita carolina goticizada para a gótica cursiva fracturada, e gótica cursiva fracturada formata, até à gótica bastarda

⁵ Semelhante critério foi utilizado para a classificação de tipologia no estudo de documentação notarial em Nogueira *Tabelionato e instrumento público*, 127-130 e 460-462; como também por Coelho, “Os tabeliães em Portugal”, 28-29 e 33-39.

a dispersão das fontes a utilizar implicou a aplicação de um método de trabalho previamente definido, embora flexível, assim como a realização de uma base de dados com campos bem estruturados que permita a sistematização da informação, facilitando deste modo o ulterior tratamento e interpretação.

A metodologia adoptada tem sido o levantamento prosopográfico das referidas fontes e a sua inserção num quadro estruturado em dois módulos “Notário” e “Documento”, na base de dados que efectuamos no início da nossa investigação. O primeiro módulo consiste em 7 campos onde consta informação relativa à identificação do indivíduo, e o segundo em nove campos sobre os dados documentais, incluindo ainda quatro subcampos que dizem respeito a quatro fórmulas diplomáticas “Invocação”, “Notificação”, “Cláusula penal”, e “Forma de redacção”. O assentamento na referida base de dados possibilita não só o apontamento de informação, mas também facilitará a pesquisa através de filtros por perfil e/ou documento(s) permitindo valorizar e comparar elementos, nomeadamente aquando da redacção final da dissertação. O quadro documental reportar-se-á, naturalmente, às fontes primárias inéditas e publicadas¹. Por esta razão, a concretização deste projecto implica deslocações a vários arquivos para recolha de documentação, nomeadamente, em Lisboa, ao Arquivo Nacional da Torre do

¹ AMARAL, Luís Carlos - Subsídios documentais para o estudo da propriedade imobiliária no concelho do Porto medieval. In Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto: Câmara Municipal. 2^a Série, Vol. 5/6 (1987-1988), p. 55-132.; Centro de Estudos Históricos Ultramarinos - As gavetas da Torre do Tombo. Lisboa : Centro de Estudos Históricos, 1960-1977; Chancelarias portuguesas: D. João I. Org João José Alves Dias Lisboa: Universidade de Nova Lisboa. Centro de Estudos Históricos, 2004-2006; Chancelarias portuguesas: D. Duarte. Org João José Alves Dias. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Centro de Estudos Históricos, 1998-2002.; Corpus codicum latinorum eorum qui in archivio municipali portucalensi asservantur antiquissimorum: PORTO: Curiae Municipalis editum. 1891-1917.; Cortes portuguesas : reinado de D. Duarte : (Cortes de 1436 e 1438). Lisboa : Universidade Nova de Lisboa. Centro de Estudos Históricos, 2004; Descobrimientos Portugueses: documentos para a sua história. pub. e pref. por João Martins da Silva Marques. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação científica. 1988.; Documentação Medieval do Arquivo Paroquial de S. Pedro de Miragaia, ed. Luís Miguel DUARTE e Luís Carlos AMARAL, sep. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, 2^a série, vol. 1, Porto, 1984.; MELO, Arnaldo Sousa; DIAS, Henrique; SILVA, Maria João Oliveira e - Palmeiros e Sapateiros: A Confraria de S. Crispim e S. Crispiano do Porto; Monumenta Henricina. Coimbra: Comissão Executiva do V Centenário da morte do Infante D. Henrique. 1960-74. Vols 1- 13. (páginas 22 a 26); Monumenta Portugalia Vaticana. Porto: Livraria Editorial Franciscana. Vols. 1,2 e 3. 1968-70; Ordenações Afonsinas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. 1-5.1984; "Vereações", anos de 1390-1395. O mais antigo dos Livros de Vereações do Município do Porto existentes no seu Arquivo. Comentários e notas de A. de Magalhães Basto. Porto: Câmara Municipal, 1972.; Vereações: anos de 1401-1449 : o segundo livro de vereações do município do Porto existente no seu arquivo. Comentário e notas de J. A. Pinto Ferreira. Porto : Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade.; Vereações: 1431-1432 : Livro I. Porto : Arquivo Histórico. Leitura, Índices e Notas de João Alberto Machado e Luís Miguel Duarte. Porto: Câmara Municipal, 1985.

Tombo¹, e, no Porto, ao Arquivo Distrital², ao Arquivo Histórico Municipal³ e ao Arquivo Histórico da Misericórdia.⁴

Conclusivamente no final do nosso projecto de investigação pretendemos ter resposta para as seguintes questões:

- Saber quem eram os tabeliães públicos do rei no Porto e estabelecer cronologias de actividade notarial;
- Conhecer as suas famílias e a extensão do seu património;
- Identificar as suas redes clientelares e as suas ligações ao poder concelhio e régio;
- Determinar o seu papel na hierarquia urbana;
- Detectar a sua formação escolar, procurar explicar conjunturas e modificações nas práticas notariais, e estudar a eventual existência de oficinas;
- Saber de que forma a documentação notarial foi utilizada para a construção da memória das instituições (e o percurso da informação);
- Conhecer as circunscrições do exercício da actividade notarial (circuitos de escrita dos tabeliães) e perceber a sobreposição geográfica de algumas delas;
- Fazer um estudo diplomático da documentação produzida por cada um destes indivíduos, identificando tipologias e formulários documentais.

¹ IAN/TT, Ordem de Cister, Mosteiro de Arouca; IAN/TT, Ordem de São Bento, Santa Maria de Tarouquela, IAN/TT, Ordem de São Bento, Santo André de Ancede, IAN/TT, Ordem de São Bento, São Bento de Avé Maria do Porto, IAN/TT, Ordem de São Bento, São Cristóvão de Rio Tinto, IAN/TT, Ordem de São Bento, São João de Alpendorada, IAN/TT, Ordem de São Bento, São Pedro de Pedroso, IAN/TT, Ordem de São Bento, São Salvador de Tuías, IAN/TT, Ordem de São Bento, São Salvador de Vairão, IAN/TT, Cartório do Cabido da Sé de Coimbra 1^a e 2^a Incorporação

² ADP, Irmandade de São Crispim e de São Crispiano, ADP, Livros dos Originais, ADP, Livros das Sentenças, ADP, Santo André de Ancede, ADP, São Bento da Vitória, ADP, São Domingos, ADP, Santo Elói, ADP, Santo Estêvão de Vilela, ADP, São Francisco, ADP, São Gonçalo de Amarante, ADP, São João de Alpendorada, ADP, São João da Foz, ADP, S. Miguel de Bustelo de Penafiel, ADP, São Pedro de Miragaia, ADP, São Pedro de Roriz de Santo Tirso, ADP, São Salvador de Grijó, ADP, São Salvador de Paço de Sousa, ADP, Vila Cova de Sandim.

³ AHMP, Colecção Brandão Pereira, AHMP, Colecção João Martins Ferreira, AHMP, Colecção Germano da Silva, AHMP, Vereações, Livros 3, 4, 5 e 6.

⁴ Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto, Administração de vários legados; Copiador de Prazos Antigos, tomo 1. Cópia de Pergaminhos.; Copiador de Prazos Antigos, tomo 2. 1426-1545. Cópia de Pergaminhos.; Tombo do Hospital do Rocamador Livros n^o 1 e n^o 2;

Um Guia de Arquitectura Civil Medieval na Cidade do Porto

*Silvana R. Vieira de Sousa*¹
Universidade de Évora

Resumo

O presente trabalho desenvolve-se no âmbito de um estágio curricular do Mestrado em História da Arte Portuguesa da FLUP, que decorreu na Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto (DMMPC-CMP). O objectivo principal, resultante de um processo de pesquisa sobre arquitectura civil medieval na cidade do Porto, pautou-se pela produção de um guia sobre o tema. Opta-se, assim, por três momentos de pesquisa distintos, mas que se completam: fundamentação teórica com recurso a estudos prévios, cartografia e recolha fotográfica *in loco* dos exemplos da tipologia e cronologia estudada, e a transmissão de todo o conhecimento teórico através de um guia, tendo em conta públicos-alvo e as diversas formas de comunicar património.

Palavras-chave:

Arquitectura Civil, Medieval, Guia, Porto

Abstract

The present work was developed within the scope of a curricular internship of the Master's Degree in Portuguese Art History of FLUP, which took place in the Municipal Division of Museums and Cultural Heritage of the Porto City Council. The main objective, resulting from a research process on medieval civil architecture in the city of Porto, was orientated towards the production of a guide on the theme. Therefore three different yet complementary research moments were chosen: theoretical basis using previous studies, cartography and *in situ* photographic collection of the examples of the typology and chronology studied, and the transmission of all theoretical knowledge through a guide, considering target audiences and the various ways of communicating heritage.

Keywords:

Civil Architecture, Medieval, Guide, Porto

TEMA, OBJECTIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

O projecto que se apresenta desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo sido orientado cientificamente pela Professora Doutora Lúcia Rosas, e desenvolvido na instituição de acolhimento (DMMPC-CMP) sob a orientação da Dra. Isabel Osório. O mesmo resulta da vontade pessoal de querer aprofundar e sistematizar o conhecimento sobre a arquitectura civil medieval no seu todo, e em particular, dos seus contornos e exemplos no Porto, estudando para isso espaços de habitação, de administração e elementos remanescentes que se podem encontrar actualmente em várias zonas da cidade. Assumiu-se também como uma prioridade conseguir transmitir esse conhecimento e actualizar a relação que o público (em primeiro plano a comunidade local, e num segundo a nacional) tem com o património medieval civil da sua cidade, propondo-se, para isso, a criação de um guia.

¹ Mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutoranda em História da Arte na Universidade de Évora, com uma bolsa do programa doutoral HERITAS – Estudos de Património.

Delimitados os dois grandes objectivos deste projecto, seguiu-se a delimitação cronológica e geográfica. A primeira fez-se trabalhando, ou seja, apenas no fim da recolha de todos os exemplos de arquitectura civil na cidade se conseguiu perceber quais os séculos mais representativos, sendo estes os séculos XIV e XV. A segunda delimitação, a geográfica, fez-se pelos próprios limites do actual centro histórico do Porto (Fig.1), salvo uma excepção, a torre medieval do Palácio dos Terenas, que além da sua localização é também excepção pela sua tipologia, já que esta se insere em contexto rural medieval e não urbano. Esta relação da construção medieval em contexto urbano *vs* contexto rural, é, por si só, um aspecto muito importante de toda a temática relacionada com arquitectura civil medieval, e em particular, da pesquisa desenvolvida para este trabalho, porque, como refere Mário Jorge Barroca¹, em contexto urbano uma casa-torre, por exemplo, não é sinónimo de casa senhorial, como acontece frequentemente no espaço rural (Fig.3). Sendo o Porto o palco desta pesquisa, mais força dá a esta afirmação, quer pela interdição da residência ou permanência prolongada de nobres na cidade², quer pela variedade de construções de burgueses e eclesiásticos, e não de nobres.

ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Villard de Honnecourt, *mestre* francês do século XIII, oferece algumas bases para a compreensão da construção medieval aplicada a grandes edifícios como catedrais com os seus variados textos e desenhos sobre o tema, cujas páginas que chegaram até hoje se encontram guardadas na Biblioteca Nacional de França. Numa compilação de textos e ilustrações de Honnecourt, feita por Roland Bechmann nos anos 90³, é possível observar materiais, instrumentos, técnicas e fórmulas de construção que seriam directrizes básicas para os homens da construção de então. Partindo desta informação e olhando para os autores portugueses, estes vão também, ainda que um pouco timidamente, desbravando caminho nestes assuntos.

Oliveira Marques, no seu artigo *Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa*⁴, lança as bases para a compreensão dos aspectos gerais da cidade medieval do Ocidente Europeu, elencando ao longo das suas vinte páginas as principais diferenças entre as cidades do norte e do sul, desenvolvendo a sua pesquisa sobre a organização urbana destas, dos equipamentos e edifícios dinamizadores da vida cidadina medieval, dos materiais utilizados, e das áreas que estas ocupariam. O mesmo autor escreve também um capítulo sobre “A Casa”⁵, numa obra dedicada a assuntos da sociedade medieval portuguesa que nos oferece uma visão geral dos aspectos desta temática nas suas diversas tipologias: palácios, solares, habitação nobre e habitação corrente, referindo alguns exemplos específicos como o Paço de Sintra ou o de Évora.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida fala-nos de generalidades da arquitectura civil medieval portuguesa dos séculos XII e XIII associada a pontes e equipamentos de uso corrente como cisternas, fontes ou paços do concelho, mas alerta desde logo para a escassez de estudos sobre a temática que existia à data, e a necessidade de investigação

¹ Mário Jorge Barroca, “Torres, Casas-Torres ou Casas-Fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII-XV)”, *Revista de História das Ideias* 19 (1998): 57.

² Apenas a partir de 1502, no reinado de D. Manuel, parece surgir uma “janela de oportunidade” que permitirá à nobreza construir casas e residir no Porto.

³ Bechmann Roland, *Villard de Honnecourt: la pensée technique au XIIIe siècle et sa communication*. (Paris: Picard, 1991).

⁴ A. H. de Oliveira Marques, “Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa”, *Bracara Augusta, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. vol. XXXV, N^o 79-80 (92-93) (Janeiro – Dezembro de 1981): 367-387.

⁵ A. H. de Oliveira Marques, “A Casa” in *Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. 6^a edição, 89-113 (Lisboa: A Esfera do Livros, 2010).

arqueológica sobre a mesma¹. Durante a Baixa Idade Média, a construção civil é caracterizada pelo uso de materiais bastante perecíveis, como a madeira, deixando a pedra para construções ditas de prestígio, referindo ainda a casa medieval como um espaço exíguo onde se multiplicam andares ou sobrados, constituindo o lote medieval comprido e estreito (Fig.4), muitas vezes com espaço para a loja (local de comércio) no rés-do-chão da casa e com quintais nas traseiras para criação de animais e produção de alguns vegetais².

Os trabalhos coordenados por Arnaldo de Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro³ ajudam também a levantar o véu sobre as questões do trabalho na construção do período medieval, em contexto urbano, relativamente às cidades de Porto e Braga, em especial no que respeita materiais, técnicas e figuras envolvidas. Sobre Guimarães, Maria da Conceição Falcão Ferreira faz um estudo bastante profundo e completo⁴ da cidade, abrangendo as mais diversas questões sobre o surgimento, estabelecimento e quotidiano de uma urbe medieval, referindo aspectos construtivos das arquiteturas civis medievais do espaço em questão, como os Paços do Concelho ou a Casa da Audiência. Também a dissertação de mestrado de Ângela Carina Areias da Silva⁵ nos fornece uma perspectiva sobre propriedade, mercado imobiliário e a casa corrente do período medieval para a mesma localidade. Ainda sobre o estudo da casa corrente e do espaço urbano medieval noutras localidades que não o Porto, merecem referência o trabalho de, mais uma vez, Maria da Conceição Falcão Ferreira para Santarém⁶, o de Luísa Trindade para Coimbra⁷, o de Amélia Aguiar Andrade para Ponte de Lima⁸, o de Rita Costa Gomes para a Guarda⁹, e o de Maria Ângela Rocha Beirante para Évora¹⁰. Os vários trabalhos de Sílvio Conde sobre a casa medieval¹¹, embora mais direccionados para o centro e sul de Portugal, mostram-nos aspectos importantes sobre a casa urbana *versus* casa rural, sobre a própria construção em geral, mas também sobre organização do espaço interno e ainda sobre termos e expressões construtivas, que, a par dos vários trabalhos na área do urbanismo e sociedade medieval de Iria Gonçalves, nos fornecem as bases para compreensão destes assuntos.

¹ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *História da Arte em Portugal. O Românico* (Lisboa: Editorial Presença, 2001), 150.

² Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Jorge Barroca, *História da Arte em Portugal. O Gótico*. (Lisboa: Editorial Presença, 2002), 86.

³ Os autores referidos apresentam vários artigos na área da história da construção medieval, dos construtores e dos materiais, compilados nos livros “História da Construção” editados pelo CITCEM e LAMOP no ano de 2012.

⁴ Maria da Conceição Falcão Ferreira, *Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de história urbana (1250-1389)* (Braga: CITCEM, Universidade do Minho - ICS, 2010).

⁵ Ângela Carina Areias da Silva, *Entre Propriedades e Casas Perfeitas: Um estudo da casa corrente na Guimarães dos finais da Idade Média* (Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011).

⁶ Maria da Conceição Falcão Ferreira, “Construção corrente em Santarém, no século XV: Alguns exemplos” in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques* / coord. Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia, 459-473 (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001).

⁷ Luísa Trindade, *A casa corrente em Coimbra dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*. (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2002).

⁸ Amélia Aguiar Andrade, *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*. (Lisboa: Livros Horizonte, 1990).

⁹ Rita Costa Gomes, “A Guarda Medieval. Posição, Morfologia e Sociedade (1200-1500)”, *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, nº 9-10 (1987).

¹⁰ Maria Ângela Rocha Beirante, *Évora na Idade Média*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995).

¹¹ Neste trabalho o autor compila vários textos anteriormente escritos e fornece uma lista de bibliografia e fontes actualizada para os interessados no tema: Manuel Sílvio Alves Conde, *Construir, Habitar: A Casa Medieval*. (Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2011).

Sobre o Porto medieval, em contexto histórico-artístico, arqueológico e de planeamento urbano, encontramos as dissertações de mestrado de Daniel Braz Afonso¹, Maria Isabel Osório² e de Helena Regina Lopes Teixeira³ (que além de traçar a evolução urbana da cidade dos séculos XII a XVI, oferece ainda um índice de propriedades do clero, do concelho e de privados, relativo ao século XV), que se juntam a estudos de história local dos anos 40 e 80, respectivamente, de Magalhães Basto⁴ e de José Marques⁵. Os trabalhos de Manuel Luís Real tornam-se também indispensáveis para o entendimento da cidade do Porto, quer pela leitura da sua evolução histórico-urbana, quer pela apresentação e divulgação de resultados dos vários trabalhos arqueológicos que foram feitos na cidade e dos quais este autor foi responsável, bem como os de Ernesto Veiga de Oliveira⁶, que oferecem uma visão geral das casas da cidade do Porto e dos materiais empregues nas suas construções, fazendo a ligação entre o passado e o presente. A revista *O Tripeiro* reveste-se aqui também de extrema importância, já que, em vários dos seus números desde a sua fundação em 1908, apresenta pequenos artigos sobre arquitecturas da cidade do Porto que nos ajudam a entender a evolução da malha urbana da cidade, além de se conseguir aceder, em números específicos⁷, a desenhos e esboços de reconstruções hipotéticas do período medieval, realizados por profissionais⁸, de casas e praças que são objecto de estudo no nosso trabalho, nomeadamente de casas-torre na rua dos Mercadores, da Torre da Marca, Torre de Pedro Sem, e Praça da Ribeira. O *dossier* de candidatura da cidade do Porto, relativo à sua classificação pela UNESCO como Património da Humanidade⁹, revelou-se também uma consulta importante por, além de elencar os vários exemplos de património da cidade (da sua origem aos dias de hoje), apresentar pequenas “biografias” de edifícios e arruamentos em estudo no presente trabalho, introduzindo também uma outra noção que a nós muito interessa, a de comunicação patrimonial. Para a Rua Nova, numa visão mais direccionada para o estudo de propriedade, encontra-se o trabalho de Luís Miguel Duarte e Luís Carlos

¹ Daniel Braz Afonso, *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521* (Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012).

² Maria Isabel de Noronha Azaredo Pinto Osório, *Cidade, plano e território. Urbanização do plano intra-muros do Porto (séculos XIII- 1ª metade XIV)* (Porto: Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. I e II, 1994).

³ Helena Lopes Teixeira, *Porto, 1114-1518. A construção da cidade medieval* (Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010).

⁴ A. De Magalhães Basto, “O Pôrto Medieval (ensaio topográfico)” in *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História Medieval (II Congresso)*, (Lisboa: Congresso do Mundo Português Publicações, II volume. Secção de Congressos, 1940).

⁵ José Marques, “Património Régio na Cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV. Subsídios para o seu estudo”, Porto: Faculdade de Letras. *Separata da Revista de História*, (vol.III, 1982): 73-97

⁶ Ernesto Veiga de Oliveira, “Sistemas de construção com madeira e materiais leves. Um tipo de Fachwerk em Portugal”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*. Vol. XVIII, fasc. 3-4 (Nova série da Sociedade e do Centro) (1961-62): 347-353; Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, “Casas do Porto”, *Douro Litoral, Boletim da Comissão de Etnografia e História*, 8ª série, VII-VIII. (1958): 637-687.

⁷ Referimo-nos aos seguintes: *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº6 (Junho de 2016); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº 7 (Julho de 2016); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXIV, nº4 (Abril de 2015); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXIII, nº12 (Dezembro de 2014). Um índice detalhado de todos os números entre 2014 e 2017 pode ser encontrado aqui: <http://www.cciporto.com/publicacoes/o-tripeiro> [consultado em 11-04-2017]

⁸ Como os vários desenhos do Arquitecto Luís Aguiar Branco.

⁹ Rui Ramos Loza e Manuel Luís Real, *Porto a Património Mundial. Processo de candidatura da Cidade do Porto à classificação pela UNESCO como Património da Humanidade*. (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1993).

Amaral, com a análise à Finta de 1438¹ e a dissertação de mestrado de Maria Helena Pizarro Santos Paula², que conta com um inventário de aforamentos de cerca de 40 casas nessa mesma rua. Sobre uma outra rua, a Rua das Flores, e numa abordagem mais alargada do espaço urbano do Porto quinhentista, encontramos os trabalhos de José Ferrão Afonso³, que nos ajudam a assumir uma certa tolerância cronológica na nossa própria pesquisa.

ESTRUTURA DO PROJECTO/ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

A estrutura do relatório final divide-se em quatro capítulos principais. O 1º é referente a questões introdutórias, contando com a explicação da metodologia, fontes e problemáticas, bem como com a caracterização do estágio realizado na instituição de acolhimento e da forma como este se revelou um meio importante para atingir os objectivos propostos. O 2º passou por realizar um Estado da Arte sobre o nosso tema de projecto e também por apresentar um breve contexto geral da arquitectura civil medieval portuguesa, cruzando o exemplo do Porto com o de outras cidades de relevo no panorama medieval português como Braga, Guimarães ou Évora, tentando traçar uma visão geral da evolução urbana da cidade medieval portuguesa (consciente de que cada caso é um caso) e como esta se constrói. Este capítulo debruça-se também sobre as variadas questões relacionadas com os edifícios públicos (por exemplo os Paços de Concelho) e os de habitação – existem pontos comuns entre os exemplos de várias urbes? Quais as principais diferenças destes tipos de construções entre o espaço rural e o urbano? Quem são as principais figuras envolvidas na construção dos grandes edifícios que marcam a paisagem urbana medieval e dos que, não marcando essa mesma paisagem, a compõem? O 3º capítulo apresenta-se como o “núcleo duro” de todo o trabalho, contendo os exemplares de arquitectura civil medieval na cidade do Porto recolhidos, aprofundando o seu estudo, caracterização e sistematização, sendo este o principal capítulo que dará forma e conteúdo ao produto final. Tenta-se elencar aqui os vários objectos de pesquisa, atendendo, entre outros aspectos, à sua localização (arruamento), tipologia (habitacional ou administrativa), estado de conservação e acesso ao público. O 4º e último capítulo recai sobre a questão de transmissão do conhecimento e de comunicação patrimonial, sendo este o espaço para explanar, passo-a-passo, a criação do guia. Neste último capítulo, referem-se também aspectos importantes da comunicação patrimonial nos dias de hoje, a sua evolução e de que forma este produto final poderá ser útil na área da educação patrimonial.

Em Apêndice, são apresentadas ainda três tabelas de trabalho criadas ao longo da investigação, com a recolha de dados *in loco* e na instituição de acolhimento. A primeira surge como um breve apanhado dos termos construtivos de arquitectura medieval que poderão ajudar a entender melhor a linguagem utilizada ao longo do trabalho escrito. Na segunda, elencam-se os vários objectos de estudo após contacto directo com estes e as notas daí retiradas no imediato. A terceira refere os relatórios de

¹ Luís Carlos Amaral e Luís Miguel Duarte, “Os homens que pagaram a Rua Nova (Fiscalidade, Sociedade e Ordenamento Territorial do Porto Quatrocentista)”, *Revista de História*, Vol. 6 (1985): 7-96.

² M^a Helena Pizarro Paula Santos, *A Rua Nova do Porto (1395-1520): Sociedade, Construção e Urbanismo*. (Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010).

³ José Ferrão Afonso, *A Rua das Flores no Século XVI - Elementos Para a História Urbana do Porto Quinhentista* (Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004); José Ferrão Afonso, *A Imagem Tem que Saltar: a Igreja e o Porto no Século XVI, 1499-1606. Um estudo de história urbana*, (Dissertação de doutoramento em arquitectura, apresentada à Universidade Politécnica de Catalunya. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2013).

escavação acedidos através da DMMPC-CMP que contém informação pertinente para a investigação do tema.

Quanto aos exemplos estudados, procurou-se organizá-los neste trabalho tal como estão distribuídos actualmente na cidade, optando-se assim por os dividir em três grandes zonas, subdividindo-os de seguida por arruamento: zona da Sé, zona Ribeirinha, e outras localizações, como o exemplo da Torre de Pedro Sem/do Palácio dos Terenas ou as casas na Rua de S. Bento da Vitória. Isto vai ao encontro da identificação de quatro pontos fulcrais da vida da cidade medieval do Porto (Fig.5), referidos por Isabel Osório¹, sendo eles: o Morro da Pena Ventosa, a zona de Cimo de Vila (encosta junto à estrada que ligava a cidade a Penafiel), a Rua do Souto que fazia a ligação entre os dois núcleos da cidade (Sé e Ribeira) e que foi cortada em duas (Souto e Caldeireiros) aquando da abertura da Rua das Flores em 1522, e a própria Ribeira, devido à sua função mercantil. Em relação a arruamentos por onde se fez a busca e se encontraram elementos de estudo para este projecto, apresentam-se os seguintes: Rua de D. Hugo (Fig.6), (antiga Rua do “Remoinho” e Rua de Trás da Sé), Calçada de Pedro Pitões, Rua de S. Sebastião (antigas Ruas da Sapataria e das Tendas), Rua da Pena Ventosa (antiga Rua dos Palhais), Rua de Santana (antiga Rua das Aldas), Beco dos Redemoinhos, Rua Escura (antiga Rua Nova), Rua dos Pelames, Rua do Souto, Rua dos Caldeireiros, Rua de S. Bento da Vitória, Rua da Bainharia (antiga Rua dos Ferrais), Rua dos Mercadores, Rua da Fonte Taurina (antiga Rua da Fonte Aurina), Rua da Lada, Rua da Reboleira, Rua de Baixo, Rua de Belomonte (antiga Calçada de S. Domingos), Rua da Alfândega, Rua Chã (antiga Rua das Eiras), Beco do Forno Velho, Rua do Infante D. Henrique (antiga Rua Nova/Formosa), Escadas do Recanto, e Rua da Boa Nova.

METODOLOGIA, FONTES E PROBLEMÁTICA

Metodologicamente, a pesquisa feita para alcançar o resultado final dividiu-se em três momentos distintos (Quadro 1). O primeiro passou, naturalmente, pela fundamentação teórica, procurando entender e conhecer o que se produziu sobre a temática geral da arquitectura civil em Portugal, passando depois para os estudos sobre construção, propriedade e urbanismo medieval na cidade do Porto e nas de maior proximidade geográfica, como Braga e Guimarães. Foi igualmente importante auscultar algumas fontes com informação pertinente para o tema do trabalho, como as Actas de Vereação e os livros 3 e 4 do “Além Douro” da *Leitura Nova*², acessíveis na plataforma digital do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Também na plataforma digital *Portal do Arqueólogo* encontrámos numa breve pesquisa (filtrando a mesma através do período cronológico da Idade Média, Alta Idade Média, Medieval Cristão³, e pelo concelho do Porto), alguma informação sobre relatórios de escavações aprovadas e realizadas nas freguesias correspondentes ao actual centro histórico da cidade (Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória), servindo de apoio para alguns edificadros e estruturas dos quais o nosso trabalho trata. De referir, ainda, o trabalho de Alberto Aires de Gouveia⁴, o conhecido Gouveia Portuense, pintor nascido no Porto em 1867, e que nos deixou várias obras onde pinta aspectos (paisagens, vistas, entre outros) da

¹ Osório, *Cidade, plano e território*, 103 a 128.

² José Marques, no seu artigo na *Revista de História*, “Património Régio na Cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV. Subsídios para o seu estudo”, enumera em específico quais os fólios dos livros 3 e 4 do “Além Douro” com dados relevantes sobre o tema. Refere-se aspectos construtivos de casas, a sua localização, entre outras informações pertinentes.

³ *Portal do Arqueólogo* – DGPC, pesquisa de sítios arqueológicos, disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios> (consultado em 22-02-2017)

⁴ Para mais informação sobre a identidade deste pintor, consultar a página do artista em [matriznet.dgpc.pt](http://www.matriznet.dgpc.pt): <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=68212>

cidade do Porto como os via na altura da sua execução, e que, por isso, se apresentam como fontes pertinentes para este trabalho. Os desenhos e pinturas deste artista, bem como fotografias, gravuras, pedidos de licenças de obras e plantas da cidade, encontram-se organizados e digitalizados na página do Arquivo Municipal do Porto (www.gisaweb.cm-porto.pt) e, como tal, este revelou-se mais um portal virtual de consulta indispensável.

O segundo momento pautou-se pelo trabalho *in loco*, ou seja, pela recolha fotográfica, cartográfica e ilustrada dos vários objectos de estudo, organizando-os em tabelas de trabalho, posteriormente tratadas no Capítulo III. Neste segundo momento, tornou-se necessário um estudo breve, mas sistemático, dos vários arruamentos (nomeadamente para perceber as mudanças de toponímia¹) que compunham a cidade do Porto medieval, mas não só, sendo para isso necessário o recurso a plantas da cidade, gravuras e ilustrações, que permitiram traçar a evolução da malha urbana desde a Idade Média.

O terceiro momento trata a questão da comunicação patrimonial, sendo que, para um resultado satisfatório, foi necessária a escolha de um público-alvo, bem como de um formato. O tema em si, arquitectura civil medieval na cidade do Porto, apresenta uma especificidade própria e que apenas se revelará interessante para um público minimamente sensibilizado e envolvido nestas questões, deixando margem de manobra para uma linguagem mais técnica sem deixar de ser compreensível. No entanto, o nosso público-alvo foi, desde o primeiro momento, a comunidade local, de forma a proporcionar-lhe uma visão actual dos elementos de interesse histórico e cultural que se encontram, muitas vezes, dentro das suas próprias casas, e que, outras tantas, passa despercebido e é renegado para segundo plano face ao património religioso, por exemplo, da cidade. Assim, há a preocupação de cruzar uma linguagem que poderá ser mais técnica, com uma mais acessível e de fácil entendimento, abrindo a compreensão deste trabalho tanto ao residente portuense, como ao curioso de Ponte de Lima, mas que seja capaz ainda assim, de suscitar interesse ao académico de Lisboa. No que toca ao formato do trabalho final, querendo este ser um produto de divulgação, mas também académico, optou-se pelo guia² e não um roteiro, já que uma parte considerável dos exemplos de arquitectura civil medieval estudados não são de livre acesso, sendo missão deste guia apenas enumerar, catalogar, localizar e tipificar os vários exemplos que o compõem, com a sua construção devidamente explicada no Capítulo IV.

O percurso de pesquisa e escrita deste trabalho levantou sempre várias problemáticas, nomeadamente a justificação cronológica de alguns exemplos presentes no mesmo. Com efeito, apenas dispomos de provas documentais para alguns objectos de estudo – que se encontram mais facilmente para edifícios de comprovada origem medieval como a Antiga Casa da Câmara (Fig.7) ou a Casa do Infante –, sendo que para a maioria das casas e/ou elementos remanescentes isso não acontece. Foi preciso encontrar outra justificação para estes exemplos, e ela passou pela comparação entre edificados que sabemos terem sido construídos no período medieval (questões relacionadas com técnicas, formatos e disposições construtivas), bem como pela lógica da localização – se uma rua tem uma longa e recorrente ocupação medieval, será lógico que guarde em si elementos ou estruturas medievais (isto pode ser também corroborado pela questão do lote medieval, de observação relativamente fácil). É possível também que alguns dos exemplos deste trabalho possam na verdade ser já de uma cronologia mais avançada, entenda-se, do século XVI – por exemplo as casas encontrados na Rua de S. Bento da Vitória (Fig.8) ou mesmo na Rua de Belomonte – no entanto, parece-nos importante referi-los e integrá-los já que, e ainda que não haja certezas quanto à sua cronologia, estes exemplos estarão certamente ligados ao período sobre o qual este

¹ Para isso, muito contribuiu a leitura da seguinte obra: Eugénio Andrea da Cunha Freitas, *Toponímia Portuense*. (Matosinhos: Contemporânea, 1999).

² Tal como se descreve: Livro que contém indicações úteis. "guia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/guia> (consultado em 21-02-2017).

trabalho se dedica, que mais não seja por aprofundarem ou continuarem em parte os métodos construtivos desenvolvidos no período imediatamente anterior.

A questão da toponímia dos arruamentos que contêm exemplos de estudo foi também algo que se revelou preocupante, pois foi necessário compreender as várias mudanças que ocorreram desde o período medieval, para, por um lado, compreender a localização desses mesmos exemplos de estudo, e, por outro, para conseguir comunicar e passar a informação para o guia. Procurou-se assim entender as mudanças e trocas de nomes de ruas da cidade do Porto, bem como catalogar os exemplos tendo em conta o seu N.P.¹, de forma a que a sua localização no terreno fosse mais fácil. Outra questão não impeditiva, mas que acrescentou alguma dificuldade a todo o trabalho de pesquisa, é o acesso aos objectos de estudo. Uma vez mais, isto não se aplica a edifícios de livre acesso ou de domínio público (como os que recebem serviços municipais); contudo, aplica-se a exemplos que estão ao abandono, ou que estão em casas de habitação actual e nas quais apenas poderíamos entrar com autorização do proprietário. Certamente existirão muitos mais exemplos de arquitectura civil e até militar – escavações arqueológicas no quarteirão da Bainharia apontam para lotes/casas que poderão conter parte de muralha românica² – mas que devido à sua localização ou estado de conservação, não são visíveis, pelo menos até à data.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade do Porto, sobressaem ainda hoje os lotes estreitos e altos, feitos de pedra e taipa, dentro do espaço do centro histórico da cidade, numa alusão a tempos mais recuados, onde as construções se acumulavam em pequenas parcelas de terreno, situação que se viria a modificar com maior notoriedade a partir de Quinhentos, quando se preferem espaços mais generosos em largura – muitas das vezes conseguidos através da junção de dois lotes contíguos e de uma nova e uniformizadora fachada. Mais ainda, e embora muitas das fachadas, andares e disposições arquitectónicas dos edifícios actuais correspondam a cronologias mais avançadas do que a medieval (séculos XVII, XVIII e XIX), certo é que muitas delas reaproveitam bases e estruturas prévias, e mesmo quando não são as estruturas que sobrevivem, é o lote, a delimitação de terreno, que serve de base para um outro edifício. Se existe material em boas condições e solidez para arcar com uma nova construção, há que o reaproveitar e não destruir, levando isto a uma outra questão que vale a pena referir: os edifícios e elementos remanescentes que surgem como exemplos de estudo no nosso trabalho são, todos eles, construídos em material pétreo. Há portanto uma outra faceta, a da construção em materiais mais perecíveis como a madeira, que nos escapa, não podendo este ser um retrato da arquitectura civil medieval portuense por inteiro, mas apenas de uma parte dela. São estas e outras questões que nos importa estudar e analisar nos nossos exemplos, entendendo também, quando possível, como estes edifícios e/ou estruturas se adaptaram à contemporaneidade, seja pela sua utilização actual, seja pelas remodelações e intervenções que foram recebendo ao longo do tempo.

¹ “Traduz-se na indicação dos números de polícia, isto é, o que identifica as casas num determinado espaço público. Esta numeração abrange os vãos de portas, portões ou cancelas legais que confinam com a via pública e que dêem acesso a prédios urbanos ou respectivos logradouros. Esta atribuição é da exclusiva competência da Câmara Municipal.” Definição disponível em: http://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/empresas/guiatematico/info_geo/tpnm/num_pol/attr_n_pol/Paginas/actividade.aspx (Consultado em 14-03-2017).

² Entre outros, tivemos acesso através da instituição de acolhimento, ao *Relatório de Progresso: Quarteirão da Bainharia, Sé. BAI.09. Porto-2009, Arqueologia e Património*, que confirma a existência de troços de muralha primitiva no interior de parcelas de terreno desta zona.

Assim, o processo criativo do produto final guiou-se ele próprio por três questões/directrizes gerais, a saber:

1. Escolha do público-alvo e adaptação do discurso ao mesmo;
2. Relação da comunidade com o património que nos propomos a estudar – património nem sempre visível, não “imediato” e não necessariamente turístico;
3. Contributo do produto – como uma forma de educação e sensibilização patrimonial para a comunidade (e num segundo plano, para quem não pertence a esta, mas a visita), e como um registo organizado dos vários exemplos.

No entanto, parece-nos importante, mais uma vez, aludir à ligação entre comunidade local e património, sensibilizando a primeira para o segundo. Como o mundo virtual é também, e cada vez mais, terreno de divulgação de informação que se quer séria e eficaz, optámos por, além das 38 fichas de inventário (baseadas no KIT DO PATRIMÓNIO 0.1.) que formam o guia em si (Fig.9), criar também um catálogo *online* com esses mesmos exemplos (Fig.10), com informação mais concentrada, mas não perdendo as linhas gerais que orientam e definem o trabalho escrito. Pretende-se assim produzir e transmitir conhecimento, dando o nosso contributo em três frentes:

- a) Relatório de projecto – trabalho mais descritivo, exaustivo e metodológico, de teor académico;
- b) Fichas de inventário – trabalho com uma abordagem mais técnica e resumida, de compreensão fácil, mas que exige algum grau de conhecimento prévio na matéria, de teor de divulgação mas com fundamentação académica;
- c) Catálogo *online* – trabalho numa plataforma virtual por forma a chegar a mais público, com informação mais concentrada e menos descritiva, de teor de divulgação.

A arquitectura que observamos hoje, como forma de arte que se pratica, ocupa e vive, será sempre uma forma de olhar para o passado. O caso da cidade do Porto não é diferente, e aqui a memória do período em que a identidade do burgo portugalense se define é ainda bastante notória, e também parte fundamental na manutenção do carácter de uma urbe em permanente mutação. O risco, calculado, que se corre ao enumerar os trinta e oito exemplos de estudo de arquitectura civil medieval no Porto reafirma isso mesmo, e reforça a ideia da permanência da construção medieval, da sua transformação, e da sua adaptação a espaços de cronologias posteriores. Este trabalho não se esgota no lote de exemplos aqui apontado. O número de existências semelhantes será muito superior, persistindo muitos deles ocultos aos olhos de especialistas, habitantes e visitantes.

Vivemos num um período particularmente interessante: a renovação massiva que o coração do Porto está a atravessar representa, em simultâneo, uma oportunidade e uma ameaça. Dezenas de vestígios são expostos diariamente, mas o risco de destruição, provocada pelo desconhecimento, pelo risco que uma descoberta pode representar para o prosseguimento de uma obra ou pela pressão especulativa que recai sobre uma cidade perigosamente dependente de um crescente movimento turístico, é cada vez mais sensível. E é aqui, também, que reside a necessidade de um levantamento como o que foi feito. Registrar, interpretar e divulgar: caminhos fundamentais no estudo e identificação dos elementos materiais da memória urbana e, não menos relevante, na disponibilização dessa memória àqueles que a mantêm viva, com ou sem consciência de o fazerem – os portuenses. Será legítimo aspirar a “educar” um habitante de uma cidade sobre o local onde nasceu, cresceu e viveu? Poderá ser interpretado como um acto de arrogância académica a oferta de uma nova visão sobre uma identidade que mantêm viva e pulsante? É mais um risco deste projecto, e não está isento de crítica.

Este será apenas um primeiro passo para um maior entendimento da cidade medieval, em concreto dos espaços de habitação e de administração da cidade do Porto, ainda que num registo algo limitado pelos próprios vestígios que nos chegam, havendo outras facetas que permanecem desconhecidas, simplesmente porque não perduraram

no tempo. Este trabalho não é, nem pode ser, um registo total no que à arquitectura civil medieval da cidade diz respeito, mas sim uma janela para os assuntos já referidos desse mesmo período. “O caminho faz-se caminhando”, e este projecto representa apenas o início da jornada.

ANEXOS

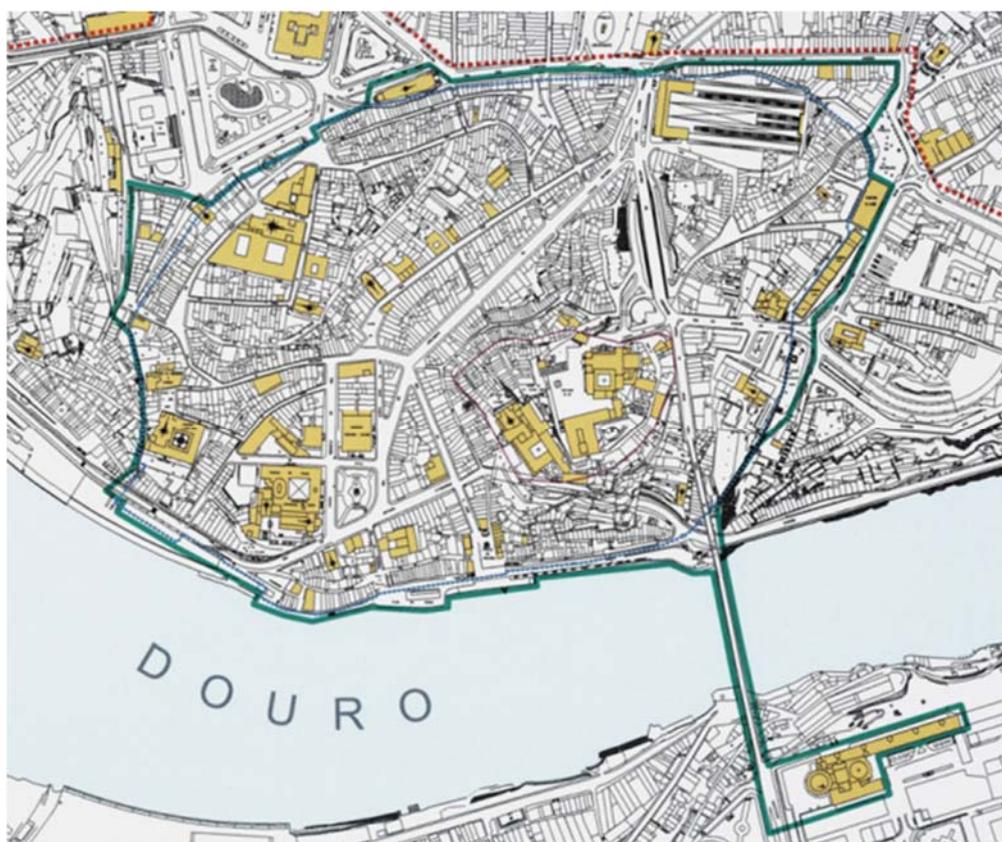


Fig.1 Centro Histórico do Porto – Planta da área classificada. Património Mundial (verde), Área de protecção - vista parcial (vermelho), e Muralha do século XIV (azul). Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/planta-area-classificada.html>



Fig.2 Vista da cidade do Porto - Pedro Teixeira Albernaz , "La descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos 1634". Fonte: http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1258&muda_idioma=PT



Fig.3 *Casa-Torre 156-158 da Rua dos Mercadores, Porto. Reconstituição hipotética séc. XVI.* Imagem retirada d' *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº7, Julho de 2016. p.215 (Desenho do Arquitecto Luís Bourbon Aguiar Branco). Chama-se a atenção para os lotes esguios e como uma casa-torre em contexto urbano sobressairia no conjunto das casas ditas correntes.

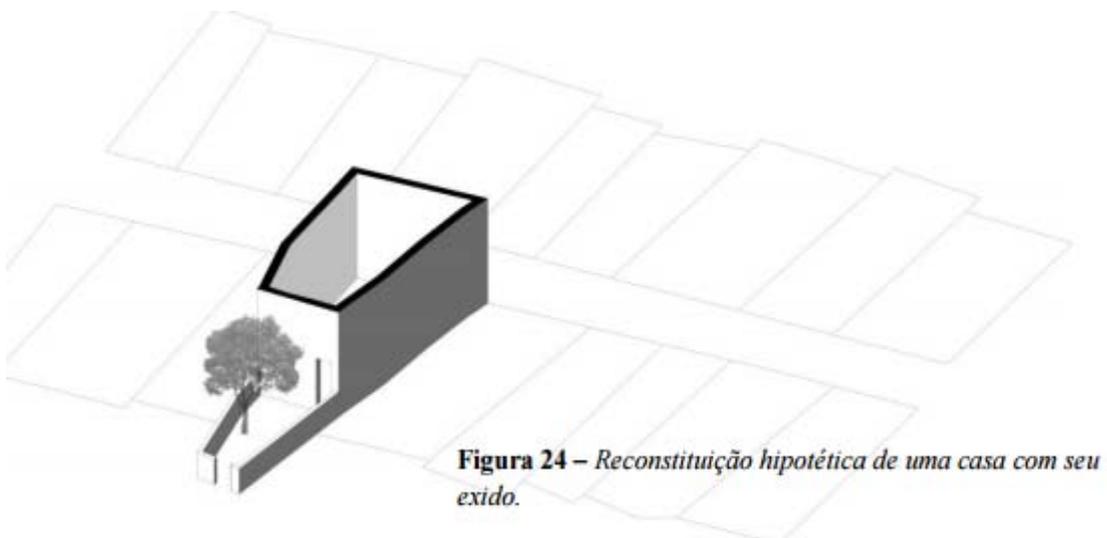


Fig.4 Casa com exido. Imagem retirada do trabalho de Ângela da Silva¹.

¹ Ângela Carina Areias da Silva, *Entre Propriedades e Casas Perfeitas*, 91.

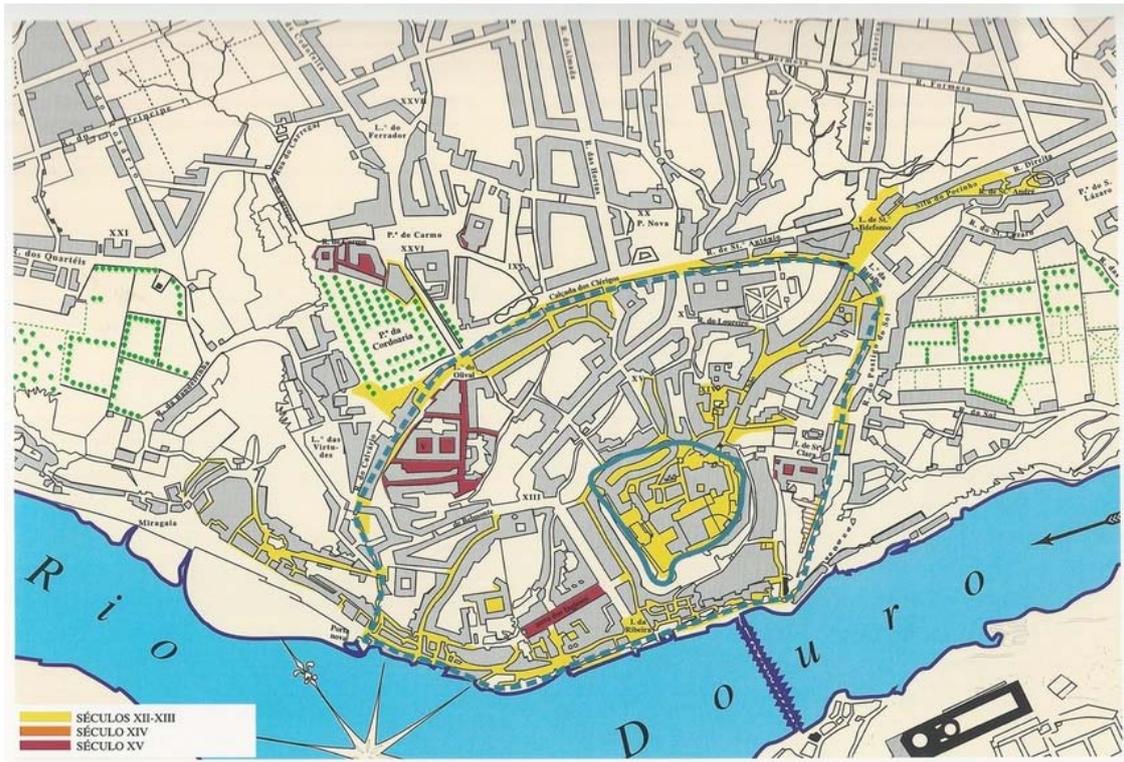


Fig.5 Porto Medieval (dos sécs. XII/XIII ao século XV). Núcleos urbanos da cidade (encontram-se também assinaladas as duas linhas de muralha da cidade). Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/a-cidade-medieval.html>

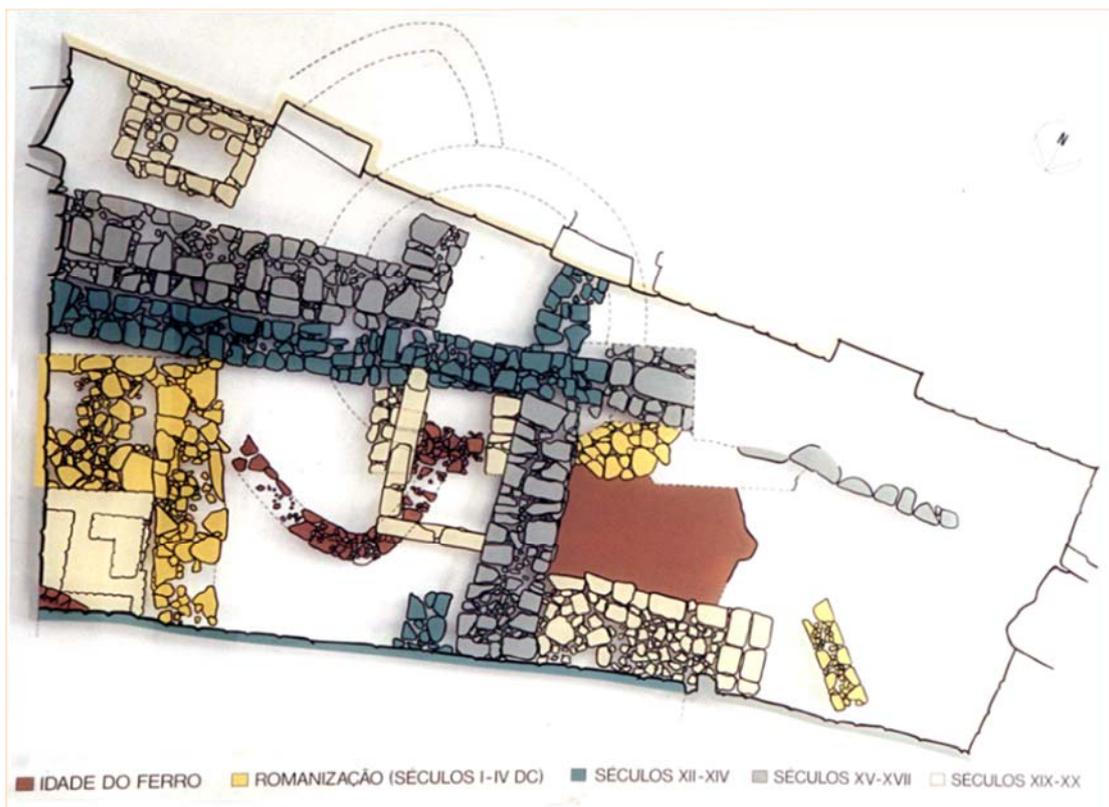


Fig.6 Planta com os vestígios encontrados na Rua de D. Hugo, N.º5. Fonte: DMMPC-CMP.

	Out.1 6	Nov.1 6	Dez.1 6	Jan.1 7	Fev.1 7	Mar.1 7	Abr.1 7	Mai.1 7	Jun.1 7
Duração do estágio curricular	-	-	-	-	-	-	-	-	
Estruturação do projecto	-	-	-						
Pesquisa <i>in loco</i>			-	-	-				
Pesquisa bibliográfica			-	-	-	-	-		
Análise de relatórios (trabalhos arqueológicos)					-	-	-		
Redacção do relatório					-	-	-	-	-
Criação do produto final: duas vertentes								-	-

Quadro 1. Organização do trabalho: divisão de tarefas por mês.



Fig.7 Aspecto das ruínas da Antiga Casa da Câmara e dos edifícios que foram demolidos para a reconstrução do Terreiro da Sé, captado da rua de São Sebastião. Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/334975/?q=rua+de+s.+sebasti%C3%A3o>



Fig.8 Fachada da casa com o N.P. 48-52, Rua de S. Bento da Vitória. Fotografia da autora.

a) Nº Ficha	1
b) Designação	Casa do Beco dos Redemoinhos .
c) Localização	Beco dos Redemoinhos (arruamento imediatamente atrás da Sé).
d) Acesso	Condicionado (beco actualmente fechado)
e) Protecção	Sem informação.
f) Epoca(s) de construção	Séc. XIV/XV (conjectural).
g) Descrição	Tipologia habitacional; duas misulas de cunho oblíquo que ladeiam o 1º nível da fachada, tendo uma delas pelo menos, representação de face humana; possível fecho de um vão de iluminação ou entrada ao nível do rés-do-chão, do lado direito da fachada; portal de entrada elevado; acrescentos modernos: janela central do 2º nível da fachada e janela que ladeia o portal de entrada.
h) Arquitecto/Construtor	Sem informação.
i) Utilização inicial	Habitacional.
j) Utilização actual	Sem informação.
k) Estado de conservação	Em ruína.
l) Documentação	<i>Livro dos Originais</i> , Cartº Cabido, 1666(8), fl. 35 e <i>Livro dos Prazos</i> , Cartº Cabido, nº511, fl. 144v-145.
m) Observações	-

a) Nº Ficha	2
b) Designação	Casa Nº 5 da Rua de D. Hugo.
c) Localização	Rua de D. Hugo, N.P. 5.
d) Acesso	Livre, mediante marcação (através do email: museuguerajunqueiro@cm-porto.pt)
e) Protecção	Incluída no Centro Histórico da Cidade do Porto e na Zona Histórica da Cidade do Porto.
f) Epoca(s) de construção	Medieval, Moderna e Contemporânea.
g) Descrição	Tipologia habitacional. Fachada gótica (invertida), que conserva um vão de entrada e um vão de iluminação.
h) Arquitecto/Construtor	Sem informação.
i) Utilização inicial	Habitacional.
j) Utilização actual	Sede de associação (Arqueossítio).
k) Estado de conservação	Bom estado.
l) Documentação	<i>Plantas de Casas</i> , Livro 45, fl. 29-31.
m) Observações	Local de escavações: 20 camadas arqueológicas, com ruínas arquitectónicas e de objectos, desde os séculos IV e III a.C. Comprovação da existência de um castro proto-histórico, de ocupação romana e alti-medieval.

Fig.9 Fichas de inventário Nº 1 e 2 (Casa do Beco dos Redemoinhos e Casa nº5 da Rua de D. Hugo).



Fig.10 Separador de Apresentação do Projecto do catálogo *online*, disponível em: <http://arquitectura-civil-medieval-na-cidade-do-porto-catalogo.webnode.pt>

Fontes Visuais Medievais em Marfins Luso-Africanos¹

Tiago Rodrigues²
Universidade de Lisboa

Resumo:

Com este texto pretende-se expor uma das linhas essenciais da dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro na FLUL, elaborada no projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia “Marfins no contexto atlântico” (PTDC/EPH-PAT/1810/2014). Realizar-se-á a análise de um conjunto de objetos em marfim Sape-Português, em confronto com as fontes visuais europeias dos finais do século XV e inícios do XVI, com o intuito de corroborar o hibridismo destas peças produzidas em África para consumo europeu. Os objetos em estudo dizem respeito a olifantes, píxides e um saleiro esculpidos na região da Antiga Serra Leoa. Por sua vez, as fontes visuais dizem respeito a gravuras presentes em incunábulo religiosos datados da segunda metade do século XV e produzidos no continente europeu.

Palavras-chaves:

Marfins Luso-Africanos; Fontes Visuais; Olifantes; Saleiro.

Abstract:

This text intends to expose one of the essential lines of my master’s thesis in Arte, Património e Teoria do Restauro at FLUL, which is part of the research project funded by Fundação para a Ciência e a Tecnologia “African Ivories in the Atlantic World” (PTDC/EPH-PAT/1810/2014). In this paper, we intend to analyze a set of Sape-Portuguese ivory objects, in comparison with the European visual sources of the late 15th and early 16th centuries, to corroborate the hybridity of these pieces produced in Africa for European consumption. The objects of art in question are oliphants, pyx and a saltcellar which were carved in the region of old Sierra Leone. The visual sources refer to the engravings of religious incunabulum, dating from the second half of the fifteenth century and produced in European continent.

Keywords:

Luso-African ivories; Visual resources; Oliphant; Saltcellar

¹ Esta dissertação de mestrado é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto “MARFINS AFRICANOS NO MUNDO ATLÂNTICO: UMA REAVALIAÇÃO DOS MARFINS LUSO-AFRICANOS”, PTDC/EPHPAT/1810/2014.

This master dissertation is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project “AFRICAN IVORIES IN THE ATLANTIC WORLD: A REASSESSMENT OF LUSO-AFRICAN IVORIES”, PTDC/EPHPAT/1810/2014.

² ARTIS-Instituto de História da Arte - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. 1600-214 Lisboa. E-mail: tiagorodrigues2@campus.ul.pt
Mestrando Arte, Património e Teoria do Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseiro de investigação no projeto FCT (Marfins africanos no Mundo Atlântico - PTDC/EPH-PAT/1810/2014).

1: INTRODUÇÃO

Os marfins Luso-Africanos dizem respeito a olifantes, saleiros, talheres, píxides e outros objetos (nomeadamente objetos fragmentários) produzidos no continente africano nas regiões da Antiga Serra Leoa, Congo e Benim, nos finais do século XV e princípios do XVI, em resposta a uma presença híbrida estabelecida na costa atlântica africana.

Tais objetos são a resposta às encomendas dos portugueses do século XV e inícios do XVI. Por isso são exemplo de um descerrar de horizontes que se sintetizou, em termos artísticos, num hibridismo cultural.

Com o intuito de reconsiderar a perceção destes objetos, de os reavaliar enquanto produtos híbridos do sincretismo extra-cultural do continente africano com a Europa, estamos a desenvolver uma análise comparativa dos mesmos com as gravuras de produção europeia dos finais do século XV e inícios do século XVI.

2: OBJETIVOS

A elaboração desta dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro insere-se no projeto de investigação do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, *African Ivories in the Atlantic World: a reassessment of Luso african ivories*. Este é um projeto financiado e apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que apresenta como principais objetivos: reconsiderar a perceção do conceito de marfins; e identificar obras que têm sido negligenciadas.

No caso específico desta dissertação pretendemos, através de um conjunto específico de peças (quarenta e um olifantes, três píxides e um saleiro Sape-Portugueses): reconsiderar a perceção do conceito de marfins Luso-Africanos em detrimento do Afro-português; Reavaliar o hibridismo artístico e a qualidade plástica destas peças (através da abordagem da interação entre a arte africana e a arte europeia) com especial enfoque na aplicação e apropriação de modelos visuais europeus em produções artísticas africanas.

3: ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO DOS MARFINS LUSO-AFRICANOS

Os primeiros estudos relacionados com os marfins africanos surgiram nos finais do século XIX e tiveram Augustus Wollaston Frank (1826-1897), então o mais importante colecionador e doador do British Museum de Londres, como mentor. Foi ele que considerou os objetos em marfim africano como artefactos oriundos do Reino do Benim. Serve de exemplo o saleiro (Fig. 1) adornado com a representação de portugueses na sua base, que o mesmo doou ao museu nos finais do séc. XIX.

Somente no ano de 1959 é que estes artefactos passaram a ser analisados de forma diferente. Nesse ano William Fagg publicou a obra *Afro-Portuguese ivories*¹ e com ela contrariou duas teorias até então muito em voga. A primeira diz respeito à questão da origem destes objetos. Deixam de ser considerados como originários do Reino do Benim, para passarem a ser provenientes de distintas civilizações da costa ocidental do continente africano, em concreto do Benim, da Serra Leoa, do Congo e da região de Lagos, na Nigéria. A segunda, relacionada com a hipótese de estes serem objetos produzidos por artesãos africanos sediados na cidade de Lisboa do reinado de D. Manuel I.

¹ W. Fagg, *Afro-Portuguese Ivory* (Londres: Batchworth Press, 1959).

Atendendo ao grau de hibridismo visível nestes artefactos, devido à evidente utilização de fontes visuais de origem europeia, e tendo em consideração as fontes portuguesas redigidas durante a primeira metade do século XVI, o autor conseguiu delimitar os centros de produção de marfins afro-portugueses a zonas específicas: Serra Leoa, Congo, Porto Novo (Benim Este) e Ajudá (Benim Oeste).

Este estudo foi ainda mais revolucionário por ser o primeiro a apresentar as varias tipologias (saleiros, olifantes, talheres) existentes. A isto acrescenta-se o facto de os ter apresentado enquanto únicos exemplos do sincretismo estético, entre o continente africano e europeu, uma ideia que não ia ao encontro do conceito “Unidade de Estilo” que vigorava na História da Arte dos meados do século XX.

William Fagg abriu o trilho para que até ao ano de 1988 fosse realizada uma inventariação exaustiva destas obras (contabilizando um total de 203 peças). No estudo que realizou com Ezio Bassani no ano de 1988¹ os marfins Sape-Portugueses foram considerados como objetos realizados entre os anos de 1490 e 1530, uma ideia que anos antes já Kathy Curnow havia ponderado com a sua dissertação de doutoramento². No ano de 2007, Peter Mark contrariou esta teoria, demonstrando a continuidade da produção deste tipo de peças ao longo de todo o século XVI e apresentou os marfins do Benim como exemplos dessa mesma sucessão³. É este mesmo autor que justifica a adoção do termo Luso-Africano, em detrimento do Afro-Português, pois o mesmo permite uma definição mais correta, favorecida pelo facto de até hoje não conhecermos documentos que indiquem que tais objetos foram esculpido por artistas africanos residentes em Portugal, o que ratificaria o destaque dado a Portugal no termo Afro-Portugueses⁴.

Segue-se a obra realizada por Bassani no ano de 2000, onde o autor reformula o inventário dos objetos em marfim Luso-Africano através da introdução de novas peças. Teremos ainda em consideração que nos últimos dez anos têm sido apresentados estudos académicos e artigos científicos em torno dos objetos que aqui pretendemos estudar. Esses estudos dizem respeito à dissertação, “Crossing Cultures: Afro-portuguese ivories of fifteenth and sixteenth century Sierra Leone”⁵, e à dissertação de doutoramento intitulada “African Art at the Portuguese Court, c. 1450-1521”⁶.

No que diz respeito aos artigos científicos, publicados ao longo dos últimos anos, tomamos em consideração o capítulo “In and Out of Africa: Iberian Courts and the Afro-Portuguese Olifant of the Late 1400s”⁷ da autoria de Rita Costa- Salientamos o artigo de Luís Urbano Afonso e José da Silva Horta “Olifantes afro-portugueses com cenas de caça / c. 1490 – c.1540” e os publicados por Peter Mark em 2014 “*African meanings and european-african discourse iconography and semantics in seventeenth-century salt cellars from serra leoa*” e consecutivamente em 2015 “*Bini-Vidi, Vici – On the Misure of “style” in the Analysis of Sixteenth Century Luso-African Ivories*”.

Relativo às fontes escritas primárias onde o marfim africano e os trabalhos dos artesãos da Antiga Serra Leoa são valorizados temos de ter em consideração o

¹ E. Bassani e W. Fagg, *African and the Renaissance - Art in Ivory*, (Nova Iorque: Center for African Art, 1988).

² Kathy Curnow, *The Afro-Portuguese Ivories: Classification and Stylistic Analysis of a Hybrid Art Form*, (Indiana: University press, 1983).

³ Peter Mark, “Towards a reassessment of the dating and the geographical origins of the Luso-african ivories, fifteenth to seventeenth centuries,” *History in Africa* 34 (2007), 189-211.

⁴ Peter Mark, “Towards a reassessment of the dating and the geographical origins of the Luso-african ivories, fifteenth to seventeenth centuries,” *History in Africa* 34 (2007), 189-211.

⁵ Eugenia Soledad Martines, *Crossing Cultures: Afro-portuguese ivories of fifteenth and sixteenth century Sierra Leone* (Florida: University of Florida, 2007).

⁶ Mário Pereira, *African Art at the Portuguese Court, c. 1450-1521*, (Providence: University of Brown, 2010).

⁷ Rita Costa-Gomes, “In and out of Africa: Iberian Courts and the Afro-portuguese olifant of the late 1400s”, *Contact and Exchange in Later Medieval Europe - Essays in Honour of Malcolm Vale*, (Suffolk, Boydell & Brewer, 2012), 167-188.

levantamento realizado por António Brásio nos inícios da década de 1950.¹ Na *Monumenta Missionaria Africana*, o autor faz um levantamento exaustivo dos relatos sobre a chegada dos portugueses ao continente africano. Estes relatos permitem-nos, através das descrições dos missionários portugueses, conhecer a utilidade do marfim e dos objetos em marfim, no contexto africano e no contexto das relações diplomáticas desenvolvidas com os portugueses. Para uma análise das fontes primárias referentes aos objetos de marfim africano no contexto europeu teremos como base o catálogo realizado por Ezio Bassani no ano de 2000² onde o autor faz um levantamento da informação referente a artefactos africanos em testamentos, inventários e catálogos desde os finais do século XV até ao século XIX.

4: ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação será desenvolvida em torno de dois conjuntos artísticos: as fontes visuais europeias (dos finais do século XV e inícios do século XVI) e os objetos em marfins Luso-Africano, produzidos na zona da Antiga Serra Leoa pela civilização dos Sapes. A investigação será apresentada em dois capítulos.

O primeiro diz respeito à revisão bibliográfica e será composto por um subcapítulo de análise às fontes escritas, por nós denominadas de fontes escritas primárias, que apresentam relatos de época referentes ao comércio, ao talhe e ao colecionismo de objetos em marfim Luso-Africano. O segundo ponto, constituído por uma revisão dos estudos académicos e científicos realizados sobre o tema em análise, diz respeito à análise das fontes escritas secundárias.

No segundo capítulo pretende-se produzir uma aproximação entre as fontes visuais europeias, nomeadamente as gravuras dos incunábulo medievais e as cenas figurativas que decoram os trinta e quatro olifantes, as três píxides e um saleiro de marfim Luso-Africano de produção sape. Realizar-se-á um inventário dos artefactos Sape-Portugueses, deixando de parte os marfins produzidos no Congo e no Reino do Benim (duas regiões igualmente conhecidas como importantes focos de produção de marfins no período em análise). Na realização deste inventário teremos em consideração itens como a localização atual, as dimensões, a iconografia e a heráldica das peças que pretendemos estudar.

5: AS TIPOLOGIAS DOS OBJETOS EM ESTUDO

5.1: OLIFANTES SAPES

No contexto europeu, os olifantes desempenharam uma dupla função na cultura de guerra e nas caçadas. Eram utilizados para levar as presas a saírem dos seus refúgios, assinalando ao mesmo tempo a sua captura. Para os africanos, também tinham a finalidade de marcar o início e fim de ataques, servindo de exemplo na segunda metade do século XVI o uso bélico de trombetas e buzinas de marfim entre os Cassangas na região da atual Casamansa e Serra Leoa.

Existem quarenta e um olifantes Sape-Portugueses, todos de dimensões distintas. Alguns maiores, como é o caso do que encontramos na Armaria Real de Turim (Fig. 5) e outros tão pequenos, fragmentos, que foram convertidos em polvorinhos (Fig. 6).

¹ António Brásio, *Monumenta Missionaria Africana*, 1ª e 2ª séries (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952-1964).

² Ezio Bassani, *African Art and Artefact in European Collections 1400-1800* (Londres, British-Museum Press, 2000).

Independente das dimensões, estes artefactos apresentam uma decoração composta por cenas cinegéticas inseridas em secções. A quantidade destas varia consoante o tamanho do artefacto, mas, tal como as píxides, assemelham-se às cenas presentes nas tarjas dos *Livros de Horas* produzidos na Europa medieval.

5.2: TRÊS PÍXIDES SAPESES

Conhece-se a existência de apenas três píxides de marfim produzidas na região da Antiga Serra Leoa durante o século XVI. Atribuídas ao mesmo artesão, duas delas estão em coleções portuguesas (Fig. 2 e fig. 3) e a terceira diz respeito apenas ao corpo central e encontra-se na coleção da Walter Gallery em Baltimore nos Estados Unidos (Fig.4)¹

No universo das artes decorativas religiosas, as píxides são recetáculo para hóstias consagradas, executadas de preferência em materiais preciosos e duráveis como a prata, o ouro e o marfim. Do conjunto de artefactos esculpidos em marfim africano no século XVI, mais nenhuns sugerem tão explicitamente uma função religiosa como estas três peças. No entanto, estamos perante peças que podem ter sido utilizadas apenas como caixa de hóstias, ou seja para guardar a hóstia antes da consagração.

A decoração que estes artefactos apresentam evidenciam uma influência nas gravuras presentes nos Livros de Horas de produção europeia, nomeadamente os editados por Simon Vostre, Thielman Kerver e Narcisse Brun.

A atribuição a um só artesão é justificada pelo extensivo e diferenciado uso de perlados, zigzagues e torcidos aplicados nos trajés das figuras, nas colunas que separam as cenas e num evidente *horror vacui*, mas em mais nada as três píxides são semelhantes pois ambas diferem em dimensões e em qualidade plástica, o que nos permite questionar se de facto foram realizadas pelo mesmo artesão africano.

5.3: UM SALEIRO SAPE

Os saleiros de marfim luso-africano produzidos pelos artesãos Sapes dizem respeito a um lote de sessenta artefactos e subsistem duas tipologias. A primeira consiste em peças esteticamente constituídas por recipiente esférico, sustentado por uma forma cónica. A segunda é composta por um recipiente esférico suportado por uma base de configuração cilíndrica.

Estas peças apresentam semelhanças estilísticas com as alfaías de produção europeia, nomeadamente com os cálices eucarísticos. Considerando que os desenhos europeus serviram como modelo, devemos estar cientes que – toda a decoração com figuras de homens e animais – segue uma matriz puramente africana que perdeu o seu valor simbólico e se tornou apenas ornamental.

Para o presente estudo existe apenas um saleiro Sape-Português que é alvo do nosso interesse (Fig.7). Este apresenta motivos religiosos, bíblicos e heráldicos que nos permitem questionar a sua função enquanto alfaia religiosa. A evidente influência religiosa, faz-se notar no remate da tampa, onde encontramos a representação de uma mulher com um véu sobre a cabeça a segurar uma criança, sendo este provavelmente uma representação da Virgem com o Menino. O domínio deste e de outros motivos cristãos sugere um uso litúrgico, possivelmente como cibório, embora a sua tipologia seja igual à dos recipientes que acreditamos ser saleiros. Esta é uma sugestão que pretendemos aprofundar na dissertação uma vez que este saleiro também apresenta os mesmos motivos heráldicos que uma das píxides.

¹ Ezio Bassani e William Fagg, *African and the Renaissance - Art in Ivory*, (Nova Iorque: Center for African Art, 1988), 83, 115 e 138.

6: AS FONTES VISUAIS E A SUA DIFUSÃO PARA OS MARFINS SAPE

Como resposta ao hibridismo cultural, e de modo a justificar que estamos perante objetos que se apresentam como exemplos de uma relação cultural que foi muito para além da chegada dos portugueses a um território até então desconhecido, encontramos nas cenas religiosas, cinegéticas e mitológicas que decoram os artefactos em análise semelhanças com gravuras e desenhos do final do século XV e inícios do XVI, nomeadamente nos *Livros de Horas* produzidos na França do século XV e XVI, como William Fagg já defendia no seu estudo de 1959. Os estudos realizados posteriormente apontam na opinião de diversos historiadores que as cenas de caça são resultado de fontes iconográficas de proveniência europeia destacando-se que uma dessas procedências diz respeito ao livro de horas *Horae Beatae Mariae Virginis*.¹

Este incunábulo, impresso nos anos de 1498 e 1499 na tipografia de Philippe Pigouchet para o editor Simon Vostre em Paris, apresenta similitudes nas indumentárias, nos armamentos e na fisionomia dos caçadores e dos lançados que encontramos esculpidos em baixos-relevos. Isto permite sugerir que o mesmo foi explorado na íntegra pelos artesãos africanos, o que justifica o seu enorme sucesso, evidenciando assim a afinidade com as cenas de caça representadas.

7: CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

O marfim foi uma das principais matérias-primas exploradas na costa atlântica africana, e resultou num hibridismo cultural que em 1959 William Fagg classificou de arte Afro-portuguesa. Desde 2007, Peter Mark considera-a como sendo Luso-africana uma vez que estamos perante peças que foram produzidas no continente africano e não em Portugal – o que o primeiro termo não explicita.

O lote de marfins Luso-Africanos que pretendemos analisar diz respeito aos Sape-Portugueses pois são estes os que melhor evidenciam o conceito de hibridismo artístico entre a Europa e a África dos finais do século XV e inícios do XVI.

Debatido com grande importância no panorama da arte portuguesa, onde as artes do antigo império têm elevada relevância, esta é uma conceção que se encontra aliada a um fenómeno de hibridização, verificáveis a longo prazo.

Os objetos em marfim que estudamos são exemplo de uma globalização aberta por uma expansão imposta, e de um inconsciente processo de acomodação que está na origem de um intercâmbio de formas, técnicas, experiências e gostos entre a Europa e a África – uma relação que desenvolveu a arte africana, tornando-a mais ocidental.

¹ Luís Urbano Afonso e José da Silva Horta, “Olifantes afro-portugueses com cenas de caça / c. 1490-c.1540”, *ARTIS 1 - A arte portuguesa no mundo* (2013), 20 -29.

ANEXOS

Fig. 1: *Saleiro dito do Benim pertencente ao acervo do British Museum, Londres,*
Fotografia: ©Trustees of the British Museum



Fig. 2: *Pixide Sape-Portuguesa*, Lisboa, Coleção particular



Fig. 3: *Vista geral da píbide pertencente à coleção do Museu Nacional Grão Vasco.*

Figura publicada em:

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=208659> [consult.18/12/2017]



Fig. 4: *Vista geral da pítide pertencente ao Walters Art Museum de Baltimore.*
Figura publicada em:
<http://art.thewalters.org/detail/13267/ivory-pyx-with-scenes-from-the-passion-of-christ/> [consult.18/12/2017]



Fig. 5: *Olifante Sape-Português que pertence à coleção da Armaria Real de Turim*



Fig. 6: *Polvorinho Sape-Português, Localização: Antiquário AR-PAB*



Fig. 7: *Saleiro Sape-Português com motivos religiosos*, Londres, British Museum, Fotografia: ©Trustees of the British Museum



A Cidade e o Trabalho nas Posturas Antigas de Évora: um projeto de dissertação¹

Rodolfo Petronilho Feio²
Universidade de Coimbra

Resumo

O presente artigo decorre do projeto da nossa dissertação de mestrado que, partindo do conteúdo das 254 posturas existentes no *Livro das Posturas Antigas de Cidade de Évora*, foca dois temas fundamentais: o estudo da cidade e o das atividades laborais do tecido socioeconómico eborense de finais da Idade Média. Seguindo de perto a estrutura que nos foi proposta para a sua redação, e correspondendo, essencialmente, à comunicação que apresentámos no IX Workshop de Estudos Medievais, o artigo estrutura-se em seis pontos. No primeiro, definimos o tema da dissertação, os problemas e objetivos subjacentes à investigação realizada, bem como os limites cronológicos e espaciais com que a delimitámos. No segundo, apresentamos um enquadramento historiográfico, traduzido no estado da arte, enquanto no terceiro introduzimos as fontes que sustentam este estudo. O ponto quatro é dedicado a algumas breves considerações metodológicas e o seguinte à apresentação da estrutura da nossa dissertação. O seu desenvolvimento pleno acontece, assim, principalmente no último ponto, onde foi nosso propósito avançar alguns elementos decorrentes da nossa investigação. Apresentamos as principais conclusões relativas ao trabalho de datação crítica das posturas e realizamos uma incursão pelo conteúdo das mesmas, agrupando-as em sete núcleos temáticos. Tendo em conta a estrutura da dissertação, apresentamos ainda alguns elementos relativos a cada um dos capítulos e pontos que ali desenvolvemos.

Palavras-chave:

posturas municipais; cidade de Évora; trabalho artesanal; comercialização

Abstract

The present article stems from the project of our master's thesis that, based on the content of the 254 ordinances in *Livro das Posturas Antigas de Cidade de Évora*, focuses on two fundamental themes: the study of the city and the work activities of the socio-economic eborese fabric of the late Middle Ages. Following closely the structure that was proposed to us for its writing, and essentially corresponding to the communication that we presented in the IX Workshop on Medieval Studies, the article is structured in six points. In the first one, we define the theme of the thesis, the problems and objectives underlying the research carried out, as well as the chronological and spatial limits with which we have delimited it. Secondly, we present a historiographical framework, translated in the state of the art, while in the third we present the sources that support this study. The fourth point is devoted to some brief methodological considerations and the next to the presentation of the structure of our thesis. Its full development happens, therefore, especially in the last point, where it was our intention to

¹ O texto que agora damos à publicação segue, de muito perto, o que apresentámos, no dia 7 de abril de 2017, no IX Workshop de Estudos Medievais. Foi nossa opção não introduzir modificações substanciais nesta versão, a não ser num ou noutro pequeno ponto.

² Colaborador do CHSC-UC; contacto: rodolfonpfeio@hotmail.com.

advance some elements derived from our investigation. We present the main conclusions regarding the work of critical dating of the postures and make an incursion through the content of the same, grouping them into seven thematic cores. Taking into account the structure of the thesis, we also present some elements related to each of the chapters and points that we developed in it.

Keywords:

municipal ordinances; city of Évora; craft work; commercialization

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

A nossa dissertação tem como tema *A Cidade e o Trabalho nas Posturas Antigas de Évora*¹ e procura analisar algumas das imagens projetadas nas 254 posturas do *Livro das Posturas Antigas de Évora*². Procuraremos identificar e observar esses reflexos da cidade sob duas óticas fundamentais. Almejamos, por um lado, reconhecer a imagem, genérica e ampla, transversal a todo o conjunto documental, que a cidade transmite de si própria, ou, porventura mais fielmente, a que aqueles que a governam transmitem da sua cidade, no tocante à espacialidade, à administração e à normatividade. Por outro lado, buscamos identificar um conjunto de elementos que nos permitam apreender o quadro da cidade laboriosa, tendo também em conta três vértices fundamentais: a produção artesanal, o setor alimentar e da transformação e a comercialização.

Alia-se a estes objetivos o de procurar aumentar a compreensão sobre as funções de alguns oficiais do concelho de Évora, sobretudo no que diz respeito ao oficialato menor, a par de alguns outros agentes que orbitavam em torno da administração municipal. Esta cidade, como tem sido posto em destaque³, foi palco privilegiado de uma forte intervenção da Coroa, correspondendo o mais intenso período de elaboração de posturas a um tempo em que o monarca havia nomeado regedores para a cidade⁴.

Na mesma senda, pretendemos ainda alargar o conhecimento sobre os mestirais, focando aspetos produtivos e transformativos concretos e destacando uma análise dos elementos relacionados com a comercialização, com a regulamentação do mercado, com os locais de venda, com o controlo de pesos e medidas e com os impostos. Não deixaremos de privilegiar, também, os aspetos relacionados com os preços e o consumo, tentando, em concreto, calcular, através dos contributos das posturas, os custos de produção e a margem de lucro tabelada.

Espacialmente, focamo-nos na cidade de Évora, mas, ultrapassando o espaço urbano da cidade, atentamos também no seu aro urbano.

Em termos cronológicos, acompanhamos a produção das posturas compiladas no referente livro, *lato sensu*, entre finais do século XIV e princípios do XV. De acordo com a datação expressa nas posturas, partimos do intervalo cronológico de 1375-1395, mas datamos criticamente posturas do ano camarário de 1406-1407, podendo balizar outras *ad quem* até 1414.

¹ Devemos reforçar o agradecimento, expresso durante a realização do Workshop, às Doutoradas Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, orientadoras da nossa dissertação. Igualmente, agradecemos ao Doutor Luís Miguel Duarte as palavras que nos dirigiu e as críticas que teceu à comunicação que apresentámos que, em muito, vieram enriquecer o nosso trabalho final. Agradecemos, ainda, penhoradamente, a todos os intervenientes no debate que se seguiu à nossa comunicação. Acrescentamos também que, entretanto, já concluímos a nossa dissertação, intitulada “*Por prol e bom regimento: a cidade e o trabalho nas Posturas Antigas de Évora*”, que, no passado mês de setembro, apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A introdução da mesma segue, de resto, de forma muito próxima, o conteúdo deste texto

² Arquivo Distrital de Évora (ADE), Arquivo Municipal, n.º 206. Da sua transcrição e publicação daremos conta no enquadramento historiográfico.

³ Destaque-se, neste sentido, o estudo de Joaquim António Felisberto Bastos Serra, “Governar a Cidade e Servir o Rei: A Oligarquia Concelhia de Évora em Tempos Medievais (1367-1433)” (Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, 2015).

⁴ Cf. Joaquim António Felisberto Bastos Serra, “Governar a Cidade e Servir o Rei...”, 130-143.

Os principais problemas com que nos deparámos decorrem, antes de mais, das características da fonte, que não se trata de um original, mas de uma cópia, realizada em 1466. Na verdade, notam-se gralhas e erros ao longo do traslado, alguns dos quais comprometem a compreensão do conteúdo de algumas posturas. A estas dificuldades somam-se outras, igualmente resultantes do processo de cópia, uma vez que, privilegiando-se uma organização temática, se descuroou o traslado dos elementos cronológicos, facto que justifica que apenas 24,39% das posturas apresentem elementos cronológicos.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Para o período medieval existem apenas, em Portugal, dois livros de posturas. O *Livro de Posturas Antigas de Évora*, parcialmente transcrito e publicado por Gabriel Pereira, no século XIX¹ e o *Livro das Posturas Antigas* de Lisboa, transcrito por Maria Teresa Rodrigues e publicado em 1974². Já antes, porém, e nesse mesmo ano, se haviam publicado posturas dispersas produzidas pelo concelho de Lisboa³. A obra de Gabriel Pereira seria reeditada, em *fac simile*, em 1988, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda⁴ e o *Livro das Posturas Antigas de Évora* viria a ter uma nova transcrição, desta feita total, da responsabilidade de Ana Sesifredo, Fátima Farrica e Miguel Meira, com apresentação de Maria Leonor F. O. Silva Santos e Maria Filomena Lopes de Barros, primeiro publicada *online* e, posteriormente, integrada na obra *Posturas Municipais Portuguesas*⁵.

As demais posturas municipais portuguesas, ainda conservadas nos livros de vereações, têm sido levadas a prelo no âmbito da publicação desses livros, como

¹ *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, ed. Gabriel Pereira, pt. 1 (Évora: Tipografia da Casa Pia, 1885), 127-154.

² *Livro das Posturas Antigas*, transc. Maria Teresa Campos Rodrigues (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1974).

³ *Documentos para a História da Arte em Portugal: posturas diversas dos séculos XIV a XVIII*, org. Maria Teresa Campos Rodrigues, vol. 2 (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969) e *Posturas do Concelho de Lisboa (século XIV)*, apres. Francisco José Velozo, transc. José Pedro Machado (Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1974).

⁴ *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, ed. Gabriel Pereira, ed. fac-similada (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988), 137-164.

⁵ *Livro das Posturas Antigas de Évora*, apr. Maria Filomena Lopes de Barros e Maria Leonor F. O. Silva Santos, transc. Ana Sesifredo, Fátima Farrica, Miguel Meira, in *Posturas Municipais Portuguesas: séculos XIV-XVIII*, ed. Maria Filomena Lopes de Barros e Mário Viana (Ponta Delgada: Centro de Estudos Gaspar Frutuoso-Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, 2012), 7-116.

aconteceu com as do Porto¹, Funchal², Montemor-o-Novo³, Loulé⁴ ou Alcochete⁵. A estas devemos ainda acrescentar as de Coimbra⁶.

Os estudos sobre posturas municipais medievais não abundam no panorama historiográfico português, em grande parte devido à escassez deste género de fonte. Neste ponto, teremos de deixar expressa uma primeira referência ao estudo de Franz-Paul Langhans, *Estudos de Direito Municipal: as posturas*⁷, publicado em 1938, que não se trata de um estudo de cariz historiográfico, mas sim de carácter jurídico, não obstante apresentar uma considerável vertente historiográfica.

Seria preciso esperar pela década de 80 do século passado para que se começassem a realizar estudos históricos com base nas posturas municipais, nomeadamente os de Maria Ângela Beirante, “Relações entre o Homem e a Natureza nas mais antigas posturas da câmara de Loulé”⁸; de Iria Gonçalves, “Posturas municipais e vida urbana na baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa”⁹; e de Maria José Ferro Tavares, “A Política Municipal de Saúde Pública: séculos XIV-XV”¹⁰. Maria Ângela Beirante, na sua tese de doutoramento, *Évora da Idade Média*, apresentada em 1988 à FCSH-UNL e publicada em 1995¹¹, utiliza também, largamente, o contributo das posturas municipais.

Se bem que na década de 90 o interesse específico por esta fonte, dentro da cronologia medieval, parece ter diminuído, o início do novo século traria o seu recrudescimento. Data de 2006 o artigo “Lei e poder concelhio: as posturas. O exemplo de Lisboa (sécs. XIV-XV) (primeira abordagem)”¹², da autoria de Armando Luís de Carvalho Homem e Maria Isabel de Carvalho Homem, onde, a partir da caracterização das posturas de Lisboa, se procede a uma sistematização deste tipo de fonte, dividindo

¹ “Vereações”: anos de 1390-1395 - o mais antigo dos “Livros de Vereações” do município do Porto existentes no seu arquivo, comentário e notas A. de Magalhães Basto (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1937); “Vereações”: anos de 1401-1449 - o segundo “Livro de Vereações” do município do Porto existente no seu arquivo, nota prévia de J.A. Pinto Ferreira (Porto: Câmara Municipal do Porto-Gabinete de História da Cidade, 1980); “Vereações”: 1431-1432 - livro 1, leitura, índices e notas Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado (Porto: Câmara Municipal do Porto-Arquivo Histórico do Porto, 1985).

² *Vereações da Câmara Municipal do Funchal: século XV*, ed. J. Pereira da Costa (Funchal: CEHA-SRTC, 1996).

³ Cf. Jorge Fonseca, *Montemor-o-Novo no Século XV* (Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998).

⁴ *Actas das Vereações de Loulé: séculos XIV e XV*, vol. 1, coord. de Manuel Pedro Serra (Loulé: Arquivo Histórico Municipal, 1999) e *Actas de Vereação de Loulé: século XV*, vol. 2, coord. de Manuel Pedro Serra (Loulé: Arquivo Histórico Municipal, 2004).

⁵ *Livro da Vereação de Alcochete e Aldeia Galega (1421-1422)*, intr., transc. e notas José Manuel Vargas (Alcochete: Câmara Municipal de Alcochete, 2005).

⁶ Cf. J. Branquinho de Carvalho, ed., “O mais antigo livro de vereações”, *Arquivo Coimbrão* 12 (1946): 53-68. Existem também outros conjuntos de posturas, alguns dos quais já publicados, mas que, sendo de cronologia posterior à medieval, optamos por não detalhar.

⁷ Franz-Paul Langhans, *Estudos de Direito Municipal: As Posturas* (Lisboa: Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1938).

⁸ Maria Ângela Beirante, “Relações entre o Homem e a Natureza nas mais Antigas Posturas da Câmara de Loulé: Séculos XIV e XV”, *Actas das 1.as Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia* – Loulé (1987): 231-242.

⁹ Iria Gonçalves, “Posturas Municipais e Vida Urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa” *Estudos Medievais* 7 (1986): 155-172. O mesmo artigo foi posteriormente publicado nas *Actas das Jornadas sobre o Município na Península Ibérica (sécs. XII a XIX)* (1989): 279-300 e na obra de Iria Gonçalves, *Um olhar sobre a Cidade Medieval* (Cascais: Patrimonia, 1996): 77-95.

¹⁰ Maria José Ferro Tavares, “A Política Municipal de Saúde Pública: Séculos XIV-XV”, *Revista de História Económica e Social* 19 (1987): 17-32.

¹¹ Maria Ângela da Rocha Beirante, *Évora da Idade Média* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995).

¹² Armando Luís de Carvalho Homem e Maria Isabel M. de Carvalho Homem, “Lei e Poder Concelhio: As Posturas - O Exemplo de Lisboa (sécs. XIV-XV) (primeira abordagem)”, *Revista da Faculdade de Letras* III série 7 (2006): 35-50.

aquele conjunto documental em sete núcleos fundamentais, de acordo com as temáticas legisladas.

Data também dessa década, concretamente de 2009, a primeira dissertação de mestrado baseada no estudo sistemático de posturas municipais medievais, intitulada *A Vivência do Tempo da Idade Média: no Livro das Posturas Antigas de Lisboa*¹, apresentada à FLUP por Maria Manuela Lima da Purificação. No ano seguinte, como introdução à publicação das posturas municipais da Horta (1603-1886), Mário Viana redige um artigo intitulado “Posturas municipais portuguesas: uma introdução”², onde define, caracteriza e sintetiza as posturas municipais portuguesas quanto à sua natureza, objeto e orgânica, traçando um quadro geral da sua evolução.

Mais recentemente, a obra *Posturas Municipais Portuguesas (séculos XIV-XVIII)*³, publicada em 2012 com a coordenação de Maria Filomena Lopes de Barros e Mário Viana, para além da publicação do *Livro das Posturas de Évora*, compila um conjunto de artigos de Mário Viana dedicados às posturas açorianas do período moderno⁴.

As posturas medievais seriam ainda revisitadas por Maria Helena da Cruz Coelho na sua recente obra *O Município de Coimbra: monumentos fundacionais*⁵, considerando as posturas de 1145 um dos monumentos fundacionais daquele município.

Face ao reduzido número de estudos dedicados a posturas municipais, devemos acrescentar alguns outros que, não abordando especificamente estas fontes, as utilizam largamente. É o que acontece, por exemplo, com Oliveira Marques na sua *Introdução à História da Agricultura em Portugal*⁶, como aconteceu já n’*A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos de vida quotidiana*⁷, dada à estampa em 1963.

Também Maria Helena da Cruz Coelho na sua comunicação apresentada no *Primer Colloqui d’Historia de la Dona: de la casa a la fabrica*, em Barcelona, em 1986, sobre “A Mulher e o Trabalho nas Cidades Medievais Portuguesas”, que viria a ser publicada em *Homens, Espaços e Poderes*⁸, utiliza o contributo dos livros de vereações e das posturas municipais. O mesmo faria Sérgio Carlos Ferreira, na sua dissertação de mestrado dedicada a *Preços e Salários em Portugal na Baixa Idade Média*⁹, apresentada, em 2007 à FLUP ou Joaquim Bastos Serra na sua tese de doutoramento,

¹ Maria Manuela Lima da Purificação, “A Vivência do Tempo na Idade Média: no Livro das Posturas Antigas de Lisboa” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 2009).

² Mário Viana, “Posturas Municipais Portuguesas: Uma Introdução”, in *Posturas da Câmara da Horta (1603-1886)*, ed. João Fernando Brum de Azevedo e Castro e Maria Zoraida Nascimento, transc. Elmiro Rocha (Horta: Câmara Municipal da Horta e Núcleo Cultural da Horta, 2010), 13-40. O mesmo artigo foi novamente publicado na obra *Posturas Municipais Portuguesas...*, ed. Maria Filomena Lopes de Barros e Mário Viana, 119-166.

³ *Posturas Municipais Portuguesas...*

⁴ Referimo-nos concretamente aos artigos de Mário Viana, “Posturas Municipais Portuguesas: Uma Introdução,” 119-166; “A Metrologia nas Posturas Municipais dos Açores (séculos XVI-XVIII),” 167-208; “A Normativa da Actividade Económica: O Caso de Vila Franca do Campo (séculos XVI-XVIII),” 209-222; “Posturas Municipais e Organização do Espaço nos Açores: Análise Comparada das ilhas do Faial e de São Jorge (séculos XVII-XVIII),” 223-248 e “A Vitivinicultura nas Posturas Municipais dos Açores (século XVIII),” 249-275.

⁵ Maria Helena da Cruz Coelho, *O Município de Coimbra: Monumentos Fundacionais* (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013) 35-41, 85-86, 119-130.

⁶ A. H. de Oliveira Marques, *Introdução à História da Agricultura em Portugal: A Questão Cerealífera na Idade Média* (Lisboa: Edições Cosmos, 1978).

⁷ A. H. de Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa: Aspectos de Vida Quotidiana* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010).

⁸ Maria Helena da Cruz Coelho, “A Mulher e o Trabalho nas Cidades Medievais Portuguesas,” *Espaços, Homens e Poderes: Séculos XI-XVI – I: Notas do Viver Social*, Maria Helena da Cruz Coelho (Lisboa: Livros Horizonte, 1990), 37-59.

⁹ Sérgio Carlos Ferreira, “Preços e Salários em Portugal na Baixa Idade Média” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 2007).

*Governar a Cidade e Servir o Rei: a oligarquia concelhia de Évora em tempos medievais (1367-1433)*¹, apresentada em 2015 à Universidade de Évora.

Por fim, devemos ainda referir a existência de um considerável número de estudos, onde alguns dos anteriormente referidos também se inserem, principalmente teses de doutoramento e dissertações de mestrado, maioritariamente de âmbito local e/ou regional, dedicados ao estudo das oligarquias camarárias², da administração concelhia³, das finanças municipais⁴, ou do trabalho urbano e dos mesterais⁵, que, baseando-se grandemente, entre diversa outra documentação, nos contributos veiculados nos registos das atas de vereação, acabam, do mesmo modo, por espelhar os elementos expressos nas posturas que, como anteriormente dissemos, ali se conservam⁶.

3. FONTES

A principal fonte que utilizamos é o *Livro das Posturas Antigas da Cidade de Évora*, ao qual se subordina o presente estudo, composto por um conjunto de 254 posturas e dois documentos régios.

¹ Joaquim António Felisberto Bastos Serra, “Governar a Cidade e Servir o Rei...”.

² Para além do já citado trabalho de Joaquim Bastos Serra, tenham-se em conta, como exemplo, os trabalhos de Rita Costa Gomes, “As Elites Urbanas no Final da Idade Média: três pequenas cidades do interior,” *Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998), 229-237; Mário Sérgio da Silva Farelo, “A Oligarquia Camarária de Lisboa (1325-1433)” (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 2008); e de André Madruga Coelho, “As Elites Urbanas Medievais: o exemplo de Évora e dos Lobo (sécs. XIII-XV)” (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa e Universidade de Évora, 2015).

³ Entre outros, destaque-se o estudo de Adelaide Lopes Pereira Millán da Costa, “*Vereação e Vereadores: o governo do Porto em finais do século XV*” (Porto: Câmara Municipal do Porto - Arquivo Histórico do Porto, 1993). Neste âmbito deve referir-se também a existência de um vasto número de dissertações de mestrado, apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, versando precisamente sobre o governo municipal daquela cidade. Mencionem-se, entre elas, a título de exemplo, os estudos de Maria Amélia da Silva Alves dos Santos Figueiredo, “A Administração Municipal do Porto entre 1488 e 1498 segundo o Livro 6 de Vereações” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 1996); Laura de Jesus do Paço Viana Louro, “O Porto entre 1485 e 1488 segundo as Actas das Vereações” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 1997); Carla Susana Barbas dos Ramos, “A Administração Municipal e as Vereações do Porto de 1500 a 1504” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 1997); Cristina Isabel de Oliveira Gomes Ferreira, “A Vereação da Cidade do Porto (1512-1514)” (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 1997). Inserem-se ainda neste âmbito alguns estudos de José Marques, “A Administração Municipal de Mós de Moncorvo em 1439”, *Brigantia* 5 (1985): 515-560 e José Marques, “A Administração Municipal de Vila do Conde em 1466”, *Bracara Augusta* 37 (1983): 5-115 ou de Maria de Fátima Botão, *A Construção de uma Identidade Urbana no Algarve Medieval: o caso de Loulé* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009).

⁴ É neste âmbito inolvidável o estudo de Iria Gonçalves, *As Finanças Municipais do Porto na segunda metade do século XV* (Porto, Câmara Municipal do Porto - Arquivo Histórico do Porto, 1987).

⁵ Destaca-se neste ponto o estudo de Arnaldo Rui Azevedo de Sousa Melo, “Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: o Porto - c. 1320 – c. 1415”, 2 vols. (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho e École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2009), bem como, entre diversos outros, o de Joana Sequeira, *O Pano da Terra: produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média* (Porto, Universidade do Porto, 2014).

⁶ A síntese desta tendência, bem como uma chamada de atenção para os principais estudos, pode ser encontrada em Maria Helena da Cruz Coelho, “Municipal Power,” *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, dir. José Mattoso (Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011) 209-230.

Por outro lado, realizamos também uma incursão em algumas fontes de natureza narrativa, concretamente nas crónicas de D. Fernando e D. João I¹, procurando conhecer, pela pena do cronista, o contexto epocal em que se insere a produção legislativa em causa.

Devemos também prestar especial atenção ao *Regimento da Cidade*, documento produzido pelo corregedor João Mendes e incubado na esfera do poder central, datado por Hermínia Vilar de 1415-1425², que constitui um marco fundamental para compreender a evolução do poder municipal em Évora, bem como a história da administração municipal em Portugal.

A estas fontes acresce ainda um percurso que, partindo do *Livro das Posturas Antigas* de Lisboa, e algumas outras posturas dispersas daquele concelho, permitiu um contacto com atas de vereação de diversos concelhos do Reino³ que nos fornecem elementos comparativos.

4. METODOLOGIA

As metodologias adotadas passaram pela numeração sequencial das posturas, pela tentativa de datar criticamente o maior número delas, bem como pela organização do conjunto documental em núcleos temáticos.

Procurámos também, naturalmente, proceder a uma análise crítica e interpretativa do conteúdo de cada uma das posturas, tarefa nem sempre fácil, especialmente ao nível do pormenor, uma vez que muitas posturas contêm, não só diversas gralhas, como numerosos termos de significado difícil de compreender.

5. ESTRUTURA FINAL DO TRABALHO

Excetuando a introdução e a conclusão, o nosso projeto de dissertação apresenta quatro capítulos.

O primeiro, genericamente dedicado ao *Livro das Posturas Antigas da Cidade de Évora* e às posturas municipais de Évora, procura dar a conhecer tanto o *Livro das Posturas*, como as posturas que ali se conservam. Depois de traçar uma caracterização definidora e evolutiva do conceito de postura, passamos ao estudo do *Livro das Posturas*, atendendo às suas características materiais, à sua datação e à sua organização. Segue-se o estudo do conjunto de posturas que ali foi compilado, tendo em conta dois propósitos principais. Por um lado, procura atribuir-se uma datação crítica ao maior número possível de posturas e, por outro, dividir o conjunto de posturas por núcleos temáticos.

O capítulo dois pretende ser o momento de contextualização histórica, indispensável em qualquer trabalho desta natureza, procurando ter em conta o contexto de profunda crise que marcou o final do século XIV, muito em especial no Alentejo.

Por sua vez, o capítulo três visa apreender as imagens que as elites governativas transmitem da sua cidade, através da legislação que dali é emanada. Encontra-se tripartido em subcapítulos, correspondendo um à espacialidade, em que se dá conta dos lugares da cidade e da sua relação com as suas funções; outro à administração, tentando conhecer os oficiais responsáveis pelo governo da cidade, especialmente os menores, tantas vezes nomeados na documentação, mas difíceis de identificar e de conhecer em profundidade; e um último à normatividade, buscando fazer uma súmula da legislação, onde destacaremos os elementos mais marcantes desse processo e as suas principais

¹ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, 2.^a ed., ed. crít., intr. e índices Giuliano Macchi (Lisboa, Imprensa Nacional-Cada da Moeda, 2004) e Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno, pref. António Sérgio, 2 vols. (Porto, Livraria Civilização, 1990-1991).

² Hermínia Vasconcelos Vilar, “Entre Évora e Arraiolos: O Percurso de uma Fonte”, in *Os Regimentos de Évora e de Arraiolos do século XV*, intr. Hermínia Vasconcelos Vilar, transc. Sandra Paulo (Évora: CIDEHUS-UE, 2012), 13.

³ Já, anteriormente, citámos as publicações onde estas posturas e atas de vereação se encontram disponíveis.

linhas de atuação, sem esquecer a necessária chamada de atenção para as especificidades ali encontradas.

Por fim, o capítulo quatro pretende conhecer o trabalho da e na cidade, com base em legislação municipal, e encontra-se, tal como o anterior, subdividido em três pontos. O primeiro é dedicado à produção artesanal onde revelaremos os elementos relacionados com os mesteres, sendo possível criar uma divisão entre mesteres dos panos e do vestuário, dos couros e do calçado, dos metais, e da construção, entre outros. O segundo ponto deixará transparecer a grande preocupação que as autoridades camarárias têm com os setores da alimentação e da transformação. Por fim, segue-se um terceiro subponto, dedicado à comercialização, onde serão abordadas as questões relacionadas com a regulamentação do mercado, com os locais de venda, com o controlo e afilamento de pesos e medidas, com os preços, com o consumo e com os impostos.

6. DADOS SEMI-TRATADOS, HIPÓTESES OU CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Os primeiros dados que podemos apresentar relacionam-se com o trabalho de datação das posturas. Como dissemos, apenas 24,39% das posturas apresentam elementos cronológicos expressos, pelo que, na sua maioria, estes elementos se encontram ausentes. Desses 24%, apenas 48,57% contêm referência à data completa, uma vez que 8,58% apenas referem o ano e as restantes 42,86% apenas exibem o dia e/ou o mês.

Contudo, o trabalho de datação crítica não se revelou nem fácil, nem frutuoso, uma vez que de um conjunto de 217 posturas não datadas (incluindo-se neste número as alíneas que em termos de numeração considerámos parte integrante de uma mesma postura) apenas nos foi possível avançar uma proposta de datação, mais ou menos dilatada, para 19 posturas, correspondendo a 8,76% desse total.

Importa também dizer que este esforço de datação crítica se fundamentou em duas bases. Por um lado, nos nomes dos oficiais do concelho, que, em cada uma delas, se encontra expresso e, por outro, na ordem cronológica que, em alguns casos, é ainda possível atribuir a algumas posturas.

Para além do conjunto que não contém qualquer elemento cronológico, 51,44% das restantes posturas não apresentam a data completa, pelo que também procurámos tornar a sua datação mais precisa. Igualmente, a presença de oficiais do concelho, devidamente identificados, a par da possibilidade de conhecer a ordem cronológica com que algumas posturas foram lançadas, permitiu contribuir para a sua datação. A estes processos devemos acrescentar um outro, nomeadamente o de termos procurado, através da utilização de um calendário perpétuo¹, e partindo do facto das reuniões de vereação se realizarem habitualmente ao sábado e à quarta-feira, anotar os anos em que o dia de determinado mês havia coincidido com um daqueles dois dias da semana.

A título de exemplo, entre as posturas para as quais conhecemos o dia e o mês, mas não o ano, num total de 29, deparamo-nos com sete em que o ano não se encontra expresso, mas subentendido, enquanto num outro caso se desconhecia o ano devido a um lapso do escrivão que, ao copiar a data, omitiu a centúria. Nas restantes 22, a datação revelou-se mais complicada. Deste núcleo, três posturas, para além da menção ao dia e ao mês, exibem o dia da semana em que foram aprovadas, facto que permitiu avançar, com uma segurança reforçada, mediante a consulta do calendário perpétuo, o ano em que foram aprovadas. Após este ensaio, procurámos ainda utilizar outros elementos de cada postura, como os oficiais possíveis de identificar, para reduzir o intervalo temporal das opções cronológicas prováveis.

Ainda assim, para algumas posturas não foi possível propor um ano com um mínimo de segurança, sendo, todavia, viável chegar a intervalos cronológicos fiáveis, ao contrário do que aconteceu com algumas outras, onde nem os elementos existentes nessa aproximação lata consentiram.

¹ Disponível *online* em <http://calendario.eugeniosongia.com/calendarioperpetuo.htm>, consultado em 05-01-2017, às 14h29m.

Será igualmente útil fazer uma incursão pelo conteúdo das posturas. Para esse efeito, partimos das categorias apresentadas por Carvalho Homem e Maria Isabel Carvalho Homem, nomeadamente *Comércio; Mesterais e Ofícios; Urbanidade; Pesos e Medidas; Justiça; Sociedade e Vária*¹. Tendo, porém, em consideração que, ao contrário do que acontecia em Lisboa, existia em Évora um elevado número de posturas ligadas ao mundo rural, relacionadas com atividades agrícolas, pecuárias, silvícolas, cinegéticas e piscícolas, optámos pela criação de dois outros núcleos, *Agricultura e Pecuária; e Caça, Pesca e Silvicultura*. Para além disto, decidimos ainda alargar o núcleo da *Justiça*, agrupando aí as posturas dedicadas aos *Oficiais* concelhios.

Para além destas alterações, também os critérios que utilizámos diferiram, em alguns casos, dos utilizados pelos referidos autores, como aconteceu com as posturas em que se tabelavam os preços de produtos artesanais. Não as colocámos nos *Pesos e Medidas*, mas nos *Mesterais e Ofícios*, pois, mais do que ter-se em conta o peso ou a medida do produto, se valorizava o trabalho dos mesterais. Importa também advertir que reunimos as posturas num determinado grupo, considerando-o num sentido alargado, isto é, em algumas situações, não foi necessário que a postura versasse diretamente sobre o assunto em causa para considerarmos que se devia integrar naquele núcleo, já que, pelo menos indiretamente, era sobre aquelas questões que legislava.

Posto isto, verificámos que as posturas se distribuíram, pelos núcleos temáticos, da forma como o quadro I e o gráfico 1 (ver Anexo) demonstram.

No primeiro núcleo, dedicado aos *Mesterais e Ofícios*, incluem-se 61 posturas, onde a nota dominante é a regulamentação do mercado, não somente através do tabelamento do preço dos artigos e serviços, mas também procurando garantir a sua qualidade e acessibilidade. Tabelam-se ainda os salários de diversos trabalhadores, principalmente rurais, sendo uma das questões de maior importância o estabelecimento de um valor considerado justo para a moagem do cereal. Acresce que o estabelecimento dos preços do calçado levou a desentendimentos entre sapateiros e oficiais camarários.

O segundo grupo, dedicado à *Agricultura e Pecuária*, agrupa 51 posturas, onde a principal preocupação passa pela proteção da cultura da vinha e da pecuária. Em menor escala, as autoridades preocupam-se ainda com a proteção da cultura cerealífera.

O grupo dedicado ao *Comércio* é o terceiro mais vasto, englobando 40 posturas. Também é a regulamentação do mercado que preside às preocupações camarárias, focando-se agora na transação. Dedicam-se, mais uma vez, grande atenção ao controlo da circulação de produtos, à sua acessibilidade, ao tabelamento do seu preço de venda e à forma como se devia (ou podia) proceder à sua comercialização. Do mesmo modo, a transação de gado vivo se encontra no cerne das preocupações. Outro tópico de grande importância prende-se com medidas tomadas com o que, *avant la lettre*, poderíamos chamar higiene e segurança alimentar, procurando garantir a qualidade dos produtos comercializados. Existem ainda algumas posturas tendentes à organização do mercado, em termos bastante práticos.

No núcleo dedicado à *Caça, Pesca e Silvicultura* encontramos 28 posturas. Procura-se regulamentar a caça em diversos locais e, no capítulo da pesca, proíbe-se, por exemplo, o uso de verbasco. A silvicultura e as atividades florestais são regulamentadas em determinadas áreas do concelho, como as matas de Montemuro, da Cegonha e do *Engerenal*, embora em alguns casos se aponte todo o termo.

O núcleo seguinte é dedicado à *Urbanidade* e contém 21 posturas que tendem à adoção de medidas sanitárias e de salubridade urbana. A limpeza de determinados espaços urbanos da cidade é, sem dúvida, a principal preocupação.

Seguem-se dois núcleos, com 20 posturas cada um. O primeiro dedicado aos *Pesos e Medidas* e o segundo à *Justiça e Oficiais*. No primeiro, a grande preocupação é garantir a utilização de medidas *direitas*, correspondentes aos valores oficiais. No núcleo *Justiça e Oficiais* versa-se sobre a forma como determinados oficiais, nomeadamente juizes, vereadores, almotacés, juizes dos órfãos, escrivães, contadores e partidores do

¹ Armando Luís de Carvalho Homem e Maria Isabel M. de Carvalho Homem, “Lei e Poder Concelhio: As Posturas...” 35-50.

concelho, pregoeiros, porteiros, corretores e inquiridores, a par de diversos rendeiros, deviam proceder ao exercício dos seus ofícios.

O núcleo seguinte é dedicado à *Sociedade*, sendo composto por quatro posturas sobre as minorias étnico-religiosas. Para além destas, inserimos neste campo três outras posturas de temática vincadamente social.

O último campo, designado *Varia*, incluiu seis posturas de temática diversa. Para além do regimento da sisa, existem duas posturas tendentes à conservação das covas de pão, uma postura que tabela os valores cobrados pelo transporte de uvas, uma outra proibindo a extracção de esterco ou terra e uma outra, incompleta, que se referia aos chafarizes.

Quanto aos restantes capítulos da nossa dissertação, pondo de lado o enquadramento, devemos destacar que não foi fácil encontrar na documentação compulsada elementos que permitissem relacionar os espaços da cidade com as suas funções, pelo que esse trabalho foi, grandemente, feito com o auxílio dos contributos dos estudos de Ângela Beirante¹ e Afonso de Carvalho². Ainda assim, as posturas permitem-nos confirmar elementos que eram já conhecidos. O núcleo fulcral da legislação municipal é a Praça da Porta de Alconchel, espaço correspondente à ainda hoje central Praça do Giraldo. Destaca-se também o açougue, nomeadamente o açougue novo, correspondente a uma (re)funcionalização do velho templo romano. As infra-estruturas de carácter militar encontram-se também diversas vezes nomeadas. Pelo contrário, os espaços reservados às minorias étnico-religiosas, bem como chafarizes e poços, são pouco referidos.

Relativamente ao estudo da administração da cidade, bebemos, grandemente, do estudo de Joaquim Bastos Serra, dedicado à oligarquia concelhia de Évora entre 1367 e 1433³. Não procuramos conhecer os oficiais maiores, mas antes atentar, com maior detalhe, nos mais pequenos, sobretudo ao nível das suas funções. Devemos, nesse sentido, apontar contadores, partidores, porteiros, pregoeiros, inquiridores e corretores. Privilegiámos, porém, o estudo de um outro agente, o rendeiro, cujo quadro de atuação orbitava em torno da administração municipal, e cuja presença encontrámos noutros concelhos do Reino, como Lisboa, Porto, Loulé Montemor-o-Novo ou Vila do Conde. Procurámos traçar um quadro respeitante às funções de cada um dos diferentes tipos de rendeiros identificados, mas, em termos gerais, podemos destacar que o encontramos como encarregado da cobrança de rendas e coimas de diversa natureza, na dependência dos almotacés, a quem deviam responder. As posturas permitem-nos identificar rendeiros incumbidos de zelar pela proteção da cultura da vinha ou de medir o pão comercializado pelas padeiras, bem como de dar juramento acerca dos produtos almotaçados, podendo citar os coimeiros e executar as sentenças, com mandado dos almotacés. Alargando um pouco mais este ponto, mais do que inicialmente tínhamos previsto, foi ainda nosso intento proceder a uma comparação entre as funções que lhe encontrámos inerentes no concelho de Évora e as que os vimos executar em alguns outros concelhos do Reino.

No respeitante à normativa, procedemos, essencialmente, à construção de quadro-síntese do conjunto de normas existentes nas posturas compiladas no *Livro das Posturas de Évora*, enquadrando-as em cada um dos núcleos temáticos em que, inicialmente, as dividimos e agrupámos. Em termos de conteúdo, devemos destacar como este se aproxima, grandemente, daquele anteriormente apresentado, quando nos referimos aos assuntos abordados em cada um dos núcleos utilizados, pelo que cremos não fazer sentido retomar, neste momento, os elementos que, em traços largos, já apresentámos. Não obstante, será de salientar que a tónica está colocada em aspetos relacionados com a regulamentação do mercado, sobretudo no que toca às atividades comerciais, muito embora outros elementos relativos ao desempenho dos mesteiros, à

¹ Cf. Maria Ângela da Rocha Beirante, *Évora da Idade Média*.

² Afonso de Carvalho, *Da Toponímia de Évora*, vol. 1: *Dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. 2: *Século XV* (Lisboa: Edições Colibri, 2004-2007).

³ Joaquim António Felisberto Bastos Serra, “Governar a Cidade e Servir o Rei...”.

agricultura e pecuária, à urbanidade, aos pesos e medidas, à justiça e oficiais e à sociedade não deixem de estar presentes.

No capítulo quatro, dedicado à cidade laboriosa, tentámos, na medida do possível, transmitir o dinamismo desse meio, procurando os seus protagonistas a trabalhar e a vender, andando-se mais próximo do conteúdo de determinadas posturas específicas, naturalmente aquelas onde se abordam as questões contempladas no nosso esquiço. Começámos, assim, por apresentar uma caracterização da produção artesanal, aspeto onde as referências relacionadas com os mesteres dos panos e do vestuário e dos couros e calçado assumiram particular importância, não somente através dos elementos relacionados com a sua organização e atividade, mas mais ainda com os processos produtivos.

No campo da transformação, e referindo-nos, sobretudo, à transformação do cereal, a única que verdadeiramente encontrámos plasmada nas posturas, devemos destacar a extraordinária importância e força reivindicativa de alguns dos elementos participantes nesse processo. Tal o caso dos atafoneiros, que, não obstante a escassez de elementos relacionados com a sua organização socioprofissional e o lugar na escala social, encontramos perfeitamente cientes da sua importância no abastecimento da cidade e, como tal, dotados de força reivindicativa suficiente para enfrentar as autoridades camarárias.

O último ponto apresentado enfatiza, uma vez mais, a acentuada importância atribuída à atividade comercial entre as autoridades camarárias, ou, pelo menos, no âmbito da legislação que estas fazem aprovar. Como dissemos, é enorme o peso normativo colocado na regulamentação do mercado, traduzido na regulação dos locais de venda; na necessidade de afilamento de pesos e medidas; na definição e tabelamento de preços e salários; e na especificação de elementos relacionados com a cobrança da sisa. De destacar que, no âmbito das temáticas relacionadas com os cálculos dos custos de produção e da margem de lucro tabelada, nos poucos casos em que tal é possível de reconstituir, se devem enfatizar os dados relativos a atafoneiros e sapateiros, para os quais possuímos mais elementos.

Em suma, a análise das informações veiculadas no *Livro das Posturas Antigas de Évora* permitiu, na lógica com que abordámos esta fonte, um melhor e mais aprofundado conhecimento acerca de diversas questões, entre as quais destacamos: o espaço urbano e periurbano de Évora; o funcionamento do concelho, sobretudo, no que diz respeito aos seus oficiais menores e outros agentes que o orbitavam em seu torno, como os rendeiros; o trabalho artesanal e as atividades transformadoras, onde o peso de alguns mesterais, como carnicheiros, sapateiros e atafoneiros, assume particular importância; e o comércio, pondo em especial evidência o contributo relativo ao tabelamento de preços e salários e correspondentes margens de lucro.

Estamos, ainda assim, no momento em que terminamos a dissertação que originou o presente artigo, plenamente conscientes que o estudo que realizámos não esgotou (nem foi essa a sua intenção) os campos de investigação que os elementos existentes nas posturas que utilizámos permitem abordar. Se vários outros aspetos poderiam ter sido tomados em linha de conta, destaca-se, desde logo, o estudo do mundo rural, com a tónica colocada nas atividades agrícolas, pecuárias e florestais, que o manancial de informação existente nas posturas, igualmente, nos permite conhecer.

ANEXO

Quadro I – Distribuição das Posturas por núcleos temáticos

Núcleo	N.º de posturas	Porcentagem
<i>Mestrais e Ofícios</i>	61	24,02%
<i>Agricultura e Pecuária</i>	51	20,08%
<i>Comércio</i>	40	15,75%
<i>Caça, Pesca e Silvicultura</i>	28	11,02%
<i>Urbanidade</i>	21	8,27%
<i>Pesos e Medidas</i>	20	7,87%
<i>Justiça e Oficiais</i>	20	7,87%
<i>Sociedade</i>	7	2,76%
<i>Vária</i>	6	2,36%
	254	100%

